



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**DIJANE MARIA ROCHA VICTOR**

**A CRIAÇÃO DO CURSO DE MODA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ:  
HISTÓRIA, MEMÓRIA E NARRATIVAS (1986 – 1993)**

**FORTALEZA  
2014**

DIJANE MARIA ROCHA VICTOR

A CRIAÇÃO DO CURSO DE MODA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ:  
HISTÓRIA, MEMÓRIA E NARRATIVAS (1986 – 1993)

Tese, apresentada ao Doutorado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção ao título de Doutora em Educação. Linha de Pesquisa: História Educacional.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade.

FORTALEZA

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

- 
- V686c Víctor, Dijane Maria Rocha.  
A criação do Curso de Moda da Universidade Federal do Ceará: história, memória e narrativas (1986-1993) / Dijane Maria Rocha Víctor. – 2014.  
226 f. : il.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2014.  
Linha de pesquisa: História Educacional.  
Orientação: Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade.
1. Educação – História – Fortaleza (CE). 2. Moda – Fortaleza (CE) – História. 3. Título.

---

CDD 370.98131

DIJANE MARIA ROCHA VICTOR

A CRIAÇÃO DO CURSO DE MODA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ:  
HISTÓRIA, MEMÓRIA E NARRATIVAS (1986 – 1993)

Tese, apresentada ao Doutorado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção ao título de Doutora em Educação. Linha de Pesquisa: História Educacional.

Data de Aprovação: 11 / 11 / 2014.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Elione Maria Nogueira Diógenes  
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

---

Prof. Dr. Jean Mac Cole Tavares Santos  
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)

Dedico á minha querida irmã Dora (in memoriam). Pelo o nosso amor e por ter me ensinado em poucos dias o que a vida levaria uma eternidade.

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus, por ter me dado força e muita coragem para prosseguir com o doutoramento e conseguir concluí-lo em uma fase difícil da minha vida.

Ao meu esposo e filhas que perderam momentos de convivência comigo em troca de estudos e de produção da tese.

Aos que tiveram participação direta na pesquisa: professora Lígia Fideles de Souza, professora Zilsa Maria Pinto Santiago, professor Raimundo Hélio Leite, professor Antônio de Albuquerque Sousa Filho, professora Sheila Alves Péclat e aos Estilistas Iet Pleyter e Sandro George Ferreira Pereira, pelas contribuições.

Ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará – FACED-UFC.

À Linha de Pesquisa História e Memória da Educação que me acolheu e também me proporcionou momentos de aprendizagem e realização.

A todos os professores que colaboraram com esta produção.

Novamente as professoras Lígia e Zilsa por terem guardado durante vinte e sete anos, documentos tão importantes para a construção da minha narrativa histórica.

Em especial ao meu orientador, professor Dr. Francisco Ari de Andrade que me acompanhou de modo atencioso e companheiro durante toda a caminhada.

## **Falamos e Vestimos “Moda”**

*Sobre Moda e literatura  
Há muito que se inventar  
Pois com tecidos e palavras  
Tudo se pode criar*

*Com palavras teço um texto  
Com tecidos visto um corpo  
E se estão no mesmo contexto  
Sai tudo do mesmo gosto*

*Se uma roupa está na moda  
Junto uma palavra também  
Sempre “agregando valor”  
Ao tempo que a roupa tem*

*E no momento em que a roupa  
Sai do gosto do povo  
Outra palavra há seu tempo  
Também nasce de novo*

*Com outras conotações  
Do mesmo modo que a roupa  
Que parece coisa nova  
Mas é a antiga em forma de outra*

*A roupa segue o seu rumo  
Nas passarelas da Moda  
As palavras o seu destino  
Ditando e escrevendo modos*

*De vestir e de escrever  
Sobre um tempo e seus gostos  
Nomeando o seu criador  
Pra não lhe causar desgostos*

*E a História que o diga  
Sobre tudo que passou  
Trazendo ao presente o passado  
De um tempo que já vingou*

*Por isso a História e a Moda  
Tem assim o seu valor  
Porque só a História conta tudo  
O que um dia a Moda criou*



*Dijane Víctor (escrita ao final da aula de Educação  
Brasileira, em 06 de março de 2012)*

## RESUMO

O conteúdo desta tese apresenta uma narrativa histórica sobre a criação e a implantação do Curso de Moda da Universidade Federal do Ceará-UFC. O recorte temporal da pesquisa é de 1986 – quando teve início as primeiras movimentações em prol da criação do curso, até 1993 – quando o curso deixa de ser curso de extensão e se transforma em curso de Graduação. A pesquisa vincula-se a história da educação brasileira, mas especificamente a história e a memória do ensino superior de moda no Brasil. Considerando, é claro, que atualmente ele é um patrimônio da Universidade Federal do Ceará e também do ensino superior no país e, que se identifica como o pioneiro em universidades públicas. A narrativa tem abordagem teórica na micro-história (LEVI, 1992) e escrita literária, com a qual apresenta os fatos e os acontecimentos que constituíram esta história. As informações foram coletadas de documentos primários e secundários e também resgatadas da memória dos sujeitos envolvidos diretamente com o processo. Como suporte teórico foi feito estudo bibliográfico sobre a UFC e a cidade de Fortaleza no seu contexto histórico social, político e econômico para compreender como a sociedade cearense motivou e também se preparou para receber um curso até então com proposta diferente dos cursos criados pela a instituição até àquele momento da sua criação. Ao final da investigação ficou claro que diferentemente dos demais cursos criados na UFC até 1993, o curso de moda teve a sua origem na instituição por força da imposição da sociedade, da pressão dos órgãos do Governo do Estado do Ceará, da necessidade do mercado e também da mídia. E que, para se efetivar na instituição como curso de Graduação passou por grandes desafios seguidos de longas discursões pelo o Conselho do Centro de Ciências Agrárias (CCA), o Conselho de Pesquisa, Ensino e Extensão (CEPE) e o Conselho Universitário (CONSUNI), instâncias institucionais responsáveis pela a aprovação do “Projeto de Graduação em Estilismo e Moda (Bacharelado)”. O projeto foi elaborado pelas professoras Lígia Fideles de Souza – do Departamento de Economia Doméstica e Zilsa Maria Pinto Santiago – do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, com a colaboração de let Pleyter – Assessora de Moda. O mesmo criou definitivamente o curso de Estilismo e Moda da Universidade Federal do Ceará-UFC conforme “Resolução nº 10/CONSUNI, de 29 de outubro de 1993”, assinada pelo Magnífico Reitor Antônio de Albuquerque de Sousa Filho.

**Palavras-chave:** História da Educação. Moda. Universidade Federal do Ceará.

## ABSTRACT

The content of this thesis presents a historical narrative about the creation and implantation of the Fashion Course, Federal University of Ceará-UFC. The time frame of the survey is 1986 – when it started the first moves towards the creation of the course, until 1993 – when the course ceases to be an extension course and becomes Undergraduate course. The research specifically binds to the history of Brazilian education, but the history and the memory of the fashion higher education in Brazil. Considering, of course, it's actually an asset of the Federal University of Ceará and also higher education in the country and which is identified as the pioneer in public universities. The narrative has theoretical approach in micro-history (LEVI, 1992) and literary writing, with which it presents the facts and events that made up this story. Data were collected from primary and secondary documents and also rescued from the memory of the individuals directly involved with the process. Theoretical support bibliographic study was done at UFC and the city of Fortaleza in its historical context social economic, political, and to understand how society Ceará motivated and well prepared to receive a course previously proposed with different courses created by the institution until that moment of its creation. At the end of the investigation it became clear that unlike other courses created at UFC until 1993, attended fashion had its origin in the institution by virtue of the imposition of society, the pressure of the organs of the State Government of Ceara, the market need and also the media. And that, to be effective in the institution as Undergraduate course underwent major challenges followed by long discussions Agricultural Sciences Council Center (CCA), the Board of Research, Education and Extension (CEPE) and the College Board (CONSUNI), institutional bodies responsible for the approval of “Project Undergraduate Styling and Fashion (Bachelor Degree)”. The project was designed by professors Ligia Fideles de Souza – Department of Home Economics and Zilsa Maria Santiago Pinto – Department of Architecture and Urban Planning, in collaboration with Iet Pleyter – Fashion Advisor. The same definitely created the course in Fashion Styling and Federal University of Ceará-UFC as “Resolution nº. 10/CONSUNI of 29 October 1993”, signed by the Rector Antonio de Albuquerque de Sousa Filho.

**Keywords:** History of Education. Fashion. Federal University of Ceará.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Solenidade de Inauguração da UFC em 26/06/1955 .....	46
Figura 2	– Outdoor da 30ª Edição do Ceara Summer Fashion 2014 .....	63
Figura 3	– Mulheres passeando na Ala Chique do Passeio Público de Fortaleza (numa manhã de domingo de 1920) .....	65
Figura 4	– Teatro José de Alencar construído em 17 de junho de 1910 .....	66
Figura 5	– Senhorita Alba Ramos Garcia (pessoa ilustre da época). Capa da Revista Ceará Ilustrado em 15 de fevereiro de 1925 .....	68
Figura 6	– Mulheres parisienses em 1925 .....	68
Figura 7	– Folheto propaganda da Loja Crysanthemo .....	71
Figura 8	– Panfleto da Alfaiataria AMANCIO .....	72
Figura 9	– Primeira Exposição do Ceará com marca masculina (SARONORD): 18ª Edição da FENIT/1974 .....	79
Figura 10	– Ceará na 25ª FENIT/1980 .....	82
Figura 11	– Ceará na 26ª FENIT/1981 .....	82
Figura 12	– Desfile do FMF em 1981 .....	84
Figura 13	– Desfile de abertura da 32ª Edição do FMF em 2013 .....	89
Figura 14	– Convite da solenidade de 20 anos do Curso de Moda da UFC ...	102
Figura 15	– Início do Projeto de Consultoria em 1987 .....	114
Figura 16	– Anotações de 1987 que comprovam o valor da bolsa do estagiário .....	115
Figura 17	– Primeiras anotações da empresa MAIKE Confecções em 1987 .	116
Figura 18	– Primeiras orientações técnicas dadas à empresa MAIKE Confecções .....	117
Figura 19	– Anotações sobre o acompanhamento as empresas MAIKE e MAX Confecções .....	118
Figura 20	– Declaração do IEL sobre o Projeto de Consultoria .....	119
Figura 21	– Definição de moda feita pela professora Lígia Fideles de Sousa na reunião ocorrida na FIEC no dia 11 de março de 1987 .....	121
Figura 22	– Capa da passagem aérea da professora Zilsa Maria Pinto Santiago com destino a cidade do Rio de Janeiro .....	137

Figura 23 – A passagem em nome de Zilsa Santiago .....	137
Figura 24 – Capa da passagem aérea da professora Zilsa Maria Pinto Santiago com destino a Nova York .....	137
Figura 25 – A passagem em nome de Zilsa Santiago .....	138
Figura 26 – Correspondência do Faschion Institute Technology-FIT para a professora Zilsa Maria Pinto Santiago .....	138
Figura 27 – Correspondência do Faschion Institute Technology-FIT para a professora Lígia Fideles de Souza .....	139
Figura 28 – Carta de intenção da professora Lígia Fideles de Souza ao Faschion InstituteTechnology FIT .....	140
Figura 29 – Carta de intenção da professora Zilsa Maria Pinto Santiago ao Faschion Institute Technology-FIT .....	141
Figura 30 – Comprovante do Curso Faschion Art Design no Institute Technology-FIT .....	142
Figura 31 – Perfil dos candidatos para o curso de moda da UFC .....	144
Figura 32 – Anotações sobre o processo de seleção da primeira turma do Curso de Estilismo em Moda da UFC .....	145
Figura 33 – Declaração da Universidade Federal do Ceará .....	148
Figura 34 – Certificado de conclusão da segunda turma do Curso de Extensão em Estilismo em Moda da aluna Sheila Alves Péclat (confeccionado em papel manteiga) .....	159
Figura 35 – Verso do Certificado .....	160
Figura 36 – Convite de formatura da primeira turma do Curso de Estilismo em Moda da UFC em Fortaleza .....	168
Figura 37 – Capa do convite de formatura da segunda turma do Curso de Estilismo em Moda em Fortaleza .....	171
Figura 38 – Primeira página do convite .....	172
Figura 39 – Criação da aluna Jaqueline Alan Castro da Coleção GLAMUR NO CINEMA AMERICANO .....	173
Figura 40 – Currículo Pleno Integralizado do Curso de Estilismo em Moda (Bacharelado) da Universidade Federal do Ceará .....	192

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Composição do Currículo Pleno do Curso de Graduação em Estilismo e Moda da UFC .....	193
Tabela 2 – Grade Curricular Obrigatória do Curso de Graduação em Moda da UFC.....	195
Tabela 3 – Grade Curricular Opcional do Curso de Graduação em Estilismo e Moda da UFC .....	196
Tabela 4 – Carga Didática do Curso de Graduação em Estilismo e Moda da UFC .....	196
Tabela 5 – Departamentalização das Disciplinas do Curso de Graduação em Estilismo e Moda da UFC .....	197

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cronograma para a implantação o Curso de Extensão em Estilismo em Moda na UFC .....	136
Quadro 2 – Grade Curricular do Curso de Extensão em Estilismo em Moda na UFC .....	154
Quadro 3 – Corpo Docente o Curso de Extensão em Estilismo em Moda na UFC em 1989 .....	161
Quadro 4 – Custo da implantação do Curso de Extensão em Estilismo em Moda na UFC .....	163

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO: EM BUSCA DA HISTÓRIA DO CURSO DE MODA DA UFC .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>O ENSINO DE MODA CHEGA À UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ .....</b>	<b>45</b>
<b>2.1</b>	<b>A moda quebra as tradições do ensino superior na UFC .....</b>	<b>45</b>
<b>2.2</b>	<b>A chegada do curso de Moda na UFC .....</b>	<b>48</b>
<b>3</b>	<b>A CIDADE DE FORTALEZA E SUA RELAÇÃO POLÍTICA, SOCIAL E ECONÔMICA NA CONSTRUÇÃO DA CULTURA DE MODA .....</b>	<b>62</b>
<b>3.1</b>	<b>Formação da cultura de moda na cidade de Fortaleza .....</b>	<b>63</b>
<b>3.2</b>	<b>A moda no contexto político, econômico e social na cidade de Fortaleza .....</b>	<b>77</b>
<b>4</b>	<b>DESDOBRAMENTO DA HISTÓRIA DA CRIAÇÃO E IMPLANTAÇÃO DO CURSO DE MODA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ .....</b>	<b>97</b>
<b>4.1</b>	<b>A criação do curso: o contexto atual e a sua história .....</b>	<b>98</b>
<b>4.2</b>	<b>A nascente que deu origem a ideia e a criação do curso .....</b>	<b>109</b>
<b>4.3</b>	<b>O período mais importante na história do curso: agosto de 1987 a agosto 1989 .....</b>	<b>128</b>
<b>4.4</b>	<b>O Projeto de Extensão que deu origem ao curso na UFC .....</b>	<b>149</b>
<b>4.4.1</b>	<b><i>Aspectos pedagógicos do Projeto</i> .....</b>	<b>153</b>
<b>4.4.2</b>	<b><i>Implantação do Curso e os custos</i> .....</b>	<b>162</b>
<b>4.4.3</b>	<b><i>Ações do Projeto</i> .....</b>	<b>167</b>
<b>4.5</b>	<b>Transição da Pró-Reitoria de Extensão para a Pró-Reitoria de Graduação .....</b>	<b>186</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>213</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>219</b>

## 1 INTRODUÇÃO: EM BUSCA DA HISTÓRIA DO CURSO DE MODA DA UFC

História Educacional foi à temática proposta para esta pesquisa de tese. Na perspectiva de construir uma narrativa histórica de um curso superior de moda que surgiu na Universidade Federal do Ceará-UFC na década de 1980 e de deixar para a educação superior brasileira o registro deste processo e para a UFC um legado para o seu patrimônio.

Com o tema “*A criação do curso de moda da UFC – história, memória e narrativas*” nomeei o meu projeto de pesquisa e com ele passei meses na busca das informações dos acontecimentos e dos fatos que construíram esta história. Ora, em documentos primários e secundários e ora pela memória dos sujeitos que foram importantes na criação e implantação do curso, por entre as instâncias da universidade. Considerando que o curso de moda da UFC foi o primeiro em instituição pública de ensino superior e, portanto, o pioneiro.

No dia 29 de outubro de 2013 o curso completou vinte anos. Até esta data havia formado 400 profissionais e tinha 280 alunos em formação. Porém, poucos são os que sabem sobre a história da sua criação, do processo de aprovação no Conselho Universitário da Universidade Federal do Ceará-CONSUNI<sup>1</sup>/UFC, da implantação e, sobretudo, do que aconteceu nas entrelinhas desta história. Das conversas, da movimentação, da reação da própria Universidade frente a um curso novo e completamente diferente e também do que fomentou a necessidade de se ensinar moda em Fortaleza e como tudo foi trabalhado.

Foi em busca destes detalhes que me propus a pesquisar o período de 1989 – quando teve início o Curso de Moda em nível de extensão, até 1993, quando ele se transformou em Curso de Graduação. No entanto, descobri que essa história começou de fato em 1986, três anos antes da sua criação.

É certo que de 1993 até os dias atuais o curso já construiu a sua imagem na UFC e também se projetou na sociedade acadêmica, no mercado de trabalho e principalmente no setor de confecções, onde é inserida a maioria dos alunos depois de formados. Porém, a pesquisa limita-se a registrar tão somente a história da sua criação e da implantação, bem como a trajetória seguida até se

---

<sup>1</sup> Conselho Universitário formado por professores com o objetivo de defender os interesses do curso e da instituição.

transformar em Curso de Graduação e ofertar o seu primeiro vestibular, fato que marca a sua efetivação na Instituição. De antemão, manifesto que considero importante esta narrativa porque apresenta parte da História da Educação Superior no Brasil, bem como da História da Educação Pública de Ensino Superior no Ceará. História essa que a Universidade Federal do Ceará-UFC constrói desde 1954.

Sobre a mesma encontrei no acervo da UFC, documentos<sup>2</sup> primários que registram o quão difícil foi o processo de criação do curso e que o mesmo passou por duas fases distintas. Na primeira, como Curso de Extensão em Estilismo em Moda – projeto do Departamento de Economia Doméstica (DED) e na segunda, como Curso de Graduação em Estilismo e Moda.

No texto da ATA que registra a reunião do Colegiado do Conselho Universitário da Universidade (CONSUNI) encontrei que até enquanto o curso foi Curso de Extensão tudo foi perfeito, mas quando a professora Lígia Fideles de Souza apresentou o “PROJETO DE GRADUAÇÃO EM ESTILISMO EM MODA (BACHARELADO)” – antes Projeto de Extensão, com o objetivo de promover o curso para a modalidade de Graduação e em seguida o expôs em votação, aí sim, nesta hora, a história do curso tomou outro rumo e as dificuldades começaram a aparecer. Então, discussões acerca da questão foram arrebatadas e opiniões contrárias foram manifestadas na dita reunião.

Neste ponto existe um fato interessante, um Projeto de Extensão para ser aprovado passa apenas nas instâncias do Conselho do Departamento do Conselho de Centro e da Pró-Reitoria de Extensão. Enquanto um projeto de criação de Curso de Graduação passa pelo crivo do CONSUNI, instância maior na hierarquia da Instituição e, portanto de mais poder. Ademais, um curso de extensão alcança um raio de propagação menor do que um curso de graduação. A partir do princípio de que um Projeto de Curso de Graduação torna-se do conhecimento de todos da Universidade, haja vista que ele passa pela aprovação do CONSUNI e lá os professores representantes são dos variados cursos da instituição. Neste sentido um projeto de extensão torna-se mais discreto aos olhos da comunidade acadêmica – professores e alunos.

---

<sup>2</sup> Todos os documentos aqui citados e não apresentados no texto estão no arquivo da autora e no acervo da Universidade Federal do Ceará.

Lembrei-me deste detalhe porque na fala de um dos conselheiros do CONSUNI existe essa preocupação. A mesma está bem relacionada à propagação “negativa” que um curso de moda teria dentro da UFC e mais ainda, a repercussão, sobre o fato de a UFC investir e implantar um curso desta natureza e com a proposta de ensinar moda. Foi então que conclui que a moda como ensino foi o entrave das questões enfrentadas no processo de aprovação do curso na modalidade de graduação. Como se a moda não fosse importante e nem assunto a ser trabalhado no meio acadêmico e, o que é pior, como se a moda comprometesse a imagem da universidade e seus atores.

No entanto, encontrei em Svendsen (2010, p. 10) que a moda é importante desde o século XV, pois na França no reinado de Carlos VII já se falava em um ministério só para tratar das questões ligadas a moda. Isso devido a sua importância de caráter histórico e social nas civilizações modernas. E complementa a autora:

A moda é claramente importante o suficiente para justificar esse generoso grau de atenção – ou talvez, ao contrário, seja toda essa atenção que a torna importante. Ela é dirigida a ambos os sexos, e ao que parece abandonamos a ideia, antes muito difundida, de que só as mulheres têm obsessão pelo assunto [...] E se, em vez de limitarmos nosso olhar à esfera das roupas, considerarmos que esse fenômeno invade os limites de todas as outras áreas do consumo e pensarmos que sua lógica também penetra a arte, a política e a ciência, fica claro que estamos falando sobre algo que reside praticamente no centro do mundo moderno. (SVENDSEN, 2010, p. 10).

Neste caso, a moda trazia para a UFC um curso moderno que fugia das tradições sim, mas que atendia as necessidades do contexto social da época na cidade de Fortaleza, principalmente as necessidades relacionadas ao aumento do consumo no mercado de roupas promovido pelas indústrias de confecções da cidade.

É importante lembrar que embora não seja a roupa o único elemento da moda, aqui o será em função de ser o objeto para o qual os fundamentos da formação do Estilista em Moda da UFC foram primeiramente direcionados. Para, além disso, a roupa é importante na moda, tanto como ícone que fala por meio de sinais quanto como fenômeno, se analisada pelos significados. Para Ronald Barthes a roupa é de fato a base material da moda.

Então, considerando que a moda foi o motivo das discussões e também de discriminação durante o processo de criação e implantação do curso, achei necessário fazer um estudo literário acerca do assunto.

De acordo com Lipovetsky (1989), apesar de a moda parecer bizarra e sem sentido, no âmbito da semiologia e da semiótica ela é considerada um ícone de cunho social. É um fenômeno capaz de criar e de modificar a cultura de uma sociedade por meio dos signos que constituem a sua natureza e dos significados a eles atribuídos e, até mesmo, de embalar todas as gerações com seus fetiches. Com uma dinâmica efêmera entre o velho e novo, numa espécie de ciclos programados ela mantém a sua existência e fomenta entre os sujeitos uma espécie de dominação sob o vestir e demais fenômenos da sociedade.

Oriunda do latim *modus* que significa maneira, a moda é denominada como maneira, modo individual de fazer, ou uso passageiro que regula a forma dos objetos materiais, e particularmente, os móveis, as vestimentas e a coqueteria. Mais genericamente, maneira de ser, modo de viver e de se vestir. Curiosamente, e por uma espécie de ida e vinda linguística, a língua inglesa no mesmo momento recupera a palavra francesa *façon* (modo) e a transforma em *faschion* e assim passa a nomear a moda. (CIDREIRA, 2005, p. 30).

Muitos, como Lipovetsky (1989), Lever (1989), Crane (2006), Rech (2002), Borel (1992), Braga (2007), Cidreira (2005), Caldas (2004), Oliveira (2007), Svendsen (2010) e Barthes (1979) falam sobre moda. Mas foi em Cidreira que encontrei que a moda é também, ao mesmo tempo, concreta e abstrata, com força capaz de unir e de separar os indivíduos, de classificar, de codificar e decodificar os elementos culturais e de marcar o homem no tempo pelas suas representações simbólicas e, principalmente por meio da vestimenta<sup>3</sup> que constitui um “objeto-signo” da moda. Como tal, se apropria da comunicação, do comportamento e da aparência para impor o seu gosto e o seu tempero mundano, causando efervescência, glamour<sup>4</sup> e às vezes, dominação. Por isso, é também classificada, como um termo de reconhecimento de tudo que é novo e atual.

Sua dinâmica a faz forte o suficiente para criar em cada indivíduo uma imagem ideal em detrimento a sua imagem real, na certeza de garantir segurança e aceitação ao seu grupo de convivência no contexto social a que vive. Mas é

---

<sup>3</sup> Roupas usadas para cobrir o corpo.

<sup>4</sup> Palavra de origem inglesa que significa elegância.

também traiçoeira quando analisada longe do seu tempo e mestre em ditar padrões dentro do movimento em que se processa.

Mesmo considerando que a moda é classificada como um fenômeno que muda a história da humanidade, não foi proposta deste projeto estudar e nem investigar a sua fenomenologia, embora, a mesma esteja imbricada na temática da pesquisa.

O que me motivou nesta investigação foi resgatar a história do Curso, considerando que já se passaram vinte e cinco anos desde a sua criação como curso de extensão e que alguns fatos importantes podem se perder no tempo. E no tempo, a sua história ficar no esquecimento da própria UFC.

A priori, o curso nasceu em 1989 no Departamento de Economia Doméstica (DED) do Centro de Ciências Agrárias (CCA). Fato este que por muito tempo causou curiosidade, partindo do princípio de que moda remota dos centros urbanos enquanto ciências agrárias ainda hoje nos remetem temas e questões ligadas ao agrário e, portanto do meio rural. Então, ficou para muitos, o não entendimento deste processo e a eterna indagação de “por que” no Centro de Ciências Agrárias e não no Departamento de Arquitetura, por exemplo, ou no Departamento de Sociologia, vez que a moda estuda também as formas e as mudanças gerais no estilo de vida da humanidade e das sociedades, ao mesmo tempo em que também impõem novos comportamentos?

O fato é que, o não esclarecimento sobre esta ligação do curso com o CCA sempre conduziu alunos e professores a acreditarem que isso se deu somente em função de o Projeto de Extensão ter sua origem no curso de Economia Doméstica<sup>5</sup> e de este ser vinculado institucionalmente ao CCA. Contudo, ainda restava entre muitos, inclusive no meu ser, a inquietação de saber como pode ser aprovado e sob quais argumentos a comissão que o criou, o defendeu no Colegiado de professores do CCA, quando estes tinham formação tão específica às causas e aos problemas agrários e por isso tão distante dos fundamentos e dos interesses da moda, levando em consideração que a moda é um fenômeno urbano e de interesse capital.

---

<sup>5</sup> Segundo o Projeto de Reconhecimento do Curso de Estilismo e Moda, o curso de Economia Doméstica foi criado em 20 de fevereiro de 1968 pelo Decreto de nº 81723 e reconhecido dez anos depois, no dia 26 de maio de 1978. É institucionalmente vinculado ao Centro de Ciências Agrárias (CCA) da Universidade Federal do Ceará (UFC).

No entanto, em entrevista realizada no dia 21 de abril de 2014 com a professora Lígia Fideles de Souza e depois com o professor Antônio Albuquerque de Sousa Filho – Reitor na época foi que compreendi que o curso não tinha para onde ir naquele momento quando foi implantado e por isso institucionalmente acabou ficando no CCA, mas que poderia ter sido acolhido por qualquer um dos departamentos da Universidade, vez que o Projeto era da Instituição. Porém, os outros departamentos não quiseram assumir o Curso de Moda em suas dependências por motivos diversos, entre eles o preconceito com o nome – Estilismo e Moda, bem como com o seu objeto de estudo – a “moda”. Este sim pesou bastante. Associado ao nome e ao objeto de estudo teve também da parte dos professores o receio de serem julgados dentro da própria academia, pois a palavra “moda” representava futilidade para alguns e, por isso, temiam – “*coisa de mente pequena*”, palavras do professor Antônio Albuquerque de Sousa Filho.

Atualmente o curso representa vinte anos de ensino superior de moda em Fortaleza. Anos que se passaram entre a estrutura do Departamento de Economia Doméstica (DED) – seu departamento de origem, da Seara das Ciências – aonde se instalou provisoriamente no dia 20 de abril de 2010 e no prédio do Instituto de Cultura e Arte (ICA) – para onde foi definitivamente no dia 12 de setembro de 2013.

O ICA, assim como o curso, ainda não tinha o seu espaço físico, mas já existia institucionalmente e por isso se instalou no prédio da Seara como uma estratégia de “pressionar” a Universidade a construir as suas próprias edificações. A Seara também ainda estava em construção e cedeu enquanto tudo se resolvia.

O Instituto tem política administrativa diferente da política usada pelos departamentos e um Colegiado formado por professores dos cursos que o constitui, um presidente e um vice, para juntos assumirem as responsabilidades.

Esta migração do Departamento de Economia Doméstica para o Instituto de Cultura e Arte, representou na época, a libertação de uma referência negativa que incomodava a professores e alunos do curso. Considerando que essa ligação com o curso de Economia Doméstica e o CCA em nada corroborava na construção da identidade do curso, além do que, também promovia indignação aos alunos e total descaso no meio acadêmico frente ao entendimento da formação do profissional Estilista em Moda no CCA. Embora, junto a este sentimento tivesse

também uma gratidão eterna pelo o apoio e por tudo o que foi feito em prol da sua existência.

Ao mesmo tempo os alunos do curso de Economia Doméstica que dividiram espaço do departamento e também mantiveram convivência com os alunos do curso de moda durante dezessete anos, por diversas vezes mostraram-se incomodados e até manifestaram incompreensão sobre a ligação da moda com o curso e com o departamento. Isso era sentido pelos corredores do prédio e principalmente no pátio da cantina, quando os alunos dos dois cursos se juntavam durante os intervalos das aulas. No cenário, era como se eles quisessem demonstrar que tinham mais direito sobre tudo que existia no departamento, até mesmo dos espaços de convivência, ou seja, das áreas livres da Instituição.

O fato é que com o tempo o curso de moda conseguiu o seu espaço na UFC ou Universidade Cearense como era chamada em 1954 quando foi criada com base na Lei de nº 2.373 aos em 16 dias de dezembro. E nesse espaço, tanto físico como institucional ele ganhou corpo e também representação acadêmica com o passar do tempo.

O Projeto de Extensão que criou o curso tinha base nos ensinamentos do vestuário que eram próprios do curso de Economia Doméstica e outros mais que a professora Lígia Fideles de Souza foi adquirir em outros meios de construção da moda como saber.

O mesmo teve o objetivo de formar estilistas para o Setor de Confecções da cidade de Fortaleza que na época passava por crise financeira fomentada pela recessão econômica que assolou todo o país nos anos de 1980. Com mais implicações no Setor Têxtil e de Confecções com a entrada de produtos importados vindos da China.

Como toda formação que direciona para o mundo do trabalho, o Curso, mesmo em caráter de extensão também precisou ter a certeza do destino profissional de seus formandos e do perfil deste profissional que pretendia apresentar para o mercado. Com o agravante que até então, este profissional era completamente desconhecido no universo das profissões, tanto em Fortaleza, como nas demais localidades da Região Nordeste.

A surpresa foi que o Curso apresentou excelentes resultados, tanto em relação à procura de vagas, como em relação à receptividade de seus profissionais

egressos no mercado de trabalho. Isso considerando que dos 30 alunos formados, 24 foram imediatamente absolvidos pelas indústrias de confecções da metrópole cearense. Fato esse que na época representou resposta positiva e motivou ainda mais a professora Lígia Fideles a transformá-lo em Curso de Graduação. E a partir de então a formação acadêmica do profissional Estilista passou a ser desenvolvida no período de quatro anos, com um currículo pautado nos conhecimentos das Ciências Humanas, das Técnicas de Produção Industrial, da História da Arte, História da Moda e da Indumentária, Desenho de Moda, Marketing, entre outros saberes específicos ao ensino de moda.

Com o objetivo de formar profissionais Bacharéis em Estilismo e Moda, com competência para criar, recriar e customizar objetos de moda, podendo ser roupas, sapatos, joias ou artefatos. Considerando sempre o contexto sociocultural, histórico, econômico e ambiental do sujeito como ser social capaz de mudanças sociais de âmbito local, nacional e internacional, haja vista que a moda invade a todos os lugares, e de qualquer modo, podendo ser mais ou menos intenso, dependendo de fatores diversos advindos do meio social, político e principalmente econômico com o qual a moda se afina muito bem.

A formação do Bacharel em moda requer um processo educacional voltado à reflexão e ao aprendizado específico capaz de desenvolver capacidades intelectuais e técnicas, associadas à habilidade de implementação de mudanças, vez que a moda tem por natureza ser mundana.

Com a chegada do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) no ano de 2007 a UFC também precisou reestruturar todos os Projetos Pedagógicos (PP) dos cursos para definir a sua proposta político-pedagógica para ampliar o número de vagas e por fim, atender as necessidades do Programa. No mesmo ano, o Curso de Estilismo e Moda, deu início às discussões sobre o seu Projeto Pedagógico<sup>6</sup>, mas somente em fevereiro de 2010 ele conseguiu concluir e aprova-lo em reunião do seu próprio Colegiado.

No ano de 2011, agora no campo do design, então denominado Curso de Design-Moda conseguiu implantar definitivamente as propostas aprovadas no

---

<sup>6</sup> De acordo ao atual Projeto Pedagógico do Curso de Moda da UFC, em comum acordo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB/1996, e suas respectivas orientações curriculares, aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação (Parecer CNE/CES nº 146 de 3 de abril de 2002; Parecer CNS/CES nº 195, de 5 de agosto de 2003 e Resolução CNE/CES nº 5 de 8 de março de 2004). Parecer CONAES nº 4 de 17 de junho de 2010.

Projeto Pedagógico (PP) as quais definiram a natureza e a constituição do Curso, o seu corpo docente e as reponsabilidades dos mesmos a partir dos Princípios Norteadores, dos Objetivos, da Missão Institucional e Acadêmica, da Visão e do Perfil do Egresso, dos Campos de Atuação, da Metodologia de Ensino e de Aprendizagem, das Diretrizes e Organização Curricular, das Atividades Articuladas ao Ensino de Graduação, do Corpo Técnico e Administrativo, da Infraestrutura e do Acompanhamento ao discente e as formas de Avaliação.

O Projeto Pedagógico (PP) foi elaborado por treze professores efetivos da UFC, doze deles do próprio Colegiado do Curso e uma professora convidada de outro departamento. Durante a sua reestruturação, a elaboração do Projeto teve acompanhamento da Assessoria Técnico-Pedagógica da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) e da Coordenadoria de Projetos e Acompanhamento Curricular (COPAC).

De acordo ao Projeto Pedagógico (PP), o Curso de Moda da UFC está concebido na perspectiva de uma formação crítica sob ações e pensamentos pedagógicos que priorizam a educação para a cidadania e para o desenvolvimento do ser humano e de suas relações como cidadão com o seu meio, respeitando os limites e também a sustentabilidade, apesar de a moda ser diretamente envolvida e comprometida com o consumo – sem ele não existe. Essa relação da moda com a sustentabilidade foi ponto considerado na reestruturação do projeto.

Os Princípios Norteadores do Projeto Pedagógico (PP) listados a seguir contemplam fundamentos da formação profissional e da formação humana corroborando para o ensino de excelência na UFC procurando contemplar a proposta do REUNI.

- a) aprofundar o caráter interdisciplinar do design, atrelando a formação técnica à formação humanística;
- b) pensar a formação acadêmica no sentido amplo, de maneira a incentivar o exercício crítico das práticas, numa perspectiva transformadora;
- c) oferecer uma formação para o domínio técnico e tecnológico, que permita a qualificação de um profissional em condições de concorrer no mercado de trabalho;

- d) articular, de forma mais adequada possível, a relação entre teoria, criação, técnica e prática, dando ao currículo uma perspectiva de interdisciplinaridade;
- e) adequar a estrutura curricular às condições necessárias para a implantação futuramente, de novas habilitações;
- f) desenvolver condições, junto ao aluno, de forma a capacitá-lo a agir em condições de produção, ritmo e periodicidade similares às que se encontram no cotidiano da profissão;
- g) estimular a capacidade de reflexão do aluno e sua competência crítica para analisar os padrões e práticas vigentes no campo da moda;
- h) criar condições para que o aluno exercite sua capacidade criativa, no sentido de experimentar novas linguagens e objetos e a adaptar-se a diferentes situações de trabalho ou atuação, experimentando uma integração entre o ensino, a pesquisa e a extensão;
- i) aprimorar a postura ética, social e profissional, tendo em vista o comprometimento com a sustentabilidade.

Os mesmos foram elaborados com base nas propostas e ações pedagógicas desenvolvidas no curso quando ainda Estilismo e Moda e nos conhecimentos específicos à área de moda e suas especificidades no contexto histórico, social, cultural, político e econômico da cidade de Fortaleza para formar o profissional Designer de Moda.

A partir de 1989, quando o Curso foi oficialmente criado, até os dias atuais, muito já se falou e representou sobre ele nas dependências da UFC e até fora dela. No entanto, depois de passado todos estes anos, o assunto moda na Universidade ainda causa estranheza, como se a própria instituição desconhecesse os motivos pelos quais ela como Instituição Pública de Ensino Superior criou um curso que forma profissionais para trabalhar com a moda e mais que isso, como se não tivesse ciência de porque o criou.

Considerando que o comportamento de alunos e até de professores de outros cursos da UFC ainda demonstra estranheza acerca do Curso de Moda depois de todos esses anos na convivência da Instituição. Talvez, devido à falta de conhecimento sobre o curso e a formação do profissional requerida nele, ou quiçá

pela negação à formação deste profissional na UFC, como se o curso fosse insignificante diante dos demais na academia e a moda incapaz de construir um saber científico.

O fato é que já aconteceram situações em que esta formação ficou no âmbito da rejeição e do descaso diante dos próprios alunos dos outros cursos da Universidade. Como, por exemplo, quando um professor de outro curso não aceitou que um aluno do Curso de Moda frequentasse a sua disciplina argumentando que o mesmo era da “moda” e na ocasião pediu para que este se retirasse, sendo esta a condição única para ele dar início a sua aula (relato de alunos do Curso).

Outra situação parecida, também relatada por alunos, ocorreu quando um professor comunicou em sala de aula que iria alterar o planejamento da sua disciplina porque constava na sua lista de frequência alunos da moda, isso com os alunos presentes. Portanto, foram situações como estas ocorridas nos indos do curso, que demonstraram a suposta “insignificância” do mesmo e, como agravante, situações parecidas ainda acontecem nos limites da própria Universidade. O que nos leva a crê que existe também representações negativas sobre esta formação.

Devido a estas representações construídas no ambiente da própria Universidade, o curso tem para alguns o entendimento de curso “diferente” e “fútil” simplesmente porque trata da moda. Sendo a palavra diferente usada com o significado de “menos” ou “menor”, ou ainda como algo desinteressante.

Concordo que para a época e o cenário acadêmico da UFC – no qual o Curso foi criado, realmente o Curso de Moda era diferente se comparado aos demais cursos que a instituição disponibilizava. Porém, não fútil, porque já tinha em si um saber científico como base da sua existência e um corpo de conhecimento específico para a formação do profissional que pretendia.

Para além dessa discussão a palavra diferente tem significado completamente adverso à palavra fútil e, no entanto, as duas são comumente usadas como prerrogativas de discriminação e de imposição a um só significado. Quando a sua diferença como curso de nível superior reportava apenas na quebra do tradicionalismo dos cursos “doutoristas” que tinha na Instituição no mesmo período em que a “moda” como saber científico buscava espaço na UFC.

Ainda sobre essa questão, encontrei no Artigo 43 das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996) (BRASIL, 2010), que a UFC como Instituição pública de ensino superior, tinha e continua a ter autonomia didática para formar currículos, programas, métodos de ensino, processos e períodos de avaliações, criar e implantar Projetos, Cursos de Extensão, de Graduação e de Pós-Graduação (CUNHA, 1983), sem nenhuma menção a impossibilidade ou mesmo ao impedimento da criação de cursos ditos “diferentes” como o de Estilismo e Moda.

O próprio Artigo 43 da LDB que trata das finalidades da Educação Superior abre precedência para a formação de curso superior com diferentes áreas de conhecimento, deste que o mesmo seja capaz de formar o cidadão para o mercado de trabalho e atenda as demais exigências como determina o Inciso II do mesmo artigo:

Formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua. (BRASIL, 2010, p. 19).

Ao considerarmos que o Curso ainda como projeto de extensão foi capaz de formar 30 profissionais estilistas e de integrar 80% destes ao mercado de trabalho na cidade de Fortaleza, frente ao que trata o Artigo 43/Inciso II da LDB/1996, institucionalmente a UFC estava apoiada para tomar essa decisão. Então, qual é o problema? E por que a classificação pejorativa com o curso? É acerca da moda em si? Do ensino de moda ou do próprio curso de moda na UFC?

O fato é que esta preconceituação existe e de quando em vez, também se manifesta. O que leva a pensar que este entendimento sobre moda e a sua insignificância pode ter origem no início da existência do curso. Bem no tempo da sua aprovação, ainda quando era avaliado pelo colegiado que o aprovou. Se assim for, então porque a UFC apostou na formação de um Estilista em Moda e porque investiu para que a mesma acontecesse em nível de Graduação?

Se o problema for de fato com a moda ou com o vestuário que são também elementos de estudos nesta formação, a situação se torna bem paradoxal, considerando que a vestimenta dá significado ao corpo e que nos dias de hoje não podemos, ou melhor, a sociedade não aceita que andemos mais com o corpo nu ou mesmo semicoberto como na antiguidade.

Portanto, em condições normais o nosso corpo precisa estar vestido de artifício para falar e a vestimenta ainda se constitui a principal veste do corpo no âmbito da representação social (BOREL, 1992). Em condições contrárias, é considerado insano o sujeito que se manifesta no meio social com o corpo completamente desprovido de roupas.

Na mesma linha de entendimento encontrei em Svendsen (2010) que filósofos como Adam Smith, Immanuel Kant, Hegel, Theodor W. Adorno e Walter Benjamin já dedicavam atenção à moda. No entanto, Kant era o que mais impressionava e chamava a atenção de todos os seus contemporâneos com a sua elegância. Era de fato conhecido como “o elegante mestre das artes” que andava todo arrumadinho com sapatos de fivela de prata e vestia camisas de fina seda. E dada a sua aparição e a sua relação com a moda dizia ele: *“É sempre melhor...ser um tolo na moda que um tolo fora de moda”*. Tomando as teorias da moda como fundamentação acho que Kant queria com a sua vestimenta passar para os seus contemporâneos os reais traços da sua personalidade.

Todos nós temos de expressar de alguma maneira quem somos através de nossa aparência visual. Essa expressão será necessariamente um diálogo com a moda, e os ciclos cada vez mais rápidos desta indicam uma concepção mais complexa do eu, porque o eu se torna mais efêmero. (SVENDSEN, 2010, p. 21).

Filósofos de tempos mais modernos como Gilles Lipovetsky e Roland Barthes e também a autora Renata Cidreira continuam chamando a atenção sobre o significado da vestimenta para além do cobrir e do pudor ao corpo na história da humanidade.

Se por um lado a articulação vestimentar dá conta de uma dimensão formal, ou seja, age através das determinações sociais, sexuais, etc., por outro lado, ela reafirma sua dimensão formante, nos oferecendo assim, uma representação sensível e metafórica do trajeto antropológico percorrido pela pessoa, estilizando-a num personagem social, inscrito numa ambiência particular. (CIDREIRA, 2005, p. 29).

Esta citação dá conta da importância da vestimenta no contexto social e, por tabela, da moda como fenômeno responsável em estilizar cada indivíduo por meio da roupa, tornando-o ao mesmo tempo singular na sua significância e plural quanto aos signos e significados da moda. No entanto, ainda existe certa ignorância sobre o ensino de moda, em particular, na UFC. Sobretudo, no que diz

respeito ao ensino e ao que faz o profissional de moda, apesar de todos estarem inseridos nela e de certo modo de serem também regidos por ela. Como bem disse Svendsen (2010) que a moda está relacionada diretamente à expressão da nossa individualidade e sem ela não conseguimos mais nos identificarmos.

Com base nos estudos sobre a moda e a sua importância no mundo moderno, aliás, a moda foi quem modernizou o mundo, foi que senti a necessidade de estudar o contexto da cidade de Fortaleza em relação à moda para então poder convencer aos leitores de que foi providencial a criação do Curso de Moda da UFC.

A pesquisa remete a história do tempo presente com recorte temporal de seis anos ocorridos no período de 1986 a 1993. E no contexto desta história, conhecer os protagonistas e os sujeitos envolvidos diretamente com o processo histórico foi fundamental para trabalhar com a memória coletiva. Estes foram para a pesquisa o que Le Goff (1996, p. 476) chamou de “reservatório (móvel) da história”. Uma espécie de memória coletiva que o mesmo autor julgou a ser um instrumento e um objeto de poder na construção de uma historiografia.

Além da memória, os documentos, como, ATAS, PORTARIAS, o próprio Projeto de Extensão que deu origem ao Curso de Estilismo em Moda e o Projeto de Criação do Curso de Estilismo e Moda como Graduação, constituíram fontes históricas importantes na investigação do percurso histórico da criação do Curso. Considerando que:

O “documento” ou “fonte histórica”, como se diz hoje mais habitualmente, está certamente na base do Método historiográfico. Sem fontes históricas, não há caminho possível para que o historiador atinja uma determinada realidade ou processo histórico que pretenda examinar, ou, tampouco, não surge a possibilidade de reformular uma certa visão do Passado em função de questões levantadas no Presente. (BARROS, 2011, p. 100).

Do ponto de vista acadêmico o Curso de Moda da UFC tornou-se referência na cidade de Fortaleza e em toda a Região Nordeste, inclusive estimulou e corroborou com a criação de outros cursos de moda nas modalidades de graduação e tecnólogo.

Fora da Universidade o Curso tem grande importância para a economia do Estado, em particular, para os empresários do Setor Têxtil e de Confecção, na medida em que forma profissional hábil para trabalhar a moda desenvolvendo produtos – roupas – que atendem as expectativas do mercado.

A pesquisa partiu de interesse antigo quando descobri que a Universidade havia criado um curso com a proposta de trabalhar o vestuário na perspectiva da moda. Isso em 1990 quando o Curso ainda era um Projeto de Extensão e eu era apenas uma recém-graduada em Economia Doméstica.

A notícia me deixou satisfeita, pois sempre tive a intuição de que um dia a moda se tornaria ponto de estudo na academia, afinal, vi ainda criança, uma dinâmica muito forte em torno da mesma. Lembro-me de quando minha cidade, mesmo distante a trezentos e oitenta quilômetros da metrópole do Estado do Ceará, era cercada de armazéns de tecidos, de armarinhos e de mulheres que se aprontavam sem repetir roupas – principalmente nos períodos festivos.

No mesmo quadro da memória, lembro-me ainda de costureiras e também de um alfaiate, o único que existia – o mestre Moisés, que junto com elas, vestiam, com muito apreço e arte as mulheres e os homens de posse da cidade de Frecheirinha – CE e na mesma, todo o comércio que se movimentava pra atender à necessidade destes profissionais.

O comércio era estruturado na quadra principal da cidade, bem no largo do mercado, com armazéns de tecidos e armarinhos<sup>7</sup> aonde vendiam linhas, agulhas, botões de massa do tipo moderno Brasil e botões cobertos de tecidos, fitas, colchetes, pressões, ilhoses, fivelas, entre outros, que variavam de acordo com o gosto da época. Alguns destes materiais são denominados hoje de aviamentos. Era um movimento voltado exclusivamente para atender aos apelos da aparência, do gosto e da vaidade – coisas do mundo da moda.

O tema da pesquisa, portanto, está imbricado com minha vida. Sou filha e neta de modista, como era chamada a costureira que criava os modelos, fazia a modelagem usando as medidas colhidas diretamente do corpo do freguês e depois confeccionava a peça. Este mesmo profissional era também chamado de costureira particular até a década de 1980. Assim, ainda pequena, com apenas 10 anos, já me envolvia na fabricação de roupas.

Nesta época a prática mais comum, era ver minha mãe pegar o tecido da cliente, tirar as medidas do corpo da mesma, pensar e logo desenhar um modelo, fazer a modelagem ou até cortar por outra peça já confeccionada (também por ela), costurar a peça nova e entregar com todo o sigilo que uma encomenda

---

<sup>7</sup> Pequenos comércios especializados na venda de materiais usados para a fabricação de roupas.

exigia – vez que nenhuma cliente podia ver uma roupa da outra, antes da própria dona. A exclusividade era de fato o atributo de maior valor – coisas desvendadas depois com os estudos da moda.

O zelo pela informação e o cuidado com a peça depois de pronta era por certo mais pertinente com as roupas femininas. Os clientes do sexo masculino também gostavam da discrição, porém, com menos insistência, pois não havia a preocupação com os modelos – as camisas e as calças mudavam apenas na cor, na textura e na estampa. O que permaneceu até hoje e passaram a definir o segmento da roupa social masculina no setor de confecções.

No mundo da moda é lenta a evolução da mudança na camisa e na calça social masculina. Estas peças mantêm os mesmos modelos desde quando surgiram após a Segunda Guerra Mundial.

A camisa, com os mesmos elementos: mangas compridas com punho e carcela<sup>8</sup>, gola colarinho, pala nas costas para afastar o tecido do corpo e não modelar as formas do corpo masculino e abotoamento no encontro da frente por entre as tapetas<sup>9</sup>.

A calça, com a frente detalhada com duas pregas do tipo macho de cada lado, dois bolsos (lado direito e lado esquerdo) do tipo faca e abertura de zíper com braguilha. Nas costas, duas pences<sup>10</sup> para ajustar a medida do cós, dois bolsos embutidos com acabamento de verdungo<sup>11</sup> presos com botões e casas do tipo besom<sup>12</sup> e o cós do tipo cinto com seis passantes para passagem do próprio cinto que tem por objetivo promover melhor ajuste ao corpo. Portanto, nas peças masculinas as informações mais importantes estavam relacionadas ao preço e ao local de origem dos tecidos, com mais importância à costureira ou ao alfaiate que confeccionou a peça.

Ao meu entender, tudo isso constituía um pequeno cenário que representava um movimento da moda, e a cidade assim construía ao seu modo o que Dario Caldas (2004) definiu muito bem como “observatório de sinais”,

---

<sup>8</sup> Abertura no final da manga que junto ao punho da camisa permite a entrada dos braços na peça.

<sup>9</sup> Acabamento feito no centro da frente (CF) com a finalidade de receber as casas no lado esquerdo e os botões no lado direito da camisa.

<sup>10</sup> Costura de aproximadamente 10 cm de comprimento e 2,5cm de largura feita nas costas da calça comprida masculina, com a finalidade de fazer ajuste da medida da cintura e de acomodar o volume dos quadris.

<sup>11</sup> Acabamento feito com tecido nas extremidades do bolso. Geralmente tem 0,3cm de largura.

<sup>12</sup> Casa de botão em forma de alça confeccionada em tecido.

principalmente no caso das peças femininas, pois as mulheres de posse eram as divulgadoras das tendências. E ao mesmo tempo em que faziam suspense com as novidades também gostavam quando encontravam nas ruas pessoas vestidas com roupas parecidas ou iguais as suas. Dava-se neste momento a democratização da moda e em seguida o início de um novo ciclo, pois quem tinha dinheiro buscava sempre o novo, o diferente – nisso a moda nunca mudou. Continua até hoje sendo usada como artifício de separação e de identificação das classes sociais para os que precisam de distinção (SOUZA, 1987).

Havia em torno das roupas, e porque não dizer, da moda, uma representação de classe, uma espécie de disputa social que unia ao mesmo tempo em que também separava um povo do outro. De um lado o povo que tinha dinheiro e que frequentava o clube – a chamada sociedade – de outro, o povo simples que mais parecia coadjuvante na vida da cidade, ou seja, os atores que davam vida as pessoas da alta sociedade frecheirinhense.

Nesta época, eu tinha uma máquina de costura, com pouca tecnologia, é claro, era a famosa Singer Zig Zag, mas atendia às necessidades do momento. Ajudava minha mãe e ganhava um bom dinheiro fazendo chuleado<sup>13</sup> nas roupas fabricadas por outras costureiras da cidade e casas de botão das camisas confeccionadas pelo o mestre Moisés, o melhor da costura masculina da região norte do Estado do Ceará. O título de mestre lhe foi atribuído com o tempo, como distinção de “o melhor” entre todos que praticavam o mesmo ofício.

De repente a lembrança viva do mestre me levou ao passado e nele me vi olhando a sua alfaiataria que ficava de frente a praça principal onde eu, meus irmãos e amigos brincavam nos finais de tarde. De longe dava pra vê-lo cortando panos em cima de uma grande mesa, um manequim vestido com um antigo e inacabado paletó de tricoline cinza, uma fita métrica laçada no seu pescoço e o seu cigarro interminável nas pontas dos dedos. O mestre tinha de fato as mãos de ouro e um bom relacionamento com a tesoura e os tecidos. E os seus fregueses, como assim eram chamados, tinham uma paciência infinita para esperar a encomenda no tempo do mestre que ficava entre a costura e uma boa partida de baralhos.

Contudo, da oficina do mestre Moisés saíam calças, camisas, ternos e paletós de fino gosto e primazia no traçado da modelagem, nas costuras - que

---

<sup>13</sup>Costura de acabamento em forma de ziguezague na borda do tecido para impedir o desfiamento do mesmo.

eram muito bem ajustadas, no acabamento interno e na estética que era perfeita. O corte do tecido dava um caimento da roupa ao corpo de modo tão especial que atraía autoridades de longa distância, entre elas políticos dos partidos ARENA I e ARENA II, na época, situação e oposição ao governo, respectivamente. De fato, a cidade era referência na arte da costura, pois as peças eram verdadeiras obras de arte, tanto as masculinas, confeccionadas pelo mestre Moisés, como as femininas, confeccionadas pela minha mãe e sua prole.

Criávamos modelos para as mulheres da cidade toda e das adjacências, ou seja, das localidades diversas com abrangência até a cidade de Sobral e Tianguá, localizadas em sentidos opostos a 55 e 36km de Frecheirinha, respectivamente. E nessa dinâmica passávamos dias e noites: bordando com contas e lantejoulas, moldando flores de tecido a ferro quente, fazendo alças de canutilhos com linha de nylon, cobrindo botões com tecidos de seda, entre outras atividades relacionadas à confecção das peças com requintes de roupas de ateliê – as chamadas roupas de festas.

Os tecidos mais diferenciados eram comprados em Sobral ou em Fortaleza. A escolha entre uma cidade e outra dependia do porte da festa e do significado que a mesma tinha na sociedade.

Geralmente essa movimentação frenética acerca das roupas era mais intensa no período em que aconteciam os festejos de Nossa Senhora da Saúde, a Santa padroeira da cidade. No caso, as novenas e os leilões aconteciam entre os dias 29 de agosto e 08 de setembro, com o encerramento no último dia. Neste período o movimento era intenso em torno do ter e do parecer por meio das roupas e de outros artefatos da moda, como: sapatos, joias, gravatas, lenços, bolsas, chapéus, luvas, entre outros.

Porém, no dia 08 de setembro, o luxo invadia com mais intensidade as ruas, a Praça da Igreja Matriz e o Clube. No final da tarde, tinha as roupas para acompanhar a procissão que encerrava com a missa às dezenove horas. Em seguida, às vinte horas, começava o leilão e os trajes já haviam mudado. E a meia noite, começava na praça e na rua principal que findava no clube, o momento mais esperado - o desfile das damas e seus pares rumo ao clube. Cada uma com o seu vestido de gala<sup>14</sup> e neles um valor social insuperável.

---

<sup>14</sup>Assim era chamado o traje oficial da festa dançante.

O vestido da minha mãe, em especial, era o mais esperado, pois como modista oficial da cidade causava especulações acerca do modelo e dos artefatos usados para este fim. Ademais, havia confeccionado todos os outros que também encontraria na festa e por isso sabia que o seu traje causava impacto frente aos vestidos das demais damas da cidade. Portanto, na condição de esposa do presidente do clube e também de modista da cidade, a sua chegada à festa representava um momento de espera, tanto para os que chegavam cedo com a mera intenção de pegarem suas mesas, como para os que espionavam pelas portas e janelas das casas que se mantinham acessas enquanto ela e outras autoridades passavam.

Para além dessa movimentação, outras “comadres” ficavam nas calçadas esperando o desfile que se seguia em direção ao clube. Na festa, pelas janelas do clube, muitas pessoas admiravam o luxo e o requinte da noite, inclusive eu, que por diversas vezes fugi dos cuidados de uma bondosa senhora chamada Dona Guida para junto com os meus irmãos ver meus pais pelas pequenas janelas de vidro. A festa começava exatamente a meia noite e era sempre animada pela a Orquestra do Artemio, o maior e melhor sanfoneiro daqueles tempos.

Durante toda a festa as pessoas se mantinham nas janelas até enquanto a orquestra e o povo saiam do clube cantando e dançando em direção até a Praça da Igreja Matriz para encerrar os festejos com a quebra de um “pote”<sup>15</sup>. Geralmente isso acontecia depois das sete horas da manhã. Era uma tradição este encerramento e também uma alegria para todos.

Este jeito peculiar de encerrar os festejos com música, com dança e a quebra de um “pote” bem em frente da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Saúde, representava para a cidade que mais um ano se cumpriu com a fé na Santa Padroeira. Desse modo, a cidade fazia um movimento em torno dos festejos e as roupas e o comportamento do povo definiam a moda da época, e com ela, a cultura que se formava para atender as necessidades desse movimento.

Durante todos os festejos, as pessoas vestiam uma roupa nova a cada dia, isso era o que garantia que “estavam na moda”; talvez, uma moda bem particular e interiorana e até quem sabe distinta da moda da metrópole Fortaleza. Porém, o movimento não era de todo isolado, ele bebia nas fontes de pesquisas

---

<sup>15</sup>Peça feita de argila com a finalidade de armazenar água.

das revistas Manchete que chegavam à cidade pelo ônibus da viação Expresso de Luxo e das celebridades que apareciam nos programas de TV conduzidos pelos apresentadores nacionais, Hebe Camargo e Flávio Cavalcante na TV TUPY, bem como no programa de calouros apresentado pela TV Educativa do Estado do Ceará, todos os sábados à tarde pelo apresentador Augusto Borges. Eu acompanhei de perto esse movimento todo e digo que de certa forma também o alimentei.

Com toda essa vivência na hora de fazer um curso superior, procurei na UFC algum curso que tivesse ligação com o vestuário, afinal, faz parte de mim essa temática. Foi quando encontrei no curso de Economia Doméstica uma disciplina de 10 créditos – chamada de vestuário, específica à fabricação de roupas. Além de outras que tratava dos aspectos têxteis, como fibra, fios e padronagem<sup>16</sup>.

Chegada a hora de prestar vestibular, me inscrevi, passei e fiz o curso em tempo recorde, porém fiquei insatisfeita, não com o curso, mas com o que eu precisava. Apesar de estar na Universidade, o que aprendia não me surpreendia, pois de algum modo já conhecia tudo o que me apresentavam, sabia de um jeito empírico, é verdade, mas já sabia.

Com o passar dos semestres fui percebendo que o curso tinha a meu ver uma proposta doméstica, ou seja, ensinava a costura como se preparasse a mulher para o casamento e, trabalhar o vestuário nessa expectativa não era o que eu pretendia como formação acadêmica, pois já vinha de uma aprendizagem e de várias práticas com princípios e toque de empreendimento, de negócio com confeccionados.

Também não pretendia aprender a modelar e a costurar, pois isso já fazia há tempos. Pretendia aprender algo novo, como, por exemplo, o que estava por trás do movimento que as roupas proporcionavam em torno da minha cidade e, principalmente, do comportamento das pessoas de poder aquisitivo que alimentavam todo esse movimento que hoje o filósofo Gilles Lipovetsky (1989) chama de efemeridade da moda.

Pretendia encontrar um saber diferente que trabalhasse a roupa sob outras perspectivas e com mais aprofundamento do que a confecção em si. Um

---

<sup>16</sup>Padrão do tecido em sua formação e representação dos modos de entrelaçamento e desenhos de *in-lay*, tendo formas de representação diferentes para cada tipo de tecimento.

saber que tivesse ligação e relação com outros fatores além da costura, como elementos externos àquelas práticas, que só tinham por finalidades desenvolver habilidades com máquinas, habilidades essas que eu já tinha desenvolvido há muito tempo, quando ainda era criança.

Queria mais, muito mais. Embora não soubesse identificar de fato o que buscava, eu tinha certeza de que saberia reconhecer caso o encontrasse na academia. Tempos depois tomei conhecimento de que a UFC havia criado um curso de extensão em Estilismo em Moda, imediatamente pensei: o nome é sugestivo a outro entendimento sobre as roupas. É isso, agora sim, a roupa será trabalhada com outros olhares e significados.

Na época morava em São Paulo, capital. Voltei em 1992 e no ano seguinte abri uma pequena empresa especializada em roupa infantil. Seguiu as mesmas instruções da minha mãe em tempos atrás – de criar o modelo, modelar a peça, cortar, costurar, fazer o acabamento e a limpeza e entregar ao cliente. O que hoje é definido por Araújo (1996), no seu livro *Tecnologia do Vestuário*, de fluxo de fabricação.

No ano de 1999 o curso já era da modalidade de graduação, agora Estilismo e Moda. Ingressei no mesmo como docente na área de Tecnologia Têxtil e de Confecção, na qual ministrei aulas até os dias atuais.

Passei a ensinar, com muita propriedade o que eu fazia desde criança, porém, seguindo uma lógica de conhecimento que conduzia os alunos para uma formação profissional e com terminologias apropriadas à formação acadêmica. Em outras palavras, saí do campo empírico para o campo teórico científico, porém, com uma excelente bagagem de informações advindas da prática e da experiência. Que, aliás, vim ter ciência da sua proporção quando assumi ser professora.

Com o passar dos anos, fui percebendo a importância do curso para o crescimento e o desenvolvimento da economia do Estado do Ceará, da Região Nordeste e todo o país, através das indústrias têxteis e de confecções que absorviam esses profissionais e com eles melhoravam significativamente no mercado de moda, fato que era apresentado pela Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecções (ABIT), tanto em nível nacional como internacional.

Em manchetes, as revistas da ABIT publicadas na década de 90 sempre faziam alusão ao crescimento e ao desenvolvimento do setor têxtil e de confecções, destacando a moda como fenômeno responsável pela ascensão dos mesmos. Anos depois, Caldas (2004) reafirma ao dizer que o capitalismo encontrou na moda a fórmula perfeita de sobrevivência.

O fato é que o setor, principalmente em Fortaleza, tomou proporções e destaque quando à moda, ou melhor, os profissionais da moda formados pela UFC começaram a trabalhar nas indústrias locais. Isso me fez buscar mais conhecimentos. Foi então que fiz uma especialização em Estratégia e Gestão Empresarial e em seguida, Engenharia de Produção em nível de especialização na Universidade Federal do Ceará e dois anos depois em nível de mestrado na Universidade Federal da Paraíba-UFPB.

Era necessário formar os alunos com o entendimento de produção e de produtividade, considerando que a moda fomentava a cada dia e com mais intensidade o consumo, e por tabela, a demanda nas indústrias de confecção, principalmente, que rapidamente formou um par perfeito com a “moda”.

A partir de então passei a acompanhar a evolução do Setor de Confecções do Ceará por meio da participação efetiva de projetos junto à UFC e aos demais órgãos de fomentos do Estado, como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE/CE), a Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC), o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI/CE) e o Fundação Núcleo de Tecnologia Industrial do Ceará (NUTEC). As empresas eram localizadas na cidade de Fortaleza e também no interior do Estado.

Com estes projetos, o curso de moda da UFC foi ganhando reconhecimento e os profissionais foram se projetando no mundo do trabalho como um ator necessário ao cenário econômico do Setor Têxtil e de Confecções, apresentando às empresas a necessidade da pesquisa de mercado e de tendência antes das mesmas desenvolverem novos produtos. Tanto que, atualmente, no universo dos empresários do setor, já existe o entendimento de que é preciso pesquisar para de fato produzir produtos da moda.

Com isso as indústrias de confecções deixaram de produzir “a roupa pela roupa”, ou seja, a roupa só para vestir, para produzir a roupa com informações

de tendências e com a capacidade de formar grupos, de incluir e de excluir indivíduos e para, além disso, de ser percebida como valor.

A partir de então estas indústrias passaram a ser chamadas de “Indústrias da Moda” e, com essa patente passaram a direcionar os demais setores da economia, tanto em relação às tendências das formas como das cores. Conduzindo assim todos os mercados de consumo para a mesma direção, ao mesmo tempo em que também compõe o contexto das aparências e da estética deixando todos, de algum modo, na mesma sintonia do contexto da época, ou seja, na moda.

Notoriamente a moda está expressa nos produtos que alimentam a sociedade de consumo, como, nas joias, nos sapatos, nos óculos, nas roupas, nos carros do ano, nos penteados, nas palavras, nos livros, na arquitetura dos centros urbanos e, por fim, no comportamento social dos que aderem ao seu movimento. Para Caldas (2004) a soma de todos estes elementos reflete o “espírito do tempo” e ao mesmo tempo constrói um cenário para estudo de novas tendências. Considerando é claro, que a moda é uma eterna diacronia.

Contudo, e, apesar de toda a sua imponência, a moda, é dependente do Setor Têxtil e de Confecções em função de ser o vestuário que primeiro dissemina as suas tendências. Isso eu observei quando ainda vivia na minha cidadezinha, bem distante da metrópole, mas que na época, já bem influenciada pela mídia impressa e televisiva por onde as celebridades mostravam o que estava na moda nos grandes centros urbanos do país. Lá, de algum modo todos eram afetados pelos seus valores. Para alguns, a moda representava um valor simbólico muito pertinente, para outros, apenas enfeite, mas todos que podiam pagar por ela eram de certo modo destaques na lista dos que tinham poder de compra e muita influência na cidade.

Acredito que o comportamento da sociedade foi que fomentou o ensino superior de moda no Brasil, pois a demanda por estes profissionais cresceu, em particular, no Estado do Ceará que tem a confecção como parte de sua cultura.

No contexto, me interessei em pesquisar a história do curso de moda da UFC, considerando que foi o primeiro em instituição pública de ensino superior e o pioneiro no Estado do Ceará, influenciando depois a criação de mais cinco cursos

superior de moda na cidade de Fortaleza e dois na Região Nordeste: um em Teresina - PI e outro em Caruaru-PE.

Trata-se da História Educacional de um curso novo e diferente que conseguiu estruturar um “saber científico” capaz de ensinar o aluno a pensar e produzir moda considerando os aspectos: técnico, social, econômico e filosófico da moda como fenômeno que acompanha a evolução da humanidade.

Escolhido o tema, o próximo passo foi definir os caminhos e o “modo de fazer” a pesquisa – a metodologia, que de modo prático viabilizou a realização da mesma, considerando que sem ela não chegaria a lugar algum.

[...] remete a uma determinada maneira de trabalhar algo, de eleger ou construir materiais, de extrair algo específico desses materiais, e de se movimentar sistematicamente em torno do tema e dos materiais concretamente definidos pelo pesquisador. A metodologia vincula-se a ações concretas, dirigidas à resolução de um problema; mais do que ao pensamento, remete à ação e a prática [...]. (BARROS, 2011, p. 67).

Portanto, por se tratar de uma pesquisa que tem por objetivo construir uma narrativa histórica sobre a história do curso de moda da UFC, a partir da memória e das narrativas dos sujeitos, escolhi como metodologia a pesquisa documental para analisar o percurso histórico do curso – documentos primários e secundários e, a entrevista para colher da memória dos sujeitos o que não estava nas entre linhas dos documentos que registram esta história. Tendo como abordagem teórica para tecer a narrativa a micro-história por ser:

[...] essencialmente uma prática historiográfica em que suas referências teóricas são variadas e, em certo sentido, ecléticas. O método está de fato relacionado em primeiro lugar, e antes de mais nada, aos procedimentos reais detalhados que constituem o trabalho do historiador [...]. (LEVI, 1992, p. 133).

Outro aspecto importante sobre este tipo de abordagem reporta no fato de que pela micro-história a pesquisa permite ter acesso às informações por meio de vários indícios, vestígios ou sinais e assim, não se prende a um referencial teórico específico, pronto e acabado. Ela busca os detalhes – grandes ou pequenos que revelam elementos importantes para o entendimento do objeto investigado e forma uma teia de fios que dão sustentação a verdade histórica. Tais elementos corroboraram com a apreensão das informações em outras dimensões,

possibilitando ao historiador, mais liberdade, tanto no momento da pesquisa como no desenvolvimento da sua narrativa histórica.

A partir de então, um depoimento, uma confissão ou mesmo uma simples anotação “de bolso” ganhou valor e complementou o entendimento do que eu investigava. Ademias, a micro-história permitiu a inclusão de fatos que diretamente não fizeram parte do objeto pesquisado, mas que indiretamente influenciaram na compreensão do mesmo durante o processo de investigação e escrita da narrativa.

O exemplo disso está na escrita desta narrativa o caso do voo 727 da VASP, que até então parecia apenas uma tragédia aérea isolada da história da criação do curso de moda da UFC. No entanto, depois de fazer uma ligação com os fatos da época, principalmente com a crise econômica que o setor de confecções viveu nos anos de 1980, vi que a tragédia teve forte influência e foi até considerada como um indicador do agravamento da crise com a morte dos empresários mais importantes do setor de confecções e do Estado do Ceará, como o Chanceler Edson Queiroz que estava na mesma aeronave.

Nas entrevistas foram resgatadas informações importantes que não constavam nos documentos. As mesmas foram conduzidas a partir de temas relacionados diretamente a história do curso e aos sujeitos no contexto da mesma, considerando que “[...] a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro [...]” (LE GOFF, 1990, p. 477).

Com efeito, o uso da memória como fonte na pesquisa histórica encontra-se fundamentada nas teorias de Le Goff (2003) de que a memória conserva as lembranças do passado; de Bergson (2010) que afirma ser a memória capaz de fazer vir à superfície o que está imerso e oculto; de Vasconcelos (2010, p. 102) que entende a memória como “[...] técnica de investigação científica capaz de preencher as lacunas deixadas pela história escrita [...]”; de Xavier (2010, p. 131) que elenca “[...] a memória como forma de suspirar em defesa da identificação cultural [...]” e de Bossi (1994, p. 47) quando afirma que:

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A

memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Outras fontes importantes utilizadas no percurso da pesquisa foram os documentos primários relacionados ao Projeto de Criação do Curso como ação de Extensão do Departamento de Economia Doméstica e ao Projeto de Criação do Curso como Graduação. Le Goff (1990) valoriza este tipo de fonte e argumenta que eles chegam a abranger a palavra e o gesto, porém, encontrei em Darnton (1992) que não é tanto assim, pois eles não revelam as dimensões inferiores das experiências passadas, principalmente em se tratando de elementos cognitivos e, por isso assim os define:

[...] os documentos raramente mostram os leitores em atividade, moldando o significado a partir dos textos, os documentos são eles próprios, textos, o que também requer interpretação. Poucos deles são ricos o bastante para propiciar um acesso, ainda que indireto, aos elementos cognitivos e afetivos da leitura, e alguns poucos casos excepcionais podem não se suficientes para se reconstruírem as dimensões interiores dessa experiência [...]. (DARNTON, 1992, p. 203).

Contudo, num ponto ambos concordam e acabam comungando com a afirmativa de Lucien Febvre (1953), de que sem documentos não há a comprovação da História, pois eles revelam fatos e acontecimentos do passado em forma de texto ou e de imagens que são como testemunhos de acontecimentos e de fatos que o pesquisador não viveu e nem presenciou. Os mesmos Darnton (1992) e Le Goff (1990) julgam que os documentos são importantes na construção historiográfica.

A pesquisa teve etapas distintas, incluindo o planejamento como suporte de todas as ações desenvolvidas em prol do objetivo. Neste, alguns elementos foram importantes destacar: *a escolha das fontes históricas, os procedimentos usados no desenvolvimento da pesquisa, a seleção dos sujeitos envolvidos na pesquisa e as formas de registros.*

Particularmente chamo a atenção para a questão dos procedimentos considerando que eles foram aplicados em todas as fases da pesquisa. Pois se tratam de ações programadas e planejadas capazes de gerar resultados, independente de sua natureza ou campo de ação.

Neste contexto, os procedimentos desta pesquisa científica, na sua acepção mais geral, deram conta de toda a ação – o passo a passo – que foi

necessário para atingir os objetivos da pesquisa. Em se tratando de uma narrativa histórica estes foram bem detalhados para garantir ao pesquisador o mapeamento de todas as informações advindas da história escrita – dos documentos, ou da história oral – da memória dos sujeitos, para constituir esta narrativa. Seguindo datas e períodos também determinados pelo projeto de modo a promover a investigação do objeto (POLAK; DINIZ, 2011). No entanto, ressalto que tais procedimentos não foram trabalhados isolados, pois precisaram ser interligados para darem sentido ao todo, ou seja, foram de algum modo, imbricados um ao outro, para proporcionarem a construção lógica e o entendimento dos resultados encontrados.

A narrativa histórica foi tecida de informações advindas de fontes primárias e inéditas do acervo pessoal da professora Lígia Fideles, do Projeto de Extensão do Curso de Estilismo em Moda, o Projeto de Criação do Curso como Graduação em Estilismo e Moda, as ATAS das reuniões realizadas na Universidade durante o processo de avaliação e aprovação do curso, as RESOLUÇÕES criadas a favor da aprovação e implantação e as PORTARIAS demandadas pela Universidade. E de fontes secundárias advindas de jornais, revistas, artigos científicos e livros. Contudo, entre todas as fontes usadas na pesquisa, uma merece destaque especial pela sua primazia e pelo seu valor histórico.

Trata-se de um bloco de anotações pessoais da professora Lígia Fideles de Souza no qual ela fez anotações sobre situações e fatos não registrados nos documentos analisados e por vezes inusitados. Bloco este que registra os momentos vividos no período e que tive acesso depois de muita conversa e conquista.

As informações documentais brotaram do Departamento de Economia Doméstica (DED), do Centro de Ciências Agrárias (CCA), do Arquivo Geral da UFC, da Coordenadoria de Projetos e Acompanhamento Curricular da UFC, da Pró-Reitoria de Graduação (PROGAD), do acervo dos jornais O POVO, Diário do Nordeste e O Estado e do acervo pessoal da professora Zilsa Santiago. Outras informações foram também encontradas na Revista VEJA por meio de seu cervo eletrônico.

A memória, como fonte de pesquisa é em particular aqui destacada como de maior valor em função de ter proporcionado o acesso às informações nunca divulgadas em documentos de qualquer natureza de posse da universidade ou da mídia. No entanto, faço questão de esclarecer que o valor aqui atribuído à memória como fonte, restringe-se a sua significância na minha pesquisa e que o mesmo não está associado ao fato de a memória ser mais, ou melhor, fonte de pesquisa, em detrimento das demais usadas no processo investigativo. Até mesmo porque existem pesquisas bem diferentes em que o objeto requer outras fontes além da memória para dar conta do seu objetivo.

Apenas evidencio aqui a importância da memória porque foi por meio da história oral que a professora Ligia Fideles de Souza me revelou informações com riqueza de detalhes a respeito do processo de criação e implantação do curso. Informações estas nunca ditas ou publicadas anteriormente. Complementando ainda, tive a história de cada um dos sujeitos envolvidos diretamente com o processo – exatamente dos que participaram de toda a movimentação, que aqui eu chamo de trama.

A partir de então consegui compreender como tudo aconteceu e por fim, escrever esta narrativa. Em verdade, foram muitos e muitos momentos de conversa a partir de entrevistas semiestruturadas com pautas relacionadas ao contexto histórico do curso e as ações correlatas ao processo de criação e de implantação do mesmo.

Este tipo de entrevista Gil (1999) considera positiva porque permite ao entrevistado falar livremente e até um pouco mais do que na entrevista com questões fechadas. Para Lakatos e Marconi (1993, p. 156), a entrevista é “[...] um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”, para investigar fatos, opiniões sobre fatos, sentimentos, planos de ação, condutas atuais ou do passado, motivos conscientes para opiniões e sentimentos.

Ribeiro (2008, p.141) complementa como sendo a técnica mais pertinente para o pesquisador obter informações a respeito do seu objeto. Por meio desta foi possível conhecer atitudes, sentimentos e até valores subjacentes ao comportamento. Possibilitando ir além das descrições das ações, incorporando

novas fontes para a interpretação dos resultados. Mas, foi Maturana (2005) quem melhor definiu uma entrevista quando disse que a mesma é na verdade um entrelaçamento do linguajar e do emocional entre o entrevistador e o entrevistado e que envolve a memória na busca de informações sobre fatos e acontecimentos do passado no tempo presente.

Particularmente considero que este momento da pesquisa foi também muito delicado porque envolveu sujeitos e, portanto, subjetividades. Exigindo-me muita habilidade na condução da fala e depois na capacidade de síntese das questões abordadas no momento das entrevistas. Ademais, muita lógica e coerência na construção da pauta para atingir os objetivos e não perder a oportunidade com o entrevistado e, tampouco, o foco da pesquisa.

Um aspecto que também considerei importante no ato das entrevistas foi observar bem, mas com discrição, os entrevistados no exato momento da entrevista, principalmente em relação à expressão gestual demandada por meio da carranca, do silêncio, do sorriso, do olhar, da pausa, da hesitação e até mesmo da euforia de cada um há seu tempo.

Comungando com as afirmativas de Feitosa (2003) de que estes elementos constituem indicadores intrigantes e estruturantes que complementam o entendimento da fala e, portanto, precisaram ser considerados no momento da transcrição da oralidade.

Após a transcrição das entrevistas, a fala em forma de texto, ou escrita da oralidade, foi apresentada a cada entrevistado para leitura e liberação da autorização de uso como citação direta ou indireta no corpo desta tese. Esta fase da pesquisa foi em verdade a mais difícil, afinal, transcrever a fala dos sujeitos mantendo a fidelidade das ideias não é uma tarefa fácil para nenhum pesquisador.

No entendimento de Szymanski *et al.* (2002), a transcrição da entrevista é um procedimento muito detalhista e importante, pois remete a primeira versão da fala do entrevistado através da escrita, exigindo do pesquisador fidedignidade da linguagem oral para o texto, tal como foi no momento da entrevista. Remete-se também a voltar ao momento da entrevista e lembrar o cenário, a expressão do rosto do entrevistado, do corpo, os gestos, o comportamento e a entonação da voz no momento da oralidade. Por isso as entrevistas foram transcritas momentos depois para não esquecer nenhuma informação expressão ou impressão sentida.

Os sujeitos entrevistados foram Lúgia Fideles de Souza – professora aposentada do Departamento de Economia Doméstica, Zilsa Maria Pinto Santiago – professora ativa do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, o professor Raimundo Hélio Leite – Reitor nos anos de 1987 a 1991, atualmente professor do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação do Ceará (FACED/UFC), o professor aposentado Antônio de Albuquerque Sousa Filho – Reitor nos anos de 1991 a 1995, Sandro George Ferreira Pereira<sup>17</sup> – aluno egresso da primeira turma do curso em 1989, Sheila Alves Péclat<sup>18</sup> – aluna egressa da segunda turma do curso em 1990, Iet Pleyter<sup>19</sup> – professora do curso nos anos de 1989 a 1993 e assessora na elaboração do Projeto de Criação do curso em nível de Graduação.

A pesquisa não contemplou entrevistar todos os alunos porque teve como objetivo fundamental investigar somente a criação e a implantação do curso e os caminhos trilhados pelos sujeitos envolvidos diretamente neste processo. Neste caso, especificamente, a pertinência de pesquisadora foi em saber o que de fato aconteceu neste período, como tudo aconteceu e de coisas mais que deu conta desta história. Não desconsiderando, é claro, em nenhum momento a importância dos demais alunos, pois afinal, foi para eles em primeira instância que o Curso foi criado e todos os esforços foram demandados. Como também não foi desconsiderada a participação de outros sujeitos que de certo modo tiveram ligação com a história do curso. O fato é que, se na condição de pesquisadora eu envolvesse a todos de igual modo certamente perderia o rumo da pesquisa e quiçá o objetivo da mesma. Por isso, alguns foram entrevistados e outros somente citados.

---

<sup>17</sup>Sandro George Ferreira Pereira fez o curso de Estilismo em Moda, concluiu os créditos da formação em 1991 e em seguida foi trabalhar no Maraponga (Centro Comercial de Moda) como estilista de moda. Trabalhou na via Direta - 6 anos, na Handara – 6 anos e atualmente é estilista da marca GK Faschion. Entrevista realizada no dia 04 de outubro de 2014 ao telefone.

<sup>18</sup>Sheila Alves Péclat foi aluna da segunda turma. Concluiu o curso de Estilismo em Moda em janeiro de 1993 e três anos depois foi contratada pela Universidade Federal do Ceará na categoria professora auxiliar (Anexo) com regime de trabalho 40 horas e dedicação exclusiva (Portaria 871 de 12 de julho de 1996, publicada no DOU de 16 de julho do mesmo ano) para ministrar aulas na primeira turma do curso de Estilismo e Moda em nível de graduação onde trabalhou até 2001 quando viajou para fazer mestrado e doutorado na Alemanha. Atualmente ministra aulas de Teoria de Moda e Marketing de Moda em uma universidade localizada na cidade de Braunschweig. Entrevista realizada pelo facebook no dia 13 de setembro de 2014.

<sup>19</sup>Iet Peyter é holandesa, estilista formada. Na época era Assessora de Moda nas indústrias de confecções do eixo produtivo São Paulo-Rio de Janeiro e demais localidades nacionais e internacionais. Ministrou aulas no curso enquanto extensão e assessora a comissão de elaboração do projeto de criação que levou o curso a Pró-Reitoria Graduação em 1993. Atualmente reside na Holanda. Entrevista realizada por meio do facebook.

Apenas decidi que os sujeitos mais importantes para esta narrativa histórica seriam: a protagonista, os sujeitos que fizeram parte da comissão que elaborou o Projeto de Extensão que deu origem ao curso na Universidade, no caso, a professora Zilsa Santiago e a Assessora de moda let Pleyter, dois alunos – um da primeira e outro da segunda turma e os Reitores da época. Considerando a importância dos mesmos na hierarquia da instituição e as suas colaborações com as questões políticas e burocráticas de todo o processo ocorrido dentro nas instâncias da Instituição, sem as quais o curso ainda não existiria. Sem deixar de lado a coragem que os dois tiveram para enfrentar o desafio de criar um curso novo com a Instituição em crise financeira.

Confesso que adoraria ter entrevistado também Vicente de Mendes Paiva e que lamento muito as suas narrativas não terem se unido as outras que construíram o enredo desta história. História esta feita de pedaços que foram se unindo e se ajustando harmoniosamente até que se fez parecer uma linda colcha de patchwork tecida com palavras, revelações, confissões e emoções de um passado muito bem vivido e guardado na memória e no coração de seus atores. Em todo caso, fica aqui registrado os meus agradecimentos e admiração por tudo o que ele fez em prol da existência do Curso.

Cientificamente trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que deu origem a uma tese organizada em quatro capítulos e considerações finais. O primeiro faz uma introdução da tese, o segundo e o terceiro capítulos apresentam pesquisas bibliográficas sobre a chegada do ensino de moda na Universidade Federal do Ceará e a cidade Fortaleza e o seu contexto com a cultura de moda, respectivamente. O quarto conta o desdobramento de toda a história da criação e implantação do curso e os caminhos trilhados para este fim – a trama e toda a movimentação e, o quinto capítulo, apresenta as minhas considerações sobre a história do Curso e a pesquisa em si. Porém, com um grande viés para um memorial de uma história que poderia se perder no tempo das gerações presentes, mas que considere importante na história da UFC.

Do ponto de vista literário a tese é uma narrativa poética construída carinhosamente dos relatos da memória e das emoções sentidas durante a pesquisa e as entrevistas. E como toda narrativa possui duas dimensões: a

cronológica e o enredo, ou seja, os acontecimentos tecidos na linha do tempo de modo a construir e a dar sentido à história a que se propõe (FIGUEIREDO, 2011).

## **2 O ENSINO DE MODA CHEGA À UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

O curso de moda da Universidade Federal do Ceará, atualmente ainda é desconhecido no ambiente da Instituição. Professores, alunos e técnicos mostram-se surpresos quando sabem sobre o curso e ainda fazem perguntas como “*Moda? Aprende o que?*” demonstrando de fato o não conhecimento, apesar do mesmo ter completado vinte anos em outubro de 2013.

Considerando que estamos no século XXI e que a Universidade foi inaugurada no século XX iniciando o ensino superior na cidade de Fortaleza com cursos tradicionais como, direito e medicina, os chamados cursos “doutoristas”, é possível acreditar que implantar um curso de moda tenha sido um desafio para a Instituição, isso do ponto de vista da formação, ou seja, pedagógico.

Ora, se nos dias de 2014 a moda ainda causa “espanto” na própria UFC, dirá em 1993 quando foi aprovado como curso de graduação, considerando que nesta época nada havia sobre ensino de moda especificamente na cidade de Fortaleza, apesar de o SENAI oferecer na época treinamentos nas indústrias de confecções estes eram mais relacionados ao operacional.

Neste contexto, consigo afirmar que houve na Universidade a quebra de suas tradições quando implantou o curso de moda em 1989 como Projeto de Extensão e com mais impacto quando assumiu o curso na Pró-Reitoria de Graduação junto aos cursos ditos elitistas.

Acredito que a partir de então a Instituição abriu as portas para um curso novo e diferente na sua história de ensino superior, considerando que foi a pioneira no feito na rede pública do país. Contudo, a compreensão de como tudo aconteceu só é possível por meio da história da própria universidade e do curso.

### **2.1 A moda quebra as tradições do ensino superior na UFC**

A Universidade Federal do Ceará (UFC) foi criada em 16 de dezembro de 1954 no governo do presidente da República Café Filho. No ano seguinte, no dia 26 de junho, a UFC foi oficialmente instalada em Fortaleza, disponibilizando definitivamente o ensino superior à população do Estado do Ceará (FIGURA 1).

Figura 1 – Solenidade de inauguração da UFC em 26/06/1955



Fonte: Memória ... (2014).

Segundo Cavalcante (2005) a UFC nasceu como resultado de uma manifestação popular estimulada pelo professor Antônio Martins Filho juntamente com pessoas que comungavam a mesma ideia, como o médico Antônio Xavier de Oliveira, Cesário Andrade (Presidente do Conselho Nacional de Educação), Clemente Mariani Bittencourt (Ministro da Educação) e alunados da Faculdade de Direito do Ceará, tendo o primeiro como protagonista oficial do feito.

A princípio com projeção social de uma Universidade de caráter estadual, que Cunha (1993) associou como um imperativo da “segurança nacional”, vez que a intenção era sempre tendenciosa à criação de tecnologia para fins bélicos. Depois foi se estruturando com cursos que atendessem a outras necessidades da sociedade acerca do ensino superior na cidade de Fortaleza. No caso, Medicina, Farmácia, Odontologia e a Escola de Agronomia como forte aliada, todos sob a coordenação do Prof. Antônio Martins Filho, primeiro Reitor na história da UFC.

De acordo ao Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI 2013-2017 (aprovado pelo Conselho Universitário no dia 13 de dezembro de 2012), atualmente a UFC oferece vagas em 105 cursos de graduação presencial, seis de graduação não presencial<sup>20</sup>, treze mestrados e dez doutorados distribuídos pelos

---

<sup>20</sup>Ensino a distância promovido pelo Instituto UFC Virtual por meio do Sistema SOLAR.

Centros de Ciências, Tecnologia, de Ciências Agrárias, de Humanidades, pelas Faculdades de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade (FEAAC), de Direito, de Medicina, de Farmácia, Odontologia e Enfermagem (FOE), de Educação (FEAC), Instituto de Cultura e Arte (ICA), Instituto de Ciências do Mar, Instituto de Educação Física e Esporte, e pelos campi de Sobral, do Cariri e do Quixadá, acolhendo 25.467 alunos matriculados.

Dentre os cursos de graduação está o curso de moda que desde 1989 constrói seu percurso histórico com o ensino superior de moda em Fortaleza e no Brasil. No entanto, é curioso como a UFC concebeu criar e implantar um curso de graduação em moda em Fortaleza, quando na época não existia curso parecido na cidade e os cursos de graduação disponíveis na UFC e demais instituições de ensino superior da rede estadual e privada eram concentrados com base nos valores das profissões que seguiam gerações na ambiência das famílias cearenses. E a moda nesta época ainda era classificada como “manifestações artísticas” das mudanças sociais (BERGAMO, 1998) e desconhecida sob o ponto de vista acadêmico e científico.

Considerando a história da UFC até a data de criação do curso e o conceito de moda nos anos de 1980, é possível imaginar a repercussão de tudo isso dentro da academia. E como agravante no contexto da época, os valores da sociedade cearense também se atinham por cursos universitários tradicionais, como Medicina, Direito, Farmácia, Odontologia, entre outros que traziam em si o paradigma de serem cursos da elite e a certeza de mercado de trabalho como referência e garantia da profissão, haja vista que a tradição destas profissões se mantinha no seio da família e da sociedade como uma herança advinda ainda do Brasil República. Principalmente os cursos de Direito e de Medicina os quais ainda se mantêm sob a imagem de cursos que formam doutores mesmo sendo da modalidade de graduação.

Segundo Gilberto Freire este título de doutor foi atribuído à elite republicana com a intenção de mostrar superioridade e de promover a imponência entre os que ficavam no Brasil e os que iam para Portugal fazer um curso superior. Portanto, estava mais relacionado a um tratamento do que a uma titulação. No entanto, ficou como herança que ainda prevalece e cria uma discriminação intelectual no meio acadêmico, com mais intensidade entre os estudantes de

medicina com os dos demais cursos das universidades brasileiras, dando a conotação de um curso “mais difícil” que só recebe alunos “brilhantes” ou nerd’s<sup>21</sup> como são chamados.

O fato é que a sociedade sempre valorizou por cursos com essa projeção elitizada e tradicional, porém, a moda se enfrontou no meio dessa história, quebrando o paradigma das tradições e das profissões com a proposta do novo e do diferente na política de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFC, primeiro como curso de extensão e depois como curso de graduação.

## 2.2 A chegada do curso de moda na UFC

Diferentemente dos demais cursos que nasceram dentro da Universidade e depois foram apresentados a sociedade, o curso de moda chegou pronto para ser aprovado e implantado – a sua demanda veio da sociedade e a Universidade sentiu-se intimada a atender como necessidade exposta pelo mercado de moda.

O Curso foi criado em 1989 por meio de um convênio feito entre o Centro Tecnológico de Confeções do Ceará (CTCC), a Secretaria de Indústria e Comércio do Ceará (SIC), o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), a Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC), indústrias cearenses e a Pró-reitora de Extensão da UFC, na administração do Reitor professor Raimundo Hélio Leite. Em 1990 já era notícia e o jornal *O Povo* publicou um editorial com a manchete: “Curso de Estilismo ainda em nível de extensão”.

Ao mesmo tempo em que anunciou o curso como se o mesmo fosse tardio, também criou expectativas na sociedade estudantil e empresarial do setor de confecções de Fortaleza sobre novas possibilidades no ensino de moda em nível superior, com um texto explicativo e também propagandista que favoreceu a promoção do curso no seio da sociedade cearense.

Enquanto aguarda a elevação de nível, o curso de Estilismo em Moda vai reforçando sua infra-estrutura e conta atualmente com a assessoria da estilista holandesa Iet Pleyter e mandará para fazer curso no Instituto de Moda em Nova Iorque os professores Germana Bezerra, da disciplina Modelagem Plana, Pedro Eimar, diretor do Museu de Arte da UFC, que

---

<sup>21</sup>Termo que descreve, de forma estereotipada, com conotação depreciativa, uma pessoa que exerce intensas atividades intelectuais (NERD, 2014).

ensinará “Desenvolvimento de Estamparia” e Anchises Nogueira, da cadeira de “Desenho em Moda”. Os três professores são ligados, respectivamente ao curso de Economia Doméstica e Arquitetura da UFC. (CURSO..., 1990).

No ano de 1992, o curso formou uma turma de trinta profissionais e, destes, 80% foi absolvido pelas indústrias do Setor Têxtil e de Confecções de Fortaleza para desenvolver atividades específicas sobre moda, pesquisa e desenvolvimento de novos produtos.

No ano seguinte, em fevereiro de 1993, a UFC, junto a FIEC, ao SENAI/CE, ao Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE/CE) ao Instituto Euvaldo Lodi (IEL) e ao Governo do Estado, na pessoa de Ciro Ferreira Gomes, promoveram um seminário para discutir moda no Estado do Ceará.

O evento aconteceu em um dos auditórios da FIEC e teve como chamada “**Seminário de Moda na Universidade Federal do Ceará – UFC**”. O mesmo contou com a participação de professores da UFC, do Governador do Estado do Ceará, do presidente do Sindicato de Alfaiataria e Confecção de Roupas para Homens de Fortaleza e dos Empresários do Setor de Confecções de Fortaleza, na pessoa de Vicente Mendes de Paiva, dos empresários do setor de confecções, de alunos de outras instituições e dos profissionais estilistas recém-formados pelo próprio curso de extensão em Estilismo em Moda.

De acordo com “PROJETO DE GRADUAÇÃO EM ESTILISMO EM MODA (BACHARELADO)” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. 1993), que criou o curso na Pró-Reitoria de Graduação, a chamada do seminário foi bem sugestiva às discussões sobre moda como negócio. Porém, pautava também no seminário, mostrar a importância e a necessidade do ensino relativo à moda e coletar subsídios para a implantação do curso em nível de graduação. Considerando, que a Universidade já havia esclarecido as suas reais condições financeiras naquele momento.

No mesmo ano em que aconteceu o seminário, oito meses depois, exatamente no dia 25 de outubro de 1993, a UFC aprovou oficialmente o curso em nível de graduação, na modalidade Bacharelado em Estilismo e Moda através da RESOLUÇÃO Nº 26/CEPE, em primeira instância e, em segunda instância, no Conselho de Centro por meio da RESOLUÇÃO de Nº 10/CONSUNI, de 29 de outubro de 1993, na administração do Reitor Antônio de Albuquerque Sousa Filho.

O curso continuou sob a responsabilidade acadêmica do Centro de Ciências Agrárias (CCA) da Universidade Federal do Ceará e do Departamento de Economia Doméstica (DED) o mesmo departamento que deu origem ao curso de Estilismo e Moda ainda como Projeto de Extensão.

A partir de então o curso de Estilismo em Moda tornou-se efetivo na UFC e passou a ser chamado de Estilismo e Moda, a pedido do Reitor Antônio de Albuquerque Sousa Filho.

Segundo a professora Lígia Fideles de Souza, o Reitor justificou a mudança de nome em conversa ao telefone, argumentando que o termo “em moda” deixaria a profissão muito restrita à moda em si, por isso estava alterando, e trocando o “em moda” por “e moda” para se tornar mais abrangente e também aproveitando para constar nos documentos relacionados ao curso agora como Curso de Graduação. Na nova modalidade o ingresso do aluno passou a ser por meio de vestibular, igualmente a todos os alunos ingressos nos demais cursos ofertados pela Instituição.

Uma pesquisa realizada em 2002, por Dorotéia Baduy Pires, professora da Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR) e Coordenadora do Fórum das Escolas de Moda no Brasil traz fato histórico de que na época, já havia outro curso de moda em nível de graduação, porém na rede de ensino particular, sob a responsabilidade institucional da Faculdade Santa Marcelina em São Paulo capital com data de criação em 1988.

A mesma pesquisa apresenta também que o SENAI-CETIQT<sup>22</sup>, em 1985, foi à instituição que primeiro acolheu um curso para o ensino da criação de moda no país, antes da Academia. Um ano depois em 1986, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) implantou um curso de moda em nível de extensão chamado “Estilismo & Modelagem do Vestuário” e em 1989 a UFC implantou o segundo curso de moda em nível de extensão chamado “Estilismo e Moda”. Com o tempo a UFMG transformou o seu curso de extensão em Curso Técnico e a UFC transformou o seu curso de extensão em Curso de Graduação. Com quatro anos de estudo para a formação de bacharéis em Estilismo e Moda.

A razão, ou as razões pelas quais a UFMG não apostou na moda como Curso de Graduação ainda não foi apresentado no universo científico, apesar da

---

<sup>22</sup>Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil.

mesma representar o primeiro espaço acadêmico no Brasil a trabalhar com agulha de costura em formato de curso. Isso chamou a atenção e despertou para investigar o percurso histórico do curso de moda da UFC.

No ano de 1994, a UFC ofertou seu primeiro vestibular e, em 1997, o curso formou uma turma de trinta alunos Bacharéis em Estilismo e Moda. Cinco anos depois, em 08 de março de 2002, o curso foi reconhecido pelo MEC pela PORTARIA de Nº 663. Começou com turmas de trinta alunos, depois quarenta e atualmente são sessenta estudantes ingressos ao ano.

Em meados de 2009, o curso passou de Estilismo e Moda para Design de Moda segundo recomendação do MEC, em função das novas diretrizes educacionais para o ensino de Graduação em Design (PIRES, 2002), que antes era chamado de Desenho Industrial. E como moda trabalha o desenho das roupas, ganhou também essa nova nomenclatura. De acordo com Santos e Santos (2010), os cursos de designs foram introduzidos em faculdades brasileiras na década de 1960.

Como responsável pelo ensino de moda na UFC, o curso Estilismo e Moda e o seu colegiado de professores trabalharam a moda na perspectiva de formar profissionais – Estilistas para o mercado de trabalho e pesquisadores – aos que pretendiam seguir carreira acadêmica. Embora cientes de que ainda existia certo estranhamento na comunidade científica acerca da moda como objeto de pesquisa.

Sobre essa questão, encontrei em Lipovetsky (1989) que a moda não desperta muito entusiasmo e interesse na esfera intelectual e, por isso, pouco aparece no discurso teórico de pesquisadores de áreas diferentes do seu universo, em função da mesma ser celebrada em museu, nas ruas, na indústria e na mídia, tornando-se temática de interesse comum à população e, portanto, popular na sua escala de sobrevivência.

Por outra vertente, encontrei na teoria de marketing que a própria moda reforça esta ideia quando o ciclo de vida do seu produto se encerra chegando ao estágio de exaustão. Fato que acontece justamente quando o povo tem acesso aos artefatos da moda e passa a usá-los, quando antes eram apenas e somente da elite. O que me conduz a concluir que na cultura mundial o que é popular tem valor diferente e de menor proporção na cadeia de valor frente ao que é pertencente a

um grupo ou a uma classe social economicamente mais abastada e por tabela também diferente.

No entendimento de Lipovtsky (1989), até os dias atuais a pesquisa sobre moda fica revestida de um ar excêntrico e duvidoso como se o mundo da moda fosse falar de seres curiosos e bizarros. No entanto, a moda é um fenômeno social que por meio de signos e de significados promove mudanças sociológicas, psicológicas e de estéticas na sociedade.

No entendimento de Cidreira (2005), há várias formas de representação da moda, como por exemplo, o comportamento, a linguagem, os cabelos e os sapatos. Mas, o vestuário, ou seja, a roupa tem sido há muito tempo o principal artefato da sua representação por meio de uma construção cultural, histórica, localizável no tempo e no espaço.

Segundo a mesma autora os primeiros olhares históricos sobre vestuário remontam aos séculos XVII e XVIII, quando caíram sobre a imagem da diversidade vestimentar, o modo de se vestir dos antigos e dos modernos e as obras consagradas aos costumes provincianos e regionais. E os primeiros trabalhos de cunho científico datam de 1860, os quais já apresentavam a peça vestimentar como uma espécie de evento histórico. Fato que nos leva a crer que o vestuário é um indicador de interpretação do social. Contudo, é pertinente saber quando vestuário representa moda.

Cidreira (2005) ainda afirma que a moda não é a realidade de todas as épocas e nem de todas as civilizações, tanto que os povos primitivos desconheciam este conceito, apesar de terem usado uma vestimenta, ou indumentária, de valor histórico ímpar.

Para os estudiosos no tema como, Gilda de Mello e Souza (1987), Gilles Lipovetsky (1989), James Lever (1989) e a própria Renata Cidreira (2005), a moda surgiu ainda na Idade Média quando o homem começou a se preocupar com o belo, com o sublime, com a sedução, com o prazer e com isso ter preocupação intensa com a estética e com a sua aparência através da roupa. Assim, podemos afirmar que a moda está ligada à aparência e que, com todos os seus artifícios se encarrega de projetar o sujeito apropriando-se da preocupação que o mesmo tem de como é percebido e aceito pelos seus pares e da forma como este sujeito também se percebe neste contexto.

Considerando ser a roupa a principal peça que nos veste e também a mais aparente, passou também a ser o ícone principal da moda como fenômeno mundano, em forma estética e simbólica que sinaliza por meio de signos e de significados a direção do gosto e a relação entre sujeito e sociedade.

[...] O sentido da moda está nas vivências, nas representações e naquilo que orienta a relação das pessoas com as roupas, aprovando e desaprovando, emitindo juízo de valores. É assim que deve se dar a compreensão de seu sentido: como algo que *sinaliza*, que aponta cotidianamente direções, significados e instrumentos de julgamento para as roupas. E isso é possível porque a roupa significa algo, e exatamente por significar algo ela pode ser usada como instrumento de mediação entre o indivíduo e o sentido que ela exprime em suas ações. Algo se torna acessível por meio das roupas, há um interesse que orienta esse uso simbólico [...]. (BERGAMO, 1998, p. 12).

De fato, a roupa, como artefato da moda, representa o complemento do sujeito – o externo de si – como extensão da sua própria identidade, o seu marketing pessoal. Por meio dela é percebido o estilo de ser, de vestir e de viver de cada indivíduo na sociedade, primeiro em coletividade e em segundo, no seu mundo individual.

Neste contexto, Gilles Lipovetsky diz que a moda é um balizador ou “dispositivo social” de ciclo de vida curto, mas com a capacidade de criar identidade no sujeito seja de cunho social, político, religioso, cultural, étnico, nacional, sexual entre outros, pois influencia no jeito de ser por meio das formas e dos signos.

A moda é um dispositivo social caracterizado por uma temporalidade particularmente breve, por reviravoltas mais ou menos fantasiosas, podendo, por isso, afetar esferas muito diversas da vida coletiva. [...] Sua principal característica, a renovação das formas, se torna um valor mundano, a fantasia exhibe seus artifícios e seus exageros na alta sociedade, a inconstância em matéria de formas e ornamentações já não é exceção, mas regra permanente. (LIPOVETSKY, 1989, p. 24-25).

Para Caldas (2004), com essa inconstância a moda cria a fórmula perfeita de sobrevivência do sistema capitalista. Em função de ser efêmera e de lançar sempre o novo, fomentando constantemente o desejo de consumo e assim alimentando o Setor Têxtil e de Confecções que se configuram como o principal parceiro na sua produção e, por tabela, os outros setores da economia mundial, que esperam os ditames da moda para lançarem seus produtos no mercado. Neste sentido, ao mesmo tempo em que é o Setor Têxtil e de Confecções que primeiro lança a moda no mercado de consumo é também o que corre os primeiros riscos

da aceitação ou não das novas tendências. Os demais setores, apenas fazem releitura e depois adaptações aos seus produtos. Complementando o discurso, Cidreira (2005, p. 102) admite que “a dinâmica da moda” é responsável por alterações econômicas, políticas e sociais, na medida em que altera a própria noção de necessidade e cria expectativas injetando a novidade e a mudança constante como valores sociais.

Na mesma linha de discussão, Barthes (1979) vê a moda com um sistema composto de signos. Lipovetsky (1989) como um dispositivo social e Simmel (2008) como um divisor de classes. Concluindo, todos estes autores de certo modo concordam que a moda tem fortes poderes sobre a sociedade e a sua forma de organização. Sobre maneira, o que Barthes identifica como signos e significados, estes foram constituídos pela a moda por meio da veia do consumo e em seguida se transformam em dispositivos sociais usados para dividir as classes, como bem disse Simmel (2008, p. 93):

A moda é, portanto, [...] um produto da divisão em classes. E ela se comporta da mesma maneira que outras formações – sobretudo a dignidade – que têm a dupla função de reunir em círculo isolando-o dos outros. Assim a moda significará a onsumoligação de um indivíduo a seus pares, a unidade de um círculo definido por ela, e, ao mesmo tempo, também o fechamento deste grupo em relação aos inferiores [...]. Associar e distinguir, estas são as duas funções de base aqui inseparáveis, da qual a primeira ainda que oposta logicamente à segunda, é sua condição de realização.

Como fenômeno social e, portanto, de interesse sob diversos olhares, a moda se transformou em objeto de estudo nas faculdades e universidades brasileiras, principalmente para pesquisadores que acompanham o sistema que ela, como ícone, alimenta na sociedade.

Um artigo publicado em 2002 na Revista Nexos: Estudos em Comunicação e Educação apresenta a cronologia dos cursos superior de Moda no Brasil, tanto na rede pública como na rede particular.

Na lista, tive a liberdade de grifar a UFC para mostrar que a instituição é, de fato, a primeira universidade pública de ensino superior a criar um curso de moda no país. Porém, faço uma ressalva que o artigo considerou o ano de 1994 como sendo o ano de criação do curso, no entanto, o curso foi aprovado em 1993 e

o ano de 1994 é referência de tempo para a primeira oferta de vagas no seu vestibular<sup>23</sup>.

Faculdade Santa Marcelina (FASM) / São Paulo / SP - 1988;  
 Universidade Anhembi Morumbi (UAM) / São Paulo / SP - 1990;  
 Universidade Paulista (UNIP) São Paulo / SP - 1991;  
 Universidade de Caxias do Sul (UCS) / RS - 1993;  
**Universidade Federal do Ceará (UFC) / CE - 1994;**  
 Universidade Veiga de Almeida (UVA)/ Rio de Janeiro / RJ - 1995;  
 Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) / Florianópolis /SC - 1996;  
 Universidade Estadual de Londrina (UEL) / Londrina / PR - 1997;  
 Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) / Curitiba / PR - 1997;  
 Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB) / Blumenau / SC - 1997;  
 Centro de Educação Superior de Maringá (CESUMAR) / Maringá - 1999.

Apesar de todo o interesse das faculdades e universidades em estudar a moda, Souza (1987) chama a atenção para a complexidade do tema que pode ter difícil explicação unilateral com os olhos do sociólogo, do psicólogo, do economista ou ainda do esteta, haja vista que a mesma passa por diversas áreas de conhecimento.

No entendimento de Barros (2011), a percepção do objeto muda de acordo com o ponto de vista. E assim, cada instituição, em princípio, constituiu o seu curso e depois se reestruturou para atender às diretrizes determinadas pelo MEC, ficando em todas as instituições o eixo principal da formação, hoje dita design de moda.

A relação entre a Moda e o Design, no Brasil, recebeu respaldo oficial em 2002, quando a Moda foi considerada pelo Ministério da Educação (MEC) como um conteúdo curricular específico do Design. Essa reforma propôs um ensino que compreende um núcleo básico comum de conteúdos de Design, por área de conhecimento, seguido das respectivas habilitações (gráfico, produto, interiores, moda, entre outros). [...] a partir desse momento, a formação em Moda “oferecida pela maioria das instituições superiores brasileiras passou a ser norteadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Design, consolidadas na Resolução CNE/CES nº 05, de 08 de março de 2004”. [...] Essas diretrizes provocaram mudanças na academia de Moda no Brasil, pois conhecimentos e práticas do campo do Design foram integrados às

---

<sup>23</sup>Concurso público para seleção de candidatos às universidades públicas no País.

pesquisas e aos estudos da Moda, assim como o Design também se apropriou das experiências específicas dessa outra área. (ANDRADE NETO *et al.*, 2012, p. 2).

Cidreira (2005), na obra “Os Sentidos da Moda”, apresenta a moda sob a perspectiva da distinção, da personalidade, da economia, da artisticidade, do consumo, do estilo, indo até o modo de como fazer moda.

No entanto, encontramos em Barthes (1979) que a moda deve ser analisada também sob a perspectiva da semiologia para se compreender o jogo de significados que ela apresenta em um sistema complexo que teve início no final da Idade Média, mas que se perpetua até os dias atuais e em frenética construção. Neste sentido a perspectiva semiológica sobre a moda, representa uma referência obrigatória para a sua análise enquanto signo na sociedade.

Talvez pelo fato de ser o próprio homem o principal protagonista da moda e de o mesmo ao nascer já se encontrar automaticamente inscrito em uma determinada relação de sociedade, mudando constantemente suas relações em menor ou maior tempo, em dimensão muito mais efêmera e feroz em se tratando da moda, ou quem sabe, por que a moda chamou a atenção como balizador em função de somar e ao mesmo tempo de dividir grupos por meio de seus artefatos e, principalmente, dos signos que usa para se manifestar.

A moda significa, pois, por um lado, a anexação do igualmente posto, a unidade de um círculo por ela caracterizado, e assim o fechamento deste grupo perante os que se encontram mais abaixo, a caracterização destes como não pertencentes àquele. Unir e diferenciar são as duas funções básicas que aqui se unem de modo inseparável, das quais uma, embora constitua ou porque constitui a oposição lógica à outra, é condição da sua realização. (SIMMEL, 2008, p. 25).

Está comprovado cientificamente que a moda exerce forte influência nos indivíduos, conduzindo-os à imitação nos modos de vestir e de viver, primeiro como diferenciação e separação, depois a sua massificação, levando todos ao mesmo fim. Por isso é usada como indicador de época na linha do tempo, seja pela roupa ou indumentária (roupa mais acessórios), pelos modos e comportamentos, pela linguagem – que também fica na moda, ou pela arquitetura exposta nas cidades.

Nos termos temos então que a moda é uma dinâmica efêmera de ciclo determinado e recorrente – vai e volta com adaptações do tempo – parece que

muda, mas é cíclica. Contudo, é uma forte referência do ponto de vista histórico (LIPOVETSKY, 1989).

O autor Gilberto Freyre nos confirma isso quando faz alusão à importância da moda no desenvolvimento de uma sociedade. Em seus livros, “Modos de Homem e Modas de Mulher” e “Ordem e Progresso”, o autor apresenta muito bem a distinção e a ordem social feita por meio das roupas e dos artefatos da moda usados na época. Fazendo uso pertinente da indumentária para expressar aos leitores a moda e os modos usados na organização da sociedade sob todos os aspectos, tanto culturais como políticos e econômicos.

No livro “Ordem e Progresso”, Freyre (1974) faz uma Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil sempre usando a indumentária como elemento forte de diferenciação. Como se tivesse encontrado nos artefatos da moda o ícone perfeito para mostrar aos leitores a hierarquia social do Brasil República. O autor se apega à moda e à indumentária<sup>24</sup> para estabelecer a diferença entre uma região e outra do país e entre uma pessoa e outra da mesma época, bem como para identificar o próprio tempo em que se reporta.

Antônio Pires da Fonseca, nascido em 1870 no Maranhão [...] usou, quando jovem, “fraque, croisés, jaquetões à moda do tempo, chapéus de feltro, cartola nas ocasiões solenes” [...]. Botinas informa ter usado as de polimento, “com elásticos de lado, para facilitar sua entrada nos pés; ou então as chamadas de duraque”. (FREYRE, 1974, p. 678).

Entretanto, Joaquim Amaral Jansen de Faria, nascido no Rio de Janeiro em 1883, lembra-se de ter se tornado homem no Brasil já republicano, ainda sob o completo império das modas francesas, boreais e antiesportivas: “As modas eram parisienses tanto para as mulheres como para os homens, embora as casimiras, em grande parte, viessem da Inglaterra, as roupas brancas, em sua maioria de Portugal [...]. Camisas de peito duto e de punhos postiços, com colarinho pavorosamente alto. Os coletes eram de cores berrantes; as gravatas, *plastron* ou borboleta, laço estreito e preto. As bengalas eram finas, os chapéus duros, chamados de côco [...]”. Mas já começavam a aparecer os “moles” e os de palha. (FREYRE, 1974, p. 655-656).

Com a descrição nessa complexidade linguística sobre a indumentária da época, Gilberto Freire consegue de fato apresentar aos leitores a evolução da Ordem e do Progresso do Brasil República. Como se os levasse ao tempo de tão minuciosas são as suas descrições. Destacando sempre detalhes das formas, das texturas, das cores e da origem das roupas, acabou mostrando que a moda já era

<sup>24</sup>Conjunto da vestimenta, incluindo além da roupa os adornos ou artefatos de uma época, como por exemplo, sapatos, chapéus, luvas, óculos, colares, entre outros.

referenciada com algo de valor nas classes mais abastadas economicamente. Como se a aparência guiasse a ordem social e o progresso do país, segundo a percepção do autor. Acredito que pra isso Gilberto Freyre considerou a moda como fenômeno importante da época, ou, talvez, tal descrição fosse de extrema importância para os leitores compreenderem o contexto.

O certo é que a moda, por meio da roupa e da indumentária, está em toda a obra seguindo unilateral aos fatos políticos, sociais e econômicos do Brasil republicano, mostrando mais uma vez a sua importância por meio da vestimenta e a sua participação concomitante a nossa evolução como sujeito social.

De acordo com Bonadio (2010) a primeira pesquisa sobre moda desenvolvida no Brasil refere-se a uma tese de doutorado intitulada “*Da mulher – proporções, beleza, deformação, hygiene e moda, hygiene e sport*” datada de 1926 e produzida por Virgílio Mauricio da Rocha, na Escola de Medicina da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

A mesma não teve repercussão científica, apesar do pioneirismo e da coragem do autor em apresentar a moda como interesse de estudo num curso de Medicina nos anos de 1920. Quando ainda nos dias atuais, em que a moda faz parte do mundo de todo o mundo, seria um grande desafio e certamente um ato de muita coragem até de ousadia se um estudante de Medicina se propusesse a desenvolver uma pesquisa envolvendo elementos da moda, mesmo que este fosse da UFC.

Arrisco a dizer que até mesmo um acadêmico de medicina da própria UFC não ousaria a fazer o que Virgílio Rosa fez a noventa e quatro anos atrás. Isso considerando que o curso de Medicina culturalmente ainda é visto nos tempos de agora como um curso superior, ou seja, um curso que está intelectualmente além dos demais Cursos de Graduação das universidades da rede pública e particular de todo o Brasil.

A própria História Educacional e Econômica do país mostra que o curso de Medicina e também o de Direito já nasceram “doutores”, pois na condição de Cursos de Graduação seus formandos continuam a saírem da universidade com esse título.

No contexto, é como se ser “doutor” seja uma profissão e não uma titulação – herança do Brasil república que continuou e, ao que parece, ainda irá

perdurará por muito tempo, vez que a própria sociedade alimenta e também repassa para as gerações futuras de forma até “marqueteira” no mundo das profissões.

No entendimento de Freyre (1974) o título de doutor era atribuído aos estudantes egressos de Portugal ao Brasil. Geralmente eram filhos de burgueses que saíam dos grandes centros em busca do conhecimento. Porém, afirma Freyre, que o curso mais procurado era o de Direito em função de na época ser muito valorizado a oratória, a capacidade de se expressar diante do público.

Nesta época, era de fato, o dom da palavra que mais influenciava nas relações sociais e por isso os filhos da classe mais abastada economicamente eram incentivados a cursarem Direito para desenvolverem a capacidade do convencimento, da persuasão e da conquista. Estes eram os elementos mais importantes nas relações políticas do período colonial brasileiro.

No contexto, o curso de Medicina foi se estruturando na importância dada ao curso de Direito e também ao título atribuído aos seus bacharéis. Prática que se repete há três séculos depois. Portanto, se considerarmos os valores que ainda são atribuídos à formação do graduado em Medicina e a estranheza que a sociedade acadêmica em particular, ainda emana sobre a moda, certamente o doutorando Virgílio Mauricio da Rocha foi rotulado de insano por ter se interessado por uma temática que envolveu a moda e seus fenômenos nos plenos anos de 1920.

Infelizmente não consegui informações sobre o que de fato aconteceu, mas bem que tive vontade de ir até a biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro para investigar sobre essa tese.

O fato é que na época a pesquisa não foi divulgada e o estudante não ganhou destaque com o seu feito. De acordo com Claudia Bonadio, foi Gilda de Mello e Souza quem fez o marco em pesquisa de moda quando em 1950 escreveu o livro “O Espírito das Roupas – a moda do século dezenove” e se apropriou do vestuário para tecer a sua narrativa versando sobre ações ligadas ao corpo e aos modos da época como representação da distinção social.

Com efeito, ao mesmo tempo que traduz a necessidade do adorno, a moda corresponde ao desejo de distinção social. A maior parte das leis suntuárias atestam a intenção, entre os reis que a editavam, de manter as distinções de classe sobre as quais a sociedade repousava. As sedas, as peliças, as correntes de ouro, são privativas de certas camadas,

encontrando-se interditas às demais [...] apenas os príncipes e princesas podem vestir-se de carmesim; os gentis-homens e suas esposas só têm o direito de utilizar essa cor nas peças mais escondidas; às mulheres da classe média só é permitido o uso do veludo nas costas ou nas mangas; aos maridos, proíbe-se o seu emprego nas vestes superiores, a não ser que as inferiores sejam de pano; às pessoas que se dedicam aos ofícios e aos habitantes do campo, a seda é interdita, mesmo como acessório. (SOUZA, 1987, p. 47).

Diferentemente de tempos atrás, atualmente são tantas as pesquisas sobre moda que os pesquisadores Andrade Neto, Lívia Pereira, Marizilda Menezes e Paula Landim, em parceria com as Universidades Anhembi Morumbi-SP, PUC-RJ e UNESP de Bauru, sentiram-se motivados a fazer em 2012 um levantamento sobre tais pesquisas em todo o território nacional.

A mesma se estendeu além do eixo Sudeste-sul e apresenta um destaque para a produção científica das cidades do Nordeste, Fortaleza (Universidade Federal do Ceará-UFC) e Recife (Universidade Federal de Pernambuco-UFPE), embora revele que o Estado de São Paulo (Faculdade Santa Marcelina-FASM, Universidade Anhembi Morumbi-UAM e Universidade Paulista-UNIP) apontou o maior número de publicações.

Atualmente a moda é objeto de pesquisa científica em nível nacional e internacional e o curso de moda da UFC tem a sua cota de contribuição, na medida em que desenvolve pesquisas, promove publicações e se faz presente nos congressos, simpósios, seminários e colóquios sobre moda promovidos em todo o país.

O envolvimento do curso com a cientificidade da moda é tanto, que, em setembro de 2013, organizou o 9º Colóquio Internacional de Moda realizado em Fortaleza. O evento aconteceu no Campis do Pici da universidade, bem nas dependências do Instituto de Cultura e Arte (ICA) onde o curso está instalado fisicamente e vinculado institucionalmente sob a responsabilidade de um presidente e de um Conselho representativo que foi constituído pelos professores representantes de cada um dos cursos do ICA. Aliás, um fato importante desse episódio, é que o ICA foi inaugurado para este evento, ou seja, a moda ganhou definitivamente espaço físico na UFC e por tabela proporcionou ao curso o primeiro congresso de moda em Fortaleza. Com isso conquistou mais visibilidade frente aos demais cursos de moda do país e também da Universidade.

Compreender porque a UFC criou um curso para formar profissionais para trabalhar com a moda em Fortaleza, me estimulou também a querer saber como era a cidade e a sua relação com a moda no contexto sociocultural, político e, principalmente econômico da época. Considerando, que um curso superior fomenta expectativas na Instituição e que a população precisa corresponder.

Então, conclui que somente fazendo um estudo sobre Fortaleza é que poderia saber e compreender como a cultura de moda foi construída na cidade entre os anos de 1920 até 1989, quando a UFC deu início a seleção para a primeira turma do curso de Estilismo em Moda e também identificar os fatos históricos que justificaram a necessidade de ter profissionais especializados nesta área de conhecimento.

Afinal, se nos dias atuais o curso ainda é considerado novo e estranho, embora já tenha vinte anos como Curso de Graduação, dirá na década de 1980 quando as pesquisas sobre moda ainda expressavam uma condenação moral de seu objeto de estudo e até mesmo desprezo por ele (SVENDSEN, 2010). Outro fato que reforça o contexto da época reporta de que ainda não havia ensino de moda em Fortaleza. Então: Qual foi a receptividade do curso na própria universidade e na sociedade? Qual a relação da moda no contexto político, social e econômico da cidade? E quais os caminhos trilhados nesta história?

### 3 A CIDADE DE FORTALEZA E SUA RELAÇÃO POLÍTICA, SOCIAL E ECONÔMICA NA CONSTRUÇÃO DA CULTURA DE MODA

Para a Universidade Federal do Ceará, conseguir implantar um curso de moda em Fortaleza considero, que, primeiro foi necessário a cidade estar pronta para recebê-lo e em segundo, mostrar a necessidade desta formação no mercado de trabalho, ou seja, espaço para onde iriam os formados demandados pelo curso.

Por se tratar de moda do vestuário, o Setor Têxtil e de Confecções da cidade certamente era o local com garantia de emprego. Contudo, se tratava de uma formação completamente nova na cidade e também desconhecida por muitos, pois somente nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul tinham curso com essa abordagem.

Considerando que o curso iria promover o ensino de moda em nível superior, era fundamental alguns elementos: *i*) Fortaleza tivesse na sua cultura uma relação qualquer com a moda para a formação do estilista de moda, a qual o curso se propunha; *ii*) que a profissão fosse percebida pela comunidade estudantil apta, na época, a fazer um superior e; *iii*) que o curso fosse capaz de atrair a sua própria demanda. Por isso foi importante conhecer o contexto social, cultural e econômico da cidade nos tempos anteriores a criação do curso para também compreender como ele conseguiu ser implantado em uma universidade pública federal.

O estudo deste contexto partiu dos anos de 1920 quando a moda teve grande influência na mudança de comportamento e na estética das aparências das sociedades urbanas de todo o universo, em função da *Belle Époque*<sup>25</sup> que elegeu a beleza e a intelectualidade como elementos importantes na construção desta mudança. E apesar da primeira grande guerra (1914-1918) ter promovido tragédias

---

<sup>25</sup>A *Belle Époque* (expressão francesa que significa *bela época*) foi um período de cultura cosmopolita na história da Europa que começou no fim do século XIX (1871) e durou até a eclosão da Primeira Guerra Mundial em 1914. A expressão também designa o clima intelectual e artístico do período em questão. Foi uma época marcada por profundas transformações culturais que se traduziram em novos modos de pensar e viver o cotidiano. Foi também considerada uma era de ouro da beleza, inovação e paz entre os países europeus. Novas invenções tornavam a vida mais fácil em todos os níveis sociais, e a cena cultural estava em efervescência: cabarés, o cancan, e o cinema haviam nascido, e a arte tomava novas formas com o Impressionismo e a Art Nouveau. A arte e a arquitetura foram inspiradas no estilo dessa era, em outras nações, são chamadas algumas vezes de estilo "Belle Époque". Além disso, a "Belle Époque" foi representada por uma cultura urbana de divertimento incentivada pelo desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte, que aproximou ainda mais as principais cidades do planeta.

irreparáveis a história da humanidade, a “Bela Época”, que assim foi denominado porque promoveu a beleza como o elemento principal de um movimento que durou quarenta e três anos, foi capaz de manter os seus princípios pelos “quatro cantos do mundo”.

Depois das leituras feitas sobre o assunto afirmo que a *Belle Époque* corroborou para a humanidade se manter viva e também estimulada a enfrentar as consequências deixadas pela Grande Guerra. Pois o movimento havia plantado nas sociedades um novo modo de pensar e de viver o seu cotidiano. Incluindo-se também a sociedade fortalezense que aos poucos foi formando a sua cultura de moda, ao seu modo e a sua necessidade.

### 3.1 Formação da cultura de moda na cidade de Fortaleza

A cidade de Fortaleza, com o passar dos anos depois da *Belle Époque* foi absorvendo gradativamente os ditames do sistema da moda e na mesma velocidade foi também construindo uma cultura de moda na sociedade.

A prova desta construção e também da sua aceitação estar no *outdoor* de um dos eventos de moda mais importante da cidade – o Ceará Summer Fashion 30ª Edição/2014 (FIGURA 2).

Figura 2 – Outdoor da 30ª Edição do Ceará Summer Fashion 2014



Fonte: Fotografia tirada pela autora de um *outdoor* exposto na Avenida José Bastos em Fortaleza (2014).

De acordo com Pontes (2005), a moda chegou a Fortaleza como imposição aos costumes e a ordem social, ainda no início do século XIX, quando a cidade foi tomada por imigrantes e a vestimenta foi usada para definir a aparência da população através de um Código de Postura elaborado pelo o Estado.

O código tinha a finalidade de organizar e também de controlar a população pelas vestimentas e pelos costumes, ou seja, pelos modos e pela moda como bem disse Gilberto Freire na obra *Modos de Homens e Modas de Mulher* e, assim impedir que a pobreza se assolasse pelas ruas tirando-lhe a elegância e o glamour despojado pelas pessoas de posse que desfilavam pela cidade.

No artigo “Urbanização da sociedade cearense”, a autora, Maria Celia Lustosa da Costa mostra muito bem como a moda teve influência na ordem social da cidade de Fortaleza, ainda que por meio de uma legislação, ela direcionou o modo de vestir que condizia aos gostos da elite e dos países europeus.

A população migrante é forçada a submeter-se a essas normas determinadas pela legislação e pelo código de posturas. Estes exigem do homem do campo que chega para as feiras semanais, o respeito às normas urbanas (uso de roupa adequada, proibição do uso de ceroulas, proibição de banhos nus em açudes e riachos da cidade), e dos que chegam para fixar-se, a adaptação ao novo habitat e seus costumes. A legislação propõe-se a orientar, disciplinar o modo de vestir, de comportar-se na cidade. Para a população atingir este objetivo, o espaço tem que ser disciplinado, policiado. (COSTA, 1999, p. 105).

De certo modo, nesta época, a vestimenta foi usada para manter um padrão de cidadão desejado e garantir o asseio do próprio corpo dos sertanejos que vinham em busca de trabalho. Sem esquecer, é claro, que por trás disso tinha também o interesse do Estado em evitar as epidemias por conta da quantidade de pessoas que fugiam das grandes secas e que chegavam de diversas localidades firmando residência na capital cearense.

A elegância era trazida da Europa pelos ingleses que se instalaram como comerciantes pelas ruas do centro da cidade. Com eles, a diversidade de produtos de moda foi lentamente fomentando o consumo e ao mesmo tempo despertando também a vaidade das mulheres, com revistas que faziam alusão quanto aos modos de vestir e de manter a elegância e com os produtos que traziam do dito comércio estrangeiro.

Por esta veia, Fortaleza se urbanizou com clubes, praças, com o famoso Passeio Público e o Teatro José de Alencar. Todos para servirem de passarela nas

manhãs e tardes do cotidiano alencarino. E por eles passeavam homens e mulheres sempre em grupos separados, porém da mesma classe social.

As estratégias usadas na forma de urbanização da cidade começando por ambientes requintados, entre estes, os pontos de cafés, foi também com o propósito de proporcionar à classe mais elevada ambiência exclusiva e também de separá-la da população menos abastada economicamente.

De acordo com Alencar a cidade era revestida de preconceito e fazia questão de apresentar os seus sentimentos a toda a sociedade.

Fortaleza sempre fora uma sociedade preconceituosa, quase fechada. Esse preconceito era evidente até nos jardins públicos, onde as camadas da classe mais abastada podia misturar-se à classe média, nunca, jamais, à massa. (ALENCAR, 1980, p. 165-166).

Nesta época a moda como fenômeno social se reportava muito nos costumes dos fortalezenses, nos modos de viver imitados da Europa como sendo de valor e de fina elegância. Segundo Pontes (2005) e Alencar (1980) a cidade mostrava o gosto europeu, tanto nas vestes masculinas como femininas e também na arquitetura dos prédios que apareciam suntuosamente enfeitando as principais ruas da cidade (FIGURAS 3, 4).

Figura 3 – Mulheres passeando na Ala Chique do Passeio Público de Fortaleza (numa manhã de domingo de 1920)



Fonte: Garcia (2013).

Figura 4 – Teatro José de Alencar construído em 17 de junho de 1910



Fonte: Garcia (2013).

Observei na Figura 3 cita anteriormente, que a indumentária da época tinha artefatos que não condiziam com o clima de Fortaleza. No entanto, a moda fazia as mulheres se enfeitarem para mostrar valor social e poder econômico. Dando significado a classe social a qual pertenciam e promovendo o distanciamento das mulheres que não podiam acompanhá-las, nem de longa distância.

De acordo com Silva (2004), os passeios nas manhãs de domingo estimulavam a muda de roupas e o consumo destas aumentava a cada dia promovendo o crescimento do comércio de tecidos e de artefatos da moda como: chapéus, lenços, sapatos, bolsas, luvas, pós-compacto e meias masculinas e femininas importadas.

Ao mesmo tempo os passeios dominicais também proporcionavam às mulheres outras manifestações, principalmente, à oportunidade de mostrarem o corte de cabelo da moda e o padrão de beleza instituído pela cidade. Pois, ao contrário das mulheres europeias as fortalezenses precisavam ser gordas para se diferenciarem das mulheres retirantes da seca que chegavam a grandes números na cidade de Fortaleza.

A gordura corporal usada no início da década de 1920 sinalizava em Fortaleza a fartura, o poder e a asserção social. Por isso as mulheres de boa condição econômica e também da alta sociedade precisavam ter braços “roliços”, ombros arredondados e rosto com bochechas altas para mostrar que faziam parte de um grupo social elitizado e, portanto, de poder social elevado. De uma classe privilegiada que vivia muito bem o ócio.

Este padrão de beleza estava de certo modo ainda preso aos padrões da mulher do século XIX. Que segundo Lever (1989) vestiam roupas fartas em tecido para pesar ao corpo e mostrar que não nada faziam e que eram dependentes de mucamas. E para reforço da imobilidade ainda usavam espartilhos<sup>26</sup> e crinolinas<sup>27</sup> por baixo dos vestidos.

Desse modo os trajes e o padrão de biótipo das mulheres “ricas” de Fortaleza foram usados para representar as determinações da sociedade em dimensão formalizada pelos interesses políticos, econômicos e sociais da época (CIDREIRA, 2005).

As Figuras 5 (esquerda) e 6 a seguir, mostram a diferença entre a mulher europeia e a mulher fortalezense nos anos de 1920. Que embora estejam usando a mesma tendência pude perceber que as fortalezenses não seguiram o mesmo padrão de corpo ditado pela moda francesa.

---

<sup>26</sup>Armações em forma de saia feitas artesanalmente com crinas de cavalo trançadas (daí o nome). Usadas em baixo dos vestidos.

<sup>27</sup>Espartilho ou Corset era uma peça feita com barbatanas metálicas e amarração nas costas. Era usada com o objetivo de reduzir a cintura e de manter o tronco ereto, controlando as formas naturais do corpo e conferindo a ele mais elegância.

Figura 5 – Senhorita Alba Ramos Garcia (pessoa ilustre na época). Capa da Revista Ceará Ilustrado em 15 de fevereiro de 1925



Fonte: Silva (2004).

Figura 6 – Mulheres parisienses em 1925



Fonte: Mulheres...(2013).

Neste caso, especificamente, o biótipo das fortalezenses foi usado como o elemento de maior poder na representação social da cidade. E os artefatos, como elementos complementares, que junto ao biótipo representavam valor e poder na classificação social. E quanto mais gorda, tanto mais mostrava que vivia bem – assim era feita a leitura do corpo neste tempo<sup>28</sup>. Um fato importante é que esse biótipo só era exigido nas mulheres, pois aos homens era cobrado a elegância do corpo longilíneo.

As imagens reforçam a afirmativa de Souza (1987, p. 47) de que “não é sempre que a moda se enquadra dentro dos princípios estéticos da forma”, ela muda de acordo as necessidades e se adapta para atender a uma sociedade ou grupo, porém, continua ditando as regras e mantendo unidade em determinados pontos.

<sup>28</sup>Em conversa com o meu pai Francisco Rocha, nascido em 1923 ele afirmou que até os anos de 1960 a primeira preocupação de seus pais e dos pais de seus contemporâneos era saber se a namorada era magra. Pois as famílias tinham vergonha de um dos seus entes se relacionar com pessoas com este biótipo.

Neste contexto, em Fortaleza, a moda dos anos vinte foi adaptada aos interesses de uma sociedade que começava a se organizar e tinha muito forte a separação de classe como sustentação da base elitista.

Segundo Alencar (1980) a cidade tinha lá os seus preconceitos e fazia uso de mecanismos para manter esta ordem social, a qualquer custo – de um lado, os que tinham poder econômico e, do outro, a classe média e, abaixo desta, o “povão” que deveria sempre ficar no “seu lugar” e ainda, os retirantes separados de todos.

Silva (2004) em seus estudos da época mostra muito bem como a cidade cultivou esse preconceito usando a moda como um dispositivo social. Muito embora nem tudo pudesse ser seguido.

A estética magra não convinha à realidade da elite de fortalezenses, que tentava se diferenciar das camadas baixas atingidas pelas secas. As mulheres de elite buscavam se assemelhar ao padrão europeu mais no vestuário e no comportamento da moda que na estética da magreza, embora não cultuassem também as matronas. (SILVA, 2004, p. 95).

Neste contexto, a moda em Fortaleza seguiu as tendências das roupas e dos acessórios e os modos europeus. Quanto à aparência somente o corte de cabelo foi seguido. Com o corte chamado de *à la garçonne* elas também aderiam ao movimento higienista que promovia em meados dos anos vinte a saúde, a higiene e a beleza como sinônimos de civilidade e também de hábitos importantes para manter corpo saudável.

Porém, entre a moda e o comportamento da cidade ficava a Igreja Católica como instituição responsável em controlar a conduta social e a própria sociedade. E tanto foi a sua influência, que cabia aos padres da época, manter a moral e os bons costumes e até mesmo usar o espaço das cerimônias religiosas como local de exclusão aos que ousassem contrariar o Código de Postura e os princípios da própria Igreja. Principalmente se isso acontecesse por meio da moda, ou seja, com o uso de roupas que a Igreja abominava, ou cortes de cabelos que contrariassem os preceitos bíblicos. E quando alguém aparecia contrariando de algum modo os desejos da Igreja e o Código de Postura imposto pelo o Estado, os padres provocavam situações constrangedoras frente aos demais e acabavam conseguindo o que queriam porque a fé e os movimentos religiosos eram de valor inestimável as pessoas da elite. Como a tradicional missa das nove da manhã de domingo na Igreja do Patrocínio, localizada na Praça José de Alencar.

Sobre essa celeuma social, encontrei na obra “Do Recato à Moda: Moral e Transgressão na Fortaleza dos anos 1920” de Diocleciana Paula da Silva uma narrativa de quem viveu nesta época na página sessenta e um: *“Tinha um padre na igreja do Patrocínio que não dava a hóstia para as mulheres com vestido de alcinha”*.

De fato, a moda modernizou e mudou o comportamento social de Fortaleza. De acordo com Ponte (2001), a cidade passou a viver os chamados anos loucos durante os anos de 1920 e 1930 e fomentou o aparecimento de alfaiates e de modistas para atender os anseios da moda e com eles o consumo de tecidos. Pois tanto os homens como as mulheres andavam sempre muito elegantes. Assim, os alfaiates cuidavam das roupas masculinas e as modistas das roupas femininas.

Em 1926, Pedro Filomeno abre mais uma fábrica de tecidos, a fábrica São José, constituindo posteriormente um dos mais significativos grupos econômicos do Estado.

Mesmo com as secas recorrentes e as consequências da Primeira Guerra Mundial, as fábricas cearenses de tecidos sobreviveram e mantiveram-se em pleno funcionamento atendendo as demandas do Ceará e de demais localidades do país.

Segundo Nobre (2001), do ponto de vista econômico estas indústrias conseguiram enfrentar a crise em função de ter na época o Centro Industrial do Ceará – CIC, criado em 1919 para acompanhar e apoiar o desenvolvimento industrial do Estado. O mesmo proporcionava condições e aberturas políticas em nível estadual e nacional e tinha como missão cuidar dos interesses dos empresários e também promover o desenvolvimento industrial e o crescimento econômico do Estado. O mesmo era localizado na Rua Major Facundo, em uma das famosas esquinas da Praça do Ferreira.

[...] O projeto político do CIC deve ser visto como uma construção permanente de novos discursos e ações efetivas e apoiadas, ao mesmo tempo, em algumas diretrizes desenvolvimentistas (construção de grandes obras de infra-estrutura, desenvolvimento industrial, etc) [...] (ALBUQUERQUE, 2007, p. 32).

O CIC surgiu da vontade da classe empresarial fabril da cidade de Fortaleza. Embora na época a economia do Estado girasse mais em torno do comércio e de poucos banqueiros, a classe considerava fundamental criar um

centro para tratar de assuntos ligados as indústrias têxteis e de confecções, que apesar de tímidas em relação à atuação do comércio, precisavam de atenção especial porque apresentavam na época problemas de ordem administrativa e de produção.

No nível administrativo estas indústrias tinham maquinários obsoletos e, no nível da produção tinham baixo desempenho comparadas as demais indústrias do mesmo setor do país.

O fato é que a moda parisiense chegou a Fortaleza promovendo a abertura de lojas especializadas na venda de “miudezas” – como era chamada a variedade dos produtos oferecidos à sociedade fortalezense. Um dos mais antigos e conceituados estabelecimentos comerciais especializadas neste tipo de venda foi inaugurado no dia 1º de abril de 1924, na Rua Guilherme Rocha, nº 124, na Praça do Ferreira.

Com o nome de Crysanthemo o empresário Raimundo Guilherme Santos – vulgo o “Dico Guilherme” possibilitou as mulheres e aos homens da sociedade cearense o acesso de tudo o que existe de novidade na moda, fosse em perfume, talco, brilhantina, maquiagem, lenços de bolso e de cabelo, luvas, meias, meia-calça, gravatas e chapéus. Além de outras miudezas que movimentava o comércio do coração da cidade, como era chamada a Praça do Ferreira na época (FIGURA 7).

Figura 7 – Folheto propaganda da Loja Crysanthemo



Fonte: Garcia (2013).

Os produtos vendidos no estabelecimento Crysanthemo eram novidades trazidas de outros Estados e até mesmo de outros países e, promoviam a dinâmica do consumo que a moda precisava para existir. Em seguida foi à vez das alfaiatarias especializadas na fabricação de roupas masculinas de fino gosto, com roupas com acabamento de alta-costura e medidas personalizadas e exclusivas ao cliente. É certo que elas já existiam, porém, se mantinham discretas porque a moda ainda não tinha a dinâmica dos dias atuais, embora, já instigasse o sentido do “ser”, do “ter” e também do “parecer” elementos de sustentação da moda como um sistema e fenômeno social.

Prova disso é a Alfaiataria AMANCIO, de Amancio Holanda Cavalcante, localizada na Rua Pedro Borges nº 34, também, na Praça do Ferreira (FIGURA 8) que oferecia seus serviços de acordo com a moda. Confeccionando ternos em estilo executivo, com tecidos nobres como a tricoline, o tergal, a alpaca<sup>29</sup> e a seda. O panfleto foi publicado em 1931 e mostra tanto o corpo longilíneo como a elegância do terno e da indumentária usada na época (FIGURA 8).

Figura 8 – Panfleto da Alfaiataria AMANCIO



Fonte: Garcia (2013).

<sup>29</sup>Tecido suave, durável e de luxo feito com fibras naturais tiradas de Alpacas. A Huacaya, produz uma fibra esponjosa e macia, tem frisos naturalmente o que a torna um fio elástico e adequado para tricô. A Suri tem muito menos friso e, portanto, é indicada para fabricação de tecidos. Adaptado da Wikipédia (ALPACA, 2014).

De fato, os anos de 1920 a 1930 elegeram a elegância e o bem vestir como primazia na diferenciação social. Assim, os bailes, as praças e os passeios nas principais ruas urbanas do país foram palcos de desfiles e, até a música fez alusão a esta época quando o compositor carioca Noel Rosa, em 1930 gravou “*Com que roupa?*” mostrando quão importante era o vestir. Ademais, a poesia traz em si toda a representatividade da roupa no contexto social e o seu valor simbólico na sociedade.

*Agora vou mudar minha conduta  
 Eu vou pra luta, pois eu quero me aprumar  
 Vou tratar você com a força bruta  
 Pra poder me reabilitar  
 Pois esta vida não está sopa  
 E eu pergunto: com que roupa?  
 Com que roupa que eu vou  
 Pro samba que você me convidou?  
 Com que roupa que eu vou  
 Pro samba que você me convidou?  
 Agora eu não ando mais fagueiro  
 Pois o dinheiro não é fácil de ganhar  
 Mesmo eu sendo um cabra trapaceiro  
 Não consigo ter nem pra gastar  
 Eu já corri de vento em popa  
 Mas agora com que roupa?  
 Com que roupa que eu vou  
 Pro samba que você me convidou?  
 Com que roupa que eu vou  
 Pro samba que você me convidou?  
 Eu hoje estou pulando como sapo  
 Pra ver se escapo desta praga de urubu  
 Já estou coberto de farrapo  
 Eu vou acabar ficando nu [...]*

Para este fim todas as grandes cidades organizaram o seu comércio para atender as necessidades do vestir – agora vestir-se na moda – e Fortaleza organizou e concentrou as suas atividades comerciais bem no centro da cidade – na Praça do Ferreira. Porém, estudando a obra “Geografia Estética de Fortaleza”, de Raimundo Girão, compreendi que a Praça do Ferreira tinha como tradição ser o ponto de encontro da sociedade cearense e também o centro dos pequenos e grandes acontecimentos, por isso tudo acabava se dirigindo para o seu espaço.

Embora existissem outros pontos como a Praça do Carmo, na Rua Barão do Rio Branco e o Passeio Público, era na Praça do Ferreira que o movimento era mais intenso em função dos bondes elétricos que passavam transportando pessoas dos bairros até o centro da cidade. De fato, o embarque e o desembarque nos bondes promoveram esta movimentação até o ano de 1947 quando foram desativados.

Não deixou a Praça de ser a *feira* das quinquilharias materiais e das intelectuais, das bugingangas de artesanato ou das bagatelas de mediocridades afoitas, apregoadas na amplificadora da cabotínice. Feira, outrossim, de jóias verdadeiras – a do ouro ou da inteligência – feira democrática, onde o endinheirado se ombréia com o mendigo, a ignorância se nivela ao talento, o atarefado se mistura ao ocioso, a moral se iguala à sabugice, os falsários se confundem com os honestos e o dogmático se entende com o herético. (GIRÃO, 1977, p. 133).

Era sempre nas principais praças, como a Praça José de Alencar, Praça do Carmo, Passeio Público e Praça do Ferreira que a sociedade cearense mostrava o poder e a modernidade com os ditames da moda.

As mulheres procuravam se diferenciar pelo cabelo, vestidos e outros artefatos que surgiam como novidade e divulgavam suas presenças nas revistas da época, como “A Jandaia”, “Ceará Ilustrado” e “Ba-Ta-Clan”, promovendo “inchame” nos comércios da cidade.

Os homens mostravam estar na moda por meio do terno, mas, principalmente através do comportamento cavalheiro e gentil que imitavam dos imigrantes europeus chagados à Fortaleza.

Apesar das mulheres acompanharem muito bem a moda parisiense e de aparecerem bem mais do que os homens, foi o vestuário masculino com a chegada das alfaiatarias nos anos de 1920 e 1930 em Fortaleza, que primeiro apareceu como negócio de moda e se projetou no comércio da cidade.

O consumo de tecidos masculinos, como: o linho, a gabardine, a cambraia, o oxford, o risco-de-giz e o xadrez príncipe de gales, que eram os mais usados na época, bem como a tricoline, a alpaca, a seda e o tergal, fomentaram o crescimento do comércio e em 1950 foram inauguradas as Lojas Cruzeiro Indústria e Comércio Ltda., de Rubens Lima Barros. Com tecidos de todos os tipos e novidades para atender a elite da cidade.

Os homens nesta época já estavam todos envolvidos com as questões da moda e as alfaiatarias contribuíram com este comportamento. Como vemos na Figura 5 no anúncio da alfaiataria AMANCIO o destaque para a moda como uma referência forte sobre os valores da época.

SE quereis vencer na vida, sêde elegante, trajae bem, vestindo-vos na Alfaiataria AMANCIO - a especialista, a que possui o melhor sortimento no assumpto e a que dispõe de artistas competentes para executar com a maior perfeição qualquer modelo da recente moda. (GARCIA, 2013, p. 76).

Aproximadamente vinte anos depois o comércio de Fortaleza mudou a sua constituição e também a sua nomenclatura. Passou a vender roupas, além de miudezas e os estabelecimentos comerciais passaram a ser chamados de lojas, como as Lojas Cruzeiro que existiu até meados de 1950. Em 1957 foram vendidas para Agenor Costa que as transformou na Indústria de Confecções ROMAC e a cidade ganhou sua primeira indústria de *prêt-à-porter*<sup>30</sup> – a roupa pronta para vestir – e com ela uma produção de calça masculina que chegou a atingir até 2.000 peças por dia, em meados de 1958. Na época, Vicente Paiva era diretor e também proprietário.

Seis anos depois, em 1964, foi implantada no bairro de Parangaba, a grande indústria de confecções SARONORD S.A – Roupas do Nordeste de Fortaleza – confecções de camisas e calças masculinas. Com produção em grande escala e com padrões de medidas diversificados, agora em grade de tamanho: pequeno, médio e grande, conseguiu separar definitivamente no mercado o produto industrializado do produto confeccionado nas alfaiatarias. E somente em 1966 é que surge a primeira indústria de confecção de produtos genuinamente femininos – a Del Rio S.A, com produção de peças íntimas. No ano seguinte a Royale com outros tipos de peças do vestuário feminino, como: blusas, shorts, vestidos e outras.

Com a abertura destas indústrias o Governo do Estado passou a criar incentivos para o setor têxtil e de confecções promovendo a abertura de outras empresas para a fabricação de roupas masculina, feminina e de peças íntimas femininas.

---

<sup>30</sup>Do francês “prêt” (PRONTO) e a-porter (PARA LEVAR). Pronto para vestir e usar. Produção em série para baratear o produto.

- 1957– ROMAC S.A.- Confeccões de Fortaleza-confeccões em geral.
- 1964 – SARONORD-S. A. Roupas do Nordeste, de Fortaleza-confeccões camisas e calças.
- 1966 – Indústria Del Rio S.A., de Fortaleza-confeccões (femininas).
- 1967 – Confeccões Royale S.A., de Fortaleza – confeccões femininas.
- 1973 – Cidrão Vilejack S.A. Indústria e Comércio de Exportação, de Fortaleza – confeccões (tecidos de algodão e peças de couro para o vestuário).
- 1974 – Esplanada Confeccões do Nordeste S.A. Esplanada, de Fortaleza – Indústria de Confeccões (vestuário masculino).
- Ximenes Confeccões S.A., de Fortaleza – indústria de confeccões (vestuário masculino).

De acordo com Nobre (2001) estas seis indústrias, junto com outras dez ligadas diretamente ao ramo têxtil e de confeccões representam o início do setor Têxtil e de Confeccões como um setor de produção e comércio significativos para a economia do Estado e, se configuram, como o primeiro Distrito Industrial no Ceará com mais noventa e nove indústrias, tanto de fiação e tecelagem, como de confeccões, de curtimento de couro e peles, de extração de óleos vegetais e animais e de calçados.

Todas foram instaladas entre 1963 a 1979 nas mediações do bairro Barra do Ceará – bairro que deu origem as atividades industriais na capital cearense. Todas estas indústrias tinham o apoio incondicional do Centro Industrial do Ceará (CIC).

Com o passar do tempo outras indústrias foram chegando à cidade de Fortaleza e foram se organizando em Maracanaú – região metropolitana que se transformou no segundo Distrito Industrial do Estado, com indústrias de médio e de grande porte, com produção programada para atender a demanda de todo o país.

Estas indústrias tiveram o apoio do Centro Integrado Serviço Social da Indústria e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SESI-SENAI) para suprir as necessidades de capacitação de mão-de-obra e atendimento nas questões de saúde, de higiene e assistência social ao trabalhador e, por trás, a Federação das Indústrias do Ceará (FIEC) que na época, fazia o mesmo que o CIC no início das atividades industriais.

Até aqui deu para sentir como a cidade de Fortaleza foi se organizando na fabricação de roupas e também como foi sutilmente se construindo a necessidade de um profissional de moda no mercado. Ora, pois se em 1967 o Estado começou a produzir a roupa feminina em escala industrial, foi também neste exato momento que a necessidade de um estilista começou a apontar, isso considerando que a moda até os dias atuais continua sendo de interesse das mulheres, mais do que dos homens, apesar destes também sempre seguirem os ditames da moda. Porém, em escala e proporção inferior.

Agora só me restava saber como a cidade de Fortaleza trabalhou a moda no seu contexto político, econômico e social.

### **3.2 A moda no contexto político, econômico e social na cidade de Fortaleza**

Considerando que a roupa masculina, ainda nos dias atuais oferece poucas oportunidades para os apelos da moda, embora o segmento também siga as ditas tendências, mas é sempre às sombras das roupas femininas, ou seja, o segmento feminino é quem cria e sustenta a dinâmica da frivolidade da moda e o segmento masculino acompanha na medida em que o gênero aceita.

Segundo Simmel (2008), as mulheres fazem muito bem o uso da moda para acrescentar estímulo a si e à sua vida em detrimento a necessidade de aparecer ao outro. Portanto, nos termos, Fortaleza estava pronta para receber um estilista, considerando que a cidade tinha o consumidor feminino e tinha também a indústria para produzir em escala industrial – par perfeito para a dinâmica da moda.

A vaidade feminina de que George Simmel fala é aparente nas mulheres de Fortaleza muito antes do surgimento da indústria de confecção na metrópole. A Figura 2 apresentada na página sessenta e oito nos mostra essa verdade quando vemos mulheres da sociedade cearense à luz do dia, cobertas de panos e com indumentárias totalmente inadequadas ao clima e ao horário, porém, elegantes e fies a moda europeia porque a condição social clamava por isso.

Segundo Girão (1997), a vaidade das fortalezenses desfilava pela Praça do Ferreira, pelos Clubes e principalmente pelo Passeio Público nos dias de domingo. Com mais frequência no Passeio Público, tanto na época estes passeios foram batizados de “as domingueiras”.

Outro fator importante que favorecia na época à formação de estilistas, tanto no país, como em Fortaleza, foi a criação da Feira Nacional da Indústria Têxtil (FENIT) em 1958, pelo empresário Caio de Alcântara Machado. O evento tinha como objetivo promover a indústria têxtil no país. No entanto, o evento ganhou nova roupagem e acabou se transformando numa verdadeira passarela da moda, vez que as indústrias têxteis apresentaram seus tecidos nos modelos dos estilistas: Denner, Clodovil, Guilherme Guimarães e José Nunes. Profissionais que na época eram referência de moda no Brasil e, portanto, famosos para a sociedade brasileira, com mais requinte para a sociedade paulistana.

Com isso a feira foi ganhando representação de “*espaço da moda: do Brasil para o mundo*”. Embora tecidos e tecnologia para o setor têxtil e de confecções também fossem expostos, sem dúvida era a moda que ganhava significação.

A moda podia ter parado aqui. Mas não parou. E não vai parar nunca. A moda evolui constantemente, pois é reflexo dos costumes, atitudes e opiniões do momento. Por isso, é uma história sem fim. Alguns dos heróis dessa história, como Courrèges, Cardian, Dior, Denner ou Mary Quant, são nomes que dispensam apresentações. Dispensam agora – porque foram apresentados pelas revistas. Eles e suas máxias, mínis, pantalonas, shorts, hot pants. Mas as novidades continuam surgindo. A todo o momento. E as revistas continuam escrevendo a história da moda. Quebrando tabus. Abrindo caminhos. E até reproduzindo a moda de outras épocas. Para que você possa encontrar nas revistas de hoje a moda que você estará vestindo amanhã. (A MODA..., 1971, p. 82).

Segundo a Revista VEJA, a FENIT teve seus momentos de glória nas décadas de 1960 e 1970. Neste mesmo período o Ceará organizou o seu primeiro Distrito Industrial e a partir de então começou a expor seus produtos na dita feira.

Em 1974, ano da sua 18ª edição, o Ceará apresentou a SARONORD como a marca da roupa masculina que fazia a diferença. Pela chamada da propaganda no cartaz é possível observar que em Fortaleza ainda não havia uma frivolidade pela roupa masculina apesar do segmento já ter se manifestado nas passarelas. Pois nesta época a SARONORD produzia a roupa a calça e a camisa masculina social (FIGURA 9).

Figura 9 – Primeira Exposição do Ceará com marca masculina (SARONORD): 18ª Edição da FENIT/1974



Fonte: (A SORONORD..., 1974, p. 109).

As imagens da escultura de David feita por Michelangelo em meados de 1504 e a fotografia do Sr. Aristides são bem nítidas e a diferença de que fala o anúncio refere-se ao fato de o homem está despido ou está vestido, ao mesmo tempo em que sugere que as roupas da SARONORD tinham neste momento a função de diferenciação entre uma situação e outra. E apesar da mensagem da própria imagem o cartaz ainda trazia um texto.

Quanto ao primeiro – o David de Michelangelo – bem que tentamos, mas há quatro séculos que ele insiste em se apresentar sem calça e sem camisa diante de todos. Mas, o Aristides não. A SARONORD está vestindo o Aristides no seu stand da Fenit. Quatro unidades industriais no Brasil que trabalham na criação e produção, na qualidade, elegância e resistência de confecções masculinas. Vá conhecer os últimos lançamentos da etiqueta SARONORD, as diferenças essenciais entre esses dois cavalheiros de fato. (A SORONORD..., 1974, p. 109).

Apesar de a SARONORD ter se mostrado na FENIT, ficou claro que até o ano de 1974, especificamente no Ceará, o segmento de roupa masculina ainda seguia timidamente pelos caminhos da moda, como também que as peças ainda estavam presas a sua função social básica, de distinção do vestir e de distinção do próprio gênero, como bem disse o anúncio que “*David... insiste em se apresentar sem calça e sem camisa...*”, ou seja, completamente despido. Chamando a atenção da função milenar que a roupa tem – a função vestimentar.

Porém, reforça Renata Cidreira no livro *Os sentidos da Moda*, que essa função é muito básica diante de tantas outras que a moda se propõe. Por isso devemos dar um desconto considerando que ainda nos dias atuais a roupa social masculina segue as tradições e se mantém do mesmo modo de sempre, variando somente nas cores e nos tecidos. Como a SARONORD era especialista em roupa social, considero que foi um grande avanço.

De qualquer modo devo admitir que o Estado do Ceará foi bastante ousado quando se arriscou a mostrar a marca SARONORD pela primeira vez com um cartaz até impactante para o contexto da época, pois o Brasil vivia o apogeu do regime militar (1968 a 1974) e com ele uma forte repressão à censura na publicidade e propaganda, nas músicas e no cinema.

Outro fato importante a se observar no texto do cartaz refere-se à palavra “*resistência*” que ora, remete a durabilidade das roupas da SARONORD e ora a teimosia da marca por estar em um evento de moda de nível internacional. Apesar de tudo a marca foi pioneira no Ceará a expor a roupa social masculina na FENIT. Por isso prefiro acreditar na segunda opção, considerando que dá mais sentido ao momento vivido, vez que a palavra “*qualidade*” também usada no texto já contempla o atributo durabilidade.

Após a sua participação na FENIT a SARONORD fez grandes negócios no Estado do Ceará e nos demais Estados da federação, porém, teve suas atividades interrompidas quando sofreu um incêndio no dia 18 de janeiro de 1978 e nele a destruição de grande parte da sua estrutura fabril.

É possível que a SARONORD tenha se encorajado a expor na FENIT em função de no ano anterior, em 1973, os homens terem desfilado nas passarelas do mesmo evento e de igual maneira que as mulheres sempre fizeram.

A repercussão desse feito foi positiva e a Revista VEJA imediatamente publicou o seu parecer endossando a nova estratégia de marketing das indústrias cearenses: “Os homens que até então eram um mero elemento do cenário dos desfiles, transformaram-se nos senhores das passarelas. Evocando a hegemonia da preocupação com a moda.” (OS HOMENS..., 1973, p. 57). Tem início então à frivolidade da moda no segmento masculino e com ela a sua efemeridade, também.

De acordo com o Instituto de Desenvolvimento Industrial do Ceará (INDI), com a FENIT o Setor de Confecções do Estado se projetou muito bem e consagrou na sua história os anos de 1970 como os mais promissores, tanto que conseguiu assumir a posição de II Polo de Confecções do país. Porém, em 1979 tem início uma grande estiagem e também uma crise no setor. O tempo “*ruim*” como assim foi chamado na época, que se estendeu até 1984 provocando desequilíbrio político, econômico e social no Estado.

Apesar da estiagem e das dificuldades que o Setor de Confecções enfrentava o Ceará novamente foi à FENIT para apresentar a sua capacidade de criação e produção do jeans. Desta vez a chamada para exposição foi mais ousada e direta: “*O Ceará está na moda. Venha vê-lo na FENIT*”. E no ano seguinte, na 26ª FENIT, o Estado conquistou um espaço maior e mais estratégico para a feira para os negócios.

O mesmo ocupava duas ruas do evento, a rua L-14 e rua M -15 do Pavilhão Anhembi Morumbi, formando a ILHA CEARENSE, onde se concentraram todos os expositores do Estado (O GOVERNO..., 1981, p. 105). E ao que parece essa conquista presentava muito no evento, tanto em relação a sua posição geográfica no espaço da feira como, a área fisicamente ocupada e principalmente pelo o seu significado. Pois o Ceará naquele momento mostrava-se importante ocupando uma área nobre no Parque Anhembi Morumbi na capital do Estado que representava o termômetro da economia do país.

A progressão do Ceará na FENIT foi muito bem acompanhada pela Revista VEJA, pois as reportagens promovidas por esta e publicadas na época mostram a importância da presença do Estado no dito evento de porte nacional. As figuras 10 e 11 a seguir, são testemunhas da própria história.

Figura 10 – Ceará na 25ª FENIT/1980

**O Ceará está na moda. Venha vê-lo na Fenit.**

As empresas componentes da Associação da Indústria de Confeções apoiadas pela Secretaria de Indústria e Comércio estadual, de forma conjunta, mostrando seus produtos em uma verdadeira "ilha" cearense dentro do Anhembi.

Shows e desfiles estão programados, para você sentir a força de uma indústria que cria e recita e que colabora, de forma definitiva, para que o nome do Ceará corra o mundo, vestindo as pessoas.

**Secretaria de Indústria e Comércio.**

**O CEARÁ ESTÁ NA MODA**

ASSOCIAÇÃO DA INDÚSTRIA DE CONFEÇÕES DO CEARÁ  
 ANA LÚCIA MODAS • CLEVER • COLEMI  
 FRANCO • MILANE • MANDUCA PAULA •  
 ROYAL • CAKE • RON'S •  
 ROYALE • SANNY • SAROMOND  
 TIL • VILJEICK • XIMENES

Fonte: (O CEARÁ..., 1980, p. 102).

Figura 11 – Ceará na 26ª FENIT/1981

**O GOVERNO DO CEARÁ ESTÁ SEMPRE ENCONTRANDO NOVOS CAMINHOS PARA AS INDÚSTRIAS DE CONFEÇÕES.**

Rua L-14

**"ILHA CEARENSE"**  
26ª Fenit

Rua M-15

Quem percorrer as ruas da 26ª Fenit, o chegar à "ilha cearense", vai logo notar que as indústrias de confecções em funcionamento no Ceará estão seguindo os caminhos do sucesso.

Com desfiles e exposições de uma enorme variedade de produtos, desde o jeans à roupa social, do vestido artesanal ao prêt-à-porter, estas empresas estarão mostrando, para quem quiser ver, a consagrada vocação do Estado, em criar, desenvolver e ditar moda.

Mas se hoje seguem estes caminhos, é porque confiaram num outro, aberto em 1976 a implantação do III Polo Industrial do Nordeste, que dava ênfase à criação do Polo Têxtil e de Confeções.

E uma vez lá instaladas, passaram a aproveitar todas as vantagens oferecidas pelo Estado, tais como alagado abundante de primeira qualidade, larga disponibilidade de mão-de-obra qualificada e barata, e posição geográfica privilegiada do Ceará, recistente dos principais mercados consumidores do mundo inteiro.

Além disso, também puderam contar com os benefícios de uma completa infraestrutura, com o total apoio dos Governos Estadual e Federal, com o maior elenco de incentivos fiscais e financeiros do País e, ainda, com uma estrutura organizacional com poder de decisão, representatividade e flexibilidade, que permite uma sensível simplificação dos procedimentos burocráticos.

Agora, na 26ª Fenit, todas as indústrias de confecções cearenses, por nascimento ou por adoção, vão ter mais uma grande oportunidade de mostrar, para o País inteiro, seus melhores resultados.

O que, sobretudo, mais uma prova do empenho do Governo, no sentido de colocá-las no bom caminho: do fortalecimento, da inovação, do progresso.

**III POLO INDUSTRIAL DO NORDESTE**

**POLO TÊXTIL CEARENSE**

**ESTADO DO CEARÁ GOVERNO VIRGÍLIO TÁVORA**

Fonte: (O GOVERNO..., 1981, p. 105).

A ilha, como era chamada, atraía a atenção dos demais expositores e dos visitantes. Ademais, a matéria da Revista VEJA fazia um elogio ao governador Virgílio Távora, que estava à frente do Estado desde 1978 com Manoel de Castro como vice.

De acordo com Muniz (2007), o início da década de 80 no Ceará foi muito difícil. A população sofria com a estiagem que já durava um ano e o Estado passava por uma transição política complicada que foi provocada por manifestações de sua estrutura econômica e social. Em verdade, todo o país sentiu o impacto dessa década e algumas empresas do setor chegaram a encerrar definitivamente as suas atividades por falta de capital.

A década de 80 não foi um período promissor para as 5.469 empresas têxteis e de confecções como na década anterior. O baixo desemprego do período deveu-se ao crescente processo inflacionário e as obrigações do Estado brasileiro com pagamento de dívida pública. (SILVA, 2011, p. 174).

Em relação à estiagem os cearenses encararam como "falta de sorte", pois na década de 1970 o Estado havia recebido recursos dos fundos de investimento da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE)

para ajudar a impulsionar o parque fabril, inclusive a SARONORD foi beneficiada. Porém, a crise afetou o setor porque associado ao fenômeno natural tinha também a questão política que implicava até mais do que os problemas climáticos.

Apesar de todo o universo de indústrias têxteis e de confecções existentes no Ceará, até os anos de 1980 o setor de confecções do Estado ainda não tinha referência de produtos de moda porque o artesanato era muito usado na composição das peças e com isso o aspecto regionalidade se sobressaía.

A maior concentração de lojas com o comércio de roupas ainda era no centro da cidade, apesar de Fortaleza já ter na época um shopping – o “Shopping Center Um” e algumas lojas de roupas, as chamadas boutiques, distribuídas pelo bairro Aldeota. Porém, este tipo de comércio de natureza desconectada não promovia a cultura de moda na cidade, vez que o consumo acontecia de forma isolada. E algumas peças, principalmente as comercializadas no centro da cidade, carregavam em si a regionalidade e a responsabilidade de ter a “cara do Ceará”, ou seja, o artesanato como ícone da região. Este estereótipo favoreceu bastante o processo de criar a identidade do Estado frente aos demais Estados da federação e até fortaleceu a sua relação com o turismo, porém, não foi suficiente para sustentar um setor que se propunha a produzir em grande escala e a atingir consumidores nacionais e internacionais com roupas seguindo as tendências da moda.

A partir de então o Governador Virgílio Távora com os demais órgãos de fomentos do Setor Têxtil e de Confecções de Estado, elaborou uma estratégia que foi capaz de construir uma referência de moda em Fortaleza. Para isso criou em abril de 1981, junto com os empresários Manoel Silva Holanda e Mana Holanda (esposa), o primeiro festival de moda da cidade, denominado de Festival de Moda de Fortaleza (FMF), promovendo definitivamente a cultura de moda na metrópole e em médio prazo também nas cidades das demais regiões do Estado e Região Nordeste.

Com o FMF, o pátio do Maraponga transformou-se em um grande Centro Comercial de roupas com lojas de “marcas” e uma logística de venda viabilizada por corretores de moda. A partir de então todos os anos a cidade de Fortaleza passou a viver uma semana de moda, com desfiles e notícias que circulavam por toda a metrópole (FIGURA 12).

Figura 12 – Desfile do FMF em 1981



Fonte: (A HISTÓRIA..., 2014).

A partir de então o evento passou a acontecer sempre no mês de abril e usar como estratégia na sua abertura um grande desfile de moda das marcas expostas no FMF. Geralmente as peças são vestidas por personalidades importantes do ano, atores que fazem sucesso e promovem audiência na novela “das oito”<sup>31</sup> transmitida pela Rede Globo, sejam eles principais ou coadjuvantes e, também por modelos que estão em evidência midiática no período da feira.

Todos os profissionais que desfilam durante a feira são pagos pelos expositores e organizadores do evento. Nas demais noites depois da abertura os desfiles continuam produzidos por modelos locais.

Apesar de o Festival de Moda de Fortaleza ter proporcionado grandes oportunidades de negócios para a cidade e para o Ceará, Vicente Paiva, na condição de presidente da Associação das Indústrias de Confeções do Ceará (AICC) considerou certa vez no jornal Diário do Nordeste que criar o FMF foi uma ação movida pela ação do que vinha acontecendo com os demais setores da economia com “as repercussões do plano de estabilização econômica” que o país passava:

[...] O fato de o FMF ser o primeiro evento de moda nesse novo governo não é visto pelo presidente da associação como um ato de heroísmo. Ele argumenta que assim como os demais setores informais e formais da

<sup>31</sup>A novela global “das oito” como é chamada popularmente e transmitida pela Rede Globo após a exibição do Jornal Nacional, em horário nobre e atinge ao público formador de opinião e consumidor em potencial.

economia sentiram as repercussões do plano de estabilização econômica em seus caixas, a indústria da moda não ficaria de fora desse processo. “Se o Brasil está triste, estamos também: temos que reaquecer o mercado e dar continuidade aos nossos projetos” [...]. (FEIRA..., 990).

Na mesma época em que foi lançado o FMF, estava à frente do CIC – Centro Industrial do Ceará, Amarílio Proença de Macedo, eleito no dia 17 de janeiro de 1980 e, como representantes do setor de confecções estavam José Sérgio de Oliveira Machado da empresa Villejack Jeans como Vice-Presidente e Benedito Clauyton Veras de Alcântara (Beni Veras) da Guararapes como membro do Conselho Fiscal (MUNIZ, 2007).

No dia 15 de setembro do mesmo ano, Tasso Jereissati assume a presidência para o biênio 1981-1983, Sergio Machado continuou Vice-Presidente e Beni Veras passou a ser o suplente.

O Centro Industrial do Ceará (CIC) sempre teve forte influência política junto a FIEC, tanto que era até considerado o “braço político” da organização, por isso era importante que ele estivesse apoiando o FMF e que nele o Setor de Confecções também tivesse seus representantes.

No caso, Beni Veras como filho do alfaiate Osvaldo Farias Alcântara e homem experiente no ramo de confecções promoveu conquistas para o setor. Na mesma época era também presidente da Guararapes (sede Fortaleza) e tinha acabado de deixar a presidência e a diretoria comercial da SARONORD.

A estratégia do Governador Virgílio Távora deu certo. O FMF de fato criou na cidade de Fortaleza uma mudança de comportamento de consumo no Setor de Confecções e com ele a cultura de moda que na época foi à salvação para um setor que passava uma grande crise junto à instabilidade política do país, como bem afirmou Vicente Mendes de Paiva representante oficial das indústrias de confecções em entrevista ao jornal Tribuna do Ceará publicado no dia 23 de maio de 1987.

[...] A instabilidade política e econômica do momento é um dos grandes fatores geradores da crise no mercado de como um todo na economia do País. O setor de confecções espera que as lideranças encontrem tranquilidade política e consequente estabilidade econômica, para que os empresários possam programar suas atividades em médio e longo prazos. Não obstante, diz Vicente Paiva, a indústria cearense, com todos os percalços existentes os empresários não desanimam diante das dificuldades e cita o exemplo de que o setor cresceu 40 por cento nos três anos de recessão anteriores ao cruzado.

No momento atual, para vencer as dificuldades existentes, a Associação recomenda aos associados que se mantenham unidos nas reivindicações de apoio financeiro e que possam se organizar na busca de mercados e manter o espaço ocupado. Uma receita para combater a crise segundo Vicente Paiva é investir na criatividade, na criação de novos produtos e minimizar os estoques. Voltar a criar um marketing de agressão ao mercado que se coadunem as características da região [...]. (CONFECÇÕES..., 1987).

Apesar de toda a crise, conclui que o setor era organizado e foi se fortalecendo a partir da união dos empresários associados à Associação das Indústrias de Confecções do Ceará (AICC) e do apoio incondicional do Sr. Vicente Paiva, presidente da mesma na época. Juntos conduziram a situação de modo otimista.

Na mesma entrevista publicada pelo jornal Tribuna do Ceará no dia 23 de maio de 1987, Vicente Paiva deixou a situação às claras e mostrou como os empresários se organizaram para sobreviver e também para manter a visibilidade do Estado no país, embora conscientes de que eles atravessavam a década que foi considerada a mais difícil para o setor.

[...] A Fenit da qual participarão cerca de 70 expositores, não será um sucesso nos negócios, mas servirá como um parâmetro para medir o comportamento do mercado no restante do ano. A Feira da Moda de Fortaleza, realizada no mês passado não teve o sucesso esperado pelos empresários do vestuário, em razão de certos fatores negativos, como a organização e a montagem da feira. Mesmo que não sejam realizados bons negócios na Fenit, a indústria e confecções sente necessidade de participar para avaliar e ter parâmetros para o desempenho no segundo semestre [...]. (CONFECÇÕES..., 1987).

De acordo com o Jornal Diário do Nordeste, no ano de 1989, o Ceará foi homenageado na FENIT, justamente pela sua garra e determinação. A iniciativa foi da Alcântara Machado, empresa de propriedade de Caio de Alcântara Machado fundador da feira em 1958 e imediatamente teve repercussão midiática de longo alcance.

Na ocasião, acontecia também a Feira Nacional da Tecnologia (FENATEC) a Feira Nacional do Calçado (FRANCAL) e a Feira de acessórios e artefatos de moda (BIJOUX). Representava o Estado, o Governador Tasso Jereissati e Vicente Paiva.

Com esta homenagem o Ceará gerou mais crédito frente aos demais expositores da feira e saiu do evento mais confiante devido à visibilidade dada pela

imprensa de todo o país com a chamada da notícia: “**Fenit - Ceará sempre na passarela do sucesso**” feita pelo jornal Diário do Nordeste. E na sequência depoimentos relevantes sobre o posicionamento que o Estado tinha, naquela ocasião.

[...] também amplia-se a história da moda. Primeiro pela homenagem bonita da Alcântara Machado aos “10 anos de Ceará na Fenit”, festa que reuniu como centro dois homenageados: governador Tasso Jereissati e presidente da Associação de Confeções – Vicente Paiva, ambos cercados pela classe empresarial, expositores da Fenit e jornalistas. São dez anos de trajetória árdua onde, segundo o próprio Caio A. Machado, o Estado, através de Vicente Paiva brigou, reivindicou e venceu. Basta ver que começou ocupando uma área de 60m<sup>2</sup> [...]. (FENIT..., 1989).

A declaração do Caio de Alcântara Machado traduz que o espaço de ocupação do Ceará na FENIT era, naquele momento, um forte indicador do seu próprio crescimento frente aos demais concorrentes expositores.

Considerando que a sua ocupação em 1974, quando expôs a primeira vez foi de 60m<sup>2</sup> e, em 1981, já ocupou duas ruas do pavilhão, uma em frente à outra formando uma ilha só com produtos cearenses, fez jus ao provedor da homenagem usar o espaço de ocupação do Ceará na feira como referencial de desenvolvimento e de crescimento do Estado no evento.

Na mesma ocasião a presidente do Sindicato de Confeções Femininas do Ceará, Glaucia Mota também manifestou uma homenagem a Helena Castilho Editora da Revista Toda Moda, em gratidão pelo trabalho de divulgação midiática das coleções de roupas produzidas pelos confeccionistas cearenses.

De acordo ao Jornal Diário do Nordeste essa homenagem gerou ainda mais movimento na feira e deixou o Ceará completamente em evidência frente aos demais expositores. Assim, o ano de 1989 foi de fato, o ano de maior destaque para as indústrias de confeções do Estado.

Outro efeito dessa homenagem repercutiu diretamente nos profissionais da imprensa fomentando para o setor futuras divulgações. Sobre esta questão posso até afirmar com base nas leituras de reportagens da época, que essa homenagem foi planejada como uma atuação do marketing cearense, como uma forma de fortalecer as relações com editores e repórteres.

O fato é que, o destaque dado ao Ceará naquela ocasião da feira e a homenagem promovida pela a sua trajetória “árdua”, constituíram dois atributos que promoveram ganhos para os empresários do setor de confecções do Estado.

De um lado, o Governador se conscientizou da importância do evento para a sobrevivência do setor e, do outro, os empresários expositores e demais visitantes tiveram a certeza da capacidade dos empresários cearenses que levaram para a feira com uma coleção que poderia vestir homens e mulheres de todo do país. Isso gerou um marketing positivo ao Estado e os empresários saíram da FENIT de 1989 na certeza de que se ampliava a moda no Ceará. E passaram a apostar no FMF que continuou abrindo espaço para a moda, ano após ano.

Neste ínterim, existia uma forte intenção de criar em Fortaleza e em médio e longo prazo também em todo o Estado do Ceará, uma cultura de moda. Isso era fundamental para fazer a população perceber a dinâmica promovida em torno da moda, querer acompanhar as suas tendências e por tabela, promover o consumo de roupas na cidade. Somente assim o Setor de Confecções poderia se sustentar e criar condições competitivas com os demais Estados produtores de roupas do país. Fato que justifica a criação do FMF em 1981.

No ano de 2013 o festival promoveu durante os dias 21 e 26 de abril a sua 32ª Edição com a participação das 330 marcas integrantes do centro comercial Maraponga Mart Moda e recebeu em média 15 mil visitantes.

Seguindo mais uma vez a tradição de atrair ao público com celebridades, nesta edição o FMF, com o tema “As Cores de Abril”, trouxe para a passarela o ator global (Rede Globo) Oscar Magrini, que no mesmo período do evento atuava como ator principal na novela Salve Jorge, a denominada novela das “oito” que geralmente têm maior audiência na própria emissora. Mesmo não sendo modelo profissional, o ator representava muito naquele contexto.

Outra celebridade que desfilou na abertura do evento junto com Oscar Negrini foi Marcello Soares que também fazia sucesso em programa da mesma emissora. O jornal o Estado publicou a foto dos dois marcando a abertura do festival (FIGURA 13).

Figura 13 – Desfile de abertura da 32ª FMF em 2013



Fonte: (ECONOMIA..., 2013).

De acordo com o jornal Diário do Nordeste mais uma vez o evento criou uma expectativa de negócios que movimentou toda a região Norte e Nordeste e fez o seu prognóstico antes mesmo de terminar o FMF/ 32ª /2013.

Este ano o evento recebeu investimentos da ordem de R\$ 1 milhão – R\$ 200 mil ou 25% a mais em comparação com o ano passado quando foram aplicados R\$ 800 mil para a realização da feira. A expectativa, segundo a organização do evento, é receber pelo menos 12 mil compradores, prioritariamente de estados das regiões Norte e Nordeste, que representam 70% dos negócios efetivados na Feira, Dentre os fabricantes e expositores do evento 85% são do Ceará. (FMF..., 2014a).

Atualmente o FMF promove uma movimentação que circula muito dinheiro e proporciona aos confeccionistas do Estado do Ceará e dos demais Estados da Região Norte e Nordeste uma referência de venda, vez que acontece sempre no mesmo período do ano. Além do mais tem toda a mídia a seu favor proporcionando divulgação e propaganda das marcas e o apoio do Governo do Estado e do Sindicato dos Corretores de Moda (SCM) para promover a circulação dos compradores na semana do festival e depois desta por meio de seus associados.

Devo esclarecer que no ano de 2013 a imprensa midiática divulgou que o FMF promoveu a sua 33ª Edição, no entanto, considerando que em 1981 foi o lançamento da primeira Edição e que desde então aconteceu todos os anos, matematicamente é inevitável que em 2013 tenha acontecido a sua 32ª edição, por isso nos parágrafos anteriores cito como a 32ª Edição e como 33ª como foi divulgado nos jornais locais, O POVO e Diário do Nordeste.

No ano seguinte, em 2014, entre os dias 22 a 25 de abril o FMF com o tema “Essa moda é nossa”, promoveu mais uma edição com sucesso absoluto confirmando assim as projeções feitas anteriormente por Saulo Varela diretor administrativo-financeiro do Maraponga Mart Moda provedor do evento.

Se calcularmos que cada uma das 330 marcas empregará três pessoas, e só multiplicar que chegaremos próximo de mil empregos. Isso estimando por baixo, pois a maioria das marcas trabalha com mais de três profissionais no evento. [...] O FMF lança a moda para os próximos três meses. Então, esses lojistas, que vem em busca de novos produtos para os seus empreendimentos também vão gerar novos negócios. Isso não dá pra calcular. O que dá pra estimar é um crescimento em torno de 15% no faturamento dos nossos lojistas com as vendas durante o festival. (FMF..., 2014b).

A primeira Edição do FMF aconteceu no Pátio Maraponga localizado na Rua Francisco Glicério no bairro de mesmo nome do centro empresarial, local sede do evento até os dias atuais.

Na época o espaço era ocupado por uma exposição permanente de móveis fabricados pela “Holanda Industrial” de propriedade de Manoel Holanda. Tal fato foi lembrado pelo jornal O Estado quando ele, Manoel Holanda foi homenageado pela Associação Comercial do Ceará (ACC) em primeiro de maio de 2013 por ser considerado um empresário que faz parte da história econômica do Estado.

As notícias de jornais e revistas da época mostram que o FMF foi de fato uma excelente estratégia do Governador e dos demais órgãos de fomentos ligados à indústria têxtil e de confecção do Ceará. Pois o mesmo foi lançado em 1981, no ano seguinte, logo após o Estado ter se projetado tão bem na 25ª FENIT em 1980 e também causado uma excelente impressão aos demais confeccionistas do país (O CEARÁ, 1980).

O evento foi um sucesso e no mesmo ano, o Ceará ganhou mais espaço na 26ª FENIT, melhorando a estima dos confeccionistas do Estado.

De acordo ao Instituto de Desenvolvimento Industrial do Ceará (INDI), apesar da crise o Setor têxtil e de Confecções se desenvolvia bem, porém, sofreu outro impacto no dia 8 de junho de 1982, terça-feira às 2h45min, quando um acidente com o voo de nº VA 168/Boeing 727-200 da – Viação Aérea de São Paulo (VASP), com destino São Paulo – Rio de Janeiro – Fortaleza se chocou contra a

Serra de Aratanha<sup>32</sup> e provocou a morte de 137 pessoas, entre elas os 17 empresários do Setor Têxtil e de Confecções que vinham da 27ª Edição da FENIT.

Entre os empresários cearenses estava Maria Gladys Accioly proprietária da GBS Comercial de Confecções LTDA-ME, importante empresa na época. Além destes, conta na lista de passageiro publicada pela própria aviação, o nome do empresário Edson Queiroz (35º na lista) que apesar de não ser do mesmo setor da economia tinha forte influência no desenvolvimento e crescimento econômico do Estado e, portanto, fazia parte da elite empresarial. E ainda o cearense José Erimar de Freitas, natural de Morada Nova que viajava a trabalho como Engenheiro de Bordo-Base São Paulo-SP (FALHA..., 1982).

É importante informar que a quantidade de passageiro diverge entre uma fonte e outra. A revista VEJA e o jornal Tribuna do Ceará, dias depois do acidente publicaram que foram mortas cento e trinta e sete pessoas entre passageiros e tripulantes.

A própria companhia também confirmou esta quantidade quando apresentou a ficha técnica do voo com cento e vinte e oito passageiros e nove tripulantes e “zero” sobrevivente. Porém, considerando que “à história está no centro das controvérsias” (LE GOFF 1990, p. 165) a partir dessa divergência de números fui à busca de mais informações e descobri os nomes dos passageiros. Na lista dos mortos constam cento e trinta passageiros e nove tripulantes, portanto, dois passageiros a mais. O que não dá para definir é quem de fato a VASP se esqueceu de contar quando publicou a lista de passageiros na ficha técnica do voo 168.

De acordo com as informações da Revista VEJA lançada no dia 16 de junho, oito dias depois da queda do avião, o acidente até aquele momento, representou uma das maiores tragédias na história da aviação brasileira. Tão grande foi a sua proporção que a VASP anunciou que a partir do dia 8 de junho de 1982 a companhia dava início ao seu fim. Porém, o que muitos não sabiam é que junto a esta triste história se agravava ainda mais a crise no Setor Têxtil e de Confecção do Ceará. Considerada até agora como a pior crise em toda a sua existência.

---

<sup>32</sup>Situada na cidade de Pacatuba, localizada na região metropolitana de Fortaleza. Distância de 25 km da capital cearense. (PACATUBA, 2014).

Para Vicente Paiva – Presidente da Associação das Indústrias de Confeções do Ceará (AICC) na época, o acidente com o Boeing 727-200 da VASP foi mais do que uma tragédia aérea. Segundo ele foi mesmo um golpe para o Setor de Confeções.

[...] É o mais duro golpe num setor que crescia e transformará o Ceará no maior polo de confeções do país”, lamentou o presidente da Associação das Indústrias de Confeções cearense, Vicente Paiva, referindo-se a morte de dezessete empresários têxteis de Fortaleza. (FALHA..., 1982, p. 22).

De acordo as leituras dos artigos e notícias da época, o acidente do voo 727-200 da VASP além de ter causado aos cearenses uma grande comoção também dividiu a história econômica do Estado em dois períodos – antes e depois do acidente em função das perdas.

O grupo Empresarial Edson Queiroz perdeu o seu representante aos 57 anos de idade – o Chanceler Edson Queiroz e, o Brasil perdeu o representante do 240º Grupo Econômico mais importante do país, na época com 10.000 empregados distribuídos nas 27 empresas, entre estas a Universidade de Fortaleza (UNIFOR), que apesar de ser uma instituição de ensino, representava também um empreendimento do grupo e contava na época com 11.000 alunos. Por tanto, o Ceará perdeu um dos maiores empreendedores de todos os tempos.

Os dezessete empresários que faleceram juntos ao Chanceler tiveram suas empresas abaladas pela a tragédia, pois com eles vinham todos os negócios realizados na Edição de nº 27 da FENIT. E a partir de então estas empresas tomaram rumos diferentes e algumas até abriram falência com a ausência de seus representantes.

Naquele ano o setor realmente não conseguiu honrar os seus compromissos com a entrega dos produtos, pois junto com os empresários se foram também às encomendas, os pedidos e os negócios feitos na feira.

De acordo aos depoimentos do Presidente da Associação das Indústrias de Confeções do Ceará (AICC) feitos à Revista VEJA no mês em que aconteceu o acidente, a tragédia aérea provocou grandes prejuízos às indústrias do setor, além do desgaste da imagem do Estado que vinha se projetando muito bem com a sua participação nas feiras anteriores.

O fato é que, para um setor que tentava se recuperar de uma crise, essa perda realmente provocou um atraso diante do ritmo que se desenvolvia e tanto foi o seu impacto que a mesma ficou gravada na memória dos cearenses, mais precisamente dos que estavam ligados ao Setor de Confecções.

Depois dessa fatalidade, mais uma vez o Ceará precisou criar estratégias para não se afundar de vez. Pelo visto não foi somente Vicente Paiva quem viu o desastre aéreo como uma grande derrota para o Setor de Confecções do Estado. Em entrevista com a professora Lígia Fideles de Souza ela por duas vezes mencionou o ocorrido, com grande pesar.

O desastre com o boeing da VASP em 1982, no qual faleceram os maiores industriais de confecção do Estado ajudou o setor a decair. Algumas dessas indústrias foram desativadas, seguindo-se da crise no setor e da crise na economia brasileira [...].<sup>33</sup>

Segundo o Instituto de Desenvolvimento Industrial do Ceará (IDIC), rapidamente medidas foram tomadas, entre elas a modernização das indústrias e a qualificação de mão-de-obra. Em paralelo o apoio do SEBRAE com projetos que foram estendidos às pequenas e micro empresas da capital e das cidades do interior do Estado. Contudo, neste mesmo ano o setor passou por sérios problemas, e de tantos, os anos 80 foram considerados pelos representantes do Estado como a “década perdida” da economia cearense.

Para além dessas medidas, o Governador Virgílio Távora procurou outra medida ainda mais efetiva que viesse de fato promover a sustentabilidade das indústrias de confecções e, por tabela, das indústrias têxteis do Estado, considerando que o Ceará tinha a tradição da produção de tecidos desde 1884 quando Thomás Pompeu de Souza Brasil e Antônio Pinto Nogueira Acioly fundaram a fábrica Progresso, a primeira indústria têxtil do Estado e por isso não podia fracassar.

As publicações escritas pelos jornais O Estado, Tribuna do Ceará, O POVO e da Revista VEJA, sobre a participação do Ceará na FENIT mostram que a maior preocupação dos representantes do Setor de Confecções pairava em torno do produto, que apesar de bem aceito no mercado não tinha capacidade competitiva.

---

<sup>33</sup>Relato da professora Lígia Fideles de Souza em entrevista realizada no dia 21 de abril de 2014.

Faltava nas peças cearenses o dinamismo da moda apresentado nos demais produtos da concorrência. E desse modo à situação promovia desvantagens na comercialização e para, além disso, os próprios empresários do setor admitiam a carência de profissionais qualificados para trabalhar o produto, principalmente para confeccionar a modelagem das peças, como se modelagem por si só representasse o modelo ou o produto novo – o produto de moda. Essa ainda era a percepção de moda.

O fato é que o Estado tinha na época, pouca e baixa mão-de-obra para produzir com qualidade. E a modelagem era sempre o ponto em questão, como se a mesma pudesse ser a varinha mágica que fosse capaz de mudar completamente a estética do produto.

Talvez isso se deva ao fato da modelagem dar forma à vestimenta. No entanto, nas mesmas reportagens da época deu para sentir que os empresários eram conscientes de que faltava algo mais nos produtos cearenses, mas não sabiam exatamente o que seria. Ainda assim manifestaram ação de que alguma coisa precisava ser feita, principalmente depois do acidente da VASP em 1982 quando o setor sofreu um grande abalo com a perda dos dezessete empresários chamados de “os cabeças” do setor, haja vista que na época eles eram os únicos empresários que tinham condições econômicas de viajar com produtos para representar o Ceará na FENIT.

Segundo a Professora Lígia Fideles de Souza, no início da década de 1980 o Setor de Confecções do Ceará tinha muitas limitações sobre informações de moda. A mesma lembrou que na época, Vicente Paiva, na condição de Presidente do Centro Tecnológico de Confecções do Ceará (CTCC) trazia profissionais do exterior para proferir palestras sobre tendências de moda e que todas as palestras tinham altos custos para os empresários.

Depois estas informações eram trabalhadas uma a uma e os modelos assim adaptados às necessidades de cada região – “*Nem tudo servia para a nossa região, era tudo muito difícil*” disse a mesma no final da fala e, no calor da entrevista, acrescentou.

[...] Vinham também pessoas do sul do país para proferir consultorias e palestras de tendências de moda, entre elas: Cristina Franco, Constância Pascolato, Regina Guerreiro, Laís Pearson e Wanda Guerra. Eram elas que davam a cara conceitual da moda, principalmente a Cristina Franco, que uma vez prestigiou o poeta Patativa do Assaré na FMF e depois

seguiu outros ícones [...] A Wanda Guerra deu uma palestra e um workshop ilustrados com as bonecas de panos do mercado central, nas quais ela representava as tendências determinadas pela Europa, naquele momento. Foi nessa época que surgiram no Ceará os primeiros criadores como: Lino Vilaventura, Cabeto, Gláucia Mota, Fátima Castro, Neusa Franco e Inês Cabral [...].<sup>34</sup>

Pelas notícias vê-se que o cenário dos anos de 1980 foi bem desafiador e apontava que era chegada a hora de se implantar um curso de moda na cidade de Fortaleza.

O Estado do Ceará, com todas as dificuldades havia assumido a posição de II Polo de Confeções no país bem no início da década e em meados de esta perdia a patente em função da crise. Incluindo-se nesta a problemática da ausência de profissionais capacitados para trabalhar nas indústrias, principalmente de um especialista em moda para trabalhar o produto e manter o Estado na sua posição diante dos demais estados brasileiros.

[...] Nos anos 80 o Ceará tornou-se o 2º polo de moda do país, perdendo somente para São Paulo. Nessa época o setor era altamente apoiado pelo governador [...] O setor contribuía com 12% do ICMS e empregava 60.000 pessoas, destas 24.000 só em confeções do segmento feminino. É bom frisar que este setor compreendia a produção de roupas femininas, masculinas, infantil, cama e mesa, bem como calçados e acessórios [...].<sup>35</sup>

No início de 1987 reportagens publicadas nos jornais locais e na Revista VEJA registraram que o Ceará estava sentindo o impacto da crise e também muito incomodado com a situação.

Neste mesmo ano, reuniões intermináveis aconteciam na FIEC em busca de soluções para o problema, que, aliás, todos sentiam, porém, não sabiam exatamente como resolver. Para ajudar Vicente Paiva também procurava a imprensa para se expressar sobre a situação e manifestar a sua expectativa nas lideranças políticas do país em prol da solução da grande crise.

As dificuldades que assolam as indústrias, principalmente as pequenas e médias empresas, também afetam o setor de confeções no Ceará. O alto custo da matéria-prima é um dos fatores que prejudicam sobremaneira o setor de confeções. Aliado a isso, disse Vicente Paiva, apresenta-se uma outra dificuldade com peso bastante ponderado no desempenho das empresas que é, a falta de capital de giro a altas taxas de juros. Estes

<sup>34</sup>Relato da professora Lígia Fideles de Souza em entrevista realizada no dia 21 de abril de 2014.

<sup>35</sup>Trecho retirado da palestra: Moda e Modernidade – um olhar saudosista da moda fortalezense, proferida pela professora Lígia Fideles de Souza no Seminário Moda e Memória, promovido pelo Curso Design de Moda da UFC em novembro de 2011.

fatores conjugados inviabilizam os custos e provocam a queda nas vendas [...]. (CONFECÇÕES..., 1987).

A situação era difícil, mas tudo conspirava a favor da criação de curso, principalmente no contexto político, pois o Ceará tinha eleito Tasso Jereissati para assumir o Governo. Isso representava um ponto a favor porque nas suas promessas de campanha ele se pronunciava como o Governo das mudanças.

O Governo que iria fazer o Ceará crescer e se desenvolver, bem como ganhar visibilidade no país. De fato, no dia 15 de março de 1987, às 09h45min, depois que se apossou do cargo na Assembleia Legislativa do Estado, ele foi até a praia de Iracema – na “Beira Mar” e renovou as suas promessas de campanha com um discurso para mais de 30 mil cearenses: “Quero renovar aqui e agora minha promessa. A partir de hoje, o Ceará vai mudar. Ajudem-me a enfrentar as pressões, que serão muitas” (POSSE..., 1987)<sup>36</sup>.

Segundo o Jornal O POVO e os demais jornais da cidade, o dia foi todo de festa e de manifestações políticas como forma de receber o novo Governador com a mesma empolgação em que ele havia conduzido toda a sua campanha. A população em peso compareceu e por toda a orla marítima se encontrava quem festejasse a sua vitória.

Depois do discurso um show musical embalou a alegria do povo até o final do dia e a população cantou o hino de sua campanha com a conhecida frase: “*galeguim dos olho azul*” – como assim era chamado Tasso Jereissati carinhosamente pelos cearenses.

Foi neste cenário entre crise e esperança por dias melhores tanto para o Estado como para o Setor de Confecções o curso de moda da UFC foi criado em outubro de 1989.

---

<sup>36</sup> Trecho da Entrevista do Governador Tasso Jereissati ao Jornal O Povo em 16 de março de 1987 (POSSE..., 1987).

#### **4 DESDOBRAMENTO DA HISTÓRIA DA CRIAÇÃO E IMPLANTAÇÃO DO CURSO DE MODA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

Aos 29 de outubro de 2013 a UFC comemorou os vinte anos do curso de moda. Contando que o curso foi aprovado primeiro em nível de extensão em 1988 sob o código XD 310-01.88 no dia 2 de setembro. Conclui que a Instituição só considerou o tempo a partir de 29 de outubro de 1993 quando foi aprovado o projeto de criação do curso em nível de Graduação e esqueceu-se de quando ele foi Projeto de Extensão nos anos de 1989 e 1992 que corresponde ao período em que formou duas turmas de Estilistas de Moda e efetivamente deu início a entrada dos estilistas no mundo do trabalho em Fortaleza, mas especificamente no Setor de Confeções.

Com base em documentos posso garantir que se a idade do curso fosse contada a partir de quando ele foi aprovado ainda como Projeto de Extensão em 2 de setembro de 1988, o curso teria completado no ano de 2013 os seus vinte e cinco anos e não vinte e, teria como marco do seu aniversário esta mesma data. Portanto, o ano de 1988 representa na história da criação do curso o marco da sua origem na universidade – o tempo da sua real existência. Porém, esta pesquisa estava interessada também no tempo de antes e nos fatos que aconteceram até se elaborar o dito Projeto de Extensão que conseguiu implantar o curso na UFC.

Queria a “nascente”, o ponto de partida de onde teve início à história. Queria também o detalhamento da construção de tudo que promoveu a criação do curso com os seus respectivos atores, para por fim, escrever a História da Criação do Curso de Moda da UFC com bases nos fundamentos da verdade dos fatos e dos acontecimentos que a própria pesquisa iria me proporcionar.

Sobre esta verdade me apoiei em Burke (1992 p. 15) e Martinho Rodrigues (2011a). O primeiro autor defende que “a História é objetiva” e por isso precisa ser contada com base na realidade dos fatos. O segundo reforça a teoria de Burke quando diz que a História não deve ser contada e tampouco escrita com frutos da imaginação, ela precisa sim da verdade e, esta verdade somente as fontes históricas podem apontar.

A partir de então, compreendi que deveria sair em busca dos fatos e dos acontecimentos que dariam conta desta história, ou melhor, que a constitui na linha

do tempo. E que somente eles poderiam promover o desdobramento de tudo por meio das revelações das fontes: oral e documental.

#### **4.1 A criação do curso: o contexto atual e a sua história**

O primeiro passo dado na busca desta história foi em direção ao Centro de Ciências Agrárias (CCA), onde o curso foi vinculado institucionalmente no primeiro momento da sua existência. No entanto, não foi no CCA que obtive as primeiras informações, ao contrário, todos os que lá me atenderam falaram a mesma prerrogativa: “*procure a professora Lígia Fideles, ela é quem sabe de tudo*”.

Então fui ao encontro da referida professora e nos primeiros momentos da primeira entrevista que foi realizada no dia 21 de abril de 2014, descobri que a história da criação do curso de moda da Universidade Federal do Ceará é uma história recente, do tempo presente e, portanto, muito próximo a minha geração.

Uma “história do século XX” como diz Hobsbawm (1998, p. 247). E como toda história do tempo presente corre o risco de cair no esquecimento histórico, principalmente para as gerações pós-tecnologia que vivem o presente com pressa no futuro e deixam facilmente o presente para trás como passado distante, certamente com a história da criação do curso de moda da UFC não seria diferente, cairia também facilmente no esquecimento. Esquecimento este que HOBBSAWM diz ser próprio das gerações do século XX (final do século) e mais intensivamente das gerações do século XXI.

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência social à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio [...]. (HOBBSAWM, 1995, p. 13).

Portanto, foi pensando neste passado público que é a história da criação do primeiro curso de moda no Ceará e neste “presente contínuo” que busquei construir uma narrativa histórica do curso antes que a sua história se abrigasse de vez no esquecimento e se perdesse na continuidade do tempo.

Nesta busca percebi que apesar de existir documentos que registram fatos e acontecimentos importantes, em nenhum deles consta a origem desta

história – o comecinho de tudo. E quanto mais eu lia e procurava esta história nos acervos da universidade e demais lugares, tanto menos encontrava documentos que de fato dessem conta da origem do curso.

Toda a fonte documental registava esta história a partir de 1988, mas eu desejava o começo – a “primeira gota da fonte”, se assim posso dizer. Porque sempre tive comigo as perguntas: de quem partiu a ideia de criar o curso? Como tudo começou? Quais foram os indícios e os caminhos trilhados para este fim? Era exatamente nestes pontos que se concentrava a minha inquietação de pesquisadora, pois sabia que as respostas dessas perguntas dariam origem e fundamentação histórica a minha pesquisa e também sentido a investigação sobre a história que pretendia escrever. No curso desse debate disse Le Goff (1996, p. 535):

O que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores.

Assim, como alguém que se dedica ao passado fui investigar o tempo quando o curso começou a existir em ideias e pensamentos, pois não bastaria apenas o que estava nos documentos, queria encontrar o “fio da meada”, o que de fato foi conversado entre as pessoas que construíram esta história. De coisas que somente a memória poderia dar conta considerando que a “Memória se configura como uma faculdade essencialmente humana e atinge sua máxima expressão quando se manifesta como memória histórica” (SAVIANI, 2008, p.151) e que os sujeitos desta história, com exceção do Sr. Vicente Paiva, falecido em 25 de agosto de 2009, ainda estavam vivos para contar como tudo aconteceu.

Foi em busca do que ninguém sabia por que estava guardado na memória dos sujeitos, que procurei o que estava nas entre linhas da história da criação do curso.

De fato, eu queria informações da “memória histórica” da protagonista e dos demais sujeitos envolvidos. Na certeza de que somente a memória daria conta de trazer para o presente os acontecimentos e os fatos daquela época. De fato, eu queria lembrar “o que os outros esqueceram” e assim cumprir o meu ofício de historiadora da educação, como bem disse Saviani:

O ofício do historiador é lembrar o que os outros esquecem. Talvez seja essa a principal coisa que a pesquisa histórico-educacional tem a nos dizer mesmo porque também os cursos de formação de educadores parecem mover-se num “presente contínuo” em decorrência do esquecimento a história. (SAVIANI, 2008, p. 152).

Neste contexto, tanto Saviani como Hobsbawm mostram preocupação como esse “presente contínuo” no qual as novas gerações vivem e constroem a história, mas, ao mesmo tempo a substituem por outra mais recente. E de forma dinâmica os fatos históricos vão se perdendo no tempo que ao mesmo tempo é presente e passado, tão bem definido pelo o historiador Eric John Ernest Hobsbawm, de “presente contínuo”.

Esta preocupação com o “presente contínuo” também foi minha preocupação quando pensei em escrever a história do Curso de Moda da UFC. Considerando que na ambiência do Curso tanto a geração que viveu a década de 1980 quando o Curso foi criado, como as gerações nascidas nas décadas depois, pouco ou nada sabem sobre como esta história se construiu.

Tanto que o discurso proferido na abertura da solenidade de comemoração dos 20 anos do curso, realizada na FIEC no dia 29 de outubro de 2013, se confirmou o desconhecimento sobre a sua história quando no mesmo foi anunciado que o ensino de moda no Ceará foi oriundo da sua vocação têxtil, esquecendo os acontecimentos históricos que constituíram o contexto dos anos de 1980, década de quando o curso foi criado. Ademais, em nenhum momento foi citado o nome das professoras Lígia Fideles e Zilsa Santiago, do Vicente Paiva e dos Reitores: Raimundo Hélio Leite e Antônio de Albuquerque Sousa Filho, como responsáveis pela a criação e implantação do curso na Universidade.

Oriundo de uma vocação têxtil que remonta ao século XVIII e a sua produção algodoeira, o Ceará iniciou-se na educação de moda a partir do ano de 1989, com o curso de extensão, promovido pelo departamento de Economia Doméstica, do Centro de Ciências Agrárias, da Universidade Federal do Ceará, em parceria com o Centro Tecnológico de Confecções do Ceará (CTCC). [...] A UFC, portanto, foi pioneira na criação de um curso de graduação em Estilismo e Moda, de natureza pública. Isto foi possível, dentre outras razões, porque o Estado do Ceará estava em um momento de expansão da sua indústria têxtil e, paralelamente, o Brasil vivia o florescimento de uma cultura de moda, que apontava a necessidade de profissionais com competência para atuarem nos segmentos de produtos de vestuário e de calçados.<sup>37</sup>

---

<sup>37</sup>Parte do texto do discurso proferido no dia 29 de outubro de 2013, na abertura de solenidade em comemoração aos 20 anos do curso.

Portanto, o discurso revelou a ausência da memória histórica sobre a real história da criação do curso e também a falta de conexão do início da sua história com o contexto da década de 1980 – quando o curso foi criado, principalmente com um fato da própria História do Ceará que remete a grande crise do Setor de Confecções vivida na época. Assim, mais uma vez ficou no passado o que de fato remete a existência do curso nos anos de 1988 a 1992.

O mesmo discurso apresentou informações significantes, mas deixou nas entre linhas fatos importantíssimos da história do Curso. Pois em nenhuma destas foi citado o nome dos verdadeiros personagens e ademais, as informações não condiziam historicamente ao que de fato aconteceu. Quando nesta época uma grande crise política, econômica e também social acometida por diversos acontecimentos contribuíram para a criação do curso. E apesar da variedade de informações providas nesta noite, nenhuma delas fez menção “a nascente” – o começo desta história e tampouco ao caminho trilhado a partir de então.

Outro ponto importante refere-se ao fato de que não foi lembrada a tragédia do voo da VASP ocorrida em junho de 1982, na qual faleceram os maiores empresários do Setor de Confecções e por isso causou grande impacto agravando ainda mais a crise que se arrastava desde o início de 1980 e se prolongou até o final da década. Porém, em detrimento ao passado foram lembrados os acontecimentos recentes da década de 2000.

Como a mudança do curso do Departamento de Economia Doméstica para o Instituto de Cultura e Arte (ICA), ocorrida em 2009, à reestruturação do Projeto Pedagógico em 2010 entre outras mais. Reafirmando assim o que Saviani e Hobsbawm falam sobre viver o “presente contínuo” e esquecer a história.

Na plateia estavam professores do curso de moda da UFC e do curso de Economia Doméstica, o Pró-Reitor de Graduação da UFC, o Presidente do Instituto de Cultura e Arte (ICA), a Coordenadora do Curso, o Presidente do Sindicato da Indústria Têxtil do Ceará (SINDITÊXTIL), o Presidente do Sindicato das Indústrias de Confecções de Roupas de Homem e Vestuário do Estado do Ceará (SINDIROUPAS), o Presidente do Sindicato das Indústrias de Confecções do Ceará (SINDICONFECÇÕES), a Gerente do SENAI sede Parangaba, os homenageados e demais convidados, entre estes, profissionais formados no curso e alunos em formação.

O convite feito especialmente para a solenidade confirma o momento em que o passado se confunde ao presente (FIGURA 14).

Figura 14 – Convite da solenidade de 20 anos do Curso de Moda da UFC



Fonte: Acervo da autora.

Enquanto os nomes das pessoas da comissão que criou e implantou o curso estão juntos de outros que não viveram a história e tampouco colaboraram para este fim. E outros também importantes foram completamente esquecidos como os professores Raimundo Hélio Leite e Antônio Albuquerque de Souza Filho, Reitores na época da criação – Projeto de Extensão e Curso de Graduação, respectivamente.

Outra observação relacionada ao desconhecimento da história ocorrido nesta noite do dia 29 de outubro de 2013 paira sobre os professores Pedro Eymar Barbosa Costa e Regina Elizabeth do R. B. Marques, ambos do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFC, que ministraram aulas nas primeiras turmas – 1989 a 1992. Estes tiveram dedicação de 10 e de 16 horas de trabalho respectivamente e, no entanto, foram esquecidos. Ou seja, a ordem e os nomes

dos homenageados satisfizeram muito bem ao tempo presente daquela terça-feira, mas não foi fiel a história do curso como bem registra os documentos.

Assim, mais uma vez o “presente contínuo” citado anteriormente por Saviani e Hobsbawm teve a sua expressão quando os nomes de pessoas do tempo presente estão juntos dos nomes dos verdadeiros “donos da história” e o esquecimento ou mesmo desconhecimento tirou de cena os atores importantes desta história.

Esclareço que esta analogia toda acerca da solenidade ocorrida no dia 29 de outubro de 2013, teve apenas compromisso com a História e intenção de mostrar que o tempo presente pode corromper o passado se o mesmo não for resgatado e valorizado como tempo vivido. E que os documentos, apesar de importantes, eles precisam de pontes para unir um ao outro e construir a própria historiografia.

Até aquela data eu já estava investigando a história da criação do curso, porém, o ocorrido me motivou ainda mais a ir à busca da verdade para compreender o contexto social e econômico da época e a sua relação com a necessidade do ensino de moda em Fortaleza. Pois já conhecia o Projeto de Extensão que deu origem a sua existência na UFC e sabia que faltava muito para eu conseguir “costurar” pedaço por pedaço até construir uma narrativa histórica sobre a criação do curso. Então continuei em busca de vertigens para formar as minhas pontes.

De todo modo, mesmo já informada do que aconteceu por meio de documentos primários e secundários, de um dia de conversa e de entrevistas com a professora Lígia Fideles de Souza, procurei compreender a motivação da criação do curso pesquisando a vocação têxtil cearense citada no discurso realizado na noite de 29 de outubro de 2013, como demandando a origem de toda a história. Encontrei que a vocação têxtil no Ceará remota do século XVIII, de um tempo em que os teares eram artesanais e as roupas eram feitas à mão.

De acordo com Nobre (2001) foi somente em 1850 que surgiu em Fortaleza dois alfaiates que fabricavam roupas masculinas e com eles apareceu a máquina de costura, que na época deu a fabricação da roupa uma dinâmica semi-artesanal e isso representou um avanço muito significativo. E somente trinta anos depois, em 1880, foi que nasceu de fato a indústria de tecidos no Ceará.

À frente destas indústrias estavam Dr. Antônio Pompeu de Souza Brasil, Dr. Antônio Pinto Nogueira Acioly da Fábrica Progresso e, os senhores, Manoel Teófilo Gaspar de Oliveira, Dr. Álvaro Teixeira de Souza Mendes, Clementino H. Lima e José Borges Gurjão como representantes oficiais da fabricação de tecidos no Estado e na Junta Comercial do Estado do Ceará (JUCEC). Tais informações até dão sentido à questão da vocação têxtil dos cearenses, mas, porque somente em 1989, dois séculos depois é que o Ceará sentiu a necessidade de criar um curso de moda?

Documentos registram que na década de 1980 as indústrias de confecções do Estado passavam por situação econômica difícil e a FIEC como representante destas se empenhava em resolver os problemas advindos da crise econômica do país.

No contexto, a Universidade Federal do Ceará como a provedora do conhecimento na capital alencarina também foi convidada para participar dos encontros realizados em prol da resolução dos problemas.

Entre estes estavam à preocupação com a qualificação da mão de obra das indústrias de confecções do Estado e a questão da tecnologia da moda que já era adotada nos demais centros produtivos do país, principalmente nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. E apesar de todas as evidências de que foi na FIEC o ponto de encontro das reuniões mais importantes aonde de fato à professora Lígia Fideles e Vicente Paiva articularam por diversas vezes a criação do curso de moda da UFC, foi na residência da professora que encontrei a fonte de toda a história.

Quando no dia 21 de abril de 2014, às oito horas da manhã de uma segunda-feira fui ao seu encontro para uma entrevista e, chegando lá depois de quatro horas de conversa, a tal conversa do encantamento “entre o linguajar e o emocionar” como bem diz Maturana (2005) foi que eu consegui emocioná-la com a minha pesquisa e fazer com que ela abrisse as suas pastas, os seus arquivos, guardados a “sete chaves” e por fim, também a sua história. Pois após um dia ouvindo a sua fala percebi que desde muito tempo a sua vida se entrelaçava muito com a história da criação do curso, é como se naturalmente a professora tivesse tomado rumos para este fim – criar um curso de moda no Ceará.

A entrevista confirmou a importância da história oral e da memória como fontes de pesquisas na investigação do passado. Pois, neste dia tive acesso a

informações reveladoras sobre fatos e acontecimentos nunca divulgados e até divergentes da história contada no dia 29 de outubro de 2013 na solenidade do aniversário do curso. Porém, como afirma Thompson, todas “fidedignas” e de “valor extraordinário que possuem como testemunho subjetivo, falado” e, acrescenta:

A história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto conteúdo, como finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. (THOMPSON, 1992, p. 29).

Neste mesmo dia também tive acesso a uma agenda pessoal da professora Lígia Fideles. A mesma era do ano de 1987 e na época foi transformada em um bloco de anotações nas quais percebi que estava toda a história, a fonte de tudo, como bem diz Martinho Rodrigues (2011b) – “a nascente”.

Então intui que somente a partir daquelas informações eu conseguiria identificar o desdobramento da história. Pois elas revelavam todo o acontecido nas reuniões realizadas na FIEC, quando junto com Vicente Paiva, ela, professora Lígia Fideles, discutia sobre as questões do setor de confecção.

No momento em que tirou a agenda de dentro de um móvel, vi que a mesma estava sem a capa e com as folhas bem amareladas pelo tempo. Também senti emoção no avermelhar da pele e no inundar dos olhos da professora quando olhando para mim apertou a agenda no peito e permaneceu em silêncio, por um tempo que pareceu curto aos meus sentidos, mas quiçá, longo aos sentidos dela, vez que, retornou somente depois de um comprido suspiro.

A impressão que tive naquele momento foi de que ela viajou no passado e lá ficou por alguns minutos, pois quando voltou a si e percebeu a minha presença, suspirou novamente profundamente e falou *“ufa, só você menina, pra me fazer pegar nisso de novo”*.

Pelo modo como pegou e segurou a agenda e também pela emoção emanada na hora, logo pensei: **ali está a fonte – o segredo de tudo**. O que ninguém sabe e nem nunca viu e, de fato, foi como pensei.

Era um documento bem particular que a professora guardava como quem guarda o passado bem lembrado. Percebi também que era algo de muito valor, tanto, pela forma de como manteve guardado nesses vinte e sete anos,

como pelo apego demonstrado, além, é claro, de toda a emoção que ela sentiu ao segurar a pequena agenda.

Compreendi que era a sua história, um pedacinho seu em forma de palavras. E quando ela abriu e leu a primeira página percebi seus olhos ainda deslizando em águas. Fez uma longa pausa e falou: “Aqui nessa agenda está o começo de tudo. Nunca mostrei e nem emprestei a ninguém. Também nunca pensei que alguém fosse um dia fazer uso dela desse jeito. Guardei porque representa a minha vida.”

Em seguida a colocou em cima da mesa aonde eu apoiava o caderno enquanto escrevia tudo o que falava. Até àquela hora, a agenda permaneceu fechada para mim, somente a professora havia lido a primeira página. Talvez porque não tinha mais a capa e o escrito estava logo à vista, pois parecia não ter condições emocionais para continuar. Leu a primeira página e logo a tirou das suas vistas. No chão, atrás de mim estava uma câmara gravando a nossa conversa.

O dia foi passando e depois de horas de fala fomos pacientemente separando documentos que tinham uma relação direta com a história da criação do curso. Enquanto isso a agenda permanecia ali, bem do meu lado, pacientemente feito eu pela a hora de tê-la em minhas mãos.

Já eram dezesseis horas e quarenta minutos e uma aflição bateu no peito com várias perguntas lançadas no meu consciente: será que ela vai me emprestar essa agenda? Será que ela vai me deixar pelo menos ver? Será que vou sair daqui sem ela? Não, isso não podia acontecer. Sem a nascente, como iniciar a narrativa histórica do curso? Assim pensei.

A entrevista acontecia desde as nove horas da manhã. Levei alguns pontos importantes para conduzir a conversa em benefício dos interesses da pesquisa, mas obtive informações que foram além do que eu esperava. E bastava um ponto para que ela facilmente mergulhasse no passado e tirasse de lá tudo o que aconteceu, com riqueza de detalhes, era impressionante. Parecia ir ao tempo e viver tudo exatamente como aconteceu, pois fixava o olhar longe dali e falava com emoção, como se estivesse vivendo o momento e eu nem estivesse no mesmo ambiente.

Da forma como lembrava e também relatava os fatos e os acontecimentos da época, parecia que na sua memória só existia esta história. Era

como se a mesma estivesse ocupada somente com a história do curso e que nunca ninguém procurou resgatá-la, por isso as lembranças se afloravam com tanta veemência.

Durante a entrevista cada palavra era importante para construir a minha narrativa, mas, confesso que eu não conseguia desviar totalmente os olhos da tal agenda. Era tudo o que eu precisava, principalmente depois da importância que ela, professora Lígia Fideles de Souza, deu para as anotações feitas nela. De tanto mais parecia um diário de campo.

A partir daí senti que o que ela falava e também o que continha nos demais documentos representava a “ponte” que iria unir todas as informações, mas que na agenda estava a “nascente” da história. A qual dedicadamente eu procurava e por isso o meu desejo só aumentava.

Mas o tempo passava e ela mostrava não ter a coragem de abrir e tampouco de ler o que estava naquelas linhas. Isso só aumentava a certeza de que a agenda representava uma fonte de pesquisa singular, a principal, além de primária. Em suas folhas estava a “nascente” e também o ápice da minha pesquisa e assim, eu não poderia sair de lá sem ela, pois pretendia como historiadora começar literalmente do começo e não de um ponto qualquer.

Até aquele momento eu já havia compreendido a importância de chegar à nascente da história e as pontes que eu iria fazer entre uma informação e outra e, como quem costura uma grande colcha de patchwork<sup>38</sup> eu iria unir uma a uma até concluir a narrativa histórica.

No entendimento de Martinho Rodrigues a “ponte” representa na pesquisa, o elo entre as informações advindas das fontes. Tem caráter figurativo, mas importância ímpar. Para o mesmo autor, sem “ponte” é impossível à escrita da História e afirma:

[...] entre o pesquisador e os fatos deve haver uma ponte, já que não se escreve a História apenas com a imaginação. Tal conexão é feita pelas fontes: Fonte histórica, documento, registro, vestígio são todos termos correlatos para definir tudo aquilo produzido pela humanidade no tempo e no espaço; a herança material e imaterial deixada pelos antepassados que serve de base a construção do conhecimento histórico. O termo mais clássico para conceituar a fonte histórica é documento [...] Vestígio é a palavra atualmente preferida [...] os mitos, a fala o cinema a literatura tudo isso, como produtos humanos, torna-se fonte para o conhecimento da

---

<sup>38</sup>A tradução literal de **patchwork** é "trabalho com retalho". É uma técnica que une tecidos com uma infinidade de formatos variados.

história [entendida como o conjunto de sucesso estudados]. (MARTINHO RODRIGUES, 2011b, p. 407).

Apesar de toda a importância que representava aquela agenda, tive de me conter e esperar pela a boa vontade e o desprendimento da professora. Boa vontade, ela já havia demonstrado, mas desprendimento era o que eu temia não acontecer, pelo menos, com a tal agenda que guardava carinhosamente desde 1987.

Contudo, compreendi que precisava conquista-la mais um pouco para receber livremente de suas mãos, afinal, tratava-se de informações inéditas e fundamentais para a minha pesquisa. Porém, tinha de esperar a hora de ter a “mina”, o comezinho de tudo. Por isso não pude me antecipar porque naquele momento eu estava como pesquisadora e não como ex-aluna da professora ou mesmo como colega de profissão. Então achei por bem esperar pela sua hora. Afinal, a conversa tinha propósito científico e cunho historiográfico.

Depois de mais de quatro horas de conversa saímos do seu apartamento e fomos almoçar e apesar de eu ter dado uma pausa com a entrevista ela continuou como se ainda estivéssemos na sua sala de visitas.

Voltamos para o seu apartamento e a entrevista continuou. Chegando o final da tarde, com o dia entrando na noite, já bem próximo da hora de ir embora ela pegou a agenda, tornou apertar no peito, olhou nos meus olhos e disse:

Olhe Dijane, eu já tinha separado alguns documentos pra você e até tinha decidido não lhe emprestar mais nada, porque guardo tudo há bastante tempo e muito bem guardado como você mesma está vendo. Mas, pensei bem e resolvi lhe emprestar meu bloquinho. Isso porque você está tão entusiasmada que eu acho que vai ser muito importante para a sua tese e para a própria universidade que ainda não sabe de muita coisa da história desse curso. Mas depois me devolva [...]. Alguns destes documentos eu estou lhe dando uma cópia - esses são seus. Os outros que não são cópias, quero de volta, é a minha história, a minha vida que está neles. Da qual tenho orgulho de ter dedicado e apostado nesse curso, que hoje vejo tanta gente formada e, o que é melhor, trabalhando”<sup>39</sup>

Depois disso me entregou a agenda e ainda recomendou: “*Muito cuidado com o meu bloquinho, não perda nenhuma página, por favor*”. Sai de lá com o dia já anoitecido e com a sensação de levar comigo o passado da professora Lígia Fideles em minhas mãos. E também que não era um passado

---

<sup>39</sup>Relato da professora Lígia Fideles de Souza em entrevista realizada no dia 21 de abril de 2014.

qualquer, era um passado vivido com muita intensidade e recheado de lembranças que representava a sua própria existência. Contudo, apesar da responsabilidade de ter comigo uma relíquia histórica, sai feliz da vida, afinal, tinha encontrado “a mina”, a fonte preciosa que revelaria o começo da história do curso de moda da UFC – a nascente, como diz Martinho Rodrigues (2011b). Que revelaria além da “nascente” também toda a movimentação feita até a real criação do curso – isso era o que mais me interessava como pesquisadora.

#### **4.2 A nascente que deu origem a ideia e a criação do curso**

Como já foi dito anteriormente, ao contrário do que eu imaginava não foi na UFC que encontrei o começo da história da criação do seu curso de moda, aliás, a instituição até desconhece o seu começo – a nascente de tudo. Institucionalmente ela registra esta história a partir da aprovação de um Projeto de Extensão criado em maio de 1988.

No entanto, para a história, ou melhor, para a micro-história que é a abordagem teórica desta narrativa, tudo o que aconteceu e se refere ao objeto pesquisado deve ser analisado minuciosamente em escala reduzida mesmo que aparentemente seja algo insignificante.

A micro-história como uma prática é essencialmente baseada na redução da escala de observação em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental. Essa definição já suscita possíveis ambiguidades: não é simplesmente uma questão de chamar a atenção para as causas e os efeitos do fato, de dimensões diferentes coexistirem em cada sistema social; em outras palavras, o problema de descrever vastas estruturas sociais complexas, sem perder a visão da escala social de cada indivíduo, e a partir daí do povo e de sua situação na vida [...] Para a micro-história, a redução da escala é um procedimento analítico, que pode ser aplicado em qualquer lugar independentemente das dimensões do objeto analisado [...] Sem dúvida, fica imediatamente óbvio que mesmo a ação aparentemente mais insignificante, como por exemplo a de alguém sair para comprar um pão realmente envolve o sistema bem mais amplo dos mercados de grão de todo o mundo. (LEVI, 1992, p. 136-137).

Então voltei no tempo, bem na trilha dos caminhos percorridos e, na medida do possível, é claro, fui atrás de fatos e de acontecimentos que fomentaram a criação do curso e que também promoveram toda a movimentação para a sua efetiva consolidação na UFC.

Ao meu entender ali estava à história e, por isso, investiguei exaustivamente tudo o que aconteceu na busca de qualquer ação promovida em benefício em benefício da existência do curso. De fatos, de acontecimentos, de ações, ou mesmo de coisas que ficaram nos bastidores e que somente a “nascente” de onde surgiu o curso poderia dar conta de contar (MARTINHO RODRIGUES, 2011b, p. 407).

Encontrei esta “nascente” e vi que ela tinha dois pontos minadouros de informações sobre o começo de tudo – exatamente de onde surgiu a criação do curso. Um ponto era as anotações pessoais da professora Lígia Fideles de Souza e o outro era a sua memória, que por meio de entrevista trouxe para o tempo presente muito do que foi vivido nos anos de 1980. Concordando com Silva e Silva (2005 *apud* MARTINHO RODRIGUES, 2011b, p. 480) quando diz que a:

[...] memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas ou reinterpretadas como passadas [...]

A memória está nos próprios alicerces da História, confundindo-se com documento, com o monumento e com a oralidade. Mas só muito recente [a oralidade] se tornou objeto e também reflexão da historiografia [...] Quando os historiadores começaram a se apossar da memória como objeto da História, o principal campo a trabalha-la foi a História oral [...] enquanto a História representa fatos distantes, a memória age sobre o que foi vivido. Neste sentido não é possível trabalharmos a memória documento histórico. Essa posição é hoje contestada. Antônio Montenegro, por exemplo, considera que apesar de haver uma distinção entre memória e História, essas são inseparáveis, pois a História é uma construção que resgata o passado do ponto de vista social, é também um processo que encontra paralelos em cada indivíduo por meio da memória. Mas a memória não é apenas individual.

E na certeza de que não é individual a memória de um acontecimento social foi que entrevistei outras pessoas que viveram esta história e, portanto, este passado. No entanto, foi somente a professora Lígia Fideles de Souza quem deu conta da nascente que deu origem ao curso.

Foi da sua memória e de suas anotações de vinte e sete anos de idade que descobri como tudo começou. As referidas anotações estão nas trinta e quatro páginas da dita agenda ou diário de campo com folhas escritas a lápis e a caneta, de forma desorganizada e desalinhada e com letras apressadas, mas, de conteúdo histórico e singular.

De fato, elas registram toda a movimentação das reuniões ocorridas na FIEC e na UFC, no ano de 1986 e 1987, bem no início desta história quando a professora e o Vicente Paiva com as demais autoridades do Setor de Confecções se encontraram para discutir a crise do setor no Ceará e também a possibilidade de criar um curso de moda na UFC, na tentativa de ajudar a solucionar o problema.

Segundo a professora Lígia Fides a história da criação do curso teve início em novembro de 1986 quando ela foi até a FIEC para defender o curso de Economia Doméstica, quanto a sua capacidade de atuar nas indústrias de confecções de Fortaleza. E chegando lá foi encaminhada para o IEL para falar com a superintendente Tereza Lenice Mota, que, aliás, foi muita receptiva e na conversa que tiveram sobre a problemática das indústrias de confecções e a contribuição que o curso de Economia Doméstica poderia promover em prol da melhoria destas.

Na mesma ocasião foi que surgiu à ideia de elaborar um projeto de consultoria para as indústrias de confecção do Ceará, pois apesar de na época o Estado ser o II Polo de Confecções do país, tinha um setor com sérios problemas relacionados a “produto” e outros mais ocasionados pela crise econômica que se arrastava desde o início dos anos de 1980 com o agravamento desta em 1982 com a morte dos dezessete empresários na queda do boeing da VASP ocorrido na serra de Aratanha localizada no Município de Pacatuba.

Depois dessa tragédia, afirmou a professora, que a crise piorou bastante, pois haviam falecido muitos empresários e estes eram os que representavam o Ceará na FENIT. Faziam parte do grupo que viajava sempre e tinham também, naquele momento, maior poder econômico, melhor estrutura e capacidade fabril na cidade de Fortaleza.

Era final de 1986, quatro anos depois da tragédia do avião, quando ela foi a FIEC convicta de que algo precisava ser feito para tirar os empresários do sufoco. E com a sua argumentação sobre a ideia de criar um projeto de consultoria conseguiu convencer a superintendente, mas confessou que saiu do IEL com um “*frio na espinha*”, afinal, havia assumido um compromisso que envolvia também o Departamento de Economia Doméstica e até aquela data o curso ainda não havia passado por experiência com projetos dessa natureza.

Esclareceu ainda, que o SENAI já promovia treinamentos nestas indústrias, mas que eram mais direcionados aos operários de chão de fábrica e

naquele momento acreditava que faltava “*algo mais*” no Setor de Confecções, mas que era relacionado ao “produto” e não ao processo produtivo, apesar de na época os empresários do setor também se queixarem da carência de mão-de-obra no Estado.

Confessou que sentia que naquele momento as empresas estavam perdidas neste aspecto. Por isso estava decidida a elaborar o projeto. Por outro lado também iria abrir seis vagas de estágios remunerados e envolver três professoras do departamento: ela na condição de coordenadora, consultora e também orientadora de estágio e mais duas professoras da área afim. No caso, cada professora teria duas estagiárias para orientar e fazer o acompanhamento didático durante a realização da consultoria.

Com estas revelações ficou bem claro que o interesse da professora Lígia Fideles de Souza foi também de abrir espaço de estágio para os futuros Economistas Domésticos. Por esta vertente conclui que para além da sua responsabilidade em promover o sucesso de projeto de consultoria diante da Universidade e demais órgãos envolvidos, estava também comprometida em viabilizar o crescimento do curso de Economia Doméstica, afinal, na época, nenhum curso de nível superior atuava no Setor de Confecções com ações específicas sobre moda e produção do vestuário e curso de Economia Doméstica era o único que poderia atuar. Neste caso considerou a oportunidade boa e irrecusável.

Muito embora até aquela data o departamento só havia passado por experiência com a área do vestuário uma única vez – em 1983, com um Projeto de Extensão chamado Uruguaiana, o qual foi realizado nas comunidades da favela do Papoco, localizada na época, nas mediações do Campo do Pici da UFC.

O Uruguaiana teve, portanto, outra proposta e conseqüentemente outro objetivo. Enquanto o Projeto de Consultoria envolveria as empresas do Setor de Confecções, a FIEC, o IEL como os órgãos responsáveis e também divulgadores dos resultados, a UFC representada pelo Departamento de Economia Doméstica e os estudantes estagiários, que pela primeira vez estariam atuando no espaço das indústrias de confecções.

Segundo a professora a experiência vivida com o Projeto Uruguaiana foi muito boa. Com ele conseguiu formar um grupo de mulheres interessadas em

aprender a costurar e a bordar e, juntas trabalharam os cursos de: “CONFECÇÃO FAMILIAR” e “CONFECÇÃO INDUSTRIAL”.

Assegurou também que o Projeto Uruguaiana foi bom para o departamento conquistar visibilidade na Universidade e também se mostrar como conhecedor das atividades relacionadas ao vestuário, bem como para as pessoas envolvidas diretamente com atividades realizadas. Mas, que com o Projeto de Consultoria o curso de Economia Doméstica poderia ir além das mediações da UFC e adentrar no Setor de Confecção e nos órgãos de fomentos e depois conquistar outros espaços do setor produtivo.

Durante a entrevista deixou claro que como Economista Doméstica sempre se ateuve as questões do vestuário e muitos em Fortaleza sabiam desse gosto. Tanto que em 1973 quando estava fazendo um treinamento na área na cidade de Jundiaí-SP, ela recebeu uma carta da professora Fátima Sampaio do departamento e nela continha um convite para ensinar no curso de Economia Doméstica.

Imediatamente aceitou e quando chegou a Fortaleza logo criou no curso o Setor de Vestuário. Mas, na época, era vestuário com fundamentos básicos e com práticas mais direcionadas para atender as necessidades familiares, priorizando assim os fundamentos do curso. Trabalhou no departamento até 1978 quando pediu afastamento para fazer um mestrado na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo capital.

Quando retornou, em 1982, passou a ver tudo diferente e percebeu o Setor de Confecções com grandes possibilidades para desenvolver trabalhos nas indústrias do setor.

Fez algumas mudanças na área de Estudo Têxteis e Vestuário junto a professora Regina Ferreira (*em memoriam*) e ampliou o aprendizado da área contemplando conteúdos que pudessem atender também as necessidades das indústrias de confecções de Fortaleza e, para além das necessidades domésticas de que tanto se atinha o curso pudesse também preparar profissionais para atuarem neste Setor de Confecções.

No seu retorno à capital cearense também percebeu que o artesanato era muito forte no Estado – “*era uma vocação latente no povo cearense*” – assim definiu – e que poderia ser pelo o primeiro caminho para trabalhar o vestuário no

Ceará. No entanto, quando adentrou para conhecer se deparou com uma situação adversa, pois não havia nenhum tipo de organização acerca do trabalho desenvolvido pelos artesãos. Tudo era ainda muito solto e desse modo não daria certo o que pretendia, pelo menos naquele momento. Diferente do setor de confecções que mesmo em crise tinha órgãos do governo responsáveis pelo o seu desempenho e crescimento.

Quando o IEL aprovou o projeto nomeado por ela de “PROJETO DE CONSULTORIA À INDÚSTRIA DE CONFECÇÕES DO CEARÁ” sentiu que a partir daquele dia tudo iria mudar, principalmente para o departamento de Economia Doméstica. Por isso, se dedicou ao máximo para que ele atingisse os seus objetivos e promovesse uma boa imagem para curso de Economia Doméstica e para a universidade.

Mesmo consciente da responsabilidade que estava assumindo tinha também consigo a certeza de que não podia desistir e nem errar, era “a chance”, assim definiu a significância do projeto naquele momento do curso e também da sua vida. E que iria se comprometer muito para que tudo saísse satisfatoriamente.

O projeto iniciou suas atividades em abril de 1987 e se estendeu até dezembro do mesmo ano (FIGURA 15).

Figura 15 – Início do Projeto de Consultoria em 1987

Orientação do  
estágio na Indus-  
tria de Confecções  
MAIKA.

Profa: Lígia Fideles  
Consultora e Orientadora

Araguacy Paixão  
Ricarte

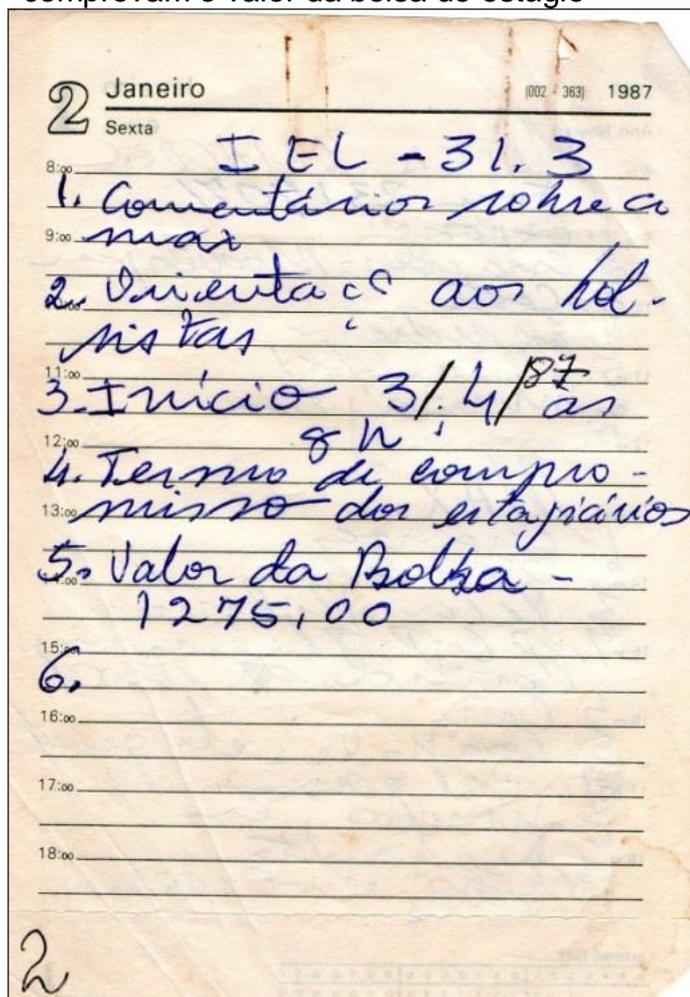
Bolsistas e Estagiárias pelo  
IEL - Programa Universi//X  
Empresa

Início: abril /87  
Término: dez /87

Fonte: Acervo da Professora Lígia Fideles de Souza.

Durante nove meses as suas estagiárias receberam bolsa (FIGURA 16) no valor de 1.275,00 (hum mil duzentos e setenta e cinco cruzados), bem como as demais que participaram do projeto (FIGURA 16).

Figura 16 – Anotações de 1987 que comprovam o valor da bolsa do estágio



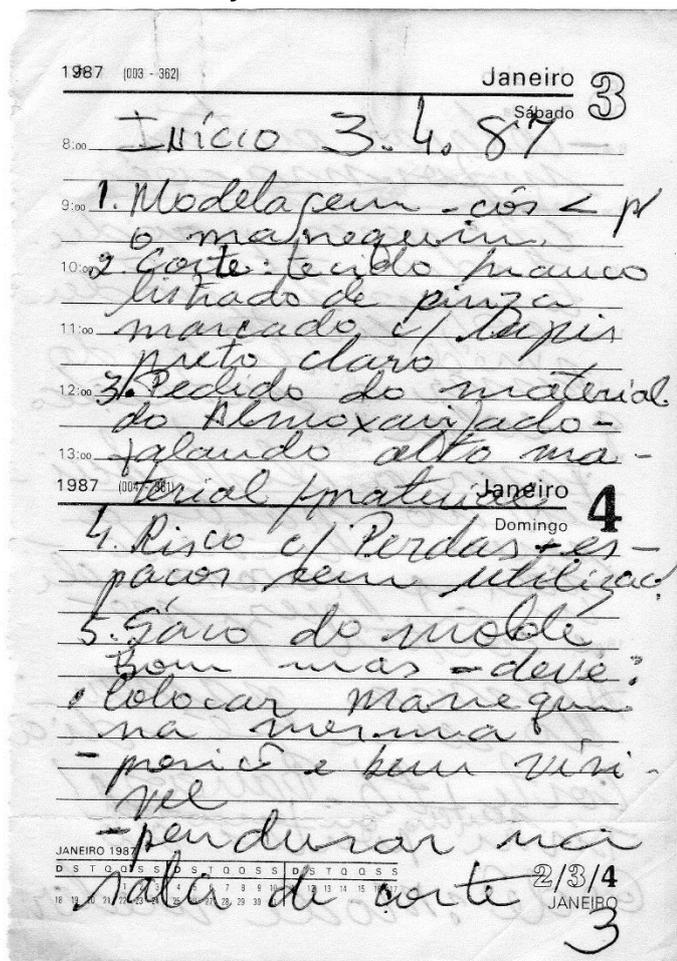
Fonte: Acervo da Professora Lígia Fideles de Souza.

Pelo projeto foram contempladas três empresas escolhidas pelo o próprio IEL. A MAIKA Criações, a MAX e a terceira a professora Lígia Fideles não lembrou e também não encontrei documentos relacionados ao assunto, nem no departamento de Economia Doméstica e nem no IEL<sup>40</sup>. Mas lembrou-se de que ela ficou com a empresa MAIKA, que na época confeccionava roupas de linho. As

<sup>40</sup>Segundo profissionais responsáveis pela memória do IEL, a instituição passou por uma reforma e precisou se desfazer de documentos que remetiam datas depois de cinco anos, a contar de 2013.

demais informações relacionadas ao trabalho desenvolvido pelo o projeto, o seu diário de campo com vinte e sete anos foi capaz de contar, tanto a sua participação no projeto, como as orientações dadas aos seus estagiários na MAIKA Criações (FIGURA 17).

Figura 17 – Primeiras anotações da empresa MAIKE Confecções em 1987



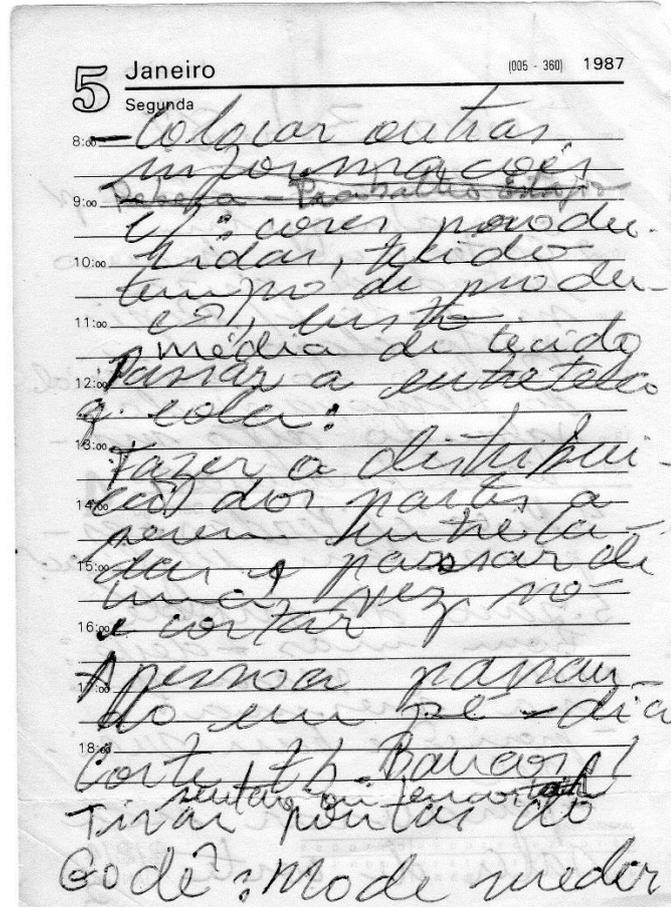
Fonte: Acervo da Professora Lígia Fideles de Souza.

As anotações rabiscadas no bloco apontam situações problemas relacionadas à modelagem, ao risco do molde no tecido, ao corte das peças e a solicitação de materiais para o almoxarifado.

Ao mesmo tempo também revelam as orientações técnicas (FIGURA 18) dadas para a resolução das mesmas e o dia exato em deu início as ações do projeto na empresa MAIKA Criações especificamente, porque ficou sob a sua responsabilidade. E apesar de o dia três de abril de 1987 ter se apropriado do último dia produtivo daquela semana, ou seja, de uma sexta-feira, a professora

confessou que não deu trégua e iniciou logo as suas atividades porque tinha pressa e também estava muito ansiosa para ver as “coisas acontecerem”, assim se expressou.

Figura 18 – Primeiras orientações técnicas dadas à empresa MAIKE Confeções



Fonte: Acervo da Professora Lígia Fideles de Souza.

Segundo a professora esta prática de reunião com as suas estagiárias era comum e necessária para o projeto funcionar dentro do planejado. Ademais, o projeto tinha um acompanhamento muito centrado no planejamento e por isso, todas as semanas ela se reunia com as professoras e as estagiárias para avaliar se o trabalho desenvolvido na semana corrente estava de acordo às orientações técnicas repassadas anteriormente e saber como estava o posicionamento do projeto em cada empresa (FIGURA 19).

Figura 19 – Anotações sobre o acompanhamento das empresas MAIKE e MAX Confeções

1987 (001-364) Janeiro 1  
 Ano Novo Quinta

8:00 MAIKE - CRIAÇÕES  
 Fone 2317071

9:00 1. Exporic  
 2. Criações - Modelagem  
 3. Corte

10:00 4. Expediente

11:00 5. Montagem

12:00

13:00 MAX

14:00 1. Criações  
 2. 38-46  
 3. Peça Piloto

15:00 4. P. C. P. Planejamento  
 Controle de Produção

16:00 5. Corte  
 6. Controle de Qualidade

17:00 7. Preparação  
 8. Montagem

18:00 9. Expediente

JANEIRO 1987  
 D S T Q O S S D S T Q O S S D S T Q O S S  
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17  
 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31  
 JANEIRO 1

Fonte: Acervo da Professora Lúgia Fideles de Souza.

Na mesma reunião, também faziam o planejamento das atividades que seriam realizadas na semana seguinte e organizavam tudo o que era preciso para este fim. Neste discurso deixou claro que o projeto não podia dar errado em nada, pois representava também a credibilidade da universidade no setor de confecções. E na conversa brincou falando no sentido figurado: *“era a última e única bala que me restava”*.<sup>41</sup>

As atividades do projeto terminaram em dezembro de 1987, contudo, o tempo da elaboração até a sua execução e finalização o Instituto Euvaldo Lodi (IEL) declarou que foi um período de quatorze meses, a contar do dia 27/02/1987 a 30/03/1988. No mesmo mês as empresas passaram por uma avaliação feita pelo o IEL e, o resultado foi surpreendente (FIGURA 20).

<sup>41</sup>Conversa ao telefone no dia 02 de agosto de 2014. Esta e outras conversas foram acontecendo na medida em que surgia alguma dúvida no exato momento de unir as informações e formar a dita “ponte” de Rui Martinho Rodrigues (2011b) citada no corpo desta tese.

Figura 20 – Declaração do IEL sobre o Projeto de Consultoria



**INSTITUTO EUVALDO LODI**  
NÚCLEO DO CEARÁ  
Órgão do SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO CEARÁ  
Reconhecido de Utilidade Pública p/Lei 9.951 de 24/10/75

**DECLARAÇÃO**

Declaramos, para os devidos fins, que a Senhora LÍGIA FIDELIS DE SOUZA, no período de 27.02.87 a 30.03.88, prestou serviços a este Instituto junto à Diretoria de Cooperação Técnica Universidade/Indústria, na qualidade de Consultora Técnica do Projeto "Consultoria à Indústria de Confecção", desenvolvido na Empresa Mayka Indústria e Comércio de Confecções Ltda, cabendo à mesma orientar duas alunas do Curso de Economia Doméstica da Universidade Federal do Ceará, no que diz respeito à racionalização do trabalho, estudo e ajustamento do fluxograma de produção e desenvolvimento de produtos a serem lançados no mercado.

Fortaleza, 19 de junho de 1989.

*Teresa Lenice Mota*  
Teresa Lenice Mota  
Superintendente

MVCR/AFAF-89.

AV. BARÃO DE STUDART, 1980 - 4.º ANDAR - FONE: 244-9001 - TELEX (085) 1504 FIEC BR - CEP: 60.120 - ALDEOTA - FORTALEZA-CEARÁ

Fonte: Acervo da Professora Lígia Fideles de Souza.

Todas as empresas se mostraram satisfeitas com os resultados obtidos e elogiaram bastante a atuação das professoras e dos estagiários. A notícia repercutiu positivamente, inicialmente no departamento de Economia Doméstica e

em seguida na UFC. Depois de então os *“caminhos do mundo da confecção se abriam”*, frisou a professora Lígia Fideles.

Na mesma época surgiu o Centro Tecnológico de Confecções do Ceará (TCCC), o Vicente Paiva tornou-se presidente e as possibilidades para a Universidade desenvolver outros trabalhos foram ainda maiores. O mesmo teve logrado a sua sede no quinto andar do Edifício Jangada, localizado na Rua Major Facundo, nº 253, bem no centro de Fortaleza.

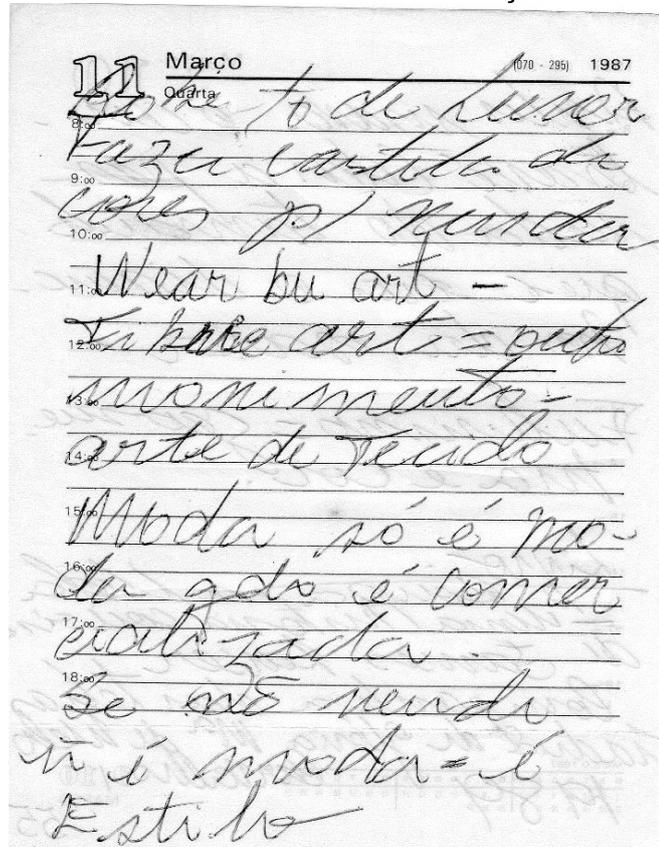
No entendimento da professora Lígia Fideles, a localização do CTCC foi estratégica, pois Vicente Paiva, na época fazia de tudo para chamar a atenção das autoridades e também da sociedade sobre as questões relacionadas ao vestuário e a moda. Isso porque nos estados das regiões sul e sudeste do país já havia manifestações sobre *“as roupas ditas da moda e ele se fazia presente em todas as FENIT’s, por isso queria ver o Ceará no mesmo ritmo”*.

Encontrei nas páginas do mesmo bloquinho muitas informações a respeito de reuniões ocorridas na FIEC, quando ela, Vicente Paiva e os empresários associados ao CTCC discutiram sobre os problemas que assolavam as indústrias de confecções no ano de 1987. Principalmente sobre moda e a estética dos produtos cearenses, destacando sempre a atualidade e a modelagem dos mesmos como os pontos mais pertinentes das discussões sob o ponto de vista dos empresários, que, aliás, foram bem explorados pela mídia local e nacional, principalmente pela Revista VEJA que na época dava toda a cobertura nos eventos de moda, principalmente à FENIT que teve grande repercussão e momentos de glória nos anos de 1970 e 1980.

Uma destas anotações me chamou a atenção porque mostra que havia na época uma necessidade crucial de compreender a crise para além das altas taxas de juros provocadas pelo plano cruzado e a falta de capital de giro que atingia todo o setor.

Nesta anotação, especificamente, senti que houve uma reflexão mais direcionada as questões da moda e também mais proximal ao problema, pois faz uma associação da moda ao consumo quando a professora Ligia Fideles escreveu: *“Moda só é moda quando é comercializada. Se não vender não é moda – é estilo”* (FIGURA 21).

Figura 21 – Definição de moda feita pela professora Lígia Fideles de Sousa na reunião ocorrida na FIEC no dia 11 de março de 1987



Fonte: Acervo da Professora Lígia Fideles de Souza.

Acredito que neste exato momento teve início em Fortaleza o despertar pela moda como o elemento que iria ajudar o Setor de Confecções do Ceará a sair da crise, na medida em que as informações da moda poderiam agregar novos atributos aos confeccionados cearenses e conseqüentemente promover competitividades fora do Estado.

Considerando que a moda sobrevive do consumo é certeza de que eles estavam no rumo certo e em médio prazo o aumento das vendas resolveria grande parte do problema, principalmente o relacionado a crise financeira e, em longo prazo os demais problemas relacionados ao setor.

Esta reunião tem data de 11 de março de 1987 e segundo a professora foi exatamente neste dia que essa discussão aconteceu, na tarde de uma quarta-feira e, que essa definição e também compreensão sobre moda e estilo fez os empresários cearenses compreenderem o porquê das vendas dos confeccionados de São Paulo e do Rio de Janeiro ser diferente das vendas dos confeccionados

cearenses, pelo menos, naquele momento. Para além dessa compreensão, fez também despertar pelo o profissional para trabalhar a moda no Ceará.

Em junho do mesmo ano o Ceará foi mais uma vez para a FENIT, com setenta empresas do setor. Um mês antes da feira Vicente Paiva deu uma entrevista ao jornal Tribuna do Ceará com o objetivo de incentivar os empresários a participarem:

No momento atual, para vencer as dificuldades existentes a Associação recomenda aos associados que se mantenham unidos nas reivindicações de apoio financeiro e que possam se organizar na busca de mercados e manter o espaço já ocupado. Uma receita para combater a crise segundo Vicente Paiva é investir na criatividade, na criação de novos produtos e minimizar os estoques. Voltar a criar um marketing de agressão ao mercado que se coadunem as características da região. (CONFECÇÕES..., 1987).

Nesta entrevista observei a preocupação que Vicente Paiva tinha com a questão da criação e da criatividade, mas por outro lado, vi também que tanto ele como os próprios empresários não sabiam como desenvolver essa criatividade e tampouco como criar novos produtos, pois até o ano de 1987 pouco se falava de moda no Ceará e, quando o assunto era abordado, era por profissionais de outros Estados e até de outros países, que vinham a Fortaleza patrocinados pelos empresários associados à Associação dos Confeccionistas do Ceará – ACC e pela FIEC que investia muito nas questões do setor e por isso promovia encontros dessa natureza.

De acordo com a professora no ano de 1987 tudo já conspirava para a criação de um curso que formasse profissionais para trabalhar com moda na capital cearense, isso em função do que vinha sendo discutido acerca dos problemas do Setor de Confecções desde 1982 quando a crise do setor se agravou mais ainda com a perda dos empresários que faleceram no acidente da aeronave que caiu em Pacatuba.

Porém, atribuiu ao projeto de consultoria que foi desenvolvido nas empresas no ano de 1987, em especial na MAIKA Confecções, onde ela atuou como consultora e também orientadora, como sendo o responsável pela decisão que tomou em continuar insistindo na ideia de criar um curso de Estilismo em Moda na UFC, foi, portanto, “a nascente” do curso.

Considerando que foi nesta experiência, bem no dia-a-dia da MAIKA Confecções que ela sentiu a necessidade de um profissional que trabalhasse exclusivamente o produto, tanto na sua pesquisa e criação como no seu desenvolvimento.

Neste mesmo discurso mencionou que houve também dois fatos inusitados que muito contribuíram para fortalecer a sua ideia de criar o curso de moda. O primeiro estava relacionado a um encontro que teve com o professor Marcondes Rosa, que era um entusiasta pelas questões da moda e o segundo, estava relacionado à posse do novo Reitor, o professor Raimundo Hélio Leite que assumiu a Reitoria no dia 21 de junho de 1987 e com ele, novas propostas e a intensão de aproximar a Universidade da sociedade e de suas demandas. Intensões estas que favoreciam consideravelmente na criação de um curso novo e diferente como o curso de Estilismo em Moda que pretendia implantar na UFC.

O encontro com o professor Marcondes Rosa aconteceu em agosto de 1987, dois meses depois da posse do novo Reitor. Na ocasião conversavam sobre moda, os problemas do Setor de Confecções do Ceará e a sua intenção de criar um curso de Estilismo em Moda, quando o professor informou que Violeta Arrais havia chegado recentemente da França com informações de moda e que a mesma estava em Fortaleza e iria convidá-la para uma reunião na FIEC.

Vale informar que ao lembrar-se deste encontro que teve com o professor Marcondes Rosa, a professora deu uma pausa e lembrou-se também de um acontecimento bizarro relacionado ao acontecido. Tratava-se do local aonde esta conversa se proferiu. Pois a mesma não aconteceu em uma reunião formal como mandava as normas da Universidade, ao contrário, aconteceu fora da Reitoria e segundo suas palavras sob condições bem irreverentes e também inesquecíveis que fez questão de relatar:

“Olhe, essa reunião aconteceu no pé de um poste, lá no Benfica, na Rua Paulino Nogueira, fora da Universidade e bem depois do expediente. Já era noite, pois o expediente na Reitoria terminava às 18 horas. Foi lá, neste local que eu e o professor Marcondes Rosa articulamos as primeiras ações em prol da criação do curso. E na ocasião o professor me convidou para uma conversa informal com Violeta Arrais, que havia chegado de Paris com informações sobre moda e, naquela semana coincidentemente ela estava em Fortaleza. Isso era meado de agosto de 1987, 18 ou 19 do mês. Essa informação foi muito importante e chegou à boa hora”.<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup>Relato da professora Lúgia Fideles de Sousa em entrevista dia 21 de abril de 2014.

A reunião com Violeta Arrais aconteceu no dia 21 de agosto de 1987 como a presença da professora, do Vicente Paiva, do professor Marcondes Rosa, de empresários do setor e demais convidados.

Na opinião da professora Lígia Fideles, esta reunião foi a mais produtiva entre todas que já havia acontecido para falar de moda, até mesmo se comparada às palestras ocorridas em ocasiões anteriores, pois até aquele momento Violeta Arrais foi à única pessoa que falou de moda de modo que os empresários cearenses compreenderam e o melhor, absorveram as informações sobre tendência em benefícios de seus produtos. Pois ela articulou muito bem moda com regionalidade. Faz os empresários perceberem no artesanato várias possibilidades de criação de novos produtos.

Dias depois desta reunião a professora Ligia Fideles foi até ao Magnífico Reitor professor Raimundo Hélio Leite, conversar sobre a sua ideia de criar um curso de Estilismo em Moda e também solicitar pela criação do mesmo na Universidade. Na mesma ocasião agendou uma reunião formal para tratar do assunto. A mesma aconteceu também, em gosto de 1987<sup>43</sup>, entre os dias 27 e 28, com a presença do Magnífico Reitor, do Sr. Vicente Paiva e da Sra. Vânia Dumman, Editora de revistas de moda que ela achou por bem levar para o Magnífico Reitor sentir a repercussão midiática acerca do mundo e do mercado de moda.

Durante esta reunião foi abordado por todos e de maneira diferente tanto a necessidade do curso de moda naquele contexto econômico e social que o Ceará passava, como a importância deste profissional no mercado de trabalho.

Depois de ouvir atentamente a todos, o Magnífico Reitor concordou em criar o curso, porém, em nível de extensão, ou seja, com duração de dois anos. Sobre esta informação procurei o professor Hélio Leite para falar desta reunião e também assuntar se ele teria algo mais a acrescentar. A entrevista foi realizada no dia oito de setembro de 2014 e na conversa ele relatou:

Lembro muito bem dessa reunião. Estavam presentes a professora Ligia do Departamento de Economia Doméstica, o Vicente Paiva da FIEC e uma moça do jornal O Povo, até nem compreendi porque que aquela moça estava ali. Durante a reunião expliquei ao grupo que a estratégia adequada era começar com um bom curso em nível de extensão e qualificar primeiro o corpo docente e em seguida preparar o curso para

---

<sup>43</sup>Relato da professora Ligia Fideles de Souza em entrevista realizada no dia 21 de abril de 2014.

uma possível transformação do curso de extensão em curso de graduação, o mais rápido possível. Apoiei a criação do curso, mas deixei claro que a universidade não teria recursos para a sua implantação, pois as universidades públicas brasileiras passavam pela a pior crise orçamentária de todos os tempos. Aliás, nunca a UFC havia passado por situação nem parecida, de tão grave que foi a falta de recursos na instituição. Mas vi na criação do curso de Estilismo em Moda uma oportunidade nova para a UFC e conseqüentemente para a sociedade. E eu, na condição de Reitor tinha assumido compromisso com a sociedade por entender que a universidade pública é um bem social e, por esta razão deveria responder as demandas que lhe eram postas por aqueles que a sustentavam com o pagamento de impostos.<sup>44</sup>

Acatada a ideia de criar o curso continuaram a reunião discutindo sobre a origem dos recursos para a implantação e execução do projeto, o mercado de trabalho e a formação do profissional, quando então perceberam que o curso de Economia Doméstica não dominava a área de desenho e por isso não poderia assumir tudo sozinho e que esta seria indispensável para a formação do Estilista de Moda.

Na ocasião, o Magnífico Reitor encaminhou dois ofícios, um, para o Pró-Reitor de Extensão, professor José Nelson Espíndola Frota comunicando-lhe a criação de um curso de Estilismo em Moda na UFC, em nível de extensão e também solicitando o agendamento de uma reunião com a professora Lígia Fideles de Souza e, o outro, direcionado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo solicitando a participação de profissionais da área no referido curso.

Segundo a professora Lígia Fideles, esta reunião não poderia ter sido melhor. Saíram do prédio da Reitoria vitoriosos e satisfeitos com a receptividade do Reitor Prof. Raimundo Hélio Leite. *“Foi um ponto para nós”* – disse a professora com o sorriso nos olhos. E acrescentou que a partir daquele dia foram dar continuidade ao processo, no qual ela ficou responsável em elaborar o Projeto de Extensão que daria origem ao curso na Universidade, Vicente Paiva em articular junto a FIEC todos os recursos materiais necessários para a viabilidade da existência do curso e, a UFC, em promover a aprovação do projeto nas instâncias da instituição e todo o apoio institucional necessário no percurso. Ou seja, a universidade assumiu a responsabilidade de promover a existência do curso dentro do seu espaço acadêmico. Fato que a identifica como pioneira no ensino de moda nas Universidades públicas dos pais.

---

<sup>44</sup>Relato do Professor Raimundo Hélio Leite em entrevista dia 08 de setembro de 2014.

Quanto à participação da Sra. Vânia Dumman na reunião ocorrida com o Reitor Raimundo Hélio Leite, informou a professora Lígia Fideles em mais uma de nossas conversas<sup>45</sup>, que foi uma estratégia dela e de Vicente Paiva para exaltar a importância do projeto e mobilizar ainda mais a Universidade. Pois na condição de jornalista Vânia Dumman dava cobertura sobre tudo o que acontecia sobre moda e a UFC precisava saber o que estava acontecendo fora do seu universo e também saber sobre a expectativa da sociedade com a criação de um curso. Pois na época, já havia manifestação sobre o assunto.

A partir desta reunião, de fato, teve início institucionalmente o processo de criação do curso de Estilismo em Moda da Universidade Federal do Ceará e com ele a realização do desejo da professora Lígia Fideles e de Vicente Paiva que até então estava apenas no campo das ideias, mas que a partir de então começou a ganhar corpo, voz e vez.

Sobre esta passagem afirmou a professora que ela sabia que o caminho seria longo e também de muitos percalços, pois iria criar e implantar um curso completamente adverso às expectativas da comunidade acadêmica e também porque em outras ocasiões já tinha percebido a opinião de alguns professores da própria UFC, principalmente dos que já sabiam da sua intenção com a criação do curso. Ainda assim preferiu trilhar esse caminho a desistir no que acreditava.

Em sua opinião só lhe restava então seguir em frente, “*o Setor de Confecções precisava e não dava mais para desistir*” – afirmou com altivez. Porém, apesar da certeza que tinha de que iria ter menos apoio do que de fato precisava, continuou sem se, preocupar, principalmente, com os comentários que já “*rondavam*” pela Universidade.

Neste sentido comentou que o clima na UFC era muito tenso, pois se espalhava na Instituição opiniões negativas a respeito do curso, só porque se referia ao ensino de moda. “*o curso não era visto com bons olhos*”.

Era final de agosto de 1987 e a professora Ligia Fideles foi elaborar o Projeto de Extensão junto com a professora Zilsa Santiago do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFC. Considerando que na Universidade já disseminavam comentários negativos sobre o curso e também que os próprios professores do Departamento de Economia Doméstica, de onde saia o Projeto de

---

<sup>45</sup>Dia 15 de setembro de 2014.

Extensão, não queriam assumir compromisso com ele, então fiquei inquieta em querer saber como a professora Zilsa Santiago entrou nesta história.

O primeiro passo foi localizá-la na Universidade e marcar uma entrevista para maiores esclarecimentos.

Na entrevista<sup>46</sup> com a professora Zilsa Santiago compreendi que o Departamento de Arquitetura e Urbanismo acatou prontamente a solicitação da Reitoria na qual a Universidade solicitou formalmente ajuda ao departamento na empreitada da criação do curso de Estilismo em Moda.

De acordo com a professora no mesmo dia em que chegou o ofício no seu departamento, o professor Joaquim Aristides de Oliveira que era chefe na época, a chamou para comunicar o assunto. Associou o ocorrido ao fato de ela ministrar aulas nas disciplinas do Setor de Estudo Percepção e Representação da Forma, que de certo modo tinha uma aproximação com os interesses acadêmicos do curso, vez que desenho fazia parte das ementas destas disciplinas e a moda precisava do desenho para se expressar.

Quanto a sua disponibilidade em ir para o curso mesmo sem saber direito o que iria fazer, informou que partiu de uma motivação pessoal e também da responsabilidade que tinha e continua a ter com a universidade. Segue suas palavras:

Fui para o curso de Estilismo e Moda porque além de ter me identificado com o curso sempre entendi que a Universidade é um todo. Também porque concordei com a ideia do curso. Eu gostava da área de moda e tinha afinidade em função de ter desenvolvido algumas habilidades ainda quando criança costurando roupas de bonecas. Então fui ajudar a Lígia no que ela precisou. E ficamos juntas até o curso ir para a Graduação, aliás também ajudei, junto com a let Peyter, a elaborar o projeto que levou o curso para a Pró-Reitoria de Graduação. Mas admito que apesar de ter ficado o tempo todo ao seu lado a Lígia é o coração do curso. Foi ela quem o criou. Ela foi muito valente e empreendedora e, viu no Vicente Paiva uma vontade muito grande de promover algo novo para o Setor de Confecções, que passava por crises. Como ele também tinha muita visão, logo percebeu que se o CTCC não se aliasse com a UFC o Ceará continuaria imitando moda. Então eles se uniram e foram à luta, mas a ideia de criar o curso foi da Ligia, isso deve sempre ser dito.<sup>47</sup>

Como resposta o departamento de Arquitetura e Urbanismo oficializou junto à Universidade a liberação de vinte horas semanais de trabalho da professora

---

<sup>46</sup>Realizada no dia 18 de setembro de 2014 no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFC.

<sup>47</sup>Relato da professora Zilsa Maria Pinto Santiago em entrevista realizada no dia 18 de setembro de 2014.

Zilsa Santiago para que a mesma pudesse se dedicar as atividades de elaboração do projeto com a professora Lígia Fideles e as demais providências que necessitasse no percurso de criação e também de implantação do curso. E a partir de então tem início o processo de criação do curso de moda da Universidade Federal do Ceará.

#### **4.3 O período mais importante na história do curso: agosto de 1987 a agosto 1989**

De acordo com documentos e relatos da professora Lígia Fideles e demais entrevistados, o período entre os meses de agosto de 1987 até agosto de 1989 guarda os anos mais importantes em toda a história do curso, pois neles aconteceram “tudo” que viabilizou a sua existência, afirmou a professora com determinação: “A partir de agosto de 1989 o curso deu início as aulas na sede da Associação de Confecções do Ceará no CTCC, localizado no Edifício Jangada na Praça do Ferreira e, a criação do curso já era fato consumado” (Informação verbal)<sup>48</sup>.

No entanto, a maioria dos fatos e dos acontecimentos ocorridos neste período não está registrada no acervo da Universidade. Mas, como afirma Hobsbawm (1998, p. 254) que “[...] o problema fundamental para o historiador contemporâneo em nosso tempo infinitamente burocrático, documentado e inquiridor é mais excesso de fontes primárias que a escassez das mesmas.”

Mais uma vez a sua prerrogativa é verdadeira, pois apesar de a Universidade não ter fontes que revelassem os vestígios, como diz Martinho Rodrigues (2011b), de tudo o que foi produzido neste período, encontrei no acervo da professora e também no relato da sua oralidade a verdade histórica deste tempo passado. E de tantas informações, precisei ser bastante criteriosa e também ter o cuidado na leitura e na interpretação das mesmas, para poder construir as pontes que precisava para escrever a minha narrativa história sobre a criação do curso de moda da UFC e até mesmo com o passar do tempo fazer os gostos da “Própria História” – passar esta história de geração a geração.

---

<sup>48</sup>Relato da professora Lígia Fideles de Souza em entrevista realizada no dia 14 de abril de 2014.

Nesta pesquisa, a memória mais uma vez apareceu como uma fonte valiosíssima, a única que pode resgatar o que ninguém mais sabia e também corroborou com a reprodução e a essência da existência da própria história – a verdade histórica. Para tanto, diz Bossi:

Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser produzido. A memória é a faculdade épica por excelência. [...] A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos. (BOSSI, 1987, p. 48).

Concordando com Bossi, foi à memória dos sujeitos que deu conta desse passado, com mais participação à história oral da professora Lígia Fideles que na condição de protagonista sabia muito mais do que qualquer outro sujeito. E segundo a sua memória, foi depois da reunião com o Magnífico Reitor que ela e Vicente Paiva começaram a articular em prol da criação do curso.

As primeiras providências foi formar uma comissão para trabalhar no projeto e procurar apoio nas instituições interessadas. Na comissão ficou ela responsável pela área técnica, a professora Zilsa Santiago, responsável pela área de criação e Vicente Paiva responsável em viabilizar as questões econômicas para a implantação do projeto.

A segunda providência foi buscar informações que dessem suporte na elaboração do projeto, pois até aquela data em Fortaleza o ensino de moda era completamente desconhecido e por isso não havia na cidade quem pudesse corroborar.

Para isso Vicente Paiva recorreu ao apoio do Conselho Nacional da Indústria, da Secretaria da Indústria e Comércio do Ceará, do SENAI, de empresas locais e da FIEC e conseguiu o patrocínio para os três fazer uma viagem pelos cursos de moda que existia no país. No caso, na faculdade Anhembí Morumbi localizada em São Paulo SP e no SENAI-CETIQT localizado no Rio de Janeiro.

De volta a Fortaleza, no final de 1987, as professoras elaboraram o “PROJETO PARA IMPANTAÇÃO DO CURSO DE ESTIISMO EM MODA NA UFC” e no ano seguinte, em maio de 1988 a professora Ligia Fideles deu entrada no Departamento de Economia Doméstica para a sua apreciação na reunião do seu colegiado como primeira instância a ser submetido.

Neste discurso, lembrou a professora que a reunião do DED aconteceu no final de junho de 1988 e que após a apresentação do projeto houve certa rejeição da parte de alguns presentes, mas, no final o Projeto acabou sendo aprovado com unanimidade, considerando a justificativa de que o departamento havia passado pela a experiência da consultoria feita no ano anterior e que teve bons resultados.

Quanto à rejeição sentida acredita ter sido em função de que o curso de Economia Doméstica nunca teve em seus fundamentos qualquer ligação com a moda, embora trabalhasse com a área Têxtil e Vestuário desde 1973.

Após a aprovação do Projeto na reunião do Colegiado do Departamento de Economia Doméstica, ele foi encaminhado pela chefe do Departamento Maria Consuelo Landim (MESQUITA, 2008) para apreciação no Colegiado do Centro de Ciências Agrárias (CCA). Segunda instância da UFC pela qual precisou passar antes de chegar à Pró-Reitoria de Extensão.

Dois meses depois, exatamente no dia 10 de agosto de 1988 a Federação das Indústrias do Ceará (FIEC)<sup>49</sup>, na pessoa de Luiz Esteves Neto, presidente, encaminhou um ofício<sup>50</sup> para a UFC solicitando o apoio para a implantação do curso.

**FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO CEARÁ**  
**Gabinete da Presidência**

**Of. nº 124/88-G.P.**

**Fortaleza 10 de agosto de 1988.**

**Prezado Senhor,**

Levamos ao conhecimento de V. As. Que a FIEC apoiando iniciativa do Centro Tecnológico de Confeccões do Ceará – CTCC; e juntamente com o Governo do Estado do Ceará através da sua Secretaria da Indústria e Comércio; do Centro Tecnológico da Indústria Química e Têxtil – CETIQT; do Serviço Nacional da Aprendizagem Industrial – SENAI e do Instituto Euvaldo Lodi – IEL/Ce, através de seus dirigentes, reuniram-se e reivindicaram o apoio da Universidade Federal do Ceará – UFC para, juntos tratarem do assunto MODA NO CEARÁ.

Definiu-se, então, pela ideia de implantar, inicialmente, um Curso de Extensão em Estilismo em Moda, com a perspectiva de tornar-se um Curso de graduação. Para isso, deverá ser explorado, ao longo do curso, o desenvolvimento do espírito criativo, a fim de que seja incrementado,

---

<sup>49</sup>Na época localizada na Rua Major Facundo, 253 – 6º Andar.

<sup>50</sup>Acervo da professora Lígia Fideles de Souza.

mais ainda, o Pólo de Moda no Estado não só pelo potencial produtivo, mas essencialmente pelo estilo e pela a qualidade do que é produzido.

O mencionado curso tem por objetivo geral formar profissionais especializados em moda. Para tanto, estamos solicitando o apoio da V. Sa. para a concretização desse projeto, de relevada importância para o Ceará.

Atenciosamente,  
Luiz Esteves Neto  
Presidente

Coincidentemente ou não, também no mesmo dia, 10 de agosto de 1988, a Secretaria de Indústria e Comércio (SIC), encaminhou um ofício<sup>51</sup> para a Universidade solicitando o apoio da Instituição para a implantação do referido curso.

O texto do ofício é esclarecedor, longo e mais parece uma carta. Porém, mereceu ser citado em função do seu escrito está coerente ao contexto em que vivia o Setor de Confecções na época e também a toda a movimentação que já existia acerca do problema, que, aliás, é muito bem apresentado pelo secretário com uma densa justificativa da situação e também do envolvimento do Governo Estadual em prol da resolução dos problemas relacionados a este setor da economia.

**GOVERNO DO ESTADO DO ESTADO DO CEARÁ  
SECRETARIA DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO**

**Of. nº 01/2/88**

**Fortaleza, 10 de agosto de 1988.**

**Prezado Senhor;**

Como é do conhecimento de V.Sa., a partir de 1979, com o advento do II Polo Industrial do Nordeste o governo do Estado incluiu, dentre as suas prioridades, o Programa de Apoio ao Setor de Confecções, objetivando consolidar a posição desse segmento na região e permitir sua expansão à nível nacional

A evolução desse segmento permite-nos constatar que hoje as atividades dedicadas a confecção de vestuário vêm experimentando acentuada expansão nos últimos anos, até alcançar o estágio atual de Segundo Polo de Confecções do País.

---

<sup>51</sup>Acervo da professora Lígia Fideles de Souza.

No entanto, apesar da atualização e qualidade dos seus produtos, o setor ressentia-se de profissionais na área de moda, pagando um elevado preço pela importação de informações e de especialistas na matéria.

Em apoio a iniciativa do Centro Tecnológico de Confeções do Ceará-CTCC e objetivando, reverter esse último quadro, é que pretendemos, ao lado da Universidade Federal do Ceará-UFC, atingir, com nosso apoio institucional e financeiro, as seguintes metas: implantar um curso de extensão em Estilismo em Moda, durante o ano de 1989; formar 20 alunos especializados em moda no Biênio 89/90; treinar e reciclar o corpo docente da UFC na área de Tecnologia da Moda no ano de 1988; selecionar e contratar um corpo docente especializado na área, junto a UFC; e implantar em instalação física adequada um Centro de Modas na UFC; onde funcionará o curso de Estilistas em Moda.

Tendo em vista a importância da implantação do curso para o setor que ocupa um espaço muito grande no comércio do Estado do Ceará, é que nos dirigimos à V. Sa. Para solicitar o apoio na concretização desse projeto.

Desde já agradecemos a atenção, na certeza de que vamos receber todo o apoio necessário.

Na oportunidade enviamos protestos da mais alta estima e apreço.

Francisco Ariosto Holanda  
Secretário

Dois dias depois, no dia 12 de agosto de 1988 a Universidade, na pessoa do Vice-Reitor em exercício, o professor Raimundo Holanda Farias, respondeu à FIEC comunicando que a solicitação foi prontamente atendida e se colocou a disposição.

**Ministério da Educação e Cultura  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
REITORIA**

**Em 12 de agosto de 1988.**

**Of. Circ. nº 020/88-GR  
Do Vice-Reitor no Exercício da Reitoria**

**Ao  
Assunto: Solicitação (faz)**

**Prezado Senhor,**

Levamos ao conhecimento de V. S<sup>a</sup> que a Federação das Indústrias do Estado do Ceará/FIEC, juntamente com o Governo do Estado do Ceará, reuniram-se e reivindicaram o apoio da Universidade Federal do Ceará-UFC, para junto, tratarem do assunto MODA NO CEARÁ, no que foram prontamente atendidos por esta Instituição.

Definiu-se, então, a ideia de implantar, inicialmente, um Curso de Extensão em Estilismo em Moda, com a perspectiva de tornar-se um Curso de Graduação. Para isso, deverá ser explorado, ao longo do curso, o desenvolvimento do espírito criativo, a fim de que seja incrementado, mais ainda, o Pólo de Moda no nosso Estado, não só pelo potencial produtivo, mas essencialmente, pelo estilo e pela qualidade do e produzido.

O mencionado curso tem por objetivo gerar profissionais especializados em moda. Para tanto, estamos solicitando o apoio de V.S<sup>a</sup> para a concretização deste projeto, de relevada importância para o Ceará.

Atenciosamente,  
Prof. Raimundo Holanda Farias  
Vice-Reitor no Exercício da Reitoria

O referido ofício, ao mesmo tempo em que manifesta a Universidade disposta a colaborar com a criação do curso, também registra a sua solicitação de ajuda para a implantação do mesmo. Como prova da crise que a instituição passava. Mas, o que mais me impressionou do texto foi encontrar vocabulário bem específicos do sistema da moda, como por exemplo: “desenvolvimento do espírito criativo”. Deu parecer de que até aquele naquele todos já estavam bem familiarizados com a questão do curso.

O ofício de resposta a Secretaria da Indústria do Ceará (SIC) não foi encontrado. Acredito que a Universidade compreendeu que respondendo a FIEC contemplava também a SIC, considerando que a sua sede era lograda no mesmo edifício.

Sobre este particular, a professora Lígia Fideles disse que os dois ofícios, tanto o da FIEC como o da SIC foram encaminhados para UFC no mesmo dia para mostrar a Universidade o que estava acontecendo “*lá fora* e também “*pressioná-la*” a se posicionar e agir o mais rápido possível”. Pois já tinha comunicado em reunião com o Magnífico Reitor professor Hélio Leite da sua intenção de criar um curso de Estilismo em Moda na Universidade e os dois órgãos: a FIEC e a SIC também já tinham conhecimento do acontecido.

Compreendi que o momento era mesmo de articulação em defesa da criação e da implantação do curso e como era do interesse desses órgãos de fomentos do Governo que o curso fosse realmente implantado, então cada um fez a sua pressão.

Com efeito, funcionou e no dia primeiro de setembro de 1988<sup>52</sup> a comissão responsável pelo Projeto: professoras Lígia Fideles e Zilsa Santiago e Vicente Paiva foram convidados a participar de uma reunião na Pró-Reitoria de Extensão para apresentação do Projeto e esclarecimentos sobre a sua implantação, considerando que a Universidade havia deixado claro no primeiro contato que a questão estrutural de custos com edificações não seria da sua responsabilidade. Na ocasião, a professora Lígia Fideles recebeu das mãos do Pró-Reitor uma PORTARIA<sup>53</sup> que lhe dava poderes para Assessorar a Pró-Reitoria na criação do curso.

**Ministério da Educação  
Universidade Federal do Ceará**

**PORTARIA Nº 14, DE 1º DE SETEMBRO DE 1988.<sup>54</sup>**

O Pró-Reitor de Extensão da UFC, no uso de suas atribuições legais e, de acordo com a Portaria nº04, de 22 de junho de 1987 do Magnífico Reitor,

**RESOLVE**, designar LÍGIA FIDELES DE SOUZA, Professora Adjunto II, lotada no Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal do Ceará, para exercer o cargo de Assessora da Pró-Reitoria de Extensão, a fim de planejar, organizar e implantar o Curso de Estilismo e Moda nesta Universidade.

Prof. José Néilson Espíndola Frota  
Pró-Reitor de Extensão

Dias depois a professora Zilsa Santiago também recebeu uma PORTARIA<sup>55</sup> a qual foi encaminhada ao seu departamento – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, a qual dava ciência a todos da sua participação na

---

<sup>53</sup>Documento da Universidade Federal do Ceará / Ministério da Educação. Acervo da professora Lígia Fideles de Souza.

<sup>54</sup>No projeto consta uma anotação com a data da sua aprovação dia 02 de setembro de 1988. Fato que explica que a professora Lígia Fideles recebeu a declaração um dia antes da liberação do projeto e do seu encaminhamento no departamento de Economia Doméstica.

<sup>55</sup>Acervo da professora Zilsa Maria Pinto Santiago.

criação e implantação do Curso de Estilismo em Moda na universidade e das devidas horas que seriam liberadas no seu plano de trabalho para o desenvolvimento das atividades ligadas diretamente ao processo em andamento.

**Ministério da Educação  
Universidade Federal do Ceará**

**PORTARIA Nº 13, DE 1º DE SETEMBRO DE 1988.**

O Pró-Reitor de Extensão da Universidade Federal do Ceará, no uso de suas atribuições legais e, de acordo com a Portaria nº 04, de 22.06.87 do Magnífico Reitor,

**RESOLVE**, designar ZILSA MARIA PINTO SANTIAGO, professor Auxiliar 03, integrante da Tabela Permanente da UFC, para exercer o cargo de Assessora da Pró-Reitoria de Extensão, a fim de planejar, organizar e implantar o Curso de Estilismo em Moda nesta Universidade.

Prof. José Nelson Espíndola Frota  
Pró-Reitor de Extensão

O Projeto de Extensão foi aprovado definitivamente e a partir de então, as professoras Lígia Fideles e Zilsa Santiago foram institucionalmente liberadas para trabalhar na criação e implantação do curso.

Apesar de no projeto constar a solicitação de vinte horas para as duas professoras, somente para a professora Lígia Fideles foi liberado conforme a solicitação.

Para a professora Zilsa Santiago, conforme a PORTARIA Nº 13, a Universidade liberou apenas oito horas semanais. Segundo as professoras, a Universidade considerou que as atividades de coordenação exigiram mais tempo, por isso a professora Lígia Fideles conseguiu a liberação de vinte horas.

Sobre as portarias, afirmou a professora Lígia Fideles que elas foram deliberadas depois de um mês de terem iniciado as atividades demandadas no próprio projeto (QUADRO 1).

Quadro 1 – Cronograma para implantação do curso de Extensão em Estilismo e Moda na UFC

CRONOGRAMA DE EXECUSSAO						
ATIVIDADES	1988		1989			
	Ago/Set	Out/Nov	Dez	Jan	Fev	Mar
Estabelecimentos de Convênios						
Instalações Físicas						
Aquisição de materiais						
Elaboração do Currículo						
Treinamento de Docentes						
Contratação de Docentes e Pessoal Administrativo						
Divulgação						
Seleção						
Início das aulas						

Fonte: Souza e Santiago (1988).

Segundo a professora Lígia Fideles o tempo era pouco para tantas providências, mas tentaram a todo custo seguir o cronograma. Porém, confessou que para *“a coisa funcionar, em alguns momentos, as atividades foram acontecendo concomitantemente – mas no fim deu certo”*<sup>56</sup>.

Em janeiro de 1989 ela e a professora Zilsa Santiago fizeram outra viagem para participarem de um treinamento no Fashion Intitute Technology – FIT<sup>57</sup> em Nova York.

As passagens<sup>58</sup> foram compradas no dia 29 de dezembro do ano anterior com cheque compensado pelo Banco Nacional do Norte S.A – BANORTE. O patrocinador da viagem foi Vicente Paiva e os órgãos do Governo Estadual interessados na criação e implantação do curso (FIGURAS 22, 23).

No dia 04 de janeiro, às cinco horas da manhã embarcaram destino a cidade do Rio de Janeiro, no voo nº 321-S Viação Aérea Rio Grandense (VARIG).

<sup>56</sup>Conversa ao telefone no dia 15 de setembro de 2014.

<sup>57</sup>O FIT é uma faculdade integrante da Universidade Estadual de Nova York (State University of New York), localizado na cidade de Nova York. O instituto envolve os estudos da moda, design, belas artes, design de embalagem e animação digital: além de marketing, publicidade, merchandising e produção. Recebendo atualmente mais de 10.000 estudantes, o instituto foi fundado em 1944 e atualmente oferece vagas em cursos de graduação e em cursos tecnológicos nas devidas áreas mencionadas. Acesso: [www.hotcourses.com.br](http://www.hotcourses.com.br) EUA. Universidade.

<sup>58</sup>Somente a professora Zilsa Maria Pinto Santiago havia guardado como recordação.

Figura 22 – Capa da passagem aérea da professora Zilsa Santiago com destino a cidade do Rio de Janeiro



Fonte: Acervo da professora Zilsa Maria Pinto Santiago.

Figura 23 – A passagem em nome de Zilsa Santiago

EMITIDO POR / ISSUED BY "VARIG" S.A. (Viação Aérea Rio-Grandense)  
BILHETE DE PASSAGEM E NOTA DE BAGAGEM PASSENGER TICKET AND BAGGAGE CHECK  
C.G.C. 92.772.821

ORIGEM / ORIGIN FORTALEZA  
DESTINO / DESTINATION FORTALEZA

042 4200305898

NOME DO PASSAGEIRO / NAME OF PASSENGER SANTIAGO, ZILSA

VALIDO A PARTIR DE / COUPONS NOT VALID BEFORE 1  
VALIDO ATÉ / COUPONS NOT VALID AFTER 2

DE / FROM FORTALEZA  
PARA / TO RIO JANEIRO

BASE TARIFÁRIA / FARE BASIS T5 R 200 RG  
FRANQUIA / ALLOW. 300 S  
P.N. REG. UNCK.WT. 1500 OK

TARIFA / FARE 314,928,00  
TAXA / TAX 4458,00  
TOTAL / TOTAL 319.386,00

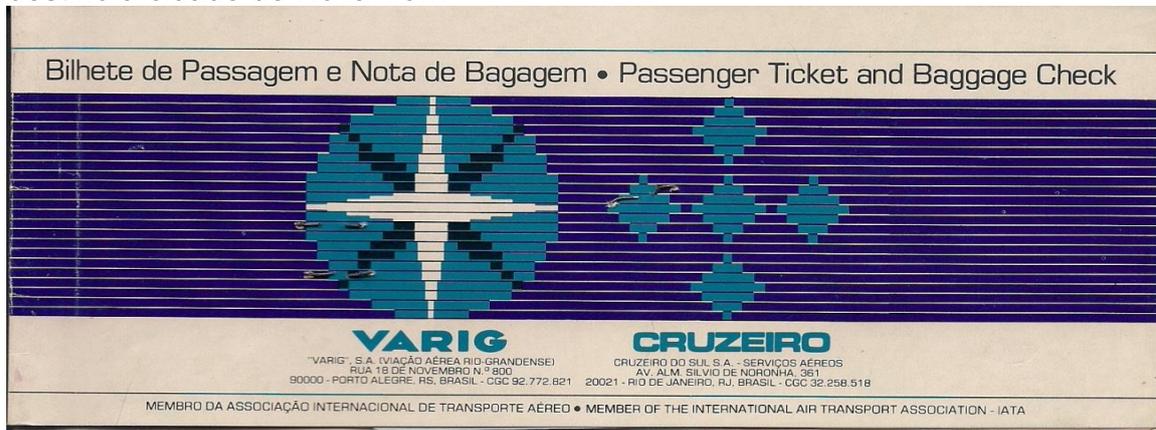
FORMA DE PAGAMENTO / FORM OF PAYMENT CASH

MUNDIALTUR 23 JAN 1989 083076

Fonte: Acervo da professora Zilsa Maria Pinto Santiago.

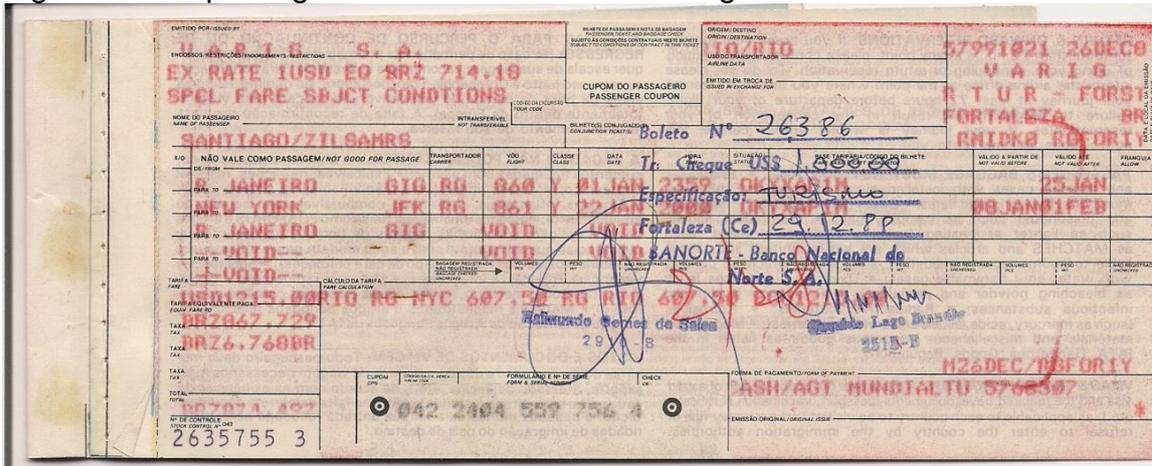
Da cidade do Rio de Janeiro embarcaram para Nova York. Já estavam de posse da carta de aceite e também do comprovante de inscrição (FIGURA 24, 25).

Figura 24 – Capa da passagem aérea da professora Zilsa Santiago com destino a cidade de Nova York



Fonte: Acervo da professora Zilsa Maria Pinto Santiago.

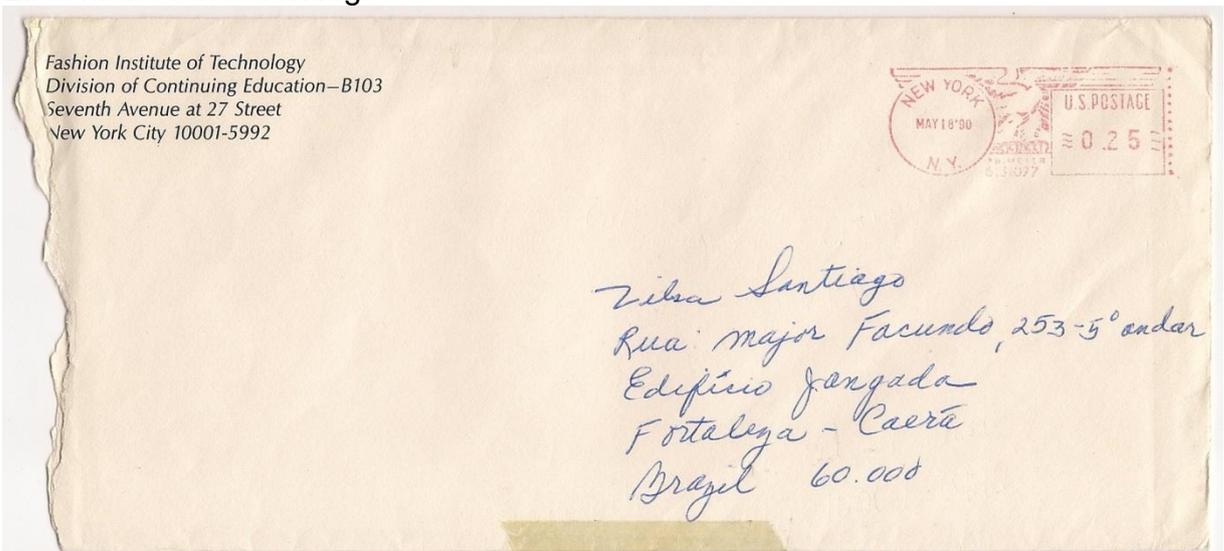
Figura 25 – A passagem em nome de Zilsa Santiago



Fonte: Acervo da professora Zilsa Maria Pinto Santiago.

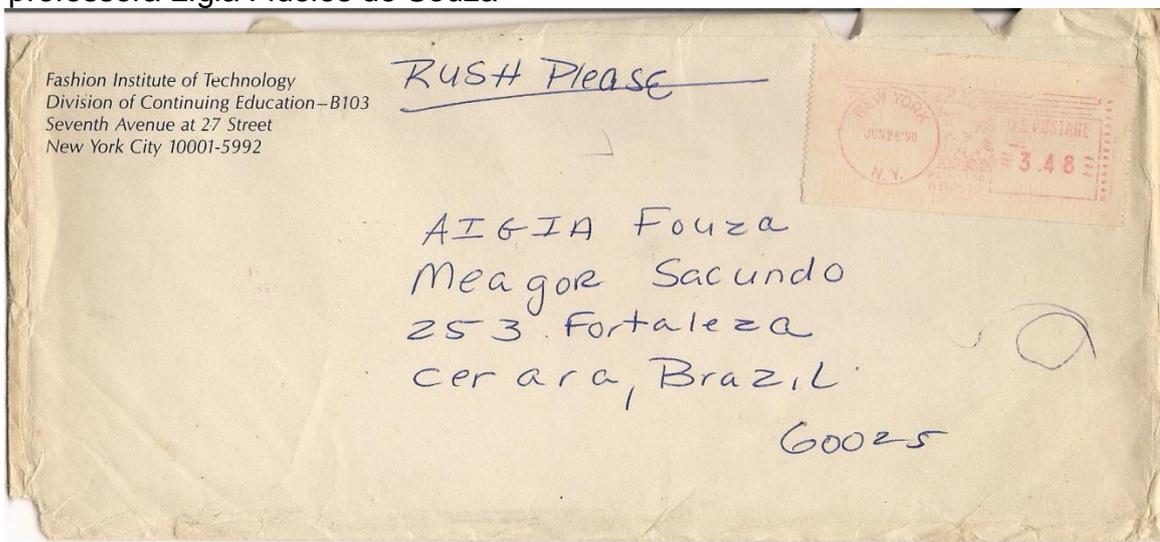
O Instituto já havia encaminhado uma correspondência para o CTCC e confirmando a data dos cursos nos quais iriam participar. Essa correspondência segundo a professora Zilsa Santiago, foi motivo de muita alegria, tanto para si como para a professora Lígia Fideles. Antes, ela e a professora Lígia Fideles haviam escrito uma carta de intenção para Vicente Paiva encaminhar para o Instituto (FIGURA 26, 27).

Figura 26 – Correspondência do Fashion Intitute Technology-FIT para a professora Zilsa Maria Pinto Santiago



Fonte: Acervo da professora Zilsa Maria Pinto Santiago.

Figura 27 – Correspondência do Fashion Institute Technology-FIT para a professora Lígia Fideles de Souza



Fonte: Acervo da professora Zilsa Maria Pinto Santiago.

Esta carta de intenção, segundo a professora Lígia Fideles em entrevista realizada no dia 14 de outubro de 2014, foi solicitada pelo Vicente Paiva para ele enviar ao Instituto. A solicitação chegou de última hora e por isso tanto ela como a professora Zilsa Santiago escreveram a punho mesmo, pois Vicente Paiva tinha muita pressa, e acrescentou: *“Ele era empresário e tudo pra ele era corrido demais”*.

As cartas são documentos primários de grande valor histórico e expressam o mesmo assunto – escrito de maneira diferente e, reportam a necessidade do treinamento para darem continuidade ao processo de criação e de implantação do curso de Estilismo em Moda da UFC. Portanto, são documentos primários de grande valor histórico (FIGURAS 28, 29).

Figura 28 – Carta de intenção da professora Lígia Fideles de Souza ao Fashion Institute Technology – FIT

PAG. 4

Sou professora da área de vestuário do Curso de Economia Doméstica da Universidade Federal do Ceará desde 1973.

Em 1987 fui indicada para organizar e implantar o Curso de Extensão = Estilismo em Moda nesta Universidade.

No momento estou tentando me aperfeiçoar para ensinar modelagem no referido curso.

Trabalho com ensino de confecção a mais ou menos 18 anos, e, gosto muito.

Também ensino confecção em comunidade pobre.

Desejo aprender bem inglês e francês para me informar melhor de moda, estilos e tendências.

Agradeço a oportunidade que o FIT está me proporcionando e espero aprender muito.

Até breve

Lígia Fideles de Souza

Figura 29 – Carta de intenção da professora Zilsa Santiago ao Fashion Institute Technology – FIT

PAG- 2

Eu sou professora de Desenho no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará desde 1983.

Em 1987 fui indicada juntamente com outra professora para organizar e implantar um curso de extensão - Estilismo em Moda. Na perspectiva de vir a ministrar uma disciplina neste curso, senti a necessidade de um aperfeiçoamento em línguas estrangeiras e um treinamento específico em desenho de moda.

A oportunidade de fazer um curso no F.I.T. é muito importante e acredito que conseguirei tornar-me apta a ensinar e atender os objetivos do curso.

Atenciosamente

Zilsa Maria Pinto Santiago



Quando retornaram investiram fortemente na divulgação do curso, tanto na imprensa escrita como nas rádios e TV, principalmente na Rádio Universitária onde a professora Lígia Fideles proferiu palestras e também participou de entrevistas para falar sobre o curso que estava implantando na UFC. No final do mesmo mês deram início ao processo de seleção dos candidatos.

No cronograma do projeto as aulas estavam programadas para iniciar em março de 1989, mas foram adiadas porque o número de candidatos inscritos superou as expectativas e o processo de seleção ficou bem complicado. Eram apenas 20 vagas e se inscreveram 270 candidatos, abrindo uma concorrência de aproximadamente 14 candidatos para uma vaga.

Considerando que na etapa da entrevista o atendimento era individualizado, ficou impossível seguir o cronograma planejado, pois somente a professora Zilsa Santiago e a Estilista Catherine Dyevre<sup>59</sup> trabalharam na seleção. Por isso o processo foi lento e as aulas iniciaram somente no mês de agosto de 1989.

Como o curso era em nível de extensão a própria comissão que elaborou o projeto também foi a que constituiu os critérios e conduziu todo o processo seletivo. Uma anotação da professora Lígia Fideles mostra alguns atributos que norteou na definição do perfil dos candidatos pretendido com a seleção (FIGURA 31).

---

<sup>59</sup>Catherine Dyevre era estilista formada pela universidade da França e foi contratada pela SIC/CTCC para ministrar aulas de criação na primeira turma do curso de Estilismo em Moda em 1989. Veio a Fortaleza por intermédio de Violeta Arrais. Coordenou o curso no primeiro semestre e também orientou a professora Lígia Fideles e Zilsa Santiago na sistematização do ensino de moda. Estilista francesa que chegou a Fortaleza por meio de Violeta Arrais para colaborar na sistematização do ensino de moda. A mesma foi patrocinada pela FIEC.

Figura 31 – Perfil dos candidatos para o curso de moda da UFC

25 Fevereiro (056 - 309) 1987  
Quarta

8:00 - Perfil dos Alunos Aprovados

9:00 - Formas Profissionais  
concluídas

10:00 - P) Concluído  
Por Graduação

11:00 - Outros

12:00 - Experiência Profissional

13:00 - Razão da Escolha do  
Curso

14:00 - Expectativa em Relação  
ao Curso

15:00 - Tempo restante do Curso

16:00 - Faixa Etária

17:00 - Fator Socio Econômica

- Casa própria

17:00 - Veículo

- Recursos Domésticos

18:00 - Renda mensal

- Renda familiar

- Idade

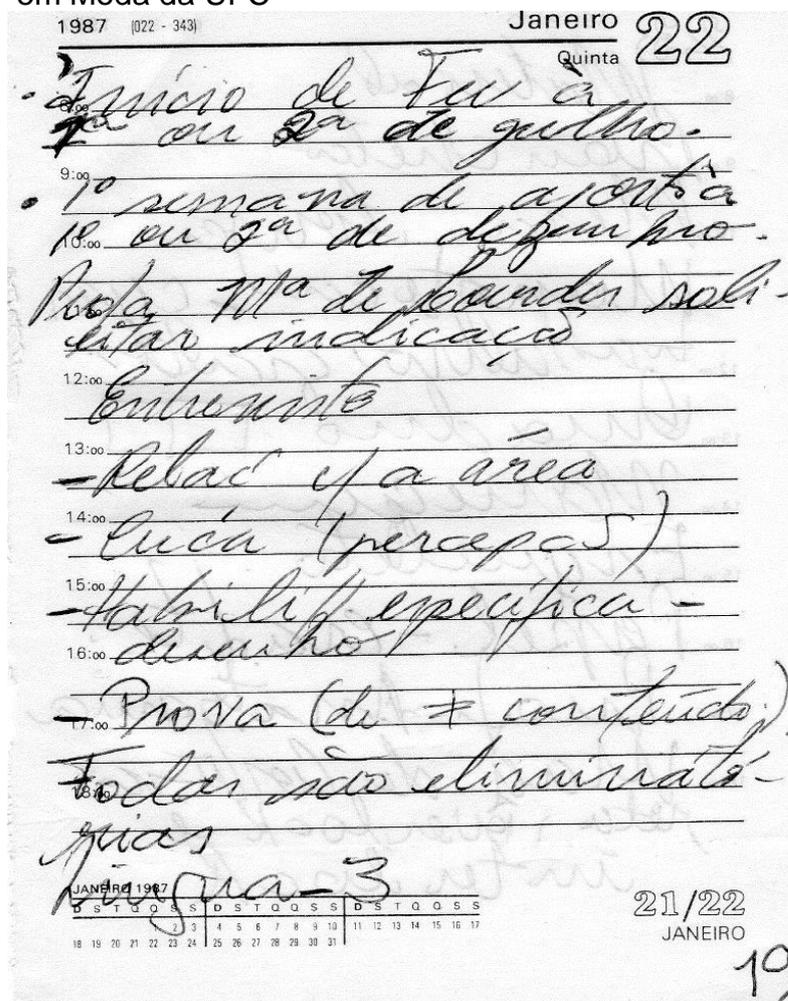
Fonte: Acervo da professora Lígia Fideles de Souza.

Conclui que apesar de o número de candidatos ter superado as expectativas da comissão, o processo de seleção foi bem criterioso e também elitizado, pois houve uma preocupação bem relevante com a condição sócio e econômica dos candidatos no momento em que elegeram os itens: *casa própria, veículo, recursos domésticos*<sup>60</sup>, *renda mensal e renda familiar como indicadores*. Isso considerando que se tratava de uma seleção para curso em Universidade pública.

<sup>60</sup>Atribuo ao termo à posse de eletrodomésticos, estrutura física da moradia e localização.

Em outra página encontrei uma informação referente aos critérios e aos conhecimentos de interesse do processo seletivo (FIGURA 32).

Figura 32 – Anotações sobre o processo de seleção da primeira turma do Curso de Estilismo em Moda da UFC



Fonte: Acervo da professora Lígia Fideles de Souza.

De acordo com as professoras Lígia Fideles e Zilsa Santiago, os candidatos passaram por três etapas de avaliação. Na primeira, interpretaram obras de arte de Zé Pinto e de Picasso, na segunda, desenharam um corpo de mulher nu e depois vestido e na terceira, fizeram analogia sobre tecidos e indicação de uso. E todas as fases eram eliminatórias, contudo, ainda restaram 60 candidatos para 20 vagas e o jeito foi aplicar a técnica da entrevista para avaliar qualidades mais subjetivas.

Segundo a professora Lígia Fideles, com a entrevista todos os candidatos foram avaliados subjetivamente quanto à percepção, referenciada por

ela de “*cuca*” e as habilidades relacionadas ao desenho, vez que eram características bem específicas ao profissional Estilista de Moda que pretendiam formar. Por isso, considerou que a entrevista foi à etapa mais difícil da seleção, porque na sua dinâmica se pretendia captar dos candidatos à vocação pelo o desenho e pela a criação de moda, sendo este o motivo pelo qual não participou do processo seletivo e deixou a responsabilidade para a professora Zilsa Santiago que entendia muito de desenho e a Estilista Catherine Dyevre que entendia muito de criação de moda.

Outro critério que chamou a atenção desta seleção está no final da mesma página quando ela escreveu – “*língua – 3*”, relacionado à exigência de três idiomas para um curso de extensão, quando o pré-requisito da escolaridade foi apenas do segundo grau concluído e ademais, naquela época, não fazia parte da cultura estudantil do fortalezense o gosto pelo o estudo de idiomas estrangeiros. Portanto, encontrar um aluno com o segundo grau que dominasse três idiomas, era uma exigência considerada para época, de alto nível.

Pelas anotações relacionadas ao processo de seleção deu pra concluir que apesar do perfil exigido aos candidatos e ao processo seletivo, o número de inscritos surpreendeu a própria UFC e também a sociedade. Foram tantos inscritos que chamou a atenção da mídia e o jornal Diário do Nordeste, dois anos depois quando fazia a cobertura do desfile de formatura da primeira turma ainda lembrou-se do acontecido e fez uma matéria sobre o assunto.

[...] O curso que surgiu primeiramente para suprir a carência do mercado local de profissionais da área, recebeu no início inscrições de 270 candidatos. A seleção foi realizada em três fases: Na primeira o inscrito deveria fazer um comentário sobre uma obra de arte de Zé Pinto, de Picasso e Aleijadinho. Na fase seguinte era exigido um desenho em três situações: uma mulher vestida, nua e a roupa, tudo na mesma proporção. Na terceira fase o candidato recebia tecidos e dizia para que tipo de roupa e horário eram mais adequados. Dessa seleção inicial foram escolhidos 60 pessoas e depois da entrevista ficaram apenas 20 [...]. (FEIRA, 1990).

Por meio de mais uma conversa com a professora Lígia Fideles sobre esta seleção descobri que a entrevista foi usada para ajudar a finalizar o processo, pois mesmo com as exigências aplicadas nas três fases ainda restaram 60 candidatos para preencher apenas 20 vagas, e para complicar, todos tinham níveis de conhecimento bem semelhantes.

Sobre esta etapa da seleção a professora Zilsa Santiago afirmou que realmente foi muito cansativo e também difícil escolher 20 candidatos de 60 quando todos tinham o mesmo perfil. Então diante da situação somente uma entrevista poderia favorecer esta escolha e a determinação do candidato era o que mais contava naquele momento e, acrescentou:

Lembro bem de uma candidata chamada Sheila Péclat<sup>61</sup>, quando na entrevista a expliquei sobre o curso e a formação que pretendíamos e, imediatamente ela falou: “é isso mesmo que eu quero”. Naquele momento suas palavras saíram com tanta força que foi decisivo a sua classificação.<sup>62</sup>

Em julho de 1989 a seleção da primeira turma tinha se encerrado e o curso de fato e de direito estava pronto e liberado para começar as suas atividades de docência em agosto de 1989 – marco da sua real existência na universidade.

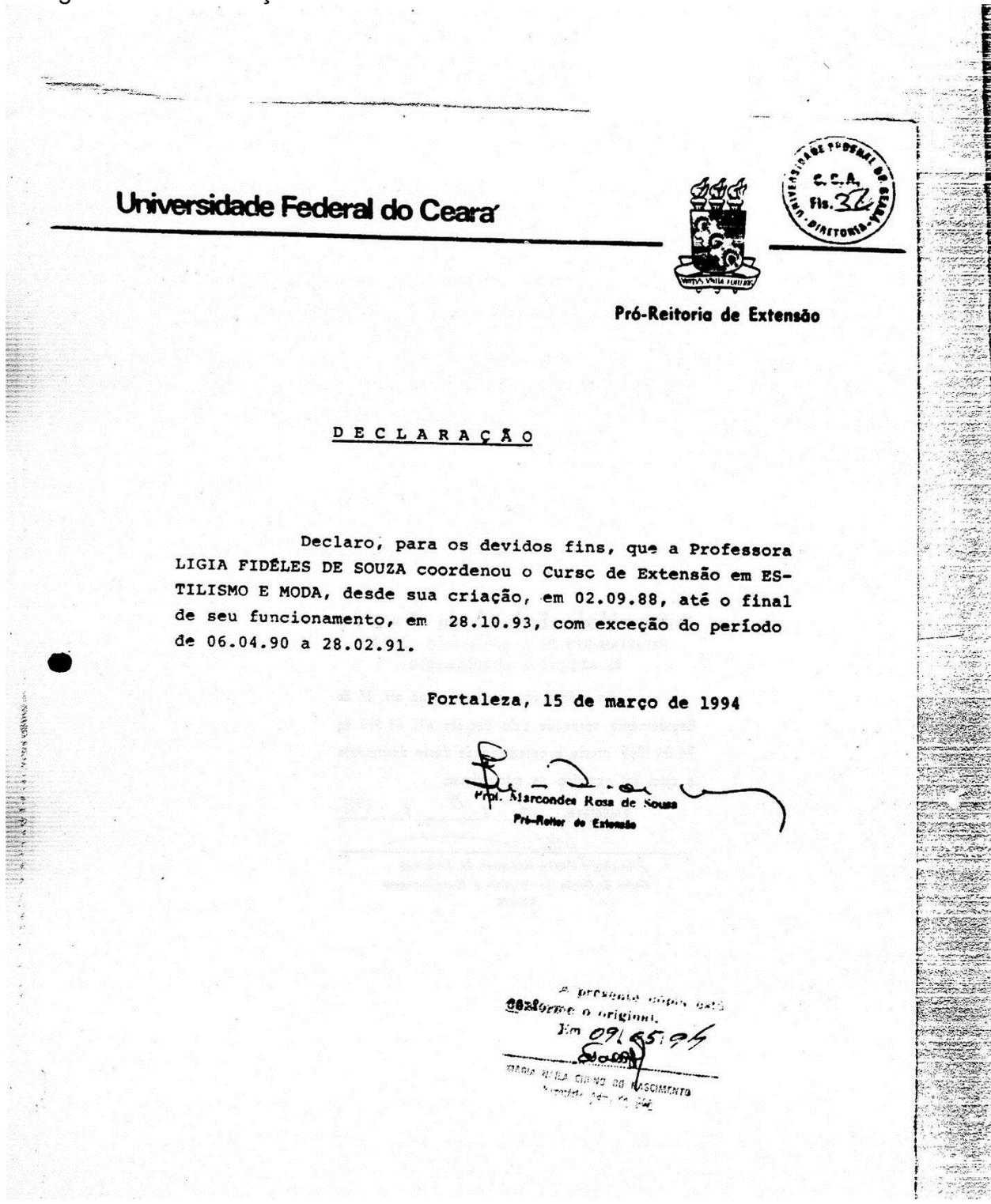
A professora Zilsa Santiago foi nomeada pela Universidade para Coordenar o curso, tarefa que fez entre abril de 1990 a janeiro de 1991 e depois repassou para a professora Lígia Fideles que assumiu o cargo no dia 04 de março de 1991 e permaneceu no cargo até transformar o curso de Estilismo em Moda em Curso de Graduação (FIGURA 33).

---

<sup>61</sup>Sheila Alves Péclat foi aluna da segunda turma. Concluiu o curso de Estilismo em Moda em janeiro de 1993 e três anos depois foi contratada pela Universidade Federal do Ceará na categoria professora auxiliar (Anexo) com regime de trabalho 40 horas e dedicação exclusiva (Portaria 871 de 12 de julho de 1996, publicada no DOU de 16 de julho do mesmo ano) para ministrar aulas na primeira turma do curso de Estilismo e Moda em nível de graduação onde trabalhou até 2001 quando viajou para fazer mestrado e doutorado na Alemanha. Atualmente ministra aulas de Teoria de Moda e Marketing de Moda em uma universidade localizada na cidade de Braunschweig. Entrevista realizada pelo facebook no dia 13 de setembro de 2014.

<sup>62</sup>Relato da professora Zilsa Maria Pinto Santiago em entrevista realizada no dia 18 de setembro de 2014.

Figura 33 – Declaração da Universidade Federal do Ceará



Fonte: Acervo da professora Lígia Fideles de Souza.

#### 4.4 O Projeto de Extensão que deu origem ao curso na UFC

O projeto que deu origem a um curso de moda na UFC é simples, mas de ação empreendedora, considerando que apresentou a proposta do novo e do diferente aos padrões dos cursos ofertados na universidade até agosto de 1989 quando teve início as suas aulas.

Com o título “PROJETO PARA IMPANTAÇÃO DO CURSO DE ESTIISMO EM MODA NA UFC”, o projeto tem uma introdução com “ANTECEDENTES” que apresenta o cenário do Setor de Confeções do Ceará na década de 1980.

##### **ANTECEDENTES**

A produção de Confeções no Ceará, com características industriais, passou a assumir maior expressividade a partir dos anos 60, com a implantação das primeiras indústrias de grande porte, empreendimentos esses voltados para a produção de roupas masculinas. Somente na década de 70, é que surgiram os primeiros projetos direcionados para a confecção de artigos femininos, particularmente roupas íntimas.

Os demais segmentos das confeções femininas e infantis são frutos da existência de um artesanato habilidoso e da implantação de um comércio de pronta entrega responsável pelo surgimento de um grande contingente de pequenas e médias empresas, fato que veio conferir, ao parque industrial cearense, característica de grande diversificação, só existente nos primeiros centros de confeções do País.

A partir de 1979, com o advento do II Polo Indústria do Nordeste, o Governo Estadual incluiu dentre as suas prioridades o Programa de Apoio ao Setor de Confeções, objetivando consolidar a posição desse segmento no Nordeste e permitir a sua expansão a nível nacional. Os resultados até agora alcançados são altamente satisfatórios, a partir da excelente posição desse segmento no Brasil como um todo.

A evolução do setor permite constatar que, hoje, as atividades dedicadas à confecção de vestuário abrangem 13% das empresas registradas no Ceará e correspondem a 12,5% do capita integralizado e 20% do contingente de pessoa ocupado, se levados em conta todos os empreendimentos empresariais oficialmente existentes no território cearense, além de representar cerca de 12% do ICM arrecadado no Estado. Esses dados revelam a sua importância para a economia estadual, mormente por se tratar de um ramo altamente dinâmico e que vem experimentando acentuada expansão nos últimos anos, tendo alcançado a posição de segundo polo de confeções do País.

Por outro lado, a partir da realização em janeiro de 1982, do I FEMIC – Fórum de Moda Internacional do Ceará, os empresários cearenses do setor despertaram para a tecnologia da moda. Referido Fórum representou uma inovação no Brasil, pela presença de editoras da moda de duas das principais revistas internacionais e de estilistas da Promostyl,

reconhecidamente um dos melhores bureaux do mundo, além de jornalistas especializados na área.

Esse evento, repetido no ano seguinte, proporcionou aos confeccionistas locais o acesso à tecnologia da moda e, como consequência da transferência dessa tecnologia, os produtos das empresas cearenses passaram a experimentar grande aceitação no mercado nacional.

No entanto, apesar da atualização e qualidade dos seus produtos, o setor ressentia-se de profissionais na área de moda, pagando um elevado preço pela importação de informações e especialistas da área, do que deriva a necessidade de formação de mão-de-obra local com esse tipo de qualificação. (SOUZA; SANTIAGO, 1988, p. 1).

O texto acima, ao mesmo tempo em que apresenta a importância da produção do vestuário no Ceará e a sua participação na economia do Estado e do país, faz também uma moderada pressão sobre a necessidade da qualificação de um profissional de moda para manter as indústrias do Setor de Confeções em pleno funcionamento. E reforça ainda mais com uma “JUSTIFICATIVA” bem convincente de cunho mercadológico com ênfase nos aspectos sociais – empregabilidade – e econômicos – receita tributária do Estado – que eram promovidos por este setor. O qual é composto pelas indústrias de confecções de Fortaleza e das demais localidades do Estado, para onde seriam inseridos os futuros estilistas egressos do referido curso.

### **JUSTIFICATIVA**

Como mencionado, a Indústria de Confeções do Ceará vem se apresentando com grande dinamismo nos anos mais recentes, tendo surgido, em consequência, um elevado número de empresas nos últimos 8 anos. Assim, esse segmento industrial passou a contribuir de forma significativa tanto para a formação do emprego como para a elevação do faturamento setorial, melhorando, dessa maneira, o nível de arrecadação dos tributos federais e estaduais.

Segundo dados disponíveis as indústrias de confecções vêm oferecendo cerca de 60.000 oportunidades de empregos diretos, abrigados em 600 empresas registradas e aproximadamente 2.000 consideradas informais.

Por outro lado, de toda a produção cearense, 5% são consumidos no próprio Ceará, sendo o restante exportado para outros Estados do Nordeste (20%), do Centro Sul (55%), de outras Regiões (15%) e para o Exterior (5%).

Esse quadro implica na necessidade de formar especialistas nessa área. Com efeito, a indústria de confecções ressentia-se da falta de profissionais de nível que lhe permitam contribuir para o desenvolvimento tecnológico do setor. Aqueles que trabalham nessa área, de modo geral, desenvolveram suas aptidões de forma empírica, como resultado do acúmulo de habilidades adquiridas durante sua vida profissional.

Essa não é porém, a experiência que nos transmitem os países onde a indústria de confecções está mais desenvolvida, especialmente quando voltada para o comércio internacional. A existência de cursos de formação como o ora proposto tem tido o efeito de atrair jovens formandos para a área de confecções e de construir para a melhoria da qualidade dos produtos e acompanhamento das tendências, porquanto respaldados em um embasamento teórico adequado.

Em vista do exposto, a Federação das Indústrias do Estado do Ceará - FIEC, com o apoio do Centro Tecnológico de Confecções do Ceará - CTCC, da Secretaria Indústria e Comércio - SIC, do Centro Tecnológico de Indústria Química e Têxtil CTIQT, do Serviço Nacional da Indústria - SENAI-DR/CE e do Instituto Euvaldo Lodi - IEL-CE, vem reivindicar e obter o apoio da Universidade Federal do Ceará para, juntos, tratarem da questão da moda no Ceará.

Neste contexto, sugiro então, a ideia de implantar um curso de Extensão em Estilismo e Moda, com a perspectiva de transformá-lo no futuro, em um curso de graduação. Neste curso, a ênfase deverá ser dada à criação e produção de Moda. Para isso, deverá ser explorado ao longo do seu desenvolvimento o espírito criativo, a fim de que se possa vir a incrementar mais o Polo de Moda do Ceará, não somente pelo seu potencial produtivo, mas essencialmente, pelo estilo e pela qualidade do que é produzido.

Assim, o presente Projeto se constitui num primeiro passo visando a atingir tal objetivo de forma gradativa e à medida em que o curso projetado adquira a estrutura e proporcione a experiência indispensável ao seu regular funcionamento. (SOUZA; SANTIAGO, 1988, p. 5-7).

Estes foram os argumentos usados para defender a implantação de um curso que iria atender uma demanda solicitada diretamente pelo mercado e demais órgãos governamentais como a Federação das Indústrias do Ceará (FIEC) e Secretaria de Indústria e Comércio (SIC).

A justificativa apresentada no Projeto deixa explícita a necessidade da formação de um profissional de moda naquele momento. E ao mesmo tempo em que justifica essa necessidade também deixou a Universidade sem argumentação de defesa caso optasse em não apoiar a criação do curso. Pois, a sua recusa envolvia negar ao Estado se desenvolver no Setor Têxtil e de Confecções. Para, além disso, havia muitas instituições de representatividade governamental envolvidas com interesses em comum – melhorar o Setor Têxtil e de Confecções do Estado.

Neste contexto, representantes da FIEC e do SIC acreditavam que faltava ao Polo do Ceará produtos com informações de moda, apesar de algumas

marcas como a Melindre<sup>63</sup> apresentar estilo e qualidade nas peças produzidas e de o Estado ter na época potencial produtivo para atender a demanda do mercado local e também nacional. A partir de então foi elaborado um curso de extensão em Estilismo em Moda em caráter permanente com objetivos específicos bem definidos:

- a) Formar estilistas em moda a fim de atender às necessidades locais, nacionais e outras;
- b) Desenvolver o espírito criativo do aluno a fim de possibilitá-lo a criar e definir um estilo de moda;
- c) Desenvolver essa área de conhecimento no Ceará adaptando-se às necessidades da Região;
- d) Implantar e desenvolver na Universidade Federal do Ceará o estudo de mais uma área de conhecimento, tão importante e em desenvolvimento no contexto sócio-econômico do Ceará.

E como meta:

- a) Implantar um curso de extensão em Estilismo em Moda, durante o ano de 1989;
- b) Formar 20 alunos especializados em moda no biênio 89/90;
- c) Treinar e reciclar o corpo docente da UFC na área de Tecnologia de Moda, no ano de 1988;
- d) **Selecionar e Contratar** um corpo **Docente** especializado na área através da UFC;
- e) Implantar em instalação física adequada um **CENTRO DE MODAS** na UFC, onde funcionará o curso de **Estilismo em Moda**.

Para formar profissionais especialistas em moda, com ênfase na sua criação e produção e também proporcionar qualificação aos profissionais já ligados direto ou indiretamente ao setor de confecções do Ceará e demais interessados em

---

<sup>63</sup>A marca Melindre foi fundada na década de 1980 pelas irmãs Goretti, Inês e Fatima Cabral Bastos e deu ao Ceará o reconhecimento nacional de melhor fabricação de peças em linho e uma premiação internacional promovida pelo um júri que tinha como presidente o designer italiano Emílio Pucci, na época a maior celebridade em moda. Entrevista realizada com Goretti Cabral no dia 21 de setembro de 2014.

se especializar em moda. Aqueles citados na justificativa como sendo os profissionais que desenvolveram suas habilidades de forma empírica.

O principal objetivo do Projeto de Extensão era formar profissionais especialistas em moda, com ênfase na criação e produção de roupas que pudessem ser produzidas em grande escala e comercializadas em todo o país. Bem como, se fortalecer e se transformar em um Curso de Graduação, pois somente assim o Setor de Confecções poderia, em médio prazo sair da crise e em longo prazo, se organizar com novas diretrizes e políticas na criação, produção e comercialização de seus confeccionados.

A meta de número quatro têm grifo nas palavras “**selecionar**”, “**contratar**” e “**docente**”, quando se refere ao corpo docente que o próprio curso pretendia formar enquanto projeto de extensão. Isso iria acontecer na evolução do curso com os primeiros formandos e se constituía com condição única para depois transformar o curso em Graduação.

A meta seguinte também tem grifo nas palavras “**centro de moda**” e “**estilismo em moda**” para atrair as atenções sobre as instalações físicas do curso e mais ainda, sobre o ambiente que seria necessário para se estudar moda e, ao mesmo tempo, sistematizar o seu conhecimento, tanto que, além do grifo, a palavra “**CENTRO DE MODA**” foi escrita em caixa alta, acredito que foi dada a sua importância na sistematização deste ensino.

#### ***4.4.1 Aspectos pedagógicos do Projeto***

Devido à proposta e a natureza do curso ser de extensão, a sua grade curricular, como era chamada, foi organizada com 1.500 horas aulas distribuídas em quatro semestres: Primeiro – 435 horas/ Segundo – 420 horas/ Terceiro – 300 horas e Quarto – 180 horas mais 105 do Trabalho Prático, conforme consta no projeto. Ficando os dois primeiros semestres com carga horária maior em relação ao terceiro e quarto. No entanto, analisando a carga horária de cada semestre percebi que o resultado ficou com um déficit de 10 horas aulas na soma total da carga horária programada. Conforme consta no projeto (QUADRO 2).

Quadro 2 – Grade Curricular do Curso de Extensão em Estilismo em Moda da UFC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO CURSO DE ESTILISMO EM MODA GRADE CURRICULAR		
EMENTA DO CURSO/ ATIVIDADE: Tecnologia Têxtil e de Confecção. História da Arte e da Indumentária. Desenho de Moda. Criação e Produção de Moda. Marketing de Moda.		
SEMESTRE	DISCIPLINA	HORAS
1º	Modelagem Básica	90
	Desenho de Moda I	90
	História da Arte	60
	Estudo da Forma e da Cor	120
	Tecnologia Têxtil	75
2º	Modelagem Industrial e Técnicas de Montagem	120
	Desenho de Moda II.	90
	História da Moda e da Indumentária I	60
	Pesquisa e Criação da Moda I	90
	Marketing de Moda I	60
3º	Modelagem Especial	60
	Desenho de Moda III	60
	História da Moda e da Indumentária II	60
	Pesquisa e Criação de Moda II	60
	Marketing de Moda II	60
4º	Criação e Desenvolvimento de Coleções	60
	Produção de Moda	60
	Tecnologia da Confecção	60
	Trabalho Prático (Trabalho Final de conclusão de curso)	105
<b>TOTAL</b>		<b>1.440</b>

Fonte: Souza e Santiago (1988, p. 1).

Mesmo o curso sendo de extensão e com duração de dois anos, o Projeto apresenta uma Grade Curricular bem estruturada. Considerando que as disciplinas contêm os princípios básicos para a formação do estilista - fundamentos de pesquisa e criação de moda, história, tecnologia industrial e marketing – ou seja, da pesquisa à venda e, conseqüentemente até o mercado.

#### PRIMEIRO SEMESTRE – 435 Horas

##### **Modelagem Básica – 90 horas**

Modelagem Feminina – Tomada de medidas. Traçado de bases (blusa, saia, calça). Estudo de decotes, golas e mangas. Estudo de blusas saís, calças, vestidos, shorts, marcações, top e bustier. Tipos de bolso. Tipo de recortes. Transposição de Pencés.

Modelagem Masculina – Tomada de medidas. Traçado de bases (calça e camisa).  
Modelagem de camisas calça, bermuda e jaqueta.

### **Desenho de Moda I – 90 horas**

Estudo de estrutura da forma humana. Proporções. Articulações. Estudo das partes da figura humana. Estudo do desenho da figura de moda. Proporções e Movimentos. Desenho de observação e memória.

### **História da Arte – 60 horas**

Curso de caráter informativo fornecendo visão geral sobre História da Arte da antiguidade até a época contemporânea, analisando períodos e artistas significativos e, paralelamente, desenvolvendo um estudo das teorias da cor através de obras de várias épocas.

### **Estudo da Forma e da Cor – 120 horas**

Estudo e conceituação da forma. Estudo da composição aplicado ao traje. Estudo da Teoria e Aplicação das cores.

### **Tecnologia Têxtil – 75 horas**

Estudo das fibras têxteis (naturais artificiais e sintéticas). Processo de fiação. Tecelagem e malharia. Processos de acabamento. Padronagem e Estamparia. Controle de Qualidade.

## **2º SEMESTRE – 420 Horas**

### **Modelagem Industrial e Técnicas de Montagem –120 horas**

Interpretação de moldes<sup>64</sup>. Modelagem Industrial Feminina. Estudo dos Moldes: Indicação de fio, piques. Reprodução gráfica e modelos. Aplicação e redução de moldes. Planejamento de risco e corte. Planejamento e execução de peças. Equipamentos de costura industrial: Tipos, função e manejo. Técnica para montagem de golas, bolsos, mangas e aberturas.

---

<sup>64</sup>No projeto conta Interpretação de Módulos. Porém, assumi de substituir a palavra por outra considerando que se trata de modelagem e não de módulo.

**Desenho de Moda II – 90 horas**

Estudo da figura de moda com vestuário e acessórios. Estudo de Técnicas de Desenho (crayon, lápis de cor, pastel, nanquim, hidracor guache, aquarela). Representação gráfica de materiais utilizados no vestuário. Desenho de moda.

**História da Moda e da Indumentária I – 60 horas**

Aspectos históricos da moda e da indumentária relacionados às modalidades das sociedades através do tempo. Da Pré-História ao século XVI.

**Pesquisa e Criação da Moda I – 90 horas**

Metodologia de pesquisa. Conceito de moda. Fontes e pesquisas para criação de moda: Internacional e Nacional (bureaux revistas profissionais, literatura, lançamentos-feiras e desfiles). Pesquisas sobre Estilistas Internacionais e Nacionais.

**Marketing de Moda I – 60 horas**

O sistema de marketing: Definição e finalidade. O marketing estratégico: políticas de marketing. Segmentação: A indústria e a moda. Planejamento: A função do chefe de produto (objetivos, metas, ações). Gestão de marcas e produtos: Desenvolvimento e comercialização. Processos de coleção.

**TERCEIRO SEMESTRE – 300 Horas****Modelagem Especial – 60 horas**

Modelagem Infantil. Drapeados, pregas e franzidos. Modelagem para malharia. Interpretação de moldes. Montagem.

**Desenho de Moda III – 60 horas**

Desenho de modelo vivo. Croquis. Desenvolvimento de recursos gráficos para desenho de moda.

**História da Moda e da Indumentária II – 60 horas**

Aspectos históricos da moda e da indumentária relacionados às modificações das sociedades através do tempo. Do século XVI à época contemporânea.

**Pesquisa e Criação de Moda II – 60 horas**

Pesquisa de padronagem e estamparia. Pesquisa de materiais. Pesquisa de tendências. Pesquisa e criação de cartela de cores. Definição de tema para desenvolvimento de coleção.

**Marketing de Moda II – 60 horas**

Distribuição e vendas: canais, força de venda. Comunicação: Gestão da imagem. Custos e lucratividade: Avaliação e controle. Implantação e organização do departamento de marketing.

QUARTO SEMESTRE – 285 Horas

**Criação e Desenvolvimento de Coleções – 60 horas**

Projetos de Coleções

**Produção de Moda – 60 horas**

Conceito de produção. Elementos necessários a uma produção de moda. Importância da imagem e do clima de moda. Visão geral dos meios de divulgação da moda: programação visual produção sonora, produção fotográfica. Imprensa falada e escrita. Programação de eventos: *show room*, feiras e desfiles.

**Tecnologia da Confecção – 60 horas**

Equipamentos de costura industrial: Tipo, função. Engenharia de produto (setores do processo produtivo modelagem, encaixe, enfiado, corte). Sistema de trabalho (linear, pacote). Controle de qualidade. Tipos e classificação de agulhas. Linhas para costura industrial (tipos, seleção) “*Lay-out*” para a indústria de confecção. Ficha técnica. Custo de produção.

TRABALHO PRÁTICO (**Trabalho Final de Conclusão de Curso**) – 105 horas

A Grade Curricular foi constituída com aulas práticas (780 h/a) e teóricas (555 h/a) acompanhadas de atividades individuais e também em grupo, tanto interna como externa à sala de aula.

De acordo com as professoras Lígia Fideles e Zilsa Santiago o curso foi diurno e teve um ritmo bem acelerado, tanto para os professores como para os alunos, pois além das aulas práticas e teóricas – bem “recheadas” de conteúdos, tinha também as atividades de pesquisa fora da Universidade e os trabalhos extras de cada disciplina.

Considerando estas informações e também a carga horária do curso, procurei então saber de Sandro George Ferreira Pereira – aluno da primeira turma - como foi essa vivência durante os dois anos de estudo até sua formação de Estilista em Moda. Na sua fala revelou que o curso foi muito denso apesar de ter acontecido apenas em dois anos, ou talvez por isso, mas foi muito bom porque os professores exigiam muito e mostravam compromisso com o curso e com a formação deles. E complementou:

O curso foi muito corrido, era coisa de louco – modo de falar. Tínhamos aulas nos dois horários e muitos trabalhos para fazer, alguns em equipe, outros sozinho mesmo. Os professores puxavam muito da gente. Era muita informação e trabalho prático – alguns custaram uma fortuna. Mas valeu a pena. Os professores eram maravilhosos. Foi tudo de bom na minha vida.<sup>65</sup>

No decorrer do curso os alunos passaram por avaliações de conteúdo, de habilidades específicas e de conduta. Para a avaliação de conteúdo foi usado: *Provas, e Trabalhos Individuais e em Grupo* e, para a avaliação de conduta foi usado como indicadores de conceito: *o desempenho nas aulas, o comportamento individual e coletivo e a assiduidade* por ser mais subjetiva e, portanto conceitual.

No quarto semestre os alunos desenvolveram um Trabalho Prático com 105 horas de atividades, que o interpretei como sendo o trabalho final, o que atualmente a própria Universidade chama de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

A aprovação dos alunos se deu com a obtenção da média final advinda das notas e das pontuações atribuídas em cada trabalho e também das atividades desenvolvidas na dinâmica do curso. E os aprovados após a conclusão da carga horária programada e da aprovação receberam da Pró-Reitoria de Extensão um

---

<sup>65</sup>Relato do aluno Sandro George Pereira Ferreira em entrevista realizada no dia 04 de outubro de 2014.

certificado<sup>66</sup> comprovando a realização do curso e, portanto, a consolidação da formação em Estilismo em Moda (FIGURAS 34, 35).

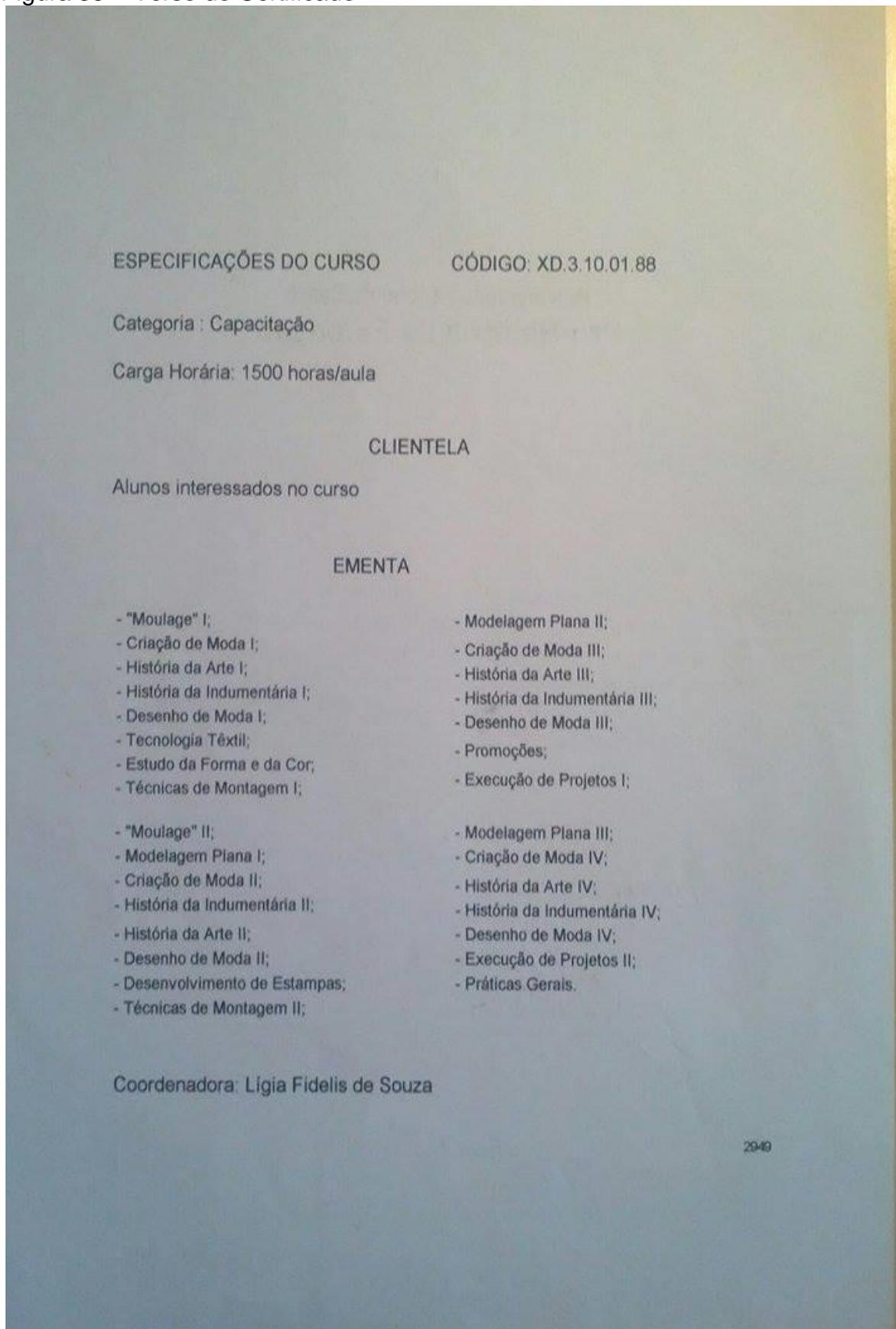
Figura 34 – Certificado de conclusão da segunda turma do Curso de Extensão em Estilismo em Moda da aluna Sheila Alves Péclat (confeccionado em papel manteiga)



Fonte: Acervo da aluna Sheila Alves Péclat.

<sup>66</sup>O conteúdo e a sua apresentação foi elaborada pela aluna Sheila Alves Péclat e o convite foi impresso em papel manteiga. Considerando a importância histórica do mesmo decidi incluí-lo no corpo da tese.

Figura 35 – Verso do Certificado



Fonte: Acervo da aluna Sheila Alves Péclat.

A princípio, como curso de extensão teve sete professores, um do Departamento de Economia Doméstica, local de origem do Projeto, três do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará e mais três convidados que foram contratados pela Secretaria da Indústria e Comércio do Ceará (SIC), Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC) e o Centro Tecnológico das Confecções do Ceará (CTCC). Porém, a professoras Lígia Fideles ficou com mais horas mais horas vinculadas ao curso se comparando com as horas das professoras Zilsa Santiago e Regina Elizabeth e do R. B. Marques que também eram da Instituição. Isso devido às atividades de Coordenadora do Projeto que exigia mais dedicação e responsável no processo de criação de implantação e acompanhamento do desenvolvimento do curso (QUADRO 3).

Quadro 3 – Corpo docente do Curso de Extensão em Estilismo em Moda da UFC em 1989

<b>UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO CURSO DE ESTILISMO EM MODA</b>		
<b>COORDENADORA: Professora Lígia Fideles de Souza (adjunta do Departamento de Economia Doméstica)</b>		
<b>CORPO DOCENTE</b>	<b>DEPARTAMENTO</b>	<b>CARGA HORÁRIA NO PROJETO</b>
Beatriz Castro	FIEC	16 horas/semana
Catherine Dyevre	SIC/CTCC	30 horas/semana
Iet Peyter	FIEC	16 horas/semana
Lígia Fideles de Souza	Economia Doméstica/UFC	20 horas/semana
Pedro Eymar Barbosa Costa	Arquitetura e Urbanismo/UFC	10 horas/semana
Regina Elizabeth do R. B. Marques	Arquitetura e Urbanismo /UFC	16 horas/semana
Zilsa Maria Pinto Santiago	Arquitetura e Urbanismo/UFC	08 horas/semana

Fonte: Souza e Santiago (1988).

Os quatro professores da UFC dedicaram ao curso um total de sessenta e seis horas semanalmente e, estas passaram a fazer parte do plano de trabalho dos seus departamentos de origem na instituição.

A Estilista Catherine Dyevre dedicou-se 30 horas no período de seis meses, tempo correspondente ao contrato de prestação de serviços pagos pela Secretaria da Indústria e Comércio (SIC) e Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC). Colaborou na implantação do curso e ministrou aulas nas disciplinas de Criação de Moda I, II e III. Iet Peyter e Beatriz Castro dedicaram dezesseis horas cada, sendo que a Iet assumiu mais horas de trabalho depois que Catherine

Dyevre retornou para a França e as disciplinas antes ministradas por ela ficaram sob a sua responsabilidade.

Quando na entrevista com a professora Lígia Fideles comentei sobre as horas de trabalho que ela e a professora Zilsa Santiago dedicaram ao projeto e ao curso, tais como contam nos documentos, ela imediatamente contestou dizendo que não foram suficientes e que trabalham muito mais. Mas, não podiam oficializar de fato as horas que semanalmente trabalhavam só com as atividades ligadas diretamente ao curso, porque comprometia o plano de trabalho dos departamentos de Economia Doméstica e de Arquitetura e Urbanismo e certamente outros professores seriam envolvidos nesta história, fato que colocaria em risco a aprovação do projeto. E acrescentou:

Zilsa me ajudou muito, foi uma companheira de verdade e sempre que eu precisava ela estava disponível e, não tinha hora. Principalmente na fase de implantação do curso. Eu trabalhei dia e noite - de domingo a domingo. A minha vida virou de ponta a cabeça. Não me alimentava e nem dormia como devia. Então, se você me perguntar quantas horas eu me dediquei ao projeto, ao curso? Não sei. Sei que foram muitas horas da minha vida. Abri mão de muitos convites a favor deste curso. Mas não me arrependo porque hoje vejo os frutos e fico muito feliz.<sup>67</sup>

Sobre essa questão afirmou a professora Zilsa Santiago que de fato trabalharam muito além do que registram os documentos, mas fez ressalva de que foi o que a Universidade pode fazer naquele momento, considerando que não havia recursos para investimentos e horas de trabalho se revertiam em valor monetário na folha de pagamento da Universidade.

#### **4.4.2 Implantação do Curso e os custos**

De acordo com as professoras Lígia Fideles e Zilsa Santiago e o professor Hélio Leite o curso foi implantado com a ajuda de Vicente Paiva, pois foi ele quem capturou parceiros e patrocinadores para bancar todos os investimentos.

O custo total da implantação do curso foi de 45.000,00 (quarenta e cinco milhões de cruzados) financiados pelo Ministério da Educação-MEC/UFC, pelo Governo do Estado, Confederação Nacional da Indústria, Centro Tecnológico de Confecções e outros órgãos locais.

---

<sup>67</sup>Relato da professora Ligia Fideles de Souza em entrevista realizada no dia 21 de abril de 2014.

O investimento fixo com instalações/reforma e material permanente custou 20.650,00 (vinte milhões e seiscentos mil e cinquenta cruzados) e as demais despesas com pessoal, passagens, diárias/ajuda de custo e material de consumo custou 24.350,00 (vinte e quatro milhões e trezentos e cinquenta cruzados). E cada financiador assumiu uma quantia do valor requerido conforme apresentação no quadro a seguir (QUADRO 4).

Quadro 4 – Custos da implantação do Curso de Extensão em Estilismo em Moda na UFC

<b>FONTES</b>	<b>VALOR (Cz\$ 1,00)</b>	<b>VAOR (em OTN)</b>
Ministério da Educação/UFC	13.760,00	12.120,46
Governo do Estado do Ceará	5.000,00	4.404,24
Confederação Nacional da Indústria	12.000,00	10.570,17
Centro Tecnológico de Confecções	5.000,00	4.404,24
Outros Órgãos	9.240,00	8.139,03
<b>TOTAL</b>	<b>45.000.000</b>	<b>39.638,14</b>

Fonte: Souza e Santiago (1988).

De acordo com o cronograma das atividades planejadas para o processo de implantação do curso, a instalação física (*lay-out* dos ambientes com detalhamento dos imobiliários – compra e instalação) ocorreu entre os meses de setembro a dezembro de 1988. E, ao contrário do naturalmente esperado não foi no ambiente da Universidade que o curso de Estilismo em Moda conseguiu se instalar fisicamente para dar início as suas primeiras atividades de docência, mas, na sede do Centro Tecnológico de Confecções do Ceará (CTCC) no quinto andar do Edifício Jangada, localizado em uma das privilegiadas esquinas da Praça do Ferreira, na Rua Major Facundo, no centro de Fortaleza.

Somente na segunda turma foi que o curso passou a ministrar aulas no Departamento de Economia Doméstica, no Departamento de Arquitetura e Urbanismo e no Museu de Artes da UFC (MAUC).

No Projeto de criação e implantação do curso não existe nenhuma explicação ou justificativa sobre esta passagem da história do curso, embora o professor Hélio Leite na sua entrevista tenha deixado claro que naquela época a Universidade não tinha recursos financeiros e por isso não podia promover as instalações físicas do curso em suas dependências. Para além dessa informação, evidências anteriores já mostraram que houve rejeição com o curso na própria

instituição e também por isso ele foi acolhido pelo CTCC em acordo com o seu presidente Vicente Paiva.

Considerando que o curso de Economia Doméstica já tinha na sua Grade Curricular o estudo dos têxteis, do vestuário e o espaço familiar como disciplinas obrigatórias, tinha também e, portanto, laboratórios com máquinas e equipamentos de costura e de modelagem para ministrar as disciplinas Modelagem Básica e Tecnologia (primeiro semestre), Modelagem Industrial e Técnicas de Montagem (segundo semestre), Modelagem Especial (terceiro semestre) e Tecnologia da Confecção (quarto e último semestre). E o laboratório de desenho para ministrar as disciplinas Desenho de Moda I, II e III (primeiro, segundo e terceiro semestre, respectivamente). Ademias foi do Departamento de Economia Doméstica que saiu o projeto de extensão que depois deu origem ao curso dentro da Universidade, portanto, no desdobramento da sua história era natural esse acolhimento e também essa projeção.

Tal fato remeteu a pensar que apesar de a Universidade ter aprovado o “PROJETO PARA IMPANTAÇÃO DO CURSO DE ESTIISMO EM MODA NA UFC”, ela não se sentiu confortável para instalar fisicamente o curso nas suas dependências, pois além do Departamento de Economia Doméstica, tinha também o curso de Arquitetura e Urbanismo com laboratórios onde as disciplinas de Desenho de Moda I, II e III poderiam ser ministradas.

Depois de entrevistar as professoras Lígia Fideles e Zilsa Santiago foi que compreendi que nenhum dos departamentos queria assumir diante da comunidade acadêmica que estava completamente ou mesmo parcialmente envolvido com o curso e, que a Universidade, não podia forçar esse acolhimento. No entanto, esse entendimento é particular e não envolve nenhum dos entrevistados, ele foi construído no percurso da pesquisa.

Assim, a Universidade promoveu ao curso o apoio institucional à sua aprovação e também a liberação de alguns professores para trabalharem junto à comissão que estava à frente do Projeto, no caso, as professoras Lígia Fideles e Zilsa Santiago e o presidente do Centro Tecnológico das Confecções do Ceará (CTCC), Vicente Paiva.

Mas, segundo o professor Hélio Leite a Universidade só deu este apoio porque o Vicente Paiva havia se comprometido de capturar os recursos para a

implantação do curso junto a Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC) e a Secretaria da Indústria e Comércio (SIC). Não fosse isso a Universidade não terei apoiado a criação do curso, pois a época era de muita dificuldade. Ao lembrar-se desse ocorrido lembrou-se também de outro até inusitado que depois colaborou e muito com o curso.

As principais dificuldades eram a inexistência de pessoal docente e recursos financeiros para se implantar o curso de extensão, muito menos para o funcionamento de um futuro curso de graduação. O Paiva se comprometeu e cumpriu, a aportar recursos e materiais para a primeira fase, enquanto eu fiquei encarregado de verificar o que poderia conseguir junto ao MEC. Então, ocorreu o inesperado, mas, muito bem vindo e em boa hora. Em uma manhã, no final de agosto de 1987, o chefe de Gabinete me avisou que uma francesa, Madame Moullard queria falar comigo. A mesma foi trazida pelos professores Antônio Mourão Cavalcante e um colega seu quando retornaram de um doutorado da Universidade de Lyon. Imediatamente fui recebê-los à porta do meu gabinete. Feitas as apresentações, ela me disse que estava de férias aqui no Ceará e que visitara as rendeiras de muitas das nossas praias, o mercado central, enfim, estava encantada com a qualidade do artesanato e me propôs criar um curso para desenvolver a moda, tendo como base o nosso artesanato de renda e bordado. Fiquei estupefato e olhei, discretamente, para os dois professores que confirmaram a sinceridade das palavras dela. Então lhe falei sobre o nosso projeto de criação de um curso de moda. Veio, então, a grande surpresa: ela afirmou que estaria disposta a ajudar a UFC a criar o curso de moda com assessoria técnica da Universidade de Lyon que era forte nessa área, a ponto de disputar com Paris, embora não tivesse a mesma fama. Expus as nossas dificuldades financeiras, específicas daquele momento e ela afirmou que a Universidade de Lyon daria o suporte inicial. Pediu então que eu aguardasse até no máximo quinze dias. Assim se fez. Na saída do Gabinete, o professor Mourão me informou, discretamente, que Madame Moullard, apesar da sua simplicidade, era esposa do Vice Presidente do Banc Lyonnais, o segundo banco mais forte da França. Explicou-se desta forma, de tanto poderio que tinha a francesa. Dias depois Madame Moullard me telefonou informando que estava tudo acertado com Lyon e que ela enviaria as passagens para eu ir assinar um convênio de cooperação nos termos acertados e, gentilmente, também me informou que eu poderia levar a minha esposa e, mais, que seríamos seus hóspedes. Ao chegar a Lyon, o convênio já estava pronto e foi assinado durante uma reunião do Conselho Universitário. Desse convênio veio até Fortaleza uma professora francesa, Martine Le Herpeur para dar um seminário no curso. Mas o mesmo já estava na Pró-Reitoria de Graduação. Infelizmente, não tive tempo para transformar o curso de extensão em curso de graduação, isso veio acontecer na gestão do Albuquerque, mas a semente foi lançada e gerou uma árvore que deu bons frutos.<sup>68</sup>

---

<sup>68</sup>Relato do professor Raimundo Hélio Leite em entrevista realizada no dia 08 de setembro de 2014.

Outro fato importante revelado pela memória do professor Hélio Leite é o dito convênio<sup>69</sup> entre a UFC e Université Lumière Lyon II, – na França, que ficou disponível para o curso fazer contato. A princípio, foi para o curso de moda e depois se estendeu a outras áreas de conhecimento promovendo outras ações com benefícios mútuos para as duas instituições:

- a) Intercâmbio de membros do corpo docente e do quadro técnico de nível superior;
- b) Intercâmbio de estudantes;
- c) Elaboração de ações conjuntas de pesquisa;
- d) Participação em seminários e encontros acadêmicos;
- e) Programas acadêmicos especiais de curta duração;
- f) Atividades de intercâmbio cultural;
- g) Participação conjunta em cursos internacionais de treinamento;
- h) Proporcionar treinamento nos níveis de graduação e pós-graduação nos cursos realizados em ambas as partes;
- i) Proporcionar oportunidades para o desenvolvimento do quadro acadêmico-funcional de ambas as partes através da utilização de licenças sabáticas e outros programas de aprimoramento de pessoal;
- j) Exercer consultorias e
- k) Outras atividades jugadas mutuamente apropriadas.

A parceria entre as duas universidades foi consagrada pelo TERMO DE CONVÊNIO<sup>70</sup> ENTRE A AUNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (BRASIL) E A UNIVERSITÉ LUMIÈRE LYON 2 (FRANÇA), que se manteve ativo até 1997, data da sua renovação em janeiro do mesmo ano. Estendendo as relações para outras áreas de conhecimento além da moda, como, Antropologia, Línguas Francesa e Portuguesa, Sociologia, Psicologia e Comunicação.

---

<sup>69</sup>O primeiro documento que comprovaria o convênio feito em 1987 não existe em nenhuma instância da UFC. Porém, encontrei com muita dificuldade um documento que trata da sua renovação.

<sup>70</sup>Apesar de importante na história do curso, não foi encontrado nenhum documento da época. Ou seja, o primeiro documento que firmou o convênio nas duas instituições de ensino. Porém, o documento anexado de que fala deste convênio tem data de 1997, como foi uma renovação, considerei de valor na narrativa historiográfica.

### 4.4.3 Ações do Projeto

A principal ação do Projeto de Extensão foi ensinar moda e formar profissionais em Estilismo em Moda durante os anos de 1989 a 1993 consolidando assim a formação de duas turmas.

A primeira turma iniciou em agosto de 1989 com vinte alunos matriculados. Destes, treze concluíram o curso com um grande desfile no dia 25 de abril de 1992, no Clube Náutico Atlético Cearense<sup>71</sup>. Com peças glamorosas confeccionadas pelos próprios alunos durante o estágio e o trabalho final de conclusão de curso a noite foi abrilhantada pela criatividade dos novos estilistas.

Cada aluno apresentou na passarela um *look*<sup>72</sup> com oito peças entre cangas, vestidos de noiva, medieval masculino e tendências atuais do contexto da época, somando um total de 104 peças.

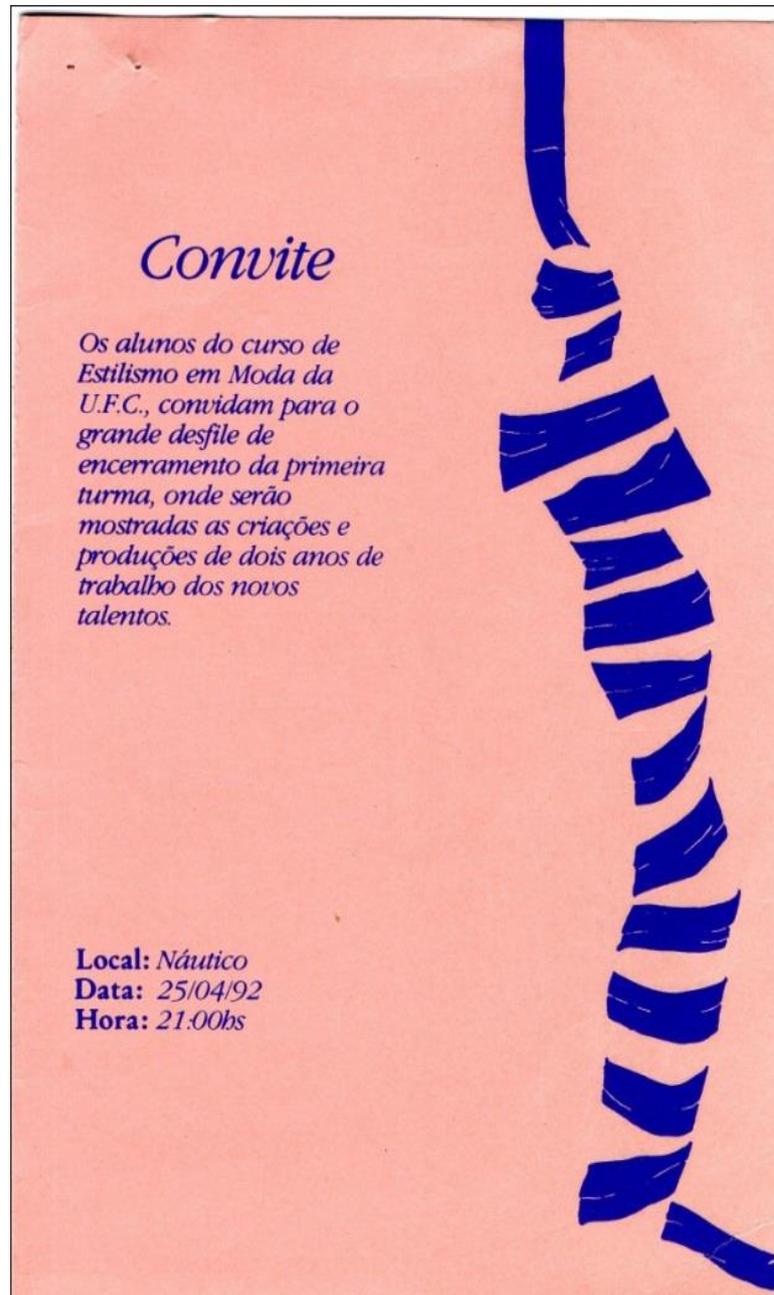
O convite da solenidade foi elaborado por let Pleit que ficou substituindo a Estilista francesa Catherine Dyevre nas disciplinas de criação de moda. Além da confecção do convite colaborou também na organização e produção do desfile junto aos formandos (FIGURA 36).

---

<sup>71</sup>O Clube Náutico Atlético Cearense, na época, era considerado um clube de elite, onde aconteciam as festas para a alta sociedade do Estado.

<sup>72</sup>O *look* representa o conjunto composto pela roupa e os demais acessórios usados para dar significado a aparência e criar identidade.

Figura 36 – Convite de formatura da primeira turma do Curso de Extensão em Estilismo em Moda da UFC em Fortaleza



Fonte: Acervo da Professora Ligia Fideles de Souza.

No dia do desfile, 25 de abril de 1992, Fortaleza amanheceu com novos profissionais e com a notícia do desfile estampada em todas as bancas e esquinas da cidade. O jornal Diário do Nordeste fez uma reportagem sobre o evento com a chamada “**A nova jornada do estilismo cearense**” e assim publicou:

Peças esportivas, clássicas e exóticas são alguns estilos do desfile de hoje, que serão apresentadas pelos manequins Adriano, Teté Vieira, Diana, Vanízia e Lílian, entre outros. Os alunos vão mostrar o que

assimilaram durante dois anos de curso, onde estudaram Desenho de Moda, Modelagem planta e drapeado, História da Arte, Execução de Projetos, História da Indumentária, Promoções, Estudo da Forma e da Cor, Tecnologia Têxtil, Estamparia, Criação de Moda e Práticas Gerais (estágio).

[...] Todos estão, agora, aptos a trabalhar no ramo de moda desde a Indústria até o “Bureau de Style”. As aulas também deram aos novos estilistas condições de observar e discutir os aspectos da moda, tanto no que se refere a parte estética como ao econômico e social. Os treze alunos que chegam hoje ao final do curso fazem parte de uma turma de 20 pessoas. Durante os dois anos de aulas, alguns deles desistiram e outros foram desclassificados. (A NOVA..., 1992).

O fato de sete alunos não ter concluído o curso me chamou atenção, considerando que no período de inscrição teve uma demanda de 270 candidatos e a seleção foi bem criteriosa. Porém, na Universidade, não existe qualquer informação sobre o que aconteceu com estes alunos evadidos.

A professora Lígia Fideles se lembrou de uma aluna que desistiu devido a problemas de saúde e, a professora Zilsa Santiago não se lembrou de acontecimento algum sobre essas evasões.

Procurei então um dos alunos da primeira turma para saber dele algum fato relacionado e, na entrevista ele fez algumas considerações sobre o assunto.

Lembro bem de duas desistências. Uma, refere-se a uma aluna muito rica que morava na beira mar e tinha um marido que viajava bastante e por isso ela não conseguia acompanhar as atividades do curso, que, aliás, eram bem puxadas. O curso tinha aula manhã e tarde e muitos trabalhos práticos, muitos mesmo. A outra se refere a uma estudante de arquitetura, que foi para o curso de Estilismo em Moda, mas desistiu e voltou novamente para o seu curso [...] Eu jamais desistiria. O curso mudou a minha vida. Ainda hoje, vinte e dois anos depois sobrevivo do que aprendi no curso de moda. Já viajei o mundo todo: Alemanha, Milão, Paris, Londres e Estados Unidos. O curso mudou a minha vida.<sup>73</sup>

Assim, descobri o motivo de três evasões. Porém, das quatro restantes nenhum dos entrevistados lembrou-se dos motivos que os levaram a desistir do curso. Mas relataram que nunca houve no curso qualquer comentário ou boato de desistência do “curso pelo curso”, pois todos se sentiam satisfeitos com a escolha e até privilegiados por terem sido selecionados.

O desfile de concussão da primeira turma atraiu pessoas do setor da moda, grandes empresários, representantes da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC), da Secretaria da Indústria e Comércio (SIC), da

---

<sup>73</sup>Relato do aluno Sandro George Ferreira Pereira em entrevista realizada no dia 04 de outubro de 2014.

Associação dos Confeccionistas do Ceará (ACC), do Centro Tecnológico das Confecções do Ceará (CTCC), do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI-CE), do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE-CE) da UFC, familiares dos concludentes e de demais pessoas interessadas em conhecer o curso e também assistirem ao desfile. Afinal, até aquela data não há registro de nenhum desfile de moda em Fortaleza, nem na mesma proporção e tampouco com o mesmo objetivo do que o que aconteceu naquela noite. Assim confirmam as reportagens feitas na época pelos jornais locais.

O clube acomodou nesta noite mais de três mil pessoas que assistiram atentamente ao desfile e aplaudiram com muito entusiasmo cada peça que entrou na passarela. Segundo a professora Lígia Fideles tinha até torcida pelos concludentes e a imagem de tudo o que viveu jamais se apagará da sua mente, de tão bonita e marcante que foi.

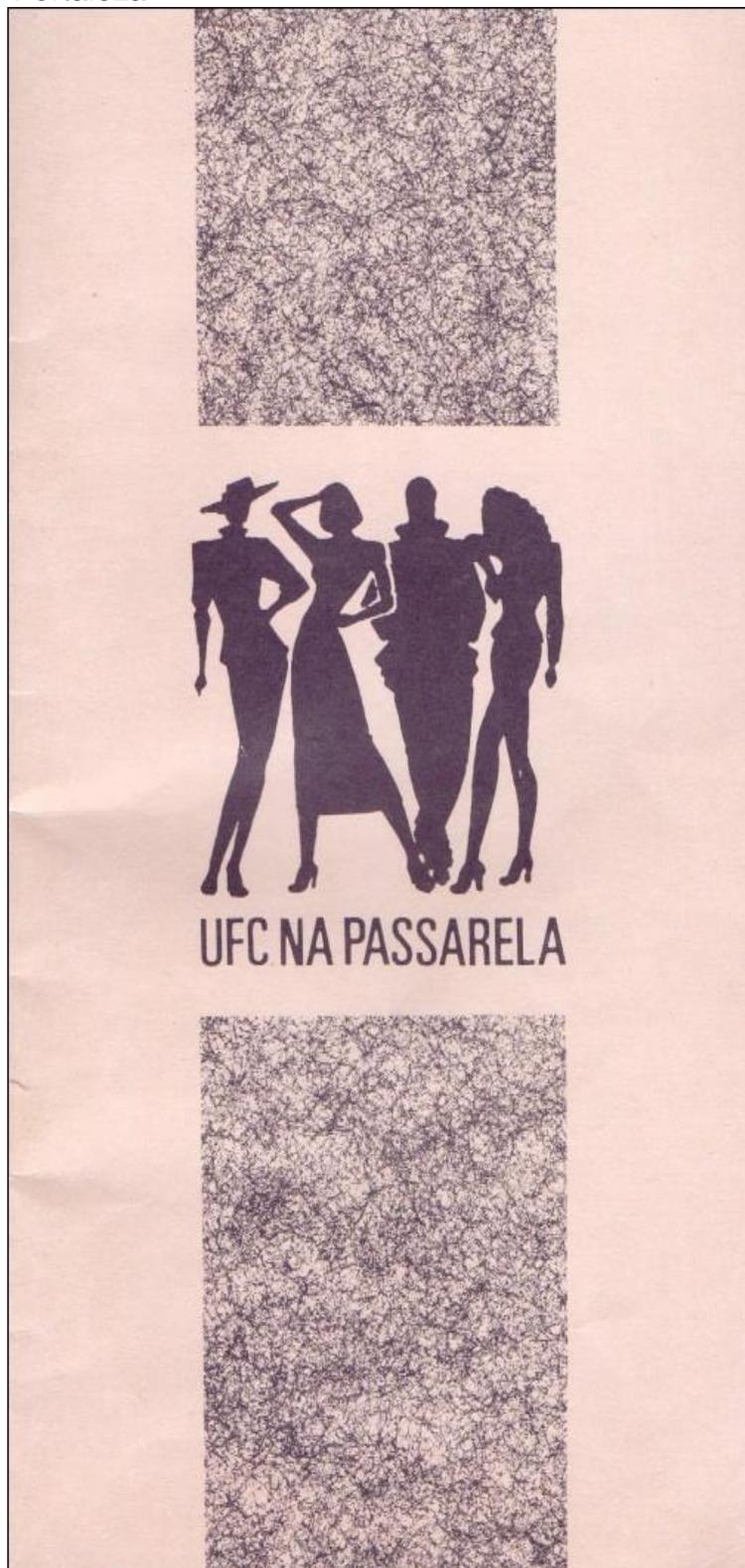
Em agosto de 1990 teve início as atividades da segunda turma que se formou dois anos depois, em 1993. O desfile que oficializou a colação de grau dos novos estilistas aconteceu também no Clube Náutico Atlético Cearense no dia 16 de janeiro de 1993 e contou com 18 alunos dos 20 que haviam sido selecionados.

Nesta turma houve apenas duas desistências e ambas foram relacionadas a problemas particulares. Fatos que comprovam que nenhuma das desistências ocorrida na primeira e na segunda turma foi relacionada ao curso quanto a sua capacidade e formação profissional proposta.

O convite da solenidade foi elaborado novamente por Iet Peyter na formatação de um livreto com 20 páginas, nas quais apresentam o desenho de todas as peças desenvolvidas pelos dezoitos formando, um pequeno resumo sobre inspiração que deu origem a sua criação e o nome e contato do aluno.

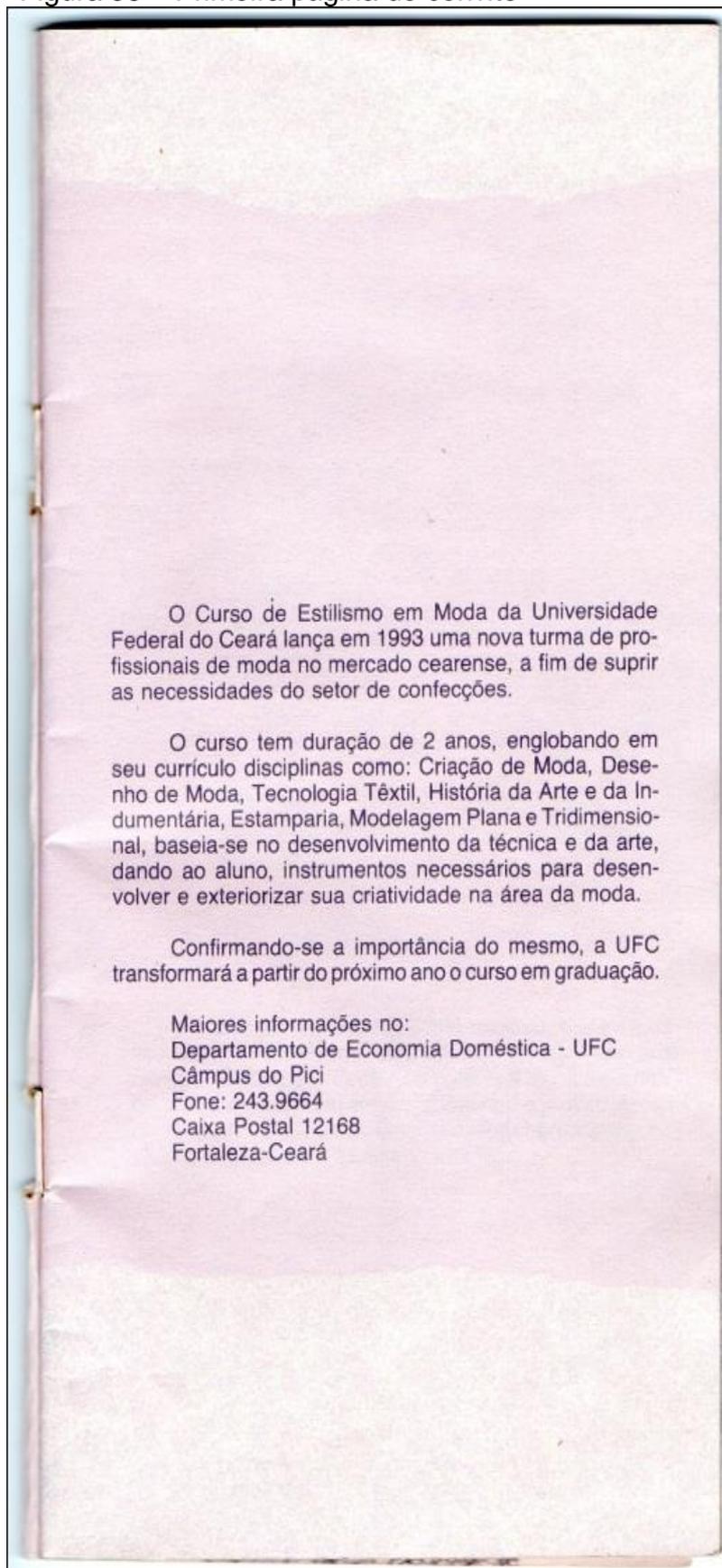
A capa tem a mesma estampa usada no certificado na Figura 34 com manequins representando um desfile de moda e o convite é mais volumoso do que o convite da primeira turma, o qual se resumiu em uma única folha. Na primeira página tem uma breve apresentação do curso e um comunicado ou mesmo uma propaganda: *“a UFC transformará a partir do próximo ano o curso em graduação”* (FIGURAS 37, 38).

Figura 37 – Capa do convite de formatura da segunda turma do curso de Estilismo em Moda em Fortaleza



Fonte: Acervo da professora Lígia Fideles de Souza.

Figura 38 – Primeira página do convite



Fonte: Acervo da professora Lígia Fideles de Souza.

Um fato importante que me chamou atenção está relacionado à ordem dos nomes na distribuição das páginas, pois ao contrário do esperado, não estão na ordem alfabética. Também não mostra ter sido pelo requinte das peças, afinal, localizei o desenho de uma peça bem sofisticada na página 14. A criação é da aluna Jacqueline Alan Castro, está exatamente a seis páginas do final do livreto e os nomes que a antecede não corresponde à ordem das letras do nosso alfabeto, assim como os que a sucedem também não. Particularmente conclui que a ordem de apresentação pode ter sido pelo o histórico do aluno (FIGURA 39).

Figura 39 – Criação da aluna Jacqueline Alan Castro da Coleção GLAMUR NO CINEMA AMERICANO



Fonte: Acervo da professora Lígia Fideles de Souza (CONVITE..., 1993).

De acordo com a professora Lígia Fideles nesta noite o desfile foi ainda mais impactante porque as peças apresentadas foram confeccionadas pelas indústrias de confecções da cidade. Diferentemente do primeiro desfile em que os

próprios alunos confeccionaram suas peças, no segundo, houve o envolvimento dos empresários, e isso fez toda a diferença para um curso que pretendia se transformar em curso de graduação. Pois mostrou que era capaz de formar os profissionais que o setor de confecções tanto esperava e também precisava para criar novos produtos e com eles instigar a competitividade com outros estados do país, principalmente com Rio de Janeiro e São Paulo que representavam dois grandes centros de moda.

Nesta noite, contou à professora que o clube, mais uma vez, atingiu a sua lotação máxima. As pessoas se batiam umas nas outras procurando espaço para se acomodarem melhor. Todos queriam assistir ao desfile.

Nesta multidão estavam também representantes dos órgãos do Governo como da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC), da Secretaria da Indústria e Comércio (SIC), da Associação dos Confeccionistas do Ceará (ACC), do Centro Tecnológico das Confecções do Ceará (CTCC), do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI-CE), do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE-CE), de professores e alunos da UFC e de outras instituições de ensino de Fortaleza, familiares dos concludentes - novamente com torcidas organizadas, público em geral e do Magnífico Reitor Professor Antônio de Albuquerque de Sousa Filho.

Sobre a presença do Reitor a professora fez o seguinte relato:

Quando o Magnífico Reitor chegou ao clube ficou impressionado com o que viu e estampou logo no rosto a sua emoção. Ele admirava cada peça e parecia sentir-se orgulhoso com o que via. Lembro bem, quando no meio do desfile ele falou: Lígia, agora não tenho mais dúvidas, vamos criar um curso de graduação em moda na UFC, é isso que a sociedade espera. Faça o projeto.<sup>74</sup>

Considerando a importância desta lembrança na história do curso, procurei o professor Albuquerque – hoje aposentado da Universidade, para saber sobre esta emoção sentida e também sobre a decisão tomada no impulso daquela hora em que assistia ao desfile. Ademais, ele compareceu ao desfile como Reitor da Universidade Federal do Ceará-UFC e a sua presença valorizou ainda mais o evento.

---

<sup>74</sup>Relato da Professora Lígia Fideles de Souza em entrevista realizada no dia 21 de abril de 2014.

Na entrevista<sup>75</sup>, senti que a emoção ainda estava lá no seu olhar, no seu coração e principalmente na sua voz. Pois quando comecei a falar sobre a minha pesquisa, o projeto de extensão, a sua participação e colaboração como Reitor e sobre esse desfile que a história do curso mostra ser importante, ele novamente se emocionou, ficou parado no tempo e perguntou: *Fiz uma boa ação?* Na hora lhe respondi que sim, que fez uma excelente ação, pois o curso já completou vinte anos e muitos já se formaram e profissionalmente vivem muito bem em diversos estados do país e também no exterior.

Depois da minha resposta ele deu um sorriso de satisfação e foi novamente no tempo e lá ficou rememorando tudo o que viveu naquela época e naquela noite do desfile por algum tempo. Sentada a sua frente eu esperava as suas lembranças e também as suas recordações, quando ele de repente emocionado se pronunciou falando com o olhar perdido no tempo de como quem procurava se sentir vivendo a experiência vivida no passado que hoje tem vinte e um anos de idade.

Realmente parecia que estava só e sozinho com suas lembranças e que mentalmente estava vivendo tudo outra vez, pois o seu olhar brilhava igual duas estrelas na minha direção e a sensação que tive foi de que naquele momento, enquanto falava, ele nem percebia a minha presença – com o passar do tempo tive a certeza de que não era para a minha pessoa que ele olhava, era para o passado. Minutos depois a sua fala veio acompanhada de um suave sorriso no canto da boca, um olhar inundante e com uma expressão facial de prazer, dizendo:

Lembro bem desse desfile porque fiquei muito emocionado quando vi aquele clube lotado. Tinha muita gente. O ambiente estava irradiante com pessoas alegres e muito alinhadas. Mas o que mais me impressionou de tudo foi à qualidade do evento e, mais ainda, a qualidade do trabalho e a criatividade dos alunos. As roupas eram perfeitas na passarela. Tudo estava muito organizado. Eu não esperava que o desfile fosse do nível que encontrei lá e acho que muitos dos que estavam ali também se surpreenderam. Era coisa de profissional. Peças de alto nível, tanto que fiquei deveras encantado. E sai do Náutico com a certeza de que a Universidade precisava assumir tudo aquilo e criar um Curso de Graduação em Estilismo e Moda. Realmente foi uma noite esplendorosa para o curso e para a sociedade cearense também. Fiquei tão comovido que na mesma noite falei para a professora Lígia fazer o projeto para transformar o curso em nível de graduação. Na condição de representante maior da Instituição, eu não podia fechar os olhos para aquela

---

<sup>75</sup>Entrevista realizada dia 04 de outubro de 2014. Gravada segundo autorização.

manifestação. Seria realmente irresponsável se não concluísse o que o Reitor anterior havia começado.<sup>76</sup>

O seu relato me fez lembrar as palavras do poeta Mário Quintana quando disse que “*o passado não reconhece o seu lugar – está sempre presente*”. Pois mais uma vez, na reminiscência, o passado voltou usando o tempo presente para ser recordado e de algum modo também vivido, ainda que por meio de lembranças e de recordações.

Desse modo o professor Albuquerque viveu novamente a noite do dia 16 de janeiro de 1993 quando mergulhou na memória e de lá trouxe consigo o cenário da noite e as coisas que guardou como recordação. Como por exemplo, o brilho do evento, a multidão no clube, a alegria das pessoas e a beleza das peças que viu no desfile, de que tanto falou durante a nossa conversa. E a cada minuto de fala a sua emoção se arrebatava junto com entusiasmo e saudosismo de um tempo que tinha também a sua juventude.

Enquanto falava, eu atentamente o escutava e também lembrava, não dessa noite, porque infelizmente não vivi, mas das leituras do livro *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, de Ecléa Bossi. Quando nele ela faz jus à importância da memória das pessoas mais velhas como um patrimônio a ser valorizado. Da memória que guarda o que a memória da pessoa jovem não teve tempo de guardar, ou porque não viveu ainda ou, porque ocupou a memória com coisas do “tempo presente”, como diz Eric Hobsbawm.

O fato é que pessoas mais novas que participaram dessa noite, como por exemplo, alunos da turma que promovia o desfile, não conseguiram lembrar-se tanto quanto lembrou o professor Albuquerque. Contudo, não estou aqui a classificá-lo de velho, mas a valorizar a sua memória, que ao que parece guardou para si o desfile como o acontecimento mais importante da história do curso.

Sobre essa noite uma lembrança foi comum entre os entrevistados – a noite foi realmente esplendorosa. O vestido da aluna Jacqueline Alan Castro apresentado na Figura 39 desta tese, confirma isso e respalda as palavras do professor Albuquerque. Realmente, a peça tem estilo e requinte de peça de alfaiataria, se levar em consideração que se tratava de um desfile de formandos e

---

<sup>76</sup>Relato do professor Antônio de Albuquerque Sousa Filho em entrevista realizada dia 04 de outubro de 2014. Gravada segundo a sua autorização.

não de Estilistas profissionais. Com esse nível de desfile os alunos conseguiram novamente chamar a atenção da mídia e mais uma vez o curso de Estilismo em Moda da UFC foi manchete em todos os jornais da cidade.

#### **Novos estilistas cearenses: ousadia e criatividade invadem a passarela**

Que o Ceará é um celeiro de talentos para as artes ninguém mais duvida, seja no caminho do humor, da música, dança ou pintura. Esbanjando muito potencial uma nova geração se prepara também para disputar um lugar ao sol. São os novos estilistas cearenses, que com muita garra e disposição vão a tudo no disputado, e extremamente seletos mundo da moda. Um pouco da arte dessa turma pode ser conferida nesse sábado a partir das 21 horas, no Cube do Náutico. Lá acontece o desfile onde os 18 concludentes da segunda turma do curso de Estilismo em Moda da Universidade Federal do Ceará (UFC), mostram suas criações e produções ao grande público.

[...] O desfile será dividido em duas etapas. Na primeira será mostrado o resultado do estágio de Práticas Gerias, ou seja, peças masculinas, femininas e infantil, além de moda íntima e moda praia. O segundo momento será marcado pela livre criatividade, onde os alunos utilizaram os mais diversos materiais, como buchas, redes, materiais de cozinha, vidros, areia, palha, fios de telefone, folhas secas, entre outros. Além é claro de diversos materiais reciclados, presentes nos vestidos de noivas, bolsas e chapéus. Por tudo isso que os organizadores garantem uma noite ímpar em termos de criatividade. Talento certamente não faltará.

Os convites podem ser adquiridos gratuitamente nas lojas Ocapana, Esdras, Mod'Art (Avenida João Pessoa, 4633) e Weaver (Rua General Sampaio 1221). (NOVOS..., 1993).

O Jornal Tribuna do Ceará também esteve presente e fotografou as peças dos estilistas: *Rosa Abigail* – vestido de noiva com o nome **Apaixonada** feito com arame e papel, *Roberto Pereira* – vestido com o nome **Ousadia** “um luxo de lixo”, *Lourdes Almeida* – vestido e chapéu com o nome **Floral** enfeitados com grandes margaridas feitas com material reciclado e *Vaulina Gomes* – uma peça com o nome de **Futurista** que não era bem um vestido, mas sim uma armação feita com canos de PVC com variadas medidas circulando ao redor do corpo da modelo, ou manequim como era chamado na época.

Dentre estas roupas a do Estilista *Roberto Pereira* chamou bem a atenção da mídia, pois o jornal Diário do Nordeste também a fotografou e deu destaque junto com as peças das Estilistas, *Maria Luiza Martins* que apresentou um *look* estilo anos 50, Icléia Santos apresentou um vestido inspirado nos povos

egípcios, *Verônica Ramos* apresentou uma peça inspirada na Idade Média e *Rita Marques* que segundo as reportagens levou o público ao delírio com um vestido estilo neo-gótico<sup>77</sup> feito com vidros e cristais cuja luminosidade traduzia a elegância e a nobreza.

O desfile foi organizado por *let Peyter* que em 1993 já era professora da disciplina Criação de Moda. Para *Sheila Péclat*, aluna da turma, *let* proporcionou para Fortaleza uma noite “magnífica” para nunca sair da memória de quem viveu e, para os alunos, o ápice da formação.

A professora *Lígia Fideles* e o professor *Albuquerque* também relataram sobre esta noite e afirmaram que as pessoas ficaram admiradas com tudo e que não conseguiram sair do cube antes do desfile terminar. O olhar delas estava fixado na passarela e a cada entrada e saída dos manequins ouviam-se gritos de euforia ecoar no tempo.

Segundo a professora, a ideia de fazer o encerramento das turmas novamente com um desfile de moda no Clube Náutico Atlético Cearense foi mesmo uma estratégia para mostrar para a sociedade os propósitos do curso e chamar a atenção dos empresários do setor de moda, do Setor de Confecção e principalmente da Universidade. Tanto que o acesso ao evento foi mais uma vez foi sem ônus e os convites ficaram disponíveis em pontos comerciais da cidade, justamente para atrair e possibilitar a participação de todos os interessados.

Considerando que o primeiro desfile foi um verdadeiro sucesso, assegurou a professora *Lígia Fideles* que todos do curso – professores e alunos, tinham a certeza de que o segundo seria ainda mais frequentado e que depois seria classificado como um grande evento. Pois a sociedade já tinha conhecimento do curso por meio da mídia que dava total cobertura sobre tudo o que acontecia, desde a sua implantação e, os próprios alunos também fizeram uma divulgação muito bem estruturada.

Para a professora a ideia de ser a *let Pleyter* a organizadora e também coordenadora do evento foi outra estratégia, pois ela era Assessora de Moda reconhecida mundialmente e sabia sobre tudo de desfiles, passarelas e de peças conceituais. E que na condição de professora das disciplinas de Criação de Moda I,

---

<sup>77</sup>Neogótico ou revivalismo gótico é um estilo artístico que floresceu na Europa medieval, mais precisamente na Inglaterra em meados do século XVIII. Revitalizou as formas góticas medievais em contraste com os estilos clássicos dominantes na época.

II e III ela acompanhou de perto o desenvolvimento criativo dos alunos e foi construindo com eles o desfile no decorrer destas disciplinas.

Depois de ler bastante sobre o curso e também das entrevistas, cheguei à conclusão de que o desfile da segunda turma teve como responsabilidade promover o curso e, mais ainda, provar para a Universidade que toda a sociedade já estava esperando a seleção de outras turmas. Esse era o ponto, pois os recursos tinham findado e os órgãos patrocinadores não podiam mais assumir outras turmas como pretendia todos os que chegaram até ali. Por isso, ou a Universidade assumia ou o curso iria acabar de vez.

Sobre essa crise encontrei uma entrevista publicada no jornal o POVO na qual o aluno Hipólito Marinho – da primeira turma, manifestou a sua opinião sobre a situação e também a sua indignação e defesa quando lhe foi perguntado sobre o curso.

Apesar das dificuldades, ele é superválido, bem montado e tem tudo pra dar certo. O que está faltando é maior credibilidade do empresariado especializado. O curso está passando por dificuldades financeiras e quem está perdendo com isto é o Ceará. Nós somos o potenso 2º polo de moda do País sem mão-de-obra especializada, e o objetivo do curso é exatamente este, formar profissionais para melhorar o nível das confecções. Somos o 2º polo produtor de roupa, o que é uma coisa bem diferente. Os professores que não são pagos pela UFC como let Pleyter e Beatriz Castro estão pensando em abandonar o curso por falta de salário, isto é muito sério. (MODA..., 1992, p. 4b).

Apesar de ter sentido na professora Lígia Fideles uma vontade infinita de transformar o curso de Estilismo em Moda em Curso de Graduação, senti também que ela tinha conhecimento da crise econômica que a Universidade passava e por isso temia que a Instituição não pudesse de fato assumir o curso. Segundo suas palavras o momento político<sup>78</sup> era muito crítico no país e a Universidade era e

---

<sup>78</sup>A década de 1990 teve o seu começo marcado pela política econômica-financeira do Presidente Fernando Collor de Melo, que confiscou todo o dinheiro da população e promoveu a extinção de mais de 920 mil postos de trabalho em todo o país. Com as propostas de um novo partido, o PRN (Partido da Reconstrução Nacional), Fernando Collor de Melo fez a sua campanha apoiada no vice Itamar Franco e se elegeu com o apoio da população jovem votante. Em meados de 1992 a mesma população que o elegeu também promoveu uma manifestação política a favor do seu *impeachment*. O Brasil se agitou, lágrimas foram derramadas e bandeiras agitadas pelos caras pintadas. Até aquela data o país nunca havia passado por manifestação desta natureza. No dia 30 de setembro de 1992, seis meses depois da sua posse ele foi afastado definitivamente do cargo com o voto de 441 deputados à favor do seu *impeachment*. Em dezembro de 1992 assume a presidência o vice que não comungava com as suas ideias depois que foram anunciadas pela Ministra Zélia Cardoso de Mello. A unidade monetária nacional adotada foi novamente o cruzeiro com equivalência ao padrão anterior – cruzado novo e que depois de algum tempo transformou-se em cruzeiro real, usado até os dias atuais. (CAIU!..., 1992).

continua a ser totalmente dependente desse contexto político. Contudo, teve como aliado o Reitor professor Antônio de Albuquerque Souza Filho que se mostrou disposto a prosseguir com a história do curso.

Tanto a professora Lígia Fideles como o Reitor tinha ciência das dificuldades econômicas da Instituição e sabiam também que muitos iriam usar essa crise orçamentaria como argumento pelas instâncias por onde passaria o Projeto de criação do curso como Graduação. Por isso a professora junto com Vicente Paiva, professores e alunos do curso se uniram e foram organizar um grande seminário<sup>79</sup> para arrecadar dinheiro para a implantação do curso em nível de Graduação.

O evento “SEMINÁRIO MODA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ” aconteceu no dia 17 de fevereiro de 1993, um mês depois da formatura da segunda turma no auditório Casa da Indústria, localizado na Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC). E seus objetivos foram muito bem definidos:

- a) Integrar instituições públicas e privadas a fim de discutirem moda no Ceará;
- b) Coletar subsídios capazes de permitir a UFC instituir a formação superior em moda, como expressão da arte e da cultura.

No dia 14 de fevereiro de 1993, dois dias antes do seminário, o jornal O POVO publicou na primeira folha como matéria da capa: “UM SEMINÁRIO DE ESTILO: **universidade, empresários e estilistas fazem um seminário pra fortalecer o segundo polo de moda do país**”, e uma entrevista com o estilista autodidata Lino Villaventura. Na qual ele falou sobre o seminário, sobre a necessidade da criação do curso na Universidade e com muita clareza fez uma crítica ao Setor de Confecções na qual ele chamou de indústria da moda.

O problema da indústria de moda cearense é que se reconhece muito pouco o trabalho do estilista. As empresas estão saindo agora do esquema fundo de quintal, onde o estilista tinha um papel quase nulo. Todas as etapas do criativo são ignoradas pelos empresários. Eles insistem em ter uma visão muito pequena no diz respeito à moda e suas implicações. [...] Para isso mudar, tem que se dar espaço aos estilistas, fazer com que as pessoas pesquisem, criem, ao invés de seguir cegamente as tendências. [...] O ideal seria que esse referencial da moda

---

<sup>79</sup>Todas as informações a partir de agora referentes ao seminário foram tiradas de um documento feito na época. Uma espécie de livro escrito à mão. O mesmo foi registrado e reconhecido firma em cartório e faz parte do acervo da professora Lígia Fideles de Souza.

fosse encarado como parte integrante da cultura, como de fato é. (UM SEMINÁRIO..., 1993).

O Estilista foi convidado de honra do seminário e também do debate que foi promovido naquela ocasião – um convidado ilustre, considerando que era o mais renomado representante da moda genuinamente cearense, pois usava o artesanato da terra nas suas criações nacionais e internacionais.

Ao seminário compareceram os maiores representantes da economia do Estado e demais convidados: Fernando Cirilo Gurgel – Presidente da FIEC, Antônio Balman – Secretário da Indústria e Comércio do Estado do Ceará, Antônio de Albuquerque Souza Filho – Reitor da Universidade Federal do Ceará, Mauro Benevides Filho – Secretário de Planejamento do Estado, Vicente Paiva – Presidente do Sindicato das Indústrias de Confecções Masculinas, José Maria Moreira – Presidente do Sindicato das Indústrias de Confecções Femininas, Cândido Couto – Presidente do Sindicato da Indústria de Couro, Ivan Bezerra – Presidente do Sindicato da Indústria Têxtil, Edmar Vieira – Presidente do Sindicato da Indústria de Caçados, Armando Pereira – Presidente da Associação dos lojistas da Monsenhor Tabosa, Sílvio Almeida – Presidente da Associação dos lojistas do Maraponga, Lino Villaventura, Gláucia Mota, Laís Pearson, Iet Peyter, Lígia Fideles, empresários do setor de confecções e de moda, representantes do IEL, SEBRAE e SENAI-CE e público em geral.

A mesa de debate foi composta por alguns dos representantes dos órgãos do Estado, Laís Pearson, Iet Peyter, Lino Villaventura, Gláucia Mota, a professora Lígia Fideles e o Reitor Antônio de Albuquerque Souza Filho como presidente. Segundo a professora Ligia Fideles entregar a mesa para ser presidida pelo Reitor foi mais uma estratégia com finalidade comprometidora para sensibilizar e pressionar ainda mais a Universidade.

A abertura do seminário foi proferida pelo Presidente da casa – Fernando Cirilo Gurgel, com o discurso<sup>80</sup> que evocou a evolução da indústria têxtil,

---

<sup>80</sup>Os relatos de todos os discursos proferidos no seminário tiveram como fonte de pesquisa as anotações da professora Ligia Fideles, as quais ela transformou em um bloco com 27 folhas cujo título é: "Este livro destina-se a resgatar os primeiros passos do ensino de Moda, a nível superior, na Universidade Federal do Ceará e por sua vez no Estado. Fevereiro, 17 de 1993. Prof<sup>a</sup>. Lígia Fideles de Souza – Responsável pela Organização em parceria com a FIEC". O mesmo é registrado e reconhecido firma em cartório.

de confecção, da indústria de couro e da indústria de calçados e acessórios no contexto do desenvolvimento do Ceará.

Importante marco da reunião de esforços com vista ao desenvolvimento do nosso Estado tem lugar neste momento à casa da indústria. Realiza-se a abertura do seminário de moda da Universidade Federal do Ceará. Para que este evento se realize acha-se formada como base dos atos que o constitui uma associação em torno de objetivos comuns. Dela participam a iniciativa privada, através de entidades como o SENAI, IEL, SEBRAE, SINDICATO A CONFECÇÃO MASCULINA comandado por Vicente Paiva, SINDICATO DA INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO FEMININA por José Maria Moreira, SINDICATO DA INDÚSTRIA DE CALÇADOS, por Cândido Porto, SINDICATO DA INDÚSTRIA TÊXTIL, por Ivan Bezerra, ASSOCIAÇÃO DOS LOJISTAS DA MONSENHOR TABODA, por Armando Pereira, ASSOCIAÇÃO DOS LOJISTAS DA MARAPONGA, por Silvio Almeida e empresários ligados o setor, participa especialmente o setor público estadual através da Indústria e Comércio e da Secretaria e Planejamento e Coordenação. E no mesmo nível de integração o meio acadêmico integrado à sociedade, representada pela a UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

Para o sistema FIEC o Seminário Moda na UFC se reverte de uma característica muito especial por quanto expressa a ideia de parceria, que é a tônica das ações da atual equipe dirigente dos destinos desta federação. E nossa visão não deve todavia imitar-se que o seminário visa diretamente alcançar. Ele se destaca em posição de coroamento de um conjunto de atividades que permeiam em todos os setores da economia do Estado. É útil repassar algumas idéias que embora subentendida por todos os participantes desse ato, merecem ser situadas em espaço. Seja no cenário anterior ou no cenário imediato da moda [...].

A criatividade do estilista é fundamental, esta é a motivação maior que une o setor privado e a UFC na criação de um curso superior de moda. Por outro lado, a garantia do mercado repousa hoje sobre os atributos da qualidade dos produtos e da competitividade dos preços [...].

Confio em um futuro promissor para todo o segmento de confecções e afins do Ceará. Lembro, porém, que esse futuro melhor não será resultante apenas de idéias bem colocadas ou das discussões brilhantes que venham ocorrer. Dependerá fundamentalmente da capacidade dos senhores participarem de trabalhos em atos que aqui forem compartilhados. (FERNANDO CIRILO GURGEL).

Após a abertura os convidados à mesa se pronunciaram. Na sequência ficou com a palavra o Secretário do Planejamento Mauro Benevides Filho que fez uma apresentação do cenário econômico do Estado evidenciando a indústria têxtil como sendo a indústria de base do desenvolvimento econômico do Ceará e a participação significativa das indústrias de confecções e de calçados a economia atual.

A importância do segmento dentro do contexto arrecadatário, emprego de mão-de-obra ou seja, dentro do próprio contexto de crescimento econômico a economia cearense, é bom ressaltar que o Ceará nestes

últimos anos, apesar da nossa economia, está em muito as oscilações da economia brasileira, ela teve um crescimento diferenciado nesses últimos anos, especialmente em 91.

[...] As indústrias que assumem a função de indústria de base no complexo industrial é a da fiação e tecelagem.

[...] O vestuário e caçado passou a responder 20,4% do emprego total da indústria em 1985 contra 16% em 80 e 14,8% da massa salarial do idêntico ano. Tais números expressam não apenas a tendência do dinamismo da indústria cearense integrante do complexo têxtil, vestuário e caçado, mas realça sobre todo o desempenho rigoroso do segmento de vestuário e artefatos de tecidos, que compõem o núcleo da chamada indústria da moda no Estado do Ceará. (MAURO BENEVIDES FILHO).

As convidadas Laís Pearson e let Peyter fizeram um discurso em defesa da moda como expressão de arte e cultura e os efeitos desta na moda cearense, respectivamente.

A moda é reflexo dos tempos, e espelho daquilo que nós somos revelando as nossas aspirações, satisfazendo nossas necessidades, nossas emoções, nossas funções sociais. Através da moda e que demonstra a posição que a gente ocupa, a riqueza, a moda confirma ou reflete símbolos estabelecidos pela sociedade. Assim como a arte, o design na arquitetura e moda traduz as transformações sofridas pela a sociedade, revelando o espírito da época.

O vestuário é decorrência das características climáticas, e a moda o contrário, compondo uma simbologia visual que carrega idéia que o usuário quer passar a plateia, quer passar as pessoas que o cerca. A e modificada constantemente por todas as modificações que acontecem no contexto social. São os processos políticos, os processos religiosos. Processos culturais de toda espécie modificam o vestuário em termos de moda. É tão importante o conhecimento geral de tudo que a escritora Deodina Horrara disse que o estudo da moda, envolve ao mesmo tempo o estudo da história das civilizações, o estudo das culturas, estudos: geográficos, matemáticos e os estudos econômicos. A moda e um ciclo constante. (LAÍS PEARSON).

No segmento do discurso Lino Villaventura defendeu a necessidade da criação do curso para formar profissionais capacitados para trabalhar no setor de moda e lembrou-se dos desafios promovidos pelos alunos das turmas formadas.

É indiscutível a criação desse curso na formação de profissionais de estilismo, foi inegavelmente provado através do curso já existente a nível de extensão pela boa formação que os profissionais formados por ele demonstraram nos desfiles de encerramento do curso; inclusive tive oportunidade de assistir a um dos desfiles. O que nos preocupa no momento é o mercado de trabalho para estes novos profissionais, deveríamos manter uma informação efetiva quanto aos industriais de confecção para saber o real valor destes profissionais dentro da sua empresa [...].

Pelo momento em que vivemos onde é impossível vivermos sem criatividade, não só no setor da moda, mas em todas os setores da sociedade é importante neste momento que tenhamos nas nossas empresas profissionais com criatividade e competência principalmente aqui no Ceará isso é mal interpretado, os nossos industriais geralmente não sabem o quanto é importante ter um profissional com criatividade e competência dentro da sua empresa. É importante para a empresa ter um profissional que faça pesquisas antes que o produto seja lançado e chegue ao consumidor com uma boa aceitação por parte destes. A aquisição de um profissional de moda por parte de uma empresa contribui para a personalidade do produto e, portanto o seu sucesso de venda. Todo esse processo tem que ser supervisionado por um profissional de moda, mas do que ninguém o estilista deve supervisionar este processo. (LINO VILLAVENTURA).

A professora Ligia Fideles lembrou como o curso começou e apresentou os requisitos da formação, ou seja, as disciplinas e um pouco sobre cada uma delas. E mais uma vez aproveitou para defender a necessidade de transformar o curso em Curso de Graduação.

Após todos se pronunciarem, a mesa foi desfeita para formar grupos de trabalho. Formaram quatro grupos e cada um recebeu uma temática sobre o que foi exposto para discutirem e construírem propostas.

Destes, o grupo quatro com a temática: “**A importância do curso de Estilismo a nível de graduação**”, parece ter sido o que mais produziu ou chamou a atenção, pois somente as suas considerações foram registradas. Acredito que tenha sido porque nele se concentrou tanto o problema como também o objetivo do seminário. Interpretando as considerações feitas, o grupo apontou:

- a) Para sustentação do Polo de Moda no Ceará, precisamos investir e garantir nosso produto interno, para que Fortaleza passe a ter cheiro de moda, respire moda;
- b) Garantir a qualidade de produto interno. Temos confecções boas, mas tem algumas que necessitam de aprimoramento. As indústrias necessitam de um profissional que possa colaborar nesta parte.
- c) Possibilitar a formação de pessoal jovem e não se preocupar agora se as empresas são de cunho familiar ou não;
- d) Estruturar as disciplinas do curso com visão maior sobre os problemas e informar ao empresário sobre este novo profissional que será inserido no mercado.

Na sequência, todos voltaram aos seus lugares e uma discussão sobre o curso deu andamento ao seminário. No centro da mesa estava o Reitor Antônio de Albuquerque Sousa Filho, que segundo a professora Lígia Fideles ouviu a todos atentamente, aliás, mas ouviu do que falou no momento em que os grupos apresentam os seus questionamentos e o debate se erguia em torno destes.

Horas depois foi anunciado o encerramento e o Reitor se pronunciou:

Até o final de março deste ano a UFC, através de seu Conselho Universitário, criará o Curso de Estilismo em nível de graduação. Em julho próximo, a instituição promete realizar o primeiro Vestibular. O número de vagas e as cadeiras curriculares ainda serão definidas. O curso superior terá duração de 4 anos. O curso de Estilismo é vinculado ao Centro de Ciências Agrárias, através do Departamento de Economia Doméstica. Para ser criado, o curso passa por várias etapas, iniciando pelo Centro de Ciências Agrárias, que define a viabilidade do novo produto que a UFC ofertara para a comunidade. Em seguida, com o sinal verde do CCA, é necessário o parecer favorável do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. A etapa final é no Conselho Universitário. (ANTONIO DE ALBUQUERQUE SOUSA FILHO).

De acordo com a professora Lígia Fideles, o Reitor proferiu um belo discurso e a sua fala emitia determinação e convicção. Deixando a todos com expectativa e também a certeza de que no futuro breve a cidade de Fortaleza teria o seu primeiro curso de moda.

Depois do encerramento a FIEC ofereceu um coquete a todos os convidados e na ocasião aconteceu também uma avaliação informal sobre o seminário. Na qual, boatos e conversas deram conta do sucesso que foi o evento.

Segundo a professora Lígia Fideles o evento deixou um marco na história da economia do Ceará, especialmente na história do curso, confirmando assim as primeiras palavras do Presidente da FIEC no discurso de abertura – *“Importante marco da reunião de esforços com vista ao desenvolvimento do nosso Estado tem lugar neste momento”*.

Acrescentou ainda que após o Reitor anunciar no seminário, na presença de mais de 400 pessoas, que a UFC iria criar um curso de Estilismo em nível de Graduação, ficou publicamente oficializado o que ele já havia falado no desfile da segunda turma na bendita noite do dia 16 de janeiro de 1993, quando na ocasião lhe pediu para fazer o projeto que oficializaria o curso na Pró-Reitoria de Graduação.

Era final de fevereiro de 1993 e após este seminário o curso começou um novo ciclo na sua história e, com ele, a possibilidade da sua efetiva existência na Universidade Federal do Ceará.

#### **4.5 Transição da Pró-Reitoria de Extensão para a Pró-Reitoria de Graduação**

De acordo com a professora Lígia Fideles e o professor Albuquerque, levar o curso de extensão em Estilismo em Moda para a Pró-Reitoria de Graduação não foi uma tarefa fácil para nenhum dos dois e, cada um teve o seu desafio. Ela precisou reestruturar o projeto em tempo recorde e ele precisou encontrar brechas no orçamento e apoio político na Instituição para fazer cumprir a sua promessa.

Três meses depois, o Reitor assinou uma PORTARIA dando plenos poderes para a professora Lígia Fideles implantar o curso superior de moda na Universidade. Documento este que oficializou a sua liberação no Departamento de Economia Doméstica para se dedicar a reestruturação do projeto.

#### **PORTARIA DE Nº 470 DE 13 DE MAIO DE 1993.**

**O Reitor da Universidade Federa do Ceará, no uso de suas atribuição legais e estatutárias,**

#### **R E S O L V E**

Designar a Professora LÍGIA FIDELES DE SOUZA, lotada no Departamento de Economia Doméstica, do Centro de Ciências Agrárias desta Universidade, para coordenar os trabalhos de estruturação e implantação do Curso Superior de Moda, com uma carga horária de vinte horas semanais, com efeito retroativo a 1º de setembro de 1992.

Antônio de Albuquerque Sousa Filho  
Reitor

Segundo o professor Albuquerque, criar algo novo na Universidade sempre foi uma tarefa árdua, pois existe quem aprova e até apoia, mas também existe quem não aprova, não apoia e ainda se posiciona completamente contra. E para além dessas divergências existe um jogo de interesse muito grande dentro da Instituição e nele cada um defende o seu curso como sendo prioridade. Em alguns momentos essa defesa faz sentido, mas em outros não justifica, nestes casos é

preciso ter muita perspicácia para distinguir uma intenção da outra e não deixar a Universidade ser prejudicada. Por isso que com o Curso de Estilismo e Moda não foi diferente e relatou:

Quando falei na Universidade sobre a criação do curso de moda, foi um Deus nos acuda. Muitos imediatamente lembraram que a Instituição não tinha recursos financeiros, ainda mais para um curso desse. Na época, existia certa ignorância, falta de conhecimento mesmo sobre a moda, por isso essa repudia por alguns a ideia de criar o curso. Outros falaram que não precisava, deixasse-o lá na Pró-Reitoria de extensão onde estava. Mas, apesar de encontrar pelo o caminho algumas dificuldades, o que eu via em tudo isso era uma excelente oportunidade para criar na Instituição um curso promissor e a Universidade precisava disso naquele momento. As crises também servem para nos mostrar outras saídas. E o Hélio Leite já tinha iniciado o processo, então cabia ao seu sucessor concluir. Foi o que eu fiz. Busquei ajuda dos departamentos e em 1993, se não estou errado com a data, o curso foi aprovado. Agora, depois de todos esses anos eu lhe pergunto fiz uma boa ação? <sup>81</sup>

Concluída a sua fala ele olhou para mim e tornou a perguntar: “*Dijane, fiz uma boa ação?*”. Imediatamente lhe respondi que sim, que o Curso já formou mais de 400 profissionais e que estes estão trabalhando tanto na indústria nacional como na indústria internacional. Outros implantaram seus próprios negócios de moda e alguns se encaminharam para a docência e estão ministrando aulas na UFC e em outras faculdades e universidades de moda em Fortaleza e demais localidades do país. Ele, com os olhos fixos na minha resposta suspirou e falou: “*Fico feliz, você não sabe como fico feliz ao ouvir isso, sinal de que estávamos certo e de que não fiz nenhuma ação inconsequente com a Universidade*”.

Depois de reestruturado o Projeto, que antes era de Extensão, ele ganhou o título de: “PROJETO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ESTILISMO EM MODA (BACHARELADO)”. Na sua reestruturação a professora Lígia Fideles contou com a colaboração da professora Zilsa Santiago e da Assessora de Moda let Pelyter. Apesar de quando Projeto de Extensão já conter as disciplinas básicas da formação do Estilista, na sua reestruturação dois pontos de mudanças foram fundamentais: *a carga horária* – de 1.440 passou para 3.300 horas e o **período do curso** – de dois anos se ampliou para quatro. Pontos estes que constituíram toda a complexidade do novo projeto e também o trabalho da comissão que ficou responsável pela a sua elaboração.

---

<sup>81</sup>Relato do professor Antônio de Albuquerque de Sousa Filho em entrevista realizada no dia 04 de outubro de 2014.

Depois de totalmente reestruturado ele apresenta um conteúdo denso e muito bem detalhado sobre: *Estruturação do Currículo, Carga Didática, Estrutura Organizacional, Departamentalização das Disciplinas, Vagas – regime e turno de funcionamento, Corpo Docente, Instalações Físicas, Material Bibliográfico Didático e Ementas das Disciplinas.*

Na sua apresentação, diferente do projeto anterior à comissão se preocupou em fazer uma “CONCEITUAÇÃO DE MODA” (primeira página do projeto) na qual argumenta que “através dela pode-se expressar uma cultura, uma ideologia... uma forma de vida, um valor moral, um momento, seja ele político, econômico, social ou tecnológico” (SOUZA, 1989, p. 25). E na sequência, uma justificativa que aponta o rumo que a universidade deveria tomar frente à situação.

### JUSTIFICATIVA

O setor moda do estado do Ceará, compreende aos sub-setores de têxtil, de confecção, de calçados e acessórios (bolsa, cinto, chapéu, bijouteria, etc) representa cerca de 37,6% do total das empresas industriais em atividade, participando com 12% do ICMS e empregando cerca de 60.000 (sessenta mil) pessoas. Este contingente compreende 37,3% do pessoal ocupado na indústria de transformação. O setor de confecções de vestuário, isoladamente, conta com 788 indústrias, empregando 23,709 pessoas.

A análise desses dados mostra a importância do setor da moda e, mais especificamente do sub-setor de confecção para o estado do Ceará que desde o início dos anos 80, passou a ser considerado o segundo maior produtor do país, perdendo somente para o estado de São Paulo.

Vale salientar que a mão de obra para determinadas funções da indústria de confecções, como criação e modelagem, tem sido, em grande parte, importada de centros mais desenvolvidos no setor, uma vez que o mercado se ressentia com relação à falta de profissionais especializados. A carência deste profissional pode ser constatada pelo rápido engajamento dos egressos do curso de extensão de Estilismo em Moda da Universidade Federal do Ceará. Dos trinta (30) formados por este curso, 80% já foi absorvido pelo mercado de trabalho.

A continuidade deste curso, além dos problemas operacionais, não responderia às exigências em termos de abrangência e profundidade dos estudos que envolvem as diferentes áreas do conhecimento, relacionadas com o setor de moda.

O Curso de Graduação em Estilismo em Moda na Universidade Federal do Ceará virá portanto suprir as necessidades do mercado do Estado, no sentido de preparar mão de obra mais qualificada para exercer as mais diferentes funções que o setor exige. (SOUZA; SANTIAGO, 1993, p. 2.)

Sobre esta formação, a comissão se preocupou de argumentar também a **Fundamentação da Proposta Curricular** que iria satisfazer os requisitos necessários para formar o bacharel em Estilismo em Moda da UFC. Nos termos a explicação foi bem convincente:

## FUNDAMENTAÇÃO DA PROPOSTA CURRICULAR

A proposta aqui apresentada é fruto de um processo de reflexão e amadurecimento de um grupo de docentes dos Departamentos de Economia Doméstica e de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, bem como de contatos com a Federação das Indústrias do Estado do Ceará – FIEC, com o Centro Tecnológico de Confecções do Ceará – CTCC, com entidades empresariais do setor de moda e com instituições que defendem, colaboram e oferecem o ensino de moda no país.

Referida proposta visa a formação do profissional estilista em moda, cujo perfil exige criatividade, originalidade e sensibilidade para atuar na área de moda, devendo estar atento às tendências e às constantes mudanças da sociedade, em todos os níveis.

Para o estilista em moda, advoga-se uma formação que o prepare para pensar, criar e lançar moda. Por isso sua formação deve ser fundamentada na antropologia, na história da arte, da cultura e da indumentária, na computação, na comunicação, na economia e na técnica, tendo como perspectiva o desenvolvimento criativo e artístico. Isso explica a necessidade de envolver vários departamentos da Universidade Federal do Ceará, reforçando assim a importância da interdisciplinaridade.

A reflexão sugere ainda a necessidade da composição de um currículo que conceba o homem como um ser criativo, envolvido com todos os aspectos de moda, seja ela feminina, masculina ou infantil. Assim, oferecerá espaços para a execução de pesquisas voltadas para o desenvolvimento do setor e para a melhoria da qualidade dos produtos ligados à moda. Proporciona ainda subsídios necessários à comparação e diferenciação entre os diversos estilos de moda, possibilitando a análise do contexto sócio-econômico-cultural, no qual está inserida. (SOUZA; SANTIAGO, 1993, p.2a).

Para além da defesa feita a favor da criação do Curso, a justificativa do projeto apresentou também o fundamento da proposta curricular que o curso de Estilismo em Moda teria para garantir a formação do profissional:

- (1) Uma sólida fundamentação técnico-metodológica que permita ao estudante do curso fazer uma leitura crítica das diversas tendências que interpretam a evolução e o gosto da sociedade;
- (2) Uma prática criativa, original e dinâmica, em todas as disciplinas que permita ao aluno captar as preferências da sociedade e compreendê-las à luz das teorias estudadas, buscando soluções adequadas para superar as dificuldades;
- (3) Um contínuo desenvolvimento pessoal e profissional que gere capacidade crítica aguçada para perceber o novo, para desenvolver o trabalho produtivo (prática técnica), o trabalho de investigação (prática teórica) e o trabalho de organização e transformação social (prática social) influenciando significativamente no meio onde atua.

Enfim, uma formação profissional ligada às raízes históricas, sociais, econômicas, políticas e culturais, voltadas para a compreensão e a solução dos problemas relacionados com a moda cearense, nordestina e brasileira. (SOUZA; SANTIAGO, 1993, p. 2b)

Com estas propostas, o Projeto defendeu que a formação do aluno passaria pelas “raízes históricas, sociais, econômicas, políticas e culturais”. E que por elas ele poderia perceber os sinais emanados de cada contexto, interpretar os seus signos e significados, ora isolados e ora imbricados e por fim, desenvolver moda que atendesse as necessidades do público cearense, nordestino e até das demais localidades do país.

O objetivo geral do curso ganhou nova roupagem e ao invés de ter a pretensão de formar profissionais especialistas em moda como se fosse quando Curso de Extensão, tinha agora como objetivo formar Bacharéis em Estilismo e Moda, incluindo o ensino, a pesquisa e a extensão como princípios com pontos da formação. Para tanto traçou dois objetivos gerais: i) Formar pessoal qualificado no setor de estilismo em moda; ii) Estimular e desenvolver pesquisas para uma fundamentação teórica necessária ao trabalho no setor de moda (SOUZA; SANTIAGO, 1993, p., p. 3)

Essa formação de nível superior era o que justificava a sua migração para a Pró-Reitoria de Graduação. Tratava-se agora de uma formação profissional, de algo mais específico e de maior complexidade e, conseqüentemente de responsabilidade, se comparado a um Curso de Extensão. Para tanto, a comissão definiu alguns objetivos bem específicos à formação do profissional Estilista em Moda que seria requerido pelo Curso (SOUZA; SANTIAGO, 1993, p. 3):

- a) Estimular a criatividade, com vistas à definição de estilos de moda;
- b) Orientar na caracterização e identificação da moda masculina, feminina e infantil;
- c) Preparar para atividades de coordenação e produção de moda;
- d) Estimular pesquisas e estudos votados para a melhoria da qualidade de produtos de setor de moda;
- e) Oferecer os subsídios necessários para a comparação e diferenciação entre os diversos estilos de moda;
- f) Possibilitar a análise do contexto sócio-econômico, político e cultural no qual se insere a moda;
- g) Orientar sobre técnicas e estratégias necessárias na organização de eventos sobre moda;
- h) Orientar para o desenvolvimento de habilidades técnicas e artísticas indispensáveis à criação de coleção de moda;

- i) Oferecer subsídios relacionados com a divulgação de produtos e tendências de moda;
- a. Orientar na avaliação das possibilidades de tecnologia da produção e da matéria-prima, com vistas num produto comercializável e
- j) Estimular debates e reflexões a moda, especialmente cearense.

Comparado os quatro objetivos específicos definidos no Projeto de Extensão com os onze escritos acima, foi que compreendi o porquê da diferença do curso a partir de então. Enquanto na Extensão o curso formou profissionais para criar e produzir moda, na Graduação o curso formaria para criar e produzir moda e muito mais, para trabalhar a pesquisa, o ensino e também a extensão como uma prática aonde o aluno iria desenvolver habilidades por meio de projetos relacionados à moda e suas derivações.

Segundo a professora Lígia Fideles, antes de estruturar o currículo a comissão analisou o currículo pleno do Curso Superior de Moda da Faculdade Anhambí Morumbi – São Paulo e do Curso de Estilismo em Confecção do Centro Tecnológico da Indústria Química e Têxtil do Rio de Janeiro. Além de outros de diferentes cursos de moda disponíveis fora do país:

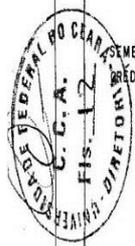
- a) Fashion Institute of Technology – New York/USA;
- b) Université Lunière – Lyon/França;
- c) Amsterdãse Moda Academie Vogue – Amsterdan/Holanda;
- d) Accademia Europea di Moda e Costume – Roma/Itália e
- e) Institute Berçot – Paris/França.

Como proposta curricular para a formação do profissional estilista em moda da Universidade Federal do Ceará a comissão apresentou um CURRÍCULO PLENO INTEGRALIZADO (FIGURA 40).

Figura 40 – Currículo Pleno Integralizado do Curso de Estilismo em Moda (Bacharelado) da Universidade Federal do Ceará



CONFERE COMO ORIGINAL  
 EM 25/06/13



Fonte: (SOUZA; SANTIAGO, 1993, p. 5a).

O currículo, na sua totalidade, oferecia 62 disciplinas – 37 de caráter obrigatório (incluindo a disciplina Estágio Supervisionado e o Projeto de Graduação) e 23 disciplinas de caráter opcional, 245 créditos – 151 de caráter obrigatório e 94 de caráter opcional com carga horária de 3.960 horas – 2.760 de caráter obrigatório e 1.200 de caráter opcional. No entanto, para a formação do profissional estilista de moda da UFC, seria requisitado ao aluno à aprovação de 210 créditos – 151 de caráter obrigatório e 59 de caráter opcional e uma carga horária de 3.300 horas/aula – 2.370 de caráter obrigatório e 930 de caráter opcional. Os quais seriam contemplados com disciplinas de livre escolha dentre as 23 disponíveis da grade de disciplinas opcionais.

Na sua composição o curso ficou consolidado com **43 créditos de Formação Básica, 105 de Formação Profissional e 78 de Formação Opcional**. Distribuídos em um período de oito semestres que funcionaria nos turnos da tarde e da noite, no horário de 14:00 (quatorze) às 20:00 (vinte) horas de segunda à sexta-feira, podendo facultar também a manhã do sábado, se necessário. As tabelas a seguir apresentam os dados sobre: a) Composição do Currículo Pleno (TABELA 1), b) Grade Curricular Obrigatória (TABELA 2), c) Grade Curricular Opcional (TABELA 3), d) Carga Didática (TABELA 4) e e) Departamentalização das Disciplinas (TABELA 5).

Tabela 1 – Composição do Currículo Pleno do Curso de Graduação em Estilismo e Moda da UFC

<b>Formação Básica</b>	
Disciplina	Crédito
01. Antropologia Cultural	04
02 História da Cultura Ocidental	04
03 Cultura Brasileira	04
04 Psicosociologia da Moda	04
05 História da Arte I	04
06 História da Arte II	04
07 Tecnologia Têxtil	04
08 Desenho Geométrico de Observação	03
09 Desenho de Modelo Vivo I	04
10 Estudo da Forma e da Cor	04
11 Introdução a Computação	04
<b>TOTAL</b>	<b>43</b>
<b>Formação Profissional</b>	
1. Técnicas de Montagem I	03
2. Técnicas de Montagem II	04
3. Modelagem Tridimensional I	04
4. Modelagem Plana Básica	04
5. Modelagem Plana Feminina	04
6. Modelagem Plana Masculina e Infantil	04
7. Computação Aplicada a Moda	04

<b>Formação Profissional</b>	<b>Continuação</b>
8. Desenho de Moda	04
9. Desenho de Detalhes e Acessórios	03
10. Desenho de Modelo Vivo II	03
11. Padronagem	04
12. Representação Plana	03
13. Criação de Moda I	03
14. Criação de Moda II	02
15. Criação de Moda III	04
16. Planejamento de Coleções	02
17. Produção de Moda	04
18. Pesquisa de Moda I	04
19. Pesquisa de Moda II	02
20. Tecnologia da Confecção	04
21. Economia e Moda	02
22. Marketing de Moda	04
23. História da Indumentária I	02
24. História da Indumentária II	04
25. História da Indumentária III	04
26. Introdução a Administração	04
27. Estágio Supervisionado	10
28. Projeto de Graduação	06
<b>TOTAL</b>	<b>105</b>
<b>Formação Opcional</b>	
29. Postura e Movimento do Corpo Humano	04
30. Biometria	04
31. Fundamentos de Estatística	02
32. Oficina de Fotografia	04
33. Inglês Técnico de Moda	04
34. Francês Técnico de Moda	04
35. Técnicas de Montagem III	04
36. Teoria da Comunicação I	04
37. Economia de Empresa I	04
38. Controle de Qualidade em Confecção	04
39. Oficina de Vídeo	04
40. Oficina de Estamparia	03
41. Ilustração de Moda	03
42. Programação Visual	04
43. Organização de Empresas	04
44. Planejamento e Organização de Eventos de Moda	02
45. Oficina de Patchwork	02
46. Modelagem Especial	03
47. Modelagem Especial	03
48. Modelagem Tridimensional II	04
49. Produção Gráfica em Moda	04
50. Publicidade e Propaganda	04
51. Cenário e Figurino	03
52. Moda e Consumo	02
<b>TOTAL</b>	<b>78</b>

Fonte: (SOUZA; SANTIAGO, 1993, p. 6).

Tabela 2 – Grade Curricular Obrigatória do Curso de Graduação em Moda da UFC

Disciplina	Nº Créditos	Carga Horária	Pré-Requisito
<b>1º Semestre</b>			
01. Introdução a Computação	04	60	-
02. Psicossociologia da Moda	04	60	-
03. Antropologia Cultural	03	45	-
04. Desenho Geométrico e de Observação	03	45	-
05. Tecnologia Têxtil	04	60	-
06. Técnicas de Montagem I	04	60	-
07. Estudo da forma e da Cor	04	60	-
<b>TOTAL</b>	<b>26</b>	<b>390</b>	
<b>2º Semestre</b>			
08. Modelagem Tridimensional I	04	60	12
09. História da Indumentária I	02	30	04
10. História da Cultura Ocidental	04	60	01
11. História da Arte I	04	60	-
12. Desenho de Modelo Vivo I	04	60	08
13. Técnicas de Montagem II	04	60	12
14. Representação Plana	03	45	03
<b>SUB TOTAL</b>	<b>25</b>	<b>375</b>	
<b>3º Semestre</b>			
15. História da Arte II	04	50	05
16. História da Indumentária II	04	60	34
17. Desenho de Moda	04	60	90
18. Criação de Moda I	03	45	23
19. Modelagem Plana Básica	04	60	13
<b>TOTAL</b>	<b>19</b>	<b>285</b>	
<b>4º Semestre</b>			
20. Introdução a Administração	04	60	-
21. Cultura Brasileira	04	60	02
22. História da Indumentária III	04	60	35
23. Desenho de Detalhes e Acessórios	03	45	19
24. Modelagem Plana Feminina	04	60	15
25. Criação de Moda II	02	30	06/24/35
<b>TOTAL</b>	<b>21</b>	<b>315</b>	
<b>5º Semestre</b>			
26. Marketing de Moda	04	60	39
27. Desenho de Modelo Vivo II	03	45	20
28. Padronagem	04	60	10
29. Modelagem Plana Masculina e Infantil	04	60	16
<b>TOTAL</b>	<b>15</b>	<b>225</b>	
<b>6º Semestre</b>			
30. Pesquisa de Moda I	04	60	03/04
31. Planejamento de Coleções	02	30	25
32. Tecnologia da Confecção	04	60	07
33. Computação Aplicada à Moda	04	60	11/17/22
<b>TOTAL</b>	<b>14</b>	<b>210</b>	
<b>7º Semestre</b>			
34. Pesquisa de Moda II	02	30	29
35. Produção de Moda	04	60	25
36. Criação de Moda III	04	60	25
37. Economia e Moda	02	30	33
<b>TOTAL</b>	<b>12</b>	<b>180</b>	26/28/30
<b>8º Semestre</b>			
38. Estágio Supervisionado	10	300	26/28/30/31
39. Projeto de Graduação	06	90	18/26/28/30/32
<b>TOTAL</b>	<b>16</b>	<b>390</b>	
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>148</b>	<b>2.370</b>	

Fonte: (SOUZA; SANTIAGO, 1993, p. 9-11).

Tabela 3 – Grade Curricular Opcional do Curso de Graduação em Estilismo e Moda da UFC

Discriminação	Quantidade	Nº Créditos	Carga Horária.
<b>2º Semestre</b>			
01. Postura e Movimento do Corpo	04	60	-
02. Oficina de Patchwork	02	30	10
<b>TOTAL</b>	<b>06</b>	<b>90</b>	
<b>3º Semestre</b>			
03. Técnicas de Montagem III	04	60	-
04. Fundamentos da Estatística	02	30	-
05. Oficina de Fotografia	04	60	-
06. Modelagem Tridimensional II	04	60	14
<b>TOTAL</b>	<b>14</b>	<b>210</b>	
<b>4º Semestre</b>			
07. Teoria da Comunicação I	04	60	-
08. Biometria	04	60	-
09. Inglês Técnico de Moda	04	60	-
10. Economia de Empresa I	04	60	-
<b>TOTAL</b>	<b>16</b>	<b>240</b>	
<b>5º Semestre</b>			
11. Francês Técnico de Moda	04	60	-
12. Oficina de Vídeo	04	60	-
13. Controle de Qualidade em Confeccção	04	60	31
<b>TOTAL</b>	<b>12</b>	<b>180</b>	
<b>6º Semestre</b>			
14. Oficina de Estamparia	03	45	22
15. Ilustração de Moda	03	45	21/25
16. Planejamento e Organização de Eventos de Moda	02	30	-
17. Programação Visual	04	60	10/43
18. Organização de Empresas	04	60	33
<b>TOTAL</b>	<b>16</b>	<b>240</b>	
<b>7º Semestre</b>			
19. Modelagem Especial	03	45	14/17
20. Publicidade e Propaganda	04	60	-
21. Cenário e Figurino	03	45	-
22. Produção Gráfica em Moda	04	60	-
23. Moda e Consumo	02	30	-
<b>TOTAL</b>	<b>16</b>	<b>240</b>	
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>80</b>	<b>1.200</b>	

Fonte: (SOUZA; SANTIAGO, 1993, p. 12-13).

Tabela 4 – Carga Didática do Curso de Graduação em Estilismo e Moda da UFC

Discriminação	Quantidade	Nº Créditos	Carga Horária
Disciplinas Obrigatórias	37	148	2.370
Estágio Supervisionado	1	10	300
Projeto de Graduação	1	6	90
<b>TOTAL</b>	<b>39</b>	<b>164</b>	<b>2.760</b>
Disciplinas Optativas	23	80	1.200
<b>TOTA GERAL</b>	<b>62</b>	<b>245</b>	<b>3.960</b>

Fonte: (SOUZA; SANTIAGO, 1993, p. 14).

Tabela 5 – Departamentalização das Disciplinas do Curso de Graduação em Estilismo e Moda da UFC

<b>CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS</b>	
<b>Disciplinas</b>	
Departamento de Economia Domestica (41)	Postura e Movimento do Corpo Humano, Tecnologia Têxtil, Técnicas de Montagem I, II e III, Modelagem Plana Básica, Modelagem Plana Feminina, Modelagem Plana Masculina e Infantil, Modelagem Especial, Modelagem Tridimensional I e II, Estudo da Forma e da Cor, Desenho Geométrico e de Observação, Desenho de Modelo Vivo I e II, Desenho de Moda, Desenho de Detalhes e Acessórios, Ilustração de Moda, Representação Plana, Criação de Moda I, II e III, Produção de Moda, Produção Gráfica em Moda, Planejamento de Coleções, Padronagem, Controle de Qualidade em Confeção, Pesquisa de Moda I e II, Planejamento e Organização de Eventos de Moda, Oficina de Estamparia, Oficina de Patchwork, Cenário e Figurino, Moda e Consumo, Computação Aplicada à Moda, História da Indumentária I, II e III, Estágio Supervisionado e Projeto de Graduação
<b>CENTRO DE TECNOLOGIA</b>	
Departamento de Arquitetura e Urbanismo	História da Arte I e II
<b>FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE</b>	
Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade	Economia e Moda Economia de Empresa I
Departamento de Administração	Introdução à Administração Marketing de Moda Organização de Empresas
<b>FACULDADE DE EDUCAÇÃO</b>	
Departamento de Teoria e Prática de Ensino	Biometria
<b>CENTRO DE CIÊNCIAS</b>	
Departamento de Computação	Introdução a Computação
Departamento de Estatística e Matemática Aplicada	Fundamentos de Estatística
<b>CENTRO DE HUMANIDADES</b>	
Departamento de Ciências Sociais e Filosofia	Antropologia Cultural Cultura Brasileira
Departamento de Comunicação Social e Biblioteconomia	Teoria da Comunicação I, Oficina de Vídeo, Oficina de Fotografia, Programação Visual, Publicidade e Propaganda
Departamento de História	História da Cultura Ocidental
Departamento de Línguas Estrangeiras	Inglês Técnico de Moda Francês Técnico de Moda
Departamento de Psicologia	Psicossociologia da Moda

Fonte: (SOUZA; SANTIAGO, 1993, p. 16).

Oficialmente o curso foi instalado fisicamente e institucionalmente no Departamento de Economia Doméstica. Segundo ao professor Antônio de Albuquerque<sup>82</sup> o curso de Economia Doméstica já desenvolvia estudos na área de Têxteis e Vestuário e a Coordenadora do projeto de criação do curso era do mesmo departamento. Ademais, a mesma já tinha Coordenado o curso quando Projeto de Extensão e o próprio Projeto já trazia em si a definição da sua Estrutura Organizacional, “*que por sinal estava muito bem elaborado*”, palavras do professor.

O Curso de Graduação em Estilismo em Moda vincular-se-á ao Departamento de Economia Doméstica do Centro de Ciências Agrárias da UFC. Este Departamento há mais de 20 anos desenvolve estudos na área de Têxteis e Vestuário junto com ao Curso de Economia Doméstica, tendo também coordenado o curso de extensão em Estilismo em Moda.

Para o seu funcionamento, o Curso de Graduação em Estilismo em Moda dependerá de outros onze (11) departamentos da Universidade Federal do Ceará, departamentos estes, indicados no item departamentalização das Disciplinas... (SOUZA; SANTIAGO, 1993, p. 15).

Assim, a maioria do corpo docente foi remanejada dos departamentos<sup>83</sup> da própria Universidade e os professores mais específicos da área de moda foram contratados na medida em que a Instituição foi conquistando verba para as devidas contratações. De imediato, no dia 16 de setembro de 1993 foi assinado um convênio com o SENAI para a qualificação de docentes por meio de cursos, seminários, palestras e treinamentos.

Segundo a professora Lígia Fideles, esta reestruturação foi feita em tempo recorde. O Reitor já havia se pronunciado para a imprensa afirmando que a UFC iria ofertar o vestibular para a primeira turma do Curso de Graduação em Estilismo e Moda em julho de 1993 e, como já estavam em março, ela, na

---

<sup>82</sup>Em entrevista realizada dia 04 de outubro de 2014.

<sup>83</sup>No Projeto de Graduação em Estilismo em Moda (1993), contam como apêndices cópias de 10 (dez) ofícios encaminhados como resposta em colaborar com a implantação do curso, os quais foram: Departamento de Computação, Departamento de Estatística e Matemática Aplicada (DEMA), Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, Departamento de Comunicação Social e Biblioteconomia, Departamento de História, Departamento de Letras Estrangerias, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Economia, Departamento de Administração e Contabilidade, Departamento de Teoria e Prática do Ensino e Departamento de Psicologia, além do Departamento de Economia Doméstica, mentor da criação do curso na pessoa da professora Lígia Fideles. Pelo teor do texto de cada ofício deu para concluir que a Comissão que elaborou o Projeto se preocupou em contatar todos os departamentos antes mesmo de leva-lo a votação no CONSUNI e também documentou o comprometimento de todos anexando ao Projeto os ofícios encaminhados pelos chefes dos ditos departamentos.

responsabilidade de Coordenadora do projeto teria somente dois meses para concluí-lo e também dar entrada formalmente no Departamento de Economia Doméstica para a sua aprovação no colegiado e depois ele seguir o caminho da burocracia: CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS (CCA), CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (CEPE) e CONSELHO UNIVERSITÁRIO (CONSUNI).

Porém, apesar de todo o empenho e esforço a comissão não conseguiu. O projeto só foi concluído em agosto e em meados de setembro foi aprovado na reunião<sup>84</sup> do Colegiado de professores do Departamento de Economia Doméstica.

Sobre esta reunião a professora Lígia Fideles lembrou-se de que houve muitos questionamentos e que a professora Maria Consuelo Landim<sup>85</sup> foi terminante contra ao Projeto. No entanto, ela foi chefe do Departamento justamente no período de 1987 a 1989 (MESQUITA, 2008) quando o Projeto em nível de Extensão foi aprovado pelo o mesmo Colegiado. Fato que justifica o que o professor Antônio de Albuquerque já havia comentado anteriormente, sobre a ideia de que, o que todos queriam era que o curso continuasse lá onde ele já estava – na Pró- Reitoria de Extensão.

A reunião se estendeu a tarde toda, e depois de mais de cinco horas de debate o Projeto foi aprovado por unanimidade. Na chefia do Departamento estava à professora Maria Alzenir Carvalho Rodrigues (1992 -1995) como testemunho - junto às demais colegas de um dos momentos importante na história do Curso.

Do Departamento de Economia Doméstica o projeto foi encaminhado para apreciação na reunião do Colegiado de professores do Conselho de Centro do Centro de Ciências Agrárias-CCCA.

Conforme a ATA<sup>86</sup> escrita pelo Secretário do CCA, a reunião aconteceu no dia 08 de outubro, às 14:00 horas (quatorze horas), na sala sede da Diretoria do CCCA, com a presença dos Conselheiros: Paulo Furtado Mendes Filho, Jose Valdeci Bezerra, Maria Consuelo Landim, Wilson Xavier Ribeiro, Luís Pessoa Aragão, Francisco Valter Vieira, Jose Cals Gaspar Júnior, José Wilson Praciano de

---

<sup>84</sup>No Departamento de Economia Doméstica não existe nenhuma ATA relacionada ao Curso referente a este período, somente com data a partir do ano de 1995.

<sup>85</sup>Procurei a professora Consuelo e em conversa ao telefone no dia 20 de agosto de 2014, ela confirmou que realmente foi contra o Projeto porque o curso de Estilismo e Moda não tinha nada com os fundamentos do Curso de Economia Doméstica, mas que depois de muitas discussões concordou porque a defesa da Professora Lígia Fideles de Souza era muito convincente.

<sup>86</sup>ATA da Sessão Ordinária do Conselho de Centro do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Ceará. UFC/ CCA.

Castro, Francisco Ocian bastos Mota, Francisco Luciano Paiva, Jose Jarbas Studart Gurgel, Romildo Albuquerque dos Santos, José Fernando Fernandes Zapatta, Jackson Lima Albuquerque, Francisco José Martins Holanda, Jose Ribamar Furtado, Milde Carlos do Rêgo, Germana Maria Fontenele Bezerra, Moisés Almeida de Oliveira, Fernando João Montenegro de Sales, Fernando Felipe Ferreyra Hernandez, Paulo Roberto Gaudêncio, Maria Jovelina Gomes da Silva, Jonas Paes de Oliveira e Ligia Fideles de Souza – convidados, o secretário João Hélio Torres D'ávila e Marcos Vinícius Assunção – Diretor do CCA.

A reunião teve nove pontos na pauta e o Projeto de criação do curso representou o oitavo ponto de discussão. Porém, de acordo com o que consta em ATA, este ponto foi incluso momentos antes da reunião. Fato que justifica o motivo da professora Ligia Fideles constar na ATA como convidada. Pois na condição de Coordenadora do Projeto ela seria também a sua representante pelas instâncias por onde o Projeto precisaria passar.

A ATA foi escrita em onze laudas e na sétima lauda registrou:

[...] 8ª Matéria: Embora não constando na pauta, foi apreciado o projeto de criação do Curso de Graduação em Estilismo e Moda na Universidade Federa do Ceará. A professora Lígia Fideles teceu algumas considerações sobre o curso, dentre outras, há doze departamentos envolvidos. No Ceará é o primeiro curso oficial no assunto, em São Paulo existe um curso de graduação. A seguir o professor Vinícius colocou em votação se o projeto entraria ou não em ponto e por unanimidade foi aprovado. [...]

Na reunião do CCCA, a única observação feita sobre o Projeto, consta de uma solicitação de inclusão de disciplinas pré-requisitos da parte de uma professora conselheira e a solicitação quanto ao mercado de trabalho para os profissionais egressos do curso. Na ocasião, todas as dúvidas foram apreciadas e o projeto foi aprovado por unanimidade, conforme ofício<sup>87</sup> de número 311-A/93 encaminhado pelo o CCA para o Magnífico Reitor.

---

<sup>87</sup>Segundo o Centro de Ciências Agrárias-CCA este ofício é um documento de interesse público, portanto pode ser publicado na íntegra sem causar danos morais a instituição e seus envolvidos. Acervo: Universidade Federa do Ceará/ CCA.

**Ministério da Educação**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

Of. n.º 311-A/93

Em 13 de outubro de 1993.

**Do Diretor do Centro de Ciências Agrárias**  
**Ao Pró-Reitor de Graduação da UFC**  
**Assunto: Curso de Graduação em Estilismo e Moda**

**Prezado Pró-Reitor**

Temos a satisfação de comunicar a V. Sa. Que em reunião do dia 08 próximo passado o Conselho de Centro do CCA aprovou o Projeto de Graduação em Estilismo em Moda, elaborado pelas professoras Ligia Fideles de Sousa (Coordenadora), do Departamento de Economia Doméstica, Zilsa Maria Pinto Santiago, do Departamento de Arquitetura e Urbanismo e let Peyter (Assessora de Moda).

Portanto, solicitamos que V. V.Sa. proceda dentro dos trâmites normais para apreciação nos colegiados superiores da UFC.

Atenciosamente,

Prof. Marcos Vinícius Assunção  
Diretor

O fato de o Projeto ter chegado de última hora na reunião do Colegiado do Conselho de Centro de Ciências Agrárias (CCCA) suscitou-me a querer saber o porquê, já que se tratava de um assunto da maior seriedade na Instituição – era um novo curso que iria ser criado. E procurando da professora Lígia Fideles uma informação qualquer sobre a questão – para constituir mais uma aponte entre tantas já constituídas, ela relatou que foi mais uma estratégia. Pois se tivesse informado dias ou horas antes temia que não tivesse quórum e naquele momento não podia perder tempo e nem aguardar a data da próxima reunião. E complementou dizendo: “*na Universidade as coisas funcionam assim*”.

No dia 25 de outubro, dezessete dias depois da reunião do CCCA, o Projeto passou pela reunião do COLEGIADO DO CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (CEPE). Conforme registros da reunião do CEPE (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 1993), estavam presentes os Conselheiros: José Waldez Botelho-Vice Reitor, Pedro Sisnando Leite-Pró-Reitor de Planejamento, Gil de Aquino Farias-Pro-Reitor de Graduação, Glauce Socorro

de Barros Viana-Pro-Reitora de Pesquisa e Pós-graduação, Marcondes Rosa de Sousa-Pró-Reitor de Extensão, Elder Gurgel Sousa Moreira-Pró-Reitor Adjunto de Assuntos Estudantis, Marcos Vinícius Veras Machado-Pró-Reitor Adjunto de Administração, Roberto Lima Sampaio e Ciro Nogueira Filho-Representantes do Centro de Ciências, Maria de Jesus de Sá Correia e Ana Maria Tavares Simões-Representantes do Centro de Humanidades, Jonas Paes de Oliveira e Ahmad Saed Khan-Representantes do Centro de Ciências Agrárias, Francisco Valdeeci de Almeida Ferreira e Verbena Lima Vale-Representantes do Centro de Ciências da Saúde, José Ernani Gurgel Viana-Representante da Faculdade de Direito, Bernadete de Lourdes Ramos Bezerra-Representante da Faculdade de Educação, Jeanne Margueritte Molina Moreira-Representante da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, os professores Francisco Antônio Guimarães-Vice Diretor do Centro de Ciências, Renê Teixeira Barreira-Diretor do Centro de Humanidades, Antônio Eurico Belo Torres- Vice Diretor do Centro de Tecnologia, Jose Afonso Bruno-Diretor do Centro de Ciências da Saúde, Ricardo Regis Saunders Duarte-Diretor da Faculdade de Economia, Joaquim Fernando Pimentel Fernandes-Diretor da Faculdade de Educação, o Secretário Francisco de Oliveira Carvalho e o Reitor professor Antônio de Albuquerque Sousa Filho, Magnífico Reitor, na condição de presidente.

A reunião começou exatamente às 15h30min (quinze horas e trinta minutos) e se prolongou até às 20h30min (vinte horas e trinta minutos). Durante cinco horas discutiram sete pontos da pauta, entre eles o ponto de número seis com a chamada: O PROCESSO Nº 13.391/93 (PRJETO DE IMPLANTAÇÃO DO CURSO DE ESTILISMO EM MODA). O mesmo ocupa cinco laudas e meia das nove laudas que constitui o texto da ATA.

Desta vez não foi à professora Lígia Fideles quem apresentou o Projeto, foi um dos Conselheiros e também Relator do Conselho, o Pró-Reitor de Graduação, professor Gil de Aquino Farias. Minunciosamente ele fez uma longa apresentação a partir de cinco pontos:

- 1) A proposta em pauta teve origem através de um convênio firmado entre a Pró-Reitoria de Extensão e o Centro Tecnológico de Confeccões do Ceará, quando foi implantado, em 1989, o Curso de Extensão sobre Moda, que formou 30 profissionais até o final de 1992, sendo que 80% desses profissionais estão desenvolvendo atividades na área;**

- 2) **As razões que levam a UFC a defender a implantação desse Curso devem-se ao fato de o Estado do Ceará ser considerado o 2º polo de confecções do país, pelo o que se impõe a necessidade de formar profissionais especializados no setor;**
- 3) **Outro aspecto a ser considerado, foi a realização do Seminário de Moda na UFC, em fevereiro passado, com o apoio da Federação das Indústrias do Estado do Ceará, Governo do Estado, entidades empresariais do setor, SENAI, SEBRAE/CE e IEL;**
- 4) **O setor de Moda, abrangendo áreas têxteis e de confecções, caçados e acessórios como bolsas, cinto, chapéu, bijouteria e outras, com cerca de 37,6 do total empresas industriais em atividade, participa com 12% do ICMS e emprega cerca de 60.000 pessoas. A importância desses indicadores mostra que a área se encontra em plena expansão em nosso Estado, a exigir que o profissional da moda tenha qualificação de nível superior para suprir as carências do mercado no Ceará, como para exercer as mais diversas funções exigidas pelo setor;**
- 5) **A proposta em discussão é fruto de um trabalho de amadurecimento dos docentes do Departamento de Economia Doméstica e de Arquitetura e Urbanismo, envolvidos com a área e sensíveis às relacionadas com a moda. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 1993a, p. 3).**

Outros argumentos sobre a formação e os objetivos desta foram também apresentados pelo o professor Gil de Aquino Farias, os quais tiveram base na justificativa e nos objetivos do próprio Projeto. A partir de então as discussões foram muitas, tanto acerca do Projeto como do curso, mais precisamente sobre os seus fundamentos e a sua relação com a moda.

Em relação ao Projeto, o Conselheiro professor Ciro Nogueira fez observações construtivas sobre o currículo e foi pertinente com a ausência da disciplina História da Cultura Oriental, considerando a importância econômica de alguns países como o Japão e a Coréia e a coerência de complementar o entendimento da história das civilizações, já que constava na Grade Curricular a disciplina de História da Cultura Ocidental.

A Conselheira Maria de Jesus de Sá Correia também apresentou as suas analogias e assuntou saber em que parte do currículo seria trabalhada a criatividade. O Conselheiro Professor Francisco Antônio Guimarães teceu algumas considerações e também sugestões para melhoria do Projeto e, deixou registrado os seus elogios pelo o trabalho realizado pelo o Departamento de Economia Doméstica. E o Conselheiro Marcondes Rosa fez uma defesa a favor do curso dizendo que a experiência acumulada com o curso em nível de Extensão dava para

a Universidade condições e segurança para transformar o Curso de Extensão em Moda em Curso de Graduação.

A administração, com base na experiência acumulada de 1989 a 1992, concluiu ser mais fácil para a Universidade transformar o Curso de Estilismo em Moda em curso da graduação, principalmente tendo em vista que o ensino nesse nível exige o envolvimento de professores com determinada qualificação. Existe no Ceará uma expectativa de que não se deve formar apenas estilistas em moda (aquele profissional que se preocupa exclusivamente com a criação de modelos para o consumo), mas qualificar pessoas que tenham aguda percepção de todo o processo industrial e das tendências mundiais do universo da moda. Enfim, uma compreensão da arte abrangendo uma perspectiva mais sólida com o universo simbólico da moda. Há cerca de dois anos o professor Eduardo Diatary escreveu um artigo sobre Sociologia da Moda, causando certa estranheza entre algumas pessoas da área acadêmica. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 1993a, p. 5-6).

Outros Conselheiros fizeram considerações ao Projeto e a professora Lígia Fideles, seguindo a ordem da reunião foi esclarecendo e tirando as dúvidas.

Na hora da votação o Conselheiro professor Ciro Nogueira se pronunciou afirmando que estava ciente de que o Curso iria enfrentar muitas dificuldades, mas que votaria a favor seguindo a linha de defesa do Conselheiro e Relator Gil de Aquino Farias. A Conselheira Maria de Jesus votou contra a proposta e registrou a sua declaração de voto:

Eu gostaria de deixar claro que o meu voto, contrário a proposta, é apenas uma consequência de não me sentir totalmente esclarecida no tocante a criação de um curso de graduação em moda na UFC. Acho que este curso é reconhecidamente necessário, mas não entendo que deva ser em nível de graduação. Meu voto seria plenamente a favor se permanecesse como Curso de Extensão ou se pretendesse transformá-lo numa área de habilitação do Curso de Economia Doméstica, embora reconheça todo o mérito do trabalho da comissão. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 1993a, p. 7).

O Conselheiro Francisco Valdeci de Almeida Ferreira votou a favor considerando a defesa do Conselheiro Gil de Aquino Farias e argumentou que o “*espírito da proposta*” ia comungava com as diretrizes filosóficas expressas no lema da própria Universidade. Ao final da tarde a professora Ligia Fideles declarou que as considerações seriam acatadas e o Projeto foi aprovado e o Conselho delibera a RESOLUÇÃO Nº 26/CEPE, de 25 DE OUTUBRO DE 1993 como registro da sua aprovação.

**Ministério da Educação e Cultura  
Universidade Federal do Ceará**

**RESOLUÇÃO Nº 26/ CEPE, DE 25 DE OUTUBRO DE 1993.**

**Aprova o projeto do Curso de  
Estilismo e Moda, para ser  
ministrado em nível de graduação.**

**O REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERA DO CEARÁ, no uso de suas atribuições legais e estatutárias e tendo em vista o que o deliberou o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão/ CEPE, em sua reunião de 25 de outubro de 1993, na forma de que dispõe o Art. 3º da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, e combinado que a respeito do assunto prescrevem o Estatuto e Regimento Geral da Universidade, como também as razões constantes de exposição de motivos oriunda do Departamento de Economia Doméstica, do Centro de Ciências Agrárias da UFC.**

**RESOLVE:**

**Art. 1º - Aprovar, nos termos da documentação apresentada através do Processo nº 23067.13191/ 93-09, o projeto de implantação do CURSO DE ESTILISMO E MODA (Bacharelado), a ser ministrado, em nível de graduação, sob a responsabilidade do Departamento de Economia Doméstica, vinculado ao Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Ceará.**

**Art. 2º - A presente Resolução entrara em vigor na data de sua aprovação, revogadas as disposições em contrário.**

**Reitoria da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, 26 de outubro de 1993.**

**Prof. Antônio de Albuquerque Sousa Filho.  
Reitor**

Quatro dias depois, no dia 29 de outubro, o Projeto passou pela reunião do Colegiado do CONSELHO UNIVERSITÁRIO (CONSUNI), última e maior instância pela qual deveria passar para transformar o curso em Curso de Graduação. Desta vez o Processo de Nº 13.191/93 chegou como “PROPOSTA DE CRIAÇÃO DO CURSO DE ESTILISMO EM MODA” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 1993c).

A reunião começou às 15h30min (quinze horas e trinta minutos) com a presença dos Conselheiros: Jose Waldez Botelho-Vice Reitor, Pedro Sisnando Leite-Pro-Reitor de Planejamento, Gil de Aquino Farias-Pró-Reitor de Graduação,

Glauce Socorro de Barros Viana-Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, Marcondes Rosa de Souza-Pró-Reitor de Extensão, Vera Lúcia Mota Klein-Pró-Reitora de Assuntos Estudantis, Ricardo Silva Thé Pontes-Pró-Reitor de Administração, Carlos Humberto Souza Andrade-Diretor do Centro de Ciências, Renê Teixeira Barreira-Diretor do Centro de Humanidades, Antônio Nunes de Miranda-Diretor do Centro de Tecnologia, Marcos Vinícius Assunção-Diretor do Centro de Ciências da Saúde, Wagner Barreira Filho-Diretor da Faculdade de Direito, Ricardo Régis Saunders Duarte-Diretor da Faculdade de Economia, Joaquim Fernando Pimentel Fernandes-Diretor da Faculdade de Educação, Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes-Representante dos professores titulares, Maria de Jesus de As Correia-Representante dos professores assistentes, Dilmar Santos de Miranda-representante dos professores auxiliares, Jose Caminha Alencar Araripe-Representante da comunidade na área cultural, José Frederico Thomé de Sabóia e Silva-representante da comunidade na área empresarial, Landry Leão Ribeiro-representante da comunidade na área profissional, Administração e Contabilidade, o Secretário Francisco de Oliveira Carvalho e o Reitor Antônio de Albuquerque de Sousa Filho.

A leitura do Projeto foi proferida pelo Magnífico Reitor e o Pró-Reitor de Graduação. Os argumentos da Apresentação e da Justificativa se repetiram com o acréscimo da informação de que o mesmo já havia sido aprovado nas instâncias do Conselho de Centro do Centro de Ciências Agrárias (CCCA) – no dia 08 de outubro e no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) – no dia 25 de outubro.

De acordo com registros da reunião o Magnífico Reitor Antônio de Albuquerque Sousa Filho teve o cuidado de fazer algumas considerações antes de dar início às discussões:

- 1) **O Curso em apreço já vinha funcionando, desde 1989, em nível de extensão, junto com o Departamento de Economia Domestica;**
- 2) **A transformação do Curso de Extensão em Moda em Curso de Graduação decorre de solicitações externas, oriundas da própria sociedade, no sentido de que a Universidade forme profissionais qualificados para desenvolver e acompanhar as diversas tendências da moda no Estado do Ceará;**
- 3) **Em fevereiro de 1993, realizou-se um seminário na FIEC, com a participação de diversos empresários, professores, alunos e**

**profissionais formados pelo Curso de Extensão em Moda. Na oportunidade, foram discutidas várias questões, opiniões e sugestões sobre qual tipo de profissional de estilismo seria mais adequado as exigências da nossa realidade;**

- 4) A professora Ligia de Souza coordenou um grupo de professores, que trabalhou durante vários meses na montagem do Curso, e do qual também participaram pessoas de fora. Teve o cuidado de trabalhar em estreita colaboração com os vários departamentos envolvidos no projeto, os quais declararam expressamente que assumem a responsabilidade pelas disciplinas que lhes cabem ministrar. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 1993c, p. 2-3).**

Projeto ainda fomentou discussões, contudo, mais relacionadas ao Projeto e menos ao curso e a sua relação direta com a moda, como aconteceu nas reuniões anteriores. No debate, o Pró-Reitor de Extensão, professor Marcondes Rosa de Sousa fez mais uma argumentação de ordem administrativa e pedagógica sobre o curso:

[...] Parece-lhe extremamente positivo o fato de esse Curso surgir como uma experiência inteiramente inovadora em relação aos demais cursos da UFC. Significa que ele não nasce com formas definidas pela tradição pedagógica vigorante na estrutura acadêmica da Universidade, mas com alguma coisa que se vai articulando e que vai se depurando gradativamente. Desejava ressaltar, ainda, que esse projeto foi implantado em nível de extensão para evoluir no sentido da graduação. Mais ainda: a ideia desse curso nasceu de uma provocação do setor produtivo do nosso Estado, no sentido de a Universidade formar estilistas em moda para atender ao mercado de trabalho vinculado à indústria de confecções do Ceará, que reclamava a presença de um especialista de visão mais abrangente, que não se restringisse apenas aos aspectos operacionais da moda: estilismo, projeto e desenho. Alguém que tivesse uma visão globalizante do processo sociológico, antropológico, estrutural, cultural e artístico da moda. Parece-lhe importante o fato de esse Curso ter surgido por experiência da própria sociedade, fugindo a configuração tradicional dos cursos que ao longo dos anos implantados na Universidade. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 1993c, p. 3).

Com este discurso proferido a favor da criação do Curso Superior de Estilismo e Moda a reunião ganhou novos ânimos. Primeiro, porque foi uma defesa bem consistente, pautada nos resultados e na vontade do público de fora da Universidade expressa no Curso de Extensão. Em segundo, porque comungou com a opinião do Magnífico Reitor professor Antônio de Albuquerque Sousa Filho, que via o curso como uma excelente oportunidade de criar na Universidade cursos diferentes e naquele exato momento tinha a reunião sob a sua presidência.

A reunião se prosseguiu e nela o Projeto passou por uma avaliação mais rigorosa do que antes, afinal, era a última instância e a responsabilidade de aprovar ou não o projeto caía finalmente sobre os Conselheiros do CONSUNI.

Alguns dos Conselheiros apontaram falhas no Projeto e mais uma vez o professor Marcondes Rosa se posicionou como fiel defensor das suas ideias a favor do curso: “[...] esse projeto de currículo resulta de um conjunto de aspirações, razão pela qual as eventuais imperfeições da proposta deveriam se encerradas com a habitual compreensão dos membros do Conselho.” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 1993c, p. 3).

O Conselheiro professor Eduardo Diatahy teceu elogios a ideia da criação do curso e manifestou a sua preocupação com a vinculação do mesmo ao Centro de Ciências Agrárias (CCA), argumentando que o vínculo não tinha base pedagógica e que a mesma simplesmente seguia a tradição consagrada pela própria Universidade, tendo como princípio neste caso especificamente, o fato de o Curso de Economia Doméstica ser do CCA, quando em verdade, o Curso de Estilismo em Moda já apresentava “natureza plurivalente” e por isso tinha mais afinidade com as áreas de comunicação e arte. Insistiu ainda que repensassem na vinculação departamental do Curso e deixou registrado que no “futuro próximo” a Universidade solucionaria esse problema.

Após esta fala, o Magnífico Reitor Antônio de Albuquerque Sousa Filho, discorreu algumas explicações sobre a origem do Curso de Economia Doméstica associando o mesmo ao contexto da época em que foi criado e as necessidades daquele momento e argumentou:

A proporção que a sociedade vai-se modificando evoluindo, as universidades vão sendo solicitadas a criar novos cursos, diferentes dos cursos tradicionais. E, paralelamente, também vai acontecendo a necessidade de uma reavaliação da Universidade, sobretudo porque determinadas estruturas deixam de responder, como no passado, àqueles cursos tradicionais. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 1993c, p. 4).

As discussões ainda permearam acerca do Projeto, da natureza do Curso e também das disciplinas. A conselheira Maria de Jesus de Sá, que havia votado contra o Projeto na reunião do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), ocorrida no dia 25 do mesmo mês, manteve a sua opinião e justificou o voto passado:

Votei contra a proposta, fundamentalmente, pela a quantidade de questões que envolvem o funcionamento desse Curso, por não ver, de fato, urgência na sua implantação e por vislumbrar a possibilidade de ele evoluir para a graduação amadurecido. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 1993c, p. 7).

Como último pronunciamento dos conselheiros, o Conselheiro Renê Barreira votou a favor da criação do Curso, esclarecendo que seria necessário realizar um seminário de integração curricular para discutir número de crédito e avaliar o horário de funcionamento estabelecido no Projeto.

Concluído o debate a presidência fez os encaminhamentos:

**1º) Verifica-se que há um consenso de que esse Curso é inovador na Universidade. Reconhecemos que existem imperfeições no projeto, mas assumimos o compromisso de fazer os ajustamentos que se fizeram necessários para viabilizar a estrutura e o funcionamento do Curso;**

**2º) Vamos analisar as sugestões aqui apresentadas e verificar de que maneira poderemos corrigir eventuais imperfeições apontadas no Projeto;**

**3º) Estamos cientes de que teremos de promover discussão posterior para verificar a melhor forma de viabilizar a vinculação desse Curso;**

**4º) A Coordenadora do Curso deverá proceder a uma completa reavaliação do conteúdo programático de todas as disciplinas do currículo, como também de intensificar o relacionamento com os diversos departamentos envolvidos no projeto, de modo a possibilitar uma discussão mais ampla e profunda de toda a matéria. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 1993c, p. 7).**

Ao final da tarde, quase noite, o Projeto foi aprovado com ressalva para as seguintes correções:

- 1) Proceder a uma revisão geral das disciplinas que integram o currículo pleno do Curso, no sentido de reduzir a carga horária;**
- 2) Proceder a uma revisão geral na redação do texto do projeto, para os ajustes que se fizeram necessários na parte forma;**
- 3) Promover a realização de seminário com a participação de todos os professores dos departamentos envolvidos no projeto do Curso. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 1993c, p. 8).**

Em seguida, o Reitor Antônio de Albuquerque Sousa Filho fez o encerramento da reunião e cinco dias depois deliberou a RESOLUÇÃO Nº 10/CONSUNI, DE 29 DE OUTUBRO DE 1993 oficializando a aprovação do Projeto e a criação do curso em nível superior.

**Ministério da Educação e Cultura  
Universidade Federal do Ceará**

**RESOLUÇÃO Nº 10/CONSUNI, DE 29 DE OUTUBRO DE 1993.**

**Aprova a criação do Curso  
de Graduação em Estilismo  
e Moda, vinculado ao CCA.**

**O REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERA DO CEARÁ, no uso de suas atribuições legais e estatutárias e tendo em vista o que o deliberou o Conselho Universitário, em sua reunião de 29 de outubro de 1993, na forma de que dispõe o Art. 3º da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, combinado com os artigos 12 letra “j”, e 25, letra “r”, do Estatuto, considerando as razões constantes de exposição de motivos originaria do Departamento de Economia Doméstica, do Centro de Ciências Agrárias da UFC,**

**RESOLVE:**

**Art. 1º - Criar, nos termos da documentação apresentada através do Processo nº 23067.13191/93-09 e com base no plano aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, na reunião de 25/10/93, proposta de criação do CURSO DE ESTILISMO E MODA, a ser ministrado, em nível de graduação, sob a responsabilidade do Departamento de Economia Doméstica, do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federa do Ceará.**

**Art. 2º - A presente Resolução estará em vigor na data de sua aprovação, revogadas as disposições em contrário.**

**Reitoria da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, 03 de novembro de 1993.**

**Prof. ANTÔNIO DE ALBUQUERQUE DE SOUSA FILHO  
Reitor**

Com esta RESOLUÇÃO definitivamente o Curso de Estilismo em Moda, se transformou em Curso de Estilismo e Moda Saindo da Pró-Reitoria de Extensão para a Pró-Reitoria de Graduação, com a promessa de oferta no vestibular no mesmo ano.

No mês de dezembro a Universidade Federal do Ceará ofertou 30 vagas para o primeiro vestibular do Curso de Estilismo e Moda na modalidade Bacharelado e, para surpresa da Instituição se inscreveram 1.370 candidatos. Demanda esta nunca ocorrida na história da Universidade. O número de inscritos

chamou a atenção da mídia e mais uma vez os jornais locais promoveram o nome do curso em todo o Estado e país.

[...] 1994 será um marco para a indústria da moda no Ceará. A Universidade Federal do Ceará (UFC) criou o curso de graduação em Estilismo e Moda que irá formar profissionais para este crescente segmento indústria cearense. Inscreveram-se para disputar 30 vagas oferecidas no primeiro vestibular 1.370 candidatos. (CURSO..., 1993).

Com toda esta pressão, em janeiro de 1994 o Magnífico Reitor Antônio de Albuquerque Sousa Filho deliberou uma PORTARIA oficializando a professora Lígia Fideles Coordenadora “pro-tempore”, com efeito, a partir do dia 01 de novembro de 1993. A mesma ficou no cargo até o dia 30 de maio de 1994, tempo em que providenciou a implantação do Curso em nível de Graduação e o deixou pronto para seguir a sua história.

**Ministério da Educação e Cultura  
Universidade Federal do Ceará  
Centro de Ciências Agrárias**

**PORTARIA nº 009 de 01 de janeiro de 1994**

**O Diretor do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Ceará, no uso de suas atribuições legais,**

**R E S O L V E:**

**Designar a Profª Lígia Fideles de Souza, lotada no Departamento de Economia Doméstica, para exercer a função de Coordenadora “Pro-tempere” do Curso de Estilismo e Moda deste Centro, com efeitos a partir de 01/11/93.**

**Marcos Vinícius Assunção  
Diretor**

No mesmo ano, seguindo o calendário acadêmico da Universidade o curso iniciou a sua vida acadêmica de Bacharel em Estilismo e Moda junto aos demais cursos da UFC. Com a missão de formar profissionais Bacharéis em Estilismo e Moda, aptos a estudar, pesquisar, pensar, criar e desenvolver moda para ingressarem no mercado de trabalho e contribuírem com o crescimento e o desenvolvimento do Setor de Confecções do Estado do Ceará.

Um fato que me chamou a atenção nesta história foi o registro da ausência do professor Raimundo Hélio Leite nas reuniões do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) e no Conselho Universitário (CONSUNI), nas quais o Projeto passou para ser avaliado e aprovado. Considerando que foi ele na condição de Reitor quem primeiro apoiou a criação do curso quando em nível de extensão, certamente a sua presença teria feito diferença nos debates proferidos durante todo o processo de análise e aprovação do Projeto.

Até aonde pude alcançar como pesquisadora considero que os desafios foram muitos, mas, que, apesar deles a moda vestida pelas aspirações da sociedade venceu aos julgamentos de muitos e quebrou os paradigmas dos cursos ditos “doutoristas” da Universidade Federal do Ceará. Realizando assim o sonho da professora Lígia Fideles, que de perto viveu e assistiu a tudo, o sonho da professora Zilsa Santiago que fielmente esteve presente em todas as etapas e o de Vicente Paiva que muito colaborou financeiramente na primeira fase do curso. Infelizmente, ele não está mais entre nós, mas fica aqui registrado o seu legado na História do primeiro Curso de Moda na cidade de Fortaleza e Região Nordeste.

Além, é claro, da realização do sonho de todos os que de algum modo fizeram parte **da História da Criação do Curso de Estilismo e Moda da UFC** e dos que sonharam e acreditaram que esse sonho se realizasse. Como eu, que sempre acreditei que a moda um dia seria objeto de estudo e construiria um saber científico capaz de prover uma formação acadêmica.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa histórica sobre a História da Criação e da Implantação do Curso de Moda da Universidade Federal do Ceará permitiu descobrir que não foi a Instituição que criou o curso, mas sim, o mercado que na época fomentou a necessidade de um profissional para trabalhar “moda” dentro das indústrias de confecções e que também instigou essa necessidade até se consolidar a criação do Curso de Estilismo em Moda em 1989.

Considerando que vinte e cinco anos depois a Coordenadoria de Planejamento e Acompanhamento Curricular da Pró-Reitoria de Graduação da própria Instituição continua a dizer que “*não é o mercado que manda*” na hora de criar novos cursos na Universidade Federal do Ceará.

Segundo a Professora Bernadete Porto, atual Coordenadora, para a criação de novos cursos na UFC é necessário fazer projeções para o futuro pensando nos problemas sociais já existentes e nos que poderão surgir fomentados pela dinâmica da própria sociedade. Mas apesar disso, não é o mercado que determina (COMO..., 2014).

Considerando que estamos em 2014 podemos imaginar o tamanho da proeza do Curso de Estilismo em Moda que se fez nascer em 1989, quando o contexto nem era este chamado atualmente de “*tempos de expansão*” na UFC e os recursos financeiros eram completamente limitados à criação de cursos novos.

Ao contrário, era um contexto tradicionalista de cursos ditos “doutoristas” que se fechava entre o curso de Direito e o curso de Medicina como sendo os mais importantes para a imagem de uma universidade pública brasileira. Eram e continuam a serem os cursos que fazem propaganda da inteligência alheia ou mesmo marketing do conhecimento e da instituição.

A busca pelos fatos e os acontecimentos da época da criação do curso acabou revelando que diferentemente dos protocolos impostos pela instituição na hora de criar novos cursos, o Curso de Moda adentrou na Universidade de fora pra dentro e foi abrindo caminhos em tempos recordes até conquistar a sua aprovação nas instâncias devidas. Não foi, portanto, criado seguindo o ritual exigido e tão pouco os critérios impostos pela universidade. Ou seja, não foi um departamento ou uma unidade acadêmica que manifestou a necessidade da sua criação – foi o

próprio mercado. Assim como não foi a política da instituição quem decidiu pela a sua criação, pois politicamente a universidade passava pela a sua pior crise econômica. Foi à política externa quem falou mais alto, representada pelas instituições governamentais como o CTCC, a FIEC, a SIC entre outros.

Foram estas as instituições que politicamente decidiram pela a criação do Curso, principalmente o CTCC que financeiramente o assumiu durante os anos de 1989 a 1993 quando ele foi aprovado como Curso de Graduação e também promoveu a sua instalação física nas salas da sua sede localizada na Rua Major Facundo, no centro de Fortaleza. Isso porque nenhum departamento da Universidade quis que aulas sobre “moda” e seus fundamentos fossem ministradas nas suas dependências, nem mesmo o Departamento de Economia Doméstica de onde saiu o Projeto de Extensão que deu origem ao curso na Instituição.

Os achados da pesquisa revelaram que institucionalmente o curso nasceu cercado de preconceitos e de rejeição. E que apesar disso a Universidade sentiu-se intimada a aprovar o “PROJETO DE CRIAÇÃO DO CURSO DE ESTILISMO E MODA - BACHARELADO”, pois o próprio mercado, que antes havia solicitado o curso, também apresentou melhoras econômicas com o ingresso dos profissionais formados pelas duas turmas do Curso quando Projeto de Extensão.

Depois deste ocorrido, a Universidade ficou sem saída e sem justificativa para convencer as instituições governamentais, ao governo, a sociedade e também a própria comissão responsável pela a criação do curso de Estilismo em Moda na Pró-Reitoria de Graduação. Na qual tinha a frente à professora Lígia Fideles como defensora impar a favor da criação do Curso na Pró-Reitoria de Graduação. Para a UFC a saída foi efetivar o Curso junto aos demais cursos de graduação e atender mais uma vez o mercado. Bem como concluir o que já havia se iniciado na Pró-Reitoria de Extensão com o Reitor Raimundo Hélio Leite.

Mesmo considerando que o Curso não foi pensado pela Universidade e nem acolhido por ela para dar início as suas atividades acadêmicas, posso garantir que ele promoveu uma busca de demanda nunca ocorrida na Universidade até os dias atuais, apesar de a Instituição ter criado novos e também diferentes como o Curso de Estilismo e Moda.

Pela Pró-Reitoria de Extensão o Curso disponibilizou 20 vagas para a primeira turma e se inscreveram 270 candidatos. Dois anos depois, disponibilizou

mais 20 vagas e a demanda também surpreendeu as expectativas. No entanto, em dezembro de 1993, quando pela primeira vez a Universidade ofertou vagas no vestibular o número de inscritos impactou a todos na Instituição, pois se inscreveram 1.370 candidatos para 30 vagas. Mais uma vez o Curso mostrou ter uma demanda especial e com isso a Universidade entendeu que acertou quando promoveu o Curso para a Pró-Reitoria de Graduação e o transformou em Curso de Estilismo e Moda – Bacharelado.

O estudo bibliográfico feito sobre a cidade de Fortaleza e a sua relação com a moda revelou que houve a construção de uma cultura de moda na sociedade cearense antes mesmo do Curso ser criado. Embora, no princípio, a moda tenha sido usada como artifício para alimentar um Código de Conduta instituído para separar as classes sociais, mais precisamente os retirantes da seca dos demais povos da capital cearense, a moda foi se enfronhando no comércio do centro da cidade e também criando simultaneamente o seu ambiente de sobrevivência todo constituído pelo consumo.

Desse modo a cidade usou a moda e os modos europeus para manter a ordem social e conseqüentemente criou o consumo e, por tabela uma cultura de moda na metrópole. Os comerciantes por sua vez disponibilizaram nas suas prateleiras artigos ditos da moda como: luvas, sapatos, meias, chapéus, tecidos, perfumes e maquiagens, todos trazidos de longe pelos os cacheiros viajantes ou mascates, como eram chamados.

Somente no padrão do biótipo a sociedade cearense não se equiparou aos padrões da moda europeia dos anos de 1920 em função da magreza imposta por ela - como sinal de beleza, teve leitura de miséria e de inanição aos olhos dos mais abastados economicamente.

Nos anos de 1960, a cidade já tinha grandes indústrias de confecções e nos anos de 1980, década na qual o curso foi criado o setor de confecções já havia conquistado o segundo lugar no Polo de Confecções do Brasil. Na mesma década a cultura de moda contemporânea – essa moda volátil e dinâmica – foi ainda mais trabalhada com a criação de um grande centro comercial com exposições permanentes de roupas e artefatos da moda.

Para isso a cidade criou em 1981 o Maraponga Mart Moda e junto com ele o Festival de Moda de Fortaleza (FMF) como provedor do marketing e da

propaganda das marcas e dos produtos expostos nas vitrines das lojas. Evento que movimentou o mercado de moda e o setor de confecções até nos atuais, e com muita representatividade na economia do Estado e do país.

A partir de então a cultura de moda ficou ainda mais intrínseca na população e a moda ganhou mais adeptos e consumidores. Como recorrência dessa sobrevivência ela lentamente instigou a necessidade de um profissional para criar produtos novos e promover a sua ascensão midiática. Além da adesão de admiradores importantes do Setor Têxtil e de Confecções e dos órgãos do governo pela a sua causa.

A partir de fatos históricos descobri que não foi apenas a crise do setor de confecções que afetou o mercado e fomentou a necessidade de criar o curso. Houve também um acontecimento de comoção nacional que contribuiu diretamente no agravamento da crise e indiretamente como a busca de soluções. Trata-se da queda do voo da VASP em 1982 e nesta a perda de 17 empresários das maiores confecções da cidade de Fortaleza. Com a morte destes empresários o setor ficou desfalcado na sua representatividade nacional e a economia do Estado do Ceará bastante deficitária com o fechamento das empresas.

Como o Ceará tinha na época a sua economia respaldada na produção do vestuário – feminino, masculino, infantil e adulto a perda destes empresários impactou negativamente. Porque além de poderosos economicamente eram também formadores de opinião no mercado e representantes do setor na FENIT.

O desdobramento desta história foi mostrando gradativamente como tudo foi acontecendo a favor da criação o Curso, inclusive a visita da professora Lígia Fideles ao IEL que considero representar o começo da História a Criação o Curso de Moda da UFC, pois foi a partir desta que nasceu o projeto de consultoria que deu origem ao Curso.

As condições nas quais o Curso foi criado e implantado revelam que primeiro ele foi testado fora da Universidade e só depois por si só foi que conseguiu o seu espaço na Instituição.

Antes foi preciso provar que era necessário para o mercado e também para a sociedade para depois a Universidade investir na sua real efetivação. Assim, toda a sua história se debateu pelo fato de ser um curso novo e bem diferente pra época. E justamente por ser novo e diferente é que foi aprovado por aqueles que

viram no curso novas oportunidades e, reprovado por outros que tiveram preconceito com a moda e não conseguiram ver o curso como um curso demandado pelo mercado e, portanto inevitável naquele momento.

Com a sua aprovação foi o pioneiro em Universidade pública brasileira e para, além disso, contribuiu significativamente para a comunidade acadêmica abrir os olhos quanto aos novos conhecimentos que as instituições de curso superior precisavam construir a favor de novas profissões e das necessidades do próprio mercado que continua a demandar novas formações. Tanto que na UFC o discurso atualmente é outro: “*A criação de novos cursos em tempos de expansão: ideias para novas graduações, em diversas áreas do conhecimento, não param de surgir na UFC [...]*” (A CRIAÇÃO..., 2014). E o novo não é assim tão diferente como foi com o Curso de Estilismo em Moda quando chegou à Universidade em 1989.

A pesquisa se limitou a investigar a História do Curso a partir da nascente da ideia da sua criação até a sua transformação em Curso de Graduação. Portanto, o que aconteceu a partir de 1993, mas especificamente a partir da aprovação da primeira turma do vestibular, não consta nesta narrativa histórica.

Estou convicta de que a investigação deu conta do objeto de pesquisa e contemplou os seus objetivos, muito embora reconheço que se Vicente Paiva estivesse vivo outras histórias interessantes e importantes teriam se revelados e certamente também se imbricado com as histórias das professoras Lígia Fideles e Zilsa Santiago, vez que juntos batalharam pelo o mesmo objetivo. Também reconheço que a minha vontade em investigar e narrar a História da criação e da implantação do Curso aumentou ainda mais depois do seu falecimento em 2009. Pois foi a partir de então que realmente senti a perda de uma das pessoas mais envolvidas com as causas do Setor de Confecções do Ceará e percebi a importância de procurar os demais envolvidos diretamente com esta história para fazer o resgate da memória e deixar registrado tudo, ou quase tudo o que aconteceu no percurso da criação do Curso até a sua aprovação como Curso de Graduação. Não desconsiderando a importância dos documentos, mas registro aqui que a memória foi a principal fonte de pesquisa usada nesta investigação. Foi quem de fato me deu os elementos e os vestígios para unir uma informação à outra e assim criar uma ponte de ligação e de verdade – a minha narrativa histórica. Esclareço ainda que as citações diretas de documentos como ATAS e Ofícios da

Universidade e dos demais órgãos governamentais são de domínio público, por isso constam no corpo desta tese. E os interessados poderão ter acesso livremente.

Considerando que a pesquisa teve um recorte temporal que a deixou entre os anos de 1986 e 1993 e que a história do curso continuou, seria pertinente o desenvolvimento de outras pesquisas dando continuidade a sua história no Departamento de Economia Doméstica, a sua passagem pela Seara das Ciências e a sua efetiva instalação no prédio do Instituto de Cultura e Arte (ICA). Para além destes objetos de pesquisas outros ainda podem ser investigados como, por exemplo: a relação do curso com o Departamento de Economia Doméstica e com demais departamentos dependentes didaticamente, os desafios enfrentados nestes percursos, as pesquisas realizadas pelo seu corpo docente e discente, as representações sociais sobre o curso e a significação da profissão no meio acadêmico e na sociedade.

O desdobramento da História do Curso acabou revelando que o Departamento de Economia Doméstica proporcionou a criação de um Curso de Graduação dos mais promissores de todos os tempos na História da UFC. Apontando a professora Lígia Fideles de Souza como a protagonista que por meio de um Projeto de Consultoria desenvolvido nas Industrias de Confecções deu origem a nascente do curso e desbravou caminhos para a sua criação, implantação e funcionamento em 1989 junto a Pró-Reitoria de Extensão e depois a sua efetivação na Pró-Reitoria de Graduação em outubro de 1993.

## REFERÊNCIAS

- A HISTÓRIA da moda no Ceará. Fortaleza, 20014. Disponível em: <[www.filati.com.br/a-história-da-moda-no-Ceará](http://www.filati.com.br/a-história-da-moda-no-Ceará)>. Acesso em: 23 set. 2014.
- A MODA podia ter parado aqui. **Veja**, São Paulo, ed. 150, p. 82. jul. 1971. Disponível em: <[www.veja.abril.com.br](http://www.veja.abril.com.br)>. Acesso em: 25 jan. 2014.
- A NOVA fornada do Estilismo no Ceará. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 25 abril. 1992.
- A SARONORD está na XVIII Fenit para mostrar diferenças essenciais entre estes dois senhores. **Veja**, São Paulo, ed. 301, p. 109, jun. 1974. Disponível em: <[www.veja.abril.com.br](http://www.veja.abril.com.br)>. Acesso em: 3 jan. 2014.
- ALBUQUERQUE, J. L. C. “Governo das mudanças”: conflitos e conceitos. *In*: ARAÚJO, Felipe (Org.). **Pensar o mundo do amanhã**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.
- ALENCAR, Edigar de. **Fortaleza de ontem e anteontem**. Fortaleza: Ed. UFC, 1980.
- ANDRADE NETO, Mariano Lopes; PEREIRA. Livia Marsari; MENEZES. Marizilda dos Santos; LANDIM. Paula da Cruz. **A produção científica do design de moda no Brasil**: um estudo bibliométrico. São Paulo: Rosari, 2012.
- ARAÚJO, Mário de. **Tecnologia do vestuário**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- AZEVEDO, Otacilio de. **Fortaleza descalça**: reminiscências. Fortaleza: Ed. UFC, 1980.
- BARROS, José D’Assunção. **Teoria da história**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BARTHES, Roland. **Sistema da moda**. São Paulo: Nacional: EDUSP. 1979.
- BERGAMO, Alexandre. O campo da moda. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 5-32, 1998.
- BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BONADIO, M. C. A produção acadêmica sobre moda na pós-graduação stricto sensu no Brasil. **Revista de moda, cultura e arte**, São Paulo, v. 3, 2010.
- BOREL, France. **Le vêtement incarné**: Les métamorfoses du corps. Paris: Calmann - Lévy, 1992.

BOSSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: EDUSP, 1987.

BRAGA, João. **História da moda**: uma narrativa. 5. ed. rev. e atual. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB**. 5. ed. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br>>. Acesso em: 8. abr. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB**. 5. ed. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br>>. Acesso em: 8. abr. 2012.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

CAIU! A revolução que derrubou Collor. **Veja**, São Paulo, ed. 1255, p. 1-58, out. 1992. Edição Histórica Extra. Disponível em: <[www.veja.abril.com.br](http://www.veja.abril.com.br)>. Acesso em: 12 mar. de 2014.

CALDAS, Dário. **Observatório de sinais**: teoria e prática da pesquisa de tendências. Rio de Janeiro: Ed. Senac Rio, 2004.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. A Universidade Federal do Ceará como instituição cinquentenária: protagonistas e filosofias presentes nos discursos e ações em prol de sua criação. *In*: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; BEZERRA, José Arimatea Barros; ARAÚJO, José Edvar Costa Araújo; OLIVEIRA, Joan Édessom de (Org.). **História da educação**: instituições, protagonistas e práticas. Fortaleza: LCR, 2005.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os sentidos da moda**: vestuário, comunicação e cultura. São Paulo: Annablume, 2005.

CLUBE DE DIRETORES LOGÍSTAS. **FMF**: faturamento até 15% maior. Disponível em: <[www.cdlfor.com.br/portal/pg/3417/dn-fmf-faturamento-ate-15-maior/](http://www.cdlfor.com.br/portal/pg/3417/dn-fmf-faturamento-ate-15-maior/)>. Acesso em: 20 jan. 2014.

COLARES, Otacílio. **Crônicas de Fortaleza e do Siará Grande**. Fortaleza: Edições UFC, 1980.

COMO surgem?: a criação de novos cursos em tempos de expansão. **Jornal da UFC**, Fortaleza, ano 11. n. 59, out. 2014. Ensino.

CONFECÇÕES: mais de 70 empresas participam da FENIT. **Tribuna do Ceará**, Fortaleza, 23 maio 1987.

COSTA, Maria Célia Lustosa. Urbanização da sociedade cearense. *In*: DAMIANI, Amélia Luisa; CARLOS, Ana Fani Alessandri; SEABRA, Odete Carvalho de Lima. **O espaço no fim do século**: a nova realidade. São Paulo: Contexto, 1999.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social**: classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2006.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade crítica**: o ensino superior na república populista. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983. (Coleção Educação em Questão).

CURSO da UFC é marco para setor da moda. **Jornal da FIEC**, Fortaleza, n. 67, dez. 1993.

CURSO de Estilismo ainda em nível de extensão. **O Povo**, Fortaleza, 27 mar. 1990. Vida e Arte, B.

DARNTON, Robert. História da Leitura. *In*: BURKE, Peter. **A escrita da história**. São Paulo: UNESP, 1992.

DICIONÁRIO. **Histórico biográfico pós 1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em: <cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb>. Acesso em: 20 jan. 2014.

ECONOMIA: Manoel Holanda homenageado na Associação Comercial do Ceara. **O Estado**. Fortaleza, 1 maio 2013.

ELIAS. Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FALHA humana no ar. **Veja**, São Paulo, ed. 719, p. 22-27, 1982.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Lisboa: Presença, 1953.

FEIRA da Moda confirma a presença de 250 empresas. **Diário do Nordeste**. Fortaleza, 19 abril. 1990.

FEITOSA, Luiz Tadeu. **Patativa do Assaré**: a trajetória de um canto. São Paulo: Escrituras, 2003. (Coleção ensaios transversais).

FENIT: Ceará sempre na passarela do sucesso. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, jun. 1989.

FIGUEIREDO. João Batista de Albuquerque. Memórias de sala de aula enquanto contribuição das narrativas ecobiográficas na qualificação do ensino-aprendizagem. *In*: VASCONCELOS JUNIOR. Raimundo Elmo de Paula; VASCONCELOS. José Gerardo; SANTANA. José Rogério; HAIASHIDA. Keila Andrade; FIALHO, Lia Machado Fiúza; MARTINHO RODRIGUES. Rui; ANDRADE. Francisco Ari de. (Org.). **Cultura, educação, espaço e tempo**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

FMF 2013 inicia hoje (22) com a presença do ator Oscar Magrini e do ex-BBB Marcello Soares. **O Povo**, Fortaleza, 22 abr. 2014a.

FMF gera maior faturamento a 330 marcas. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2 abr. 2014.

FMF: faturamento até 15% maior. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 23 abr. 2014b.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília, DF: Plano, 2003.

FRYRE, Gilberto. **Ordem e progresso**: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil... 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1974.

GARCIA, Fátima. **Fortaleza em fotos**. Fortaleza, 2013. Disponível em: <[www.fortalezaemfotos.blogspot.com.br/](http://www.fortalezaemfotos.blogspot.com.br/)>. Acesso em: 3 set. 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIRÃO, Raimundo. **Geografia estética de Fortaleza**. Fortaleza: Programa Editorial Casa José de Alencar, 1997.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre Iniciação à pesquisa científica**. Campinas: São Paulo: Alínea, 2001.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric. O presente como história. *In*: HOBBSAWM, Eric. **Sobre a história**. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão *et al.* Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão *et al.* 5. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003.

LEVER, James. **A roupa e a moda**: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. *In*: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p. 133-161.

LYPOVESTSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MARTINHO RODRIGUES, Rui. A propósito de verdade histórica. *In*: SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS, José Gerardo; MAIA, Gabrielle Bessa Pereira; FIALHO, Lia Machado Fiuza; LIMA, Jaimes Mazza Correia (Org.). **Muitas histórias, muitos olhares: relatos de pesquisas na história da educação**. Fortaleza: Edições UFC, 2011a.

MARTINHO RODRIGUES, Rui. História, memória, fontes e educação. *In*: VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; HAIASHIDA, Keila Andrade; FIALHO, Lia Machado Fiuza; MARTINHO RODRIGUES, Rui; ANDRADE, Francisco Ari (Org.). **Educação, cultura, espaço e tempo**. Fortaleza. Edições UFC, 2011b.

MATURANA, H. **Emoções na linguagem e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

MEMÓRIA UFC: UFC planeja aniversário de 60 anos. **Jornal da UFC**, Fortaleza, ano 11, n. 55, jun. 2014.

MESQUITA, Teobaldo Santos. **Escola de Agronomia do Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.

MODA feita a partir de gaiolas, garrafas e preservativos. **O Povo**, Fortaleza, 10 maio 1992. Vida e Arte – Especial, p. 4b.

MULHERES parisienses em 1925. **Catwalk Yourself**, [s.l.], 2013. Disponível em: <[www.toeiracriativa.com/pt-br/fashion-histoty/de-1920](http://www.toeiracriativa.com/pt-br/fashion-histoty/de-1920)>. Acesso: 29 jun. 2013.

MUNIZ, Altamar da Costa. **Trajetórias de vida, espaços de sociabilidade, e projeto político da burguesia “mudancista” cearense (1978-1986)**. 2007. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

NOBRE, Geraldo. **O processo histórico de industrialização do Ceará**. 2. ed. rev. e ampl. Fortaleza: FIEC, 2001.

NOVOS Estilistas cearenses: Ousadia e Criatividade invadem a passarela. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 16 jan. 1993.

NUNES, Daniela. Pesquisa historiográfica: desafios e caminhos. **Revista de Teoria da História**, Goiás, ano 2, n. 5, jun. 2011. Disponível em: <[http://www.historia.ufg.br/uploads/114/original\\_Artigo\\_2.\\_NUNES.pdf](http://www.historia.ufg.br/uploads/114/original_Artigo_2._NUNES.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2013.

O CEARÁ está na moda: venha vê-lo na Fenit. **Veja**, São Paulo, ed. 611, p. 102, maio 1980. Disponível em: <[www.veja.abril.com.br](http://www.veja.abril.com.br)>. Acesso em: 5 fev. 2014.

O GOVERNO do Ceará está sempre encontrado novos caminhos para as indústrias de confecções. **Veja**, São Paulo, ed. 663, p. 105, maio 1981. Disponível em: <[www.veja.abril.com.br](http://www.veja.abril.com.br)>. Acesso em: 5 fev. 2014.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho e. **Moda também é texto**. São Paulo: Edições Rosari, 2007.

OS HOMENS estão na passarela. **Veja**, São Paulo, ed. 249, p. 57, jun. 1973. Disponível em: <[www.veja.abril.com.br](http://www.veja.abril.com.br)>. Acesso em: 13 mar. 2014.

PIRES, Dorotéia Baduy. A história dos cursos de design de moda no Brasil. **Revista Nexos**: Estudos em Comunicação e Educação, São Paulo, v. 6, n. 9, p. 112, 2002. Especial Moda.

POLAK, Ymiracy N. de Souza; DINIZ, José Alves. Conversando sobre pesquisa. *In*: POLAK, Ymiracy N. de Souza; DINIZ, José Alves; SANTANA, José Rogério (Org.). **Dialogando sobre metodologia científica**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

PONTE. Sebastião Rogério. **Fortaleza belle époque**: reforma urbana e controle social 1860-1930. 3. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

PONTES. Albertina Martins de Freitas. **A cidade dos clubes**: modernidade e “glamour” na Fortaleza de 1950-1970. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

POSSE do Governador Tasso Jereissati. **O Povo**, Fortaleza, 16 mar. 1987.

RECH, S. R. **Moda**: por um fio de qualidade. Florianópolis: Ed. UDESC, 2002.

RIBEIRO, Elisa Antônia. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência**: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá, n. 4, p.129-148, maio 2008.

SANTOS, Caroline Zanardo Gomes dos; SANTOS, Joyce Ribeiro dos. Design de moda: o corpo, a roupa e o espaço que os habita. **Saber Acadêmico**: Revista multidisciplinar da UNIESP, São Paulo, n. 9, p. 204-213, jun. 2010.

SAVIANI, Dermeval. História da história da educação no Brasil: um balanço prévio e necessário. **Ecos-Revista Científica**, São Paulo, v. 10, n. esp, p.147-167, 2008.

SILVA, Ângelo Magalhães. **Guararapes Confecções S.A.**: da empresa familiar ao grupo econômico. 2011. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

SILVA, Diocleciana Paula da. **Do recanto à moda: moral e transgressão na Fortaleza dos anos 1920**. 2004. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

SIMMEL, George. **Filosofia da moda e outros escritos**. Lisboa: Texto e Grafia, 2008.

SIMMEL, George. **Filosofia da moda e outros escritos**. Lisboa: Texto e Grafia, 2008.

SOUZA, Gilda de Melo. **O espírito das roupas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SOUZA, Lígia Fideles de; SANTIAGO, Zilsa Maria Pinto. **Projeto para implantação do curso de Estiismo em Moda na UFC**. Fortaleza: [s.n.], 1988.

SOUZA, Lígia Fideles; SANTIAGO, Zilsa Maria Pinto; Pleyter. let. **Projeto curso de graduação em Estilismo em Moda (Bacharelado)**. Fortaleza, 1993.

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

SZYMANSKI, Heloisa *et al.* (Org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília, DF: Plano, 2002.

THOMPSON E. Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

UM SEMINÁRIO de estilo: universidade, empresários e estilistas fazem seminário para fortalecer o segundo polo de moda do país. **O Povo**, Fortaleza, 14 fev. 1993.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Ata da 139ª sessão ordinária do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão-CEPE/UFC**. Fortaleza, 1993a.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Conselho Universitário. **Ata da Sessão Ordinária do Conselho Universitário (CONSUNI)-UFC**. Fortaleza, 1993b.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Conselho Universitário. **Ata da 176ª sessão ordinária do Conselho Universitário-CONSUNI/UFC**. Fortaleza, 1993c.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2007-2011**. Fortaleza, 2007.

VASCONCELOS, José Gerardo. A História Recente e o uso da Memória na Pesquisa. *In*: VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula; ANDRADE, Francisco Ari de (Org.). **Fontes, métodos e registros para a história da educação**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

VIEIRA, Maria Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria. **A pesquisa em história**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2007.

XAVIER, Antônio Roberto. Fonte escrita, fonte oral e memória: a importância destes recursos na construção histórica. *In*: VASCONCELOS, José Gerardo *et al.* **História da educação**: nas trilhas da pesquisa. Fortaleza: Edições UFC, 2010.